

*Tito Memorio*

**Heloisa d'Arlemont**  
**(Trilogia)**

---

**O MOSTEIRO DE NIMES**

por

**ZEFERINO GALVÃO**

(DO INSTITUTO ARQUEOLÓGICO E GEOGRÁFICO DE PERNAMBUCO)

---

Tip. da "Gazeta de Pesqueira"

1920

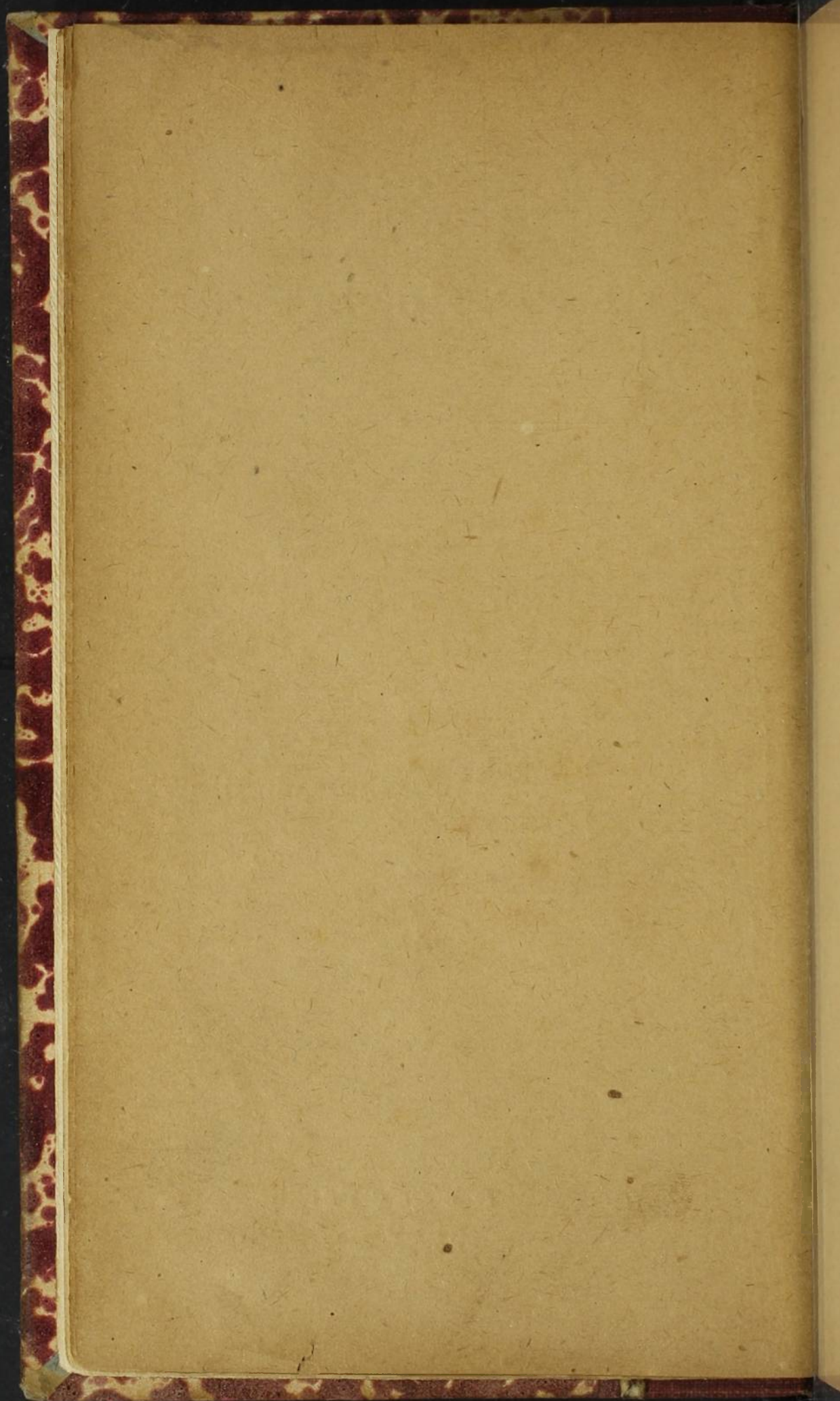
No. 10  
Harcourt

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

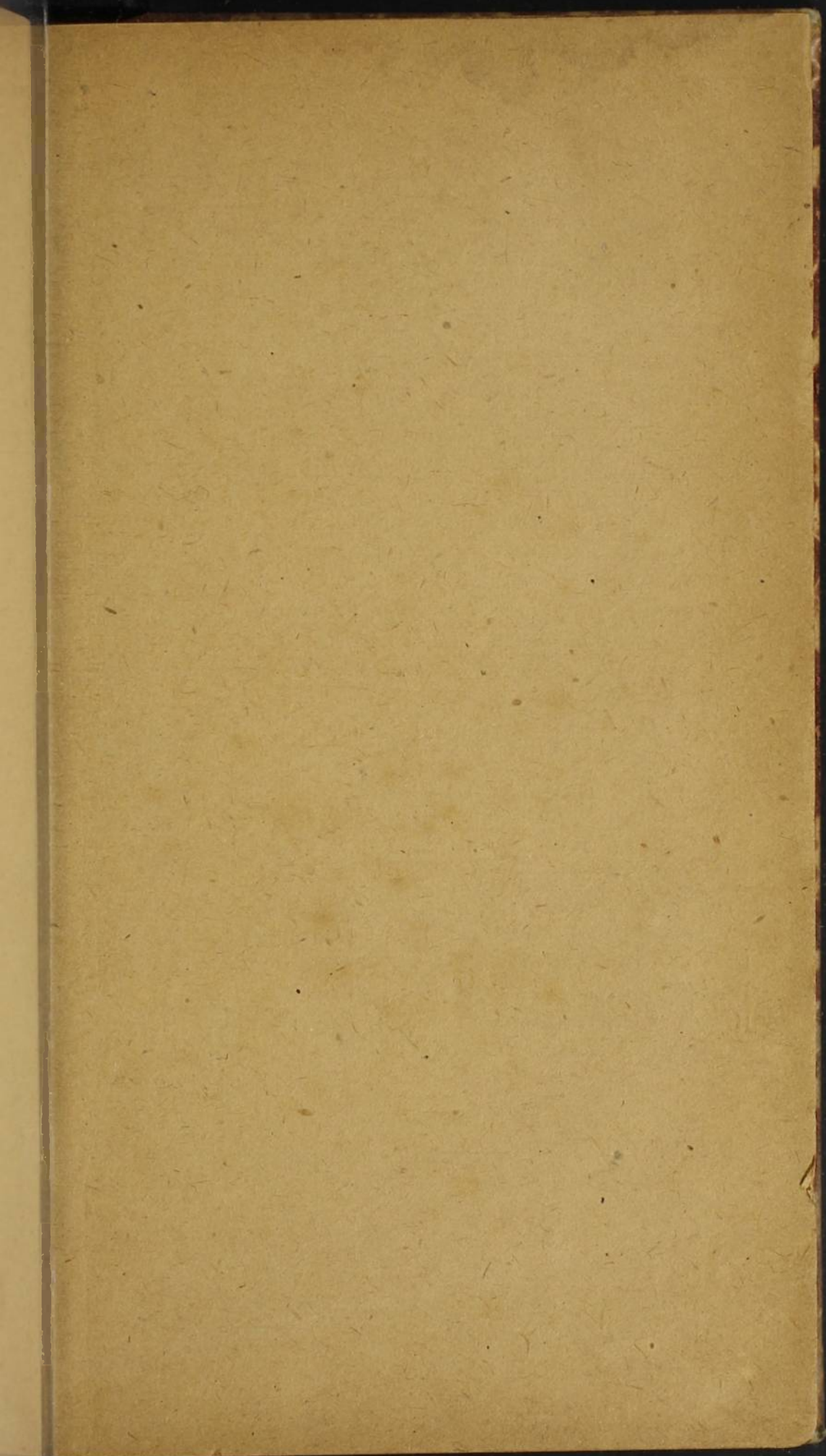
18/98  
Tito Ruorio

O Mosteiro  
de  
**Nimes**

( Continuação do livro A CORTE DE PROVENÇA )







## Obras de Zeferino Galvão

---

### PUBLICADAS

- O INCONFIDENTE, romance histórico, nacional.  
EULÁMPIO CORVO, romance histórico do tempo de Napoleão I.  
O CADETE BONIFÁCIO, romance histórico, nacional.  
ARCA DE NOÉ, estudo crítico-social.  
MIRZA, romance psicológico, nacional.  
RESSURREIÇÃO, novela romântica, nacional.  
A CORTE DE PROVENÇA, romance histórico, sobre o tempo de Luiz XIV (trilogia HELOÍSA D'ARLEMONT)  
ATRAVÉZ DOS SÉCULOS, poesias.  
INVESTIGAÇÕES FILOLÓGICAS, sobre reforma ortográfica.  
NA DOBRA DA MORTALHA, poemeto.  
CORAÇÃO E CÉREBRO, filosofia, religião e política.  
O TURBILHÃO, questões sociais (páginas avulsas).  
PAZ, GUERRA E CIVISMO, conferência.  
HISTORIETAS, contos (páginas avulsas).  
CARTAS AO DIABO, história do mal no mundo.  
BATALHAS INCRUENTAS, polémicas (páginas avulsas).  
LABIRINTO DE CRETA, contra o despotismo político.  
HOMENS E LIVROS, estudos críticos (páginas avulsas).  
HISTÓRIA UNIVERSAL, sobre Fé, Esperança e Caridade  
(CONFERÊNCIAS AO VENTO).

## INÉDITAS

A GUERRA DOS CAMISARDOS, romance histórico do tempo de Luiz XIV (trilogia).

PSICOLOGIA SOCIAL, doutrinas e conceitos.

A TAÇA DE AMARGURA, história de um cárcere.

A VORAGEM DOS SÉCULOS, estudo filosófico e religioso.

MEMÓRIAS DE UM LITERATO, auto-biografia.

A COMÉDIA POLÍTICA, romance de costumes.

A CONQUISTA DE PERNAMBUCO, história política.

O CONLÚIO DOS PATIFES, romance nacional.

POEMA DO CREPÚSCULO, o verdadeiro realismo.

A SORBONA CELESTE, sátira.

EPICOMBOS, poesias em mais 7 livros :

*Turibulo de Pétalas*

*Vibrações elétricas*

*Bombardas a esmo*

*Gorgeios da Alma*

*Conquistas da Razão*

*Cerrações do Espirito*

*Filigranas iluminadas.*

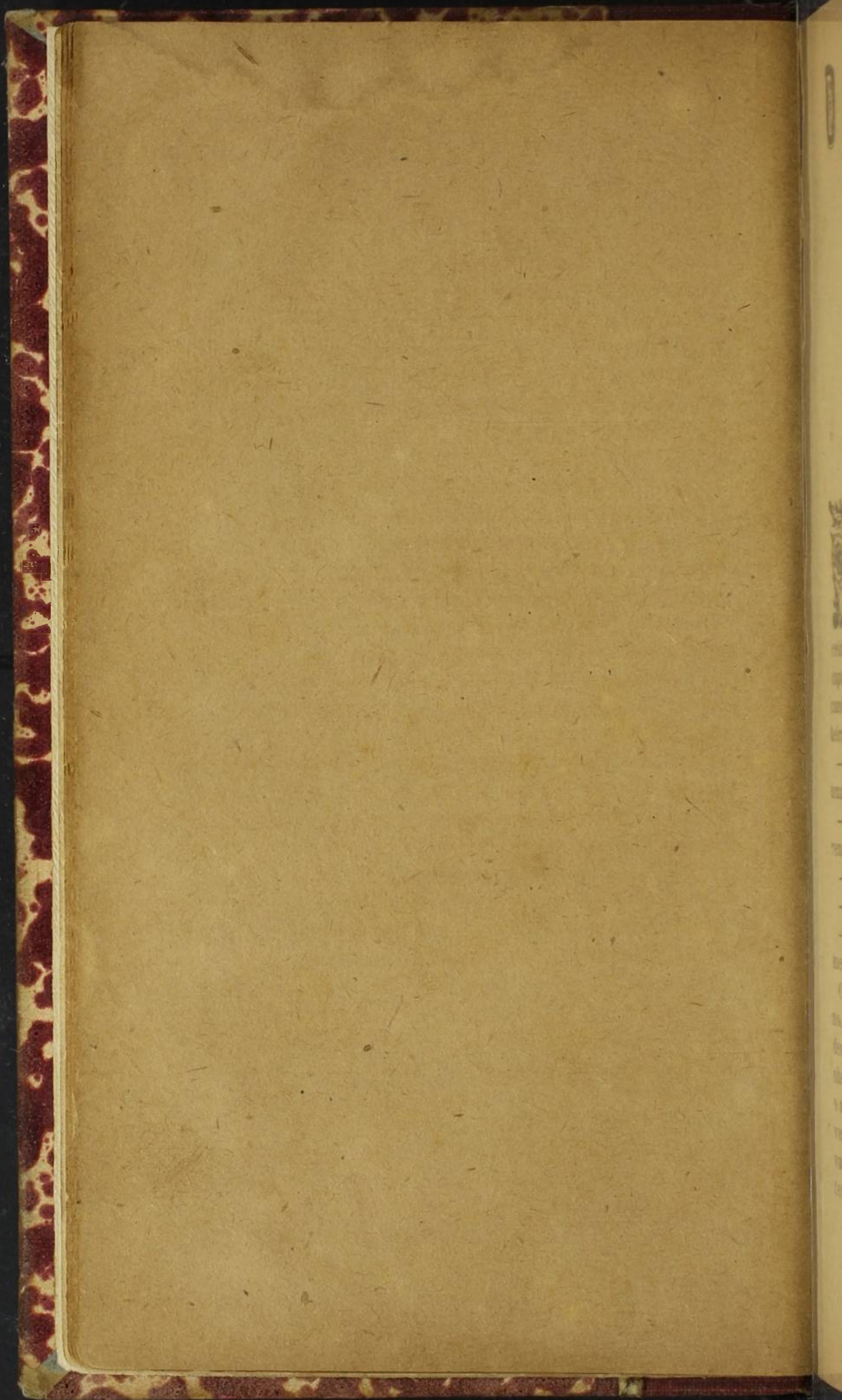
CONFERÊNCIAS AO VENTO, contendo ainda :

*Quadratura do Circulo*

*Moto Continuo*

*Pedra Filosofal.*

DICIONÁRIO BIOGRÁFICO UNIVERSAL, 32 mil páginas.



# O Mosteiro de Nimes

## I

### E' encerrada viva num túmulo

**J**UNTO ao muro do mosteiro de Nimes parou a liteira que conduzia a esposa de Ricardo de Langeais. Um dos guardas aproximou-se do portão e deu trez argoladas, com fôrça. Minutos depois, rodou o portão sôbre as couceiras, e uma mulher surgiu, com a cabeça envôlta num capuz. O príncipe d'Arlemont esporeou o cavalo, e acercando-se da religiosa, salvou-a respeitosamente. A porteira respondeu com uma simples vénia.

— Que procura, sr?.. perguntou em seguida, com uma voz áspera e antipática.

— A superiora deste recolhimento é ainda madre Tereza do Coração de Jesus?

— Sim, sr.

— Desejo conversar-lhe em negócios de alta monta.

— Pode apear-se, e entre... respondeu a freira, com melhor aspecto.

O provençal abeirou-se da liteira e ordenou, por aceno, que arriassem a carga. Uma vez no chão, ele estendeu o braço e convidou a filha para descer. Heloisa, não obstante a repugnância que lhe infundia o pai, aceitou o apoio, porque estava trôpega e lívida qual um cadáver, e saiu do esconderijo. Os olhos arroxeados denotavam um longo sofrimento. Seu pai conduziu-a para o interior do muro. A freira bateu o portão e guiou-os até á

entrada principal. Outra freira, que estava sentada numa tripeça, levou-os para uma sala ricamente mobiliada e apontou-lhes as elegantes poltronas, unicamente reservadas para os palácios e as casas nobres.

Heloisa d'Arlemont sentou-se com enfado, defronte de seu pai. Alguns quadros de incontestavel valor e dos mais célebres mestres faziam daquêle recinto um lugar de recreio. Assim víamos o Guido Réni ao lado de Salvador Rosa ; este com a pintura de *Jonas pregando em Ninive*, e aquêle com o *Martirio de Santo André* ; na parede paralela *S. Francisco de Assis recebendo as chagas*, maravilhosamente expresso numa delicada tela, pelo pincel do Giotto, e na mesma fila o naturalíssimo *Tobias e sua família* do flamengo Paulo Rembrandt ; formando o triângulo, e totalmente isolado, sobressaía o *Martirio de Santa Inez*, uma das obras primas do exímio colorista Dominiquino. Um álbum dourado, sôbre uma mesa de pedra, oferecia-se á curiosidade dos visitantes. A freira, incumbida das recepções, tendo de retirar-se para comunicar á abadessa que lhe queriam falar, dirigiu-se ao príncipe d'Arlemont e mostrando-lhe o luxuoso álbum, rogou :

— Si é do vosso agrado e tencionais distrair-vos, ficai percorrendo as páginas deste importante livro, emquanto vos anuncio á madre Tereza.

O príncipe d'Arlemont acercou-se da mesa e abriu o álbum. Era uma coleção de retratos e digna de exame, pois veríamos S. Vicente de Paulo, o instituidor das irmãs de caridade ; S. Bruno, o fundador da Cartuxa ; Santa Tereza de Jesus, a reformadora dos carmelitas descalços ; Santa Brígida, a padroeira da Irlanda, uma mulher extraordinariamente feia e que o milagre religioso caprichou em desenhar *bonita* ; S. Domingos de Gusmão, o regulamentador do Santo Ofício ; Santo Inácio de Loyola, o fundador da Companhia de Jesus e advogado contra os partos perigosos ; Santa Catarina de Sienna, religiosa célebre pelos seus êxtasis e suas revelações, e de quem os *saludadores* de Hispanha se diziam descendentes.

tes. O príncipe d'Arlemont não tinha percorrido ainda a quarta parte do álbum, quando a abadessa, madre Tereza do Coração de Jesus, penetrou na sala. O provençal ergueu-se e saudou-a com uma rasgada cortezia. A abadessa reconheceu estar diante de um príncipe, não só pelas comendas que abrilhantavam o peito, mas, também pelo seu porte de orgulho e presunção, e correspondendo com outra cortezia mais servil e mais ridícula, em que pouco faltou para se rojar na poeira, como fazem os embaixadores ante o imperador da China, — interrogou com brandura e respeito :

— A quem tenho a honra de falar ?

— Ao príncipe d'Arlemont, governador da Provença.

— Conheço V. Alteza de tradição, e agora que tenho a ventura de admira-lo pessoalmente, permita, que o saúde.

— Obrigado, madre Tereza do Coração de Jesus ; sou um servo da religião e indigno defensor do glorioso nome de Cristo.

— Sim ; para servir a Deus, todos nós somos criaturas indignas ; mas, mudemos de assunto, príncipe ! . . Exponde, si é do vosso gôsto, o que precisais de mim.

— Queria ter o prazer de uma conferência reservada. O caso é de muito segredo.

— Dignai-vos acompanhar-me.

A abadessa deu de marcha ; D'Arlemont seguiu-a. Penetraram na biblioteca e sentaram-se ao pé de uma mesa grande, cheia de alfarrábios e manuscritos.

— Estamos a salvo de qualquer ouvido indiscreto ; V. Alteza pode explicar-se sem receio.

— Viu aquela moça pálida e triste, que veio comigo ?

— Sim, Alteza ! . . pareceu-me sofrer tanto ! . .

— E' exato. Um sofrimento moral a tem aniquilado, de sorte, que é difficil sobreviver ao golpe. Há nove dias perdeu a desvelada mãe, e minha infeliz consorte. Aquella jóven é minha filha.

— Vossa filha ? ! . . e madre Tereza escancarou a bôca, em sinal de admiração.

— Minha filha. . . confirmou o príncipe d'Arlemont. . . Não sei como me separe de tão estimavel menina ! Com a dor no coração ; ainda acabrunhado de angústia pela morte de minha pobre esposa, que Deus haja no céu, — vejo-me, entretanto, obrigado a encerrar minha filha neste recolhimento.

— E' possível ?! .. Ou ela é tão estremada e tão sensível, que abandona as pompas do mundo para se entregar a Deus e vir esquecer, nas solidões do claustro, a sua desdita, — ou então cometeu uma grande falta, e vós a arremessais ao centro da regeneração.

— Venho traze-la ao centro da regeneração. Cometeu faltas gravíssimas. . . e si hei de ve-la despenhada no abismo da perdição, quero mil vezes, que Deus se amerie da su'alma, e um dia lhe derrame no peito o bálsamo do arrependimento. . . Minha filha. . .

E o príncipe d'Arlemont não pode acabar ; chorava, mas, com as lágrimas da hipocrisia. Madre Tereza compadeceu-se daquele desditoso pai ! .. Enxugou os olhos tambem.

— Não ; não choreis. . . para tudo existe a reparação. Ja que Deus se dignou, pela sua bondade infinita, vibrar-vos tantos golpes, consolai-vos ; ele quer experimentar o vosso coração.

— Eu o sei. Minha filha deixou-se levar por um amor desordenado. Fui desempenhar uma missão, que o meu soberano encarregara, e nessa ausência morreu minha desventurada esposa. Ao pé do seu leito, quando ia exalar o último suspiro, veio um padre para lhe ministrar os derradeiros sacramentos, e esse sacerdote teve a ousadia de celebrar as núpcias de minha filha com o seu amante !

— Ah ! isto é muito grave. . .

— Eu voltei. Quando julgava encontrar a paz e o amor, achei a desordem e o escândalo. O esposo de minha filha, um impostor, um embusteiro, tinha fugido. Não sei para onde foi. Era-me preciso uma medida enérgica, e compreendi, que a única seria o claustro para minha fi-



lha, e a vingança contra esse atrevido que poluiu a honra da minha família. Ela, a minha filha, venho encerrá-la; ele, o miseravel sedutor, pagará o crime.

— Procedestes como um príncipe de alta linhagem. Vossa filha será aceita; mas, é indispensavel uma ordem escrita do ex.<sup>mo</sup> sr. bispo da dioceze, sem o que, nada se poderá arrumar.

— Não é preciso. Eu tenho poderes mais altos, que me autorizam a proceder por mim.

— Não vos entendo!

— Leia este alvará.

E o príncipe d'Arlemont transmitiu um papel. A abadesa o recebeu ávidamente, e percorrendo-lhe o texto, viu a assinatura do rei. Era uma declaração de Luiz XIV, concedendo a D'Arlemont plenos poderes para deliberar, como si fôsse sua pessoa.

— E' mais que bastante. Tendes razão de sobra.

— Quero recomendar-lhe tambem toda vigilância e rigor. Minha filha, sendo educada com esmero, em vez de seguir os bons conselhos, tornou-se ímpia. Um médico, alma danada, um ateu infame, teve a força de lhe inocular na alma as suas doutrinas satánicas.

— Requer muita energia para desvia-la dessa marcha. Os ímpios são pertinazes. Neste mosteiro ja se deu um fato idéntico: uma pobre moça, recolhida pela família, em consequência de uma falta vergonhosa, era aferrada de tal modo á impiedade, que foi impossível transvia-la da loucura, sendo-nos preciso encerra-la no subterrâneo, afim de que suas irmãs não lhe ouvissem as blasfêmias, e lá morreu de desespêro, em poucos dias.

— Faça o mesmo com minha filha, si de fórma alguma a puder catequizar. Não sei como tenho ánimo para semelhante ordem! .. Mas, si há de perder-se uma alma neste mundo e no outro, perca-se somente entre nós. E' um benefício que lhe faço: Deus não me perdoaria, si procedesse de um modo contrário.

— Executarei, ja que me o ordenais.

— Si um dia aparecer o seu intitulado esposo, embo-

ra eu creia não se aventurar a tanto, lembre-se que é o conde de Langeais. . .

— O conde de Langeais?! . . e a abadessa traiu-se completamente com a sua pergunta, denotando saber alguma coisa relativa ao fidalgo.

— Conhece-o? . . Notei que se admirou ao pronunciar-lhe o nome! . .

— Não, Alteza! foi um engano da minha parte; confundi o seu nome com o de outro titular. . . e assim dizendo, madre Tereza buscou readquirir o sangue frio.

— Bem; minha filha jamais sairá deste mosteiro; não se apresentará em público, nem fará exposição da sua vida passada, exceto, si para isto obtiver uma licença minha. Todo o cuidado! . . Qualquer transgressão será punida rigorosamente; o rei assim o quer.

— Fique V. Alteza descansado. Sei desempenhar o meu officio de superiora. Antes de tudo, é-me preciso lembrar-vos, que, para o registro no livro das entradas, se faz mister uma nota sôbre vossa filha.

— E' exato. Dê-me papel e tinta.

Madre Tereza do Coração de Jesus apresentou uma escrivaninha de prata e uma pasta de marroquim, contendo papel. O tigre da Provença escreveu as indicações exigidas, e disse á superiora:

— Aqui tem as notas. . . Agora podemos sair. Quero abraçar minha pobre filha; quási que não tenho ânimo para tanto. . .

Principiou a enxugar as lágrimas, e assim foi ter-se com Heloisa d'Arlemont. Esta permanecia imersa numa distração profunda, á semelhança dos sonâmbulos. Alberto d'Arlemont achegou-se para ela e tocou-lhe levemente no ombro.

— Minha filha! . . murmurou o hipócrita.

Heloisa estremeceu, assustou-se como quem acorda de um pesadêlo.

X — Tua filha! . . Não; eu não sou tua filha. Tua filha é a múmia do passado, envôlta na sua mortalha de sangue.

— Ai, minha filha! . . Dizes tais blasfêmias para com

teu desgraçado pai! Receberei tudo pelo amor de Deus.

— Deus!.. e Heloïsa soltou uma gargalhada de louco... Deus! Falares em Deus, é conspurcar o seu nome com os teus lábios, que distilam sangue. Assassinaste meu esposo; envenenaste minha mãe. Tu és mais repugnante do que o cônego Fulberto, o tio ou pai da malaventurada Heloïsa de Abelard.

— Está louca!.. ponderou madre Tereza do Coração de Jesus.

— Sim; está louca... apoiou o príncipe d'Arlemont.

— Mais do que isto... replicou Heloïsa.

— Bem, minha filha! tu ficas neste mosteiro. Arrepende-te de tuas faltas e serve a Deus.

— Eu já esperava por isto.

— Mil bênçams te acompanhem... e estendeu a mão, para que sua filha a beijasse.

— Retira-te; eu não sou tua filha. Abençoa o crime, que é digno do teu carinho... Fizeste-me infeliz; porém, escuta: de ora em diante deixarás de ter descanso. Some-te, Satanaz!..

— Não importa: sê abençoada. Madre Tereza, adeus! Minha filha aí fica.

E retirou-se chorando. Esse tartufo era mais cínico do que Alexandre VI. Heloïsa não se moveu da cadeira, e voltou á sua abstracção.

✕ — Levante-se... disse-lhe a abadessa... Agora, a vida é outra. Aqui, obediência e castidade perpétua; servir a Deus e desenganar-se do mundo. †

— Quantas vezes pronunciam o nome de Deus!..

Em seguida ergueu-se mansamente e acompanhou madre Tereza. Esta deu trez badaladas numa sineta e apareceu-lhe uma religiosa velha, de nariz recurvo como o bico das corujas.

— Conduza esta profana para uma cela desocupada. Mande buscar a sua bagagem, que está lá fóra, e tenha toda a vigilância.

A religiosa guiou Heloïsa d'Arlemont. Atravessaram uma sala espaçosa, onde um grupo de monjas se preo-

cupava do trabalho manual. As tristes recolhidas nem sequer levantaram a cabeça para observar quem descia ás solidões desse túmulo! . . . Mantinham o regulamento com toda a exatidão. Heloisa parou diante de uma cela, cuja porta de madeira se conservava trancada. A chaveira destrancou-a.

— Entre. . . E' o número 12, e foi ocupado por uma relapsa.

A esposa do conde de Langeais abedeceu. A cela era quási escura; uma janelinha junto ao tecto fornecia pouca claridade. Na parede nua, simplesmente caiada, realçava uma cruz com o respectivo Cristo, e ao seu lado uma primorosa imagem da Virgem. Um leito de ferro, pregado na parede, á semelhança das barras que distinguem os cárceres, fazia todo o adôrno deste aposento. Heloisa avançou para o desprezível catre, sentou-se a medo e logo se desfez em pranto:

— Minha mãe! tu que foste uma verdadeira santa, vê o meu tormento, ampara a minha frente. . . Fizeste o meu consórcio, que de fúnebre se ofusca; mas, o resto? . . . Sai do túmulo, si te é permitido, e observa quanto sangue, quanta lágrima a ferver. . . Vem; socorre-me, pobre mãe! . . . Com uma ponta da tua mortalha envolve o meu rosto desfigurado e leva-me tambem. Porque não tenho um veneno, que me liberte da vida? Ai, Lucrécia! como foste feliz com o teu punhal! . . .





## II

### Uma noticia mensageira do luto

**A** incerteza é uma harpia ; não poupa as suas vítimas. Si ella era terrível para o príncipe d'Arlemont, por não saber elle como se efetuara o desaparecimento do conde de Langeais, tornava-se monstruosa para Perrique Van der Helst, que debalde inquiria pelo irmão colação. O adoptivo da família Langeais gastou muitos dias a rondar pelas vizinhanças do castello de Saint Pont, como si fôra um calcêta, fugido das galês, e nem ao menos pudera obter um indício, que o desenganasse de vez. Encontrava-se com os camponezes ; interrogava-os, e elles lhe respondiam invariavelmente, na sua linguagem rude :

— De nada sabemos, nem desejamos.

Perrique irava-se ; batia com o pé e elles fugiam a olha-lo, como si vissem um doido. Internava-se o manco pelo bosque ; ficava estafado e regressava ao ponto de partida com uma realidade atroz : « Ele morreu, e já deve estar sepultado ! . . » Assim, entre o desespero e a incerteza, partiu novamente para Marselha, afim de entender-se com o capitão de navio e retirar o contrato. Chegando á cidade do Mediterrâneo, não mais teve que se comunicar com o marinheiro ; elle havia seguido para o Brazil e na persuasão de que fôra ilaqueado. Perrique então, pela primeira vez, considerou :

— Como transmitirei tal notícia á minha familia ! Logo eu, o escolhido pela fatalidade, para ser o mensageiro de tamanha dor ! . . .

E seguiu. Durante a viagem de Narbonne, o aflito holandez concebeu mil idéas diversas. O seu cérebro exaltava-se. Em poucos dias avistou o castelo da condessa-mãi. Era pela manhã. Apeou-se junto a um frondoso choupo, deixou o cavallo pastar livremente a grama e sentou-se na verdejante relva. Recostou-se á árvore, e com o cotovêlo sôbre a côxa, enquanto com a mão sustentava a barba, derramou silenciosamente abundantes lágrimas, em memória do amigo e irmão.

— E' preciso ânimo ; devo cumprir a minha sina... disse finalmente, erguendo-se.

Montou novamente a cavallo e partiu a galope. O castelo mostrava-se silencioso. Tudo lhe era sorumbático. Entrou, sem que ninguem o esperasse. Ivette foi a primeira a dar pela sua chegada ; bateu palmas de contente e correu a abraça-lo. Perrique sentiu um choque profundo e sufocante. Arrazouou consigo :

— Coitada ! ela ri e abraça-me, sem saber que golpe lhe vou descarregar na alma ! . . Assim é o mundo . . .

— Que tens, Perrique ? . . perguntou Ivette, desligando-se dos seus braços e olhando-o com espanto... Estás tão esquisito, triste e pálido ! .. Onde está Ricardo, que não o vejo ? ! Anda, responde-me.

— Ficou. . . e a sua voz era trémula e comprimida na garganta.

— Não ; tu tens um quer que seja. . . Nunca te vi assim ! Dize-me a verdade ; do contrário, me desesperas.

— Ja te disse : ele ficou.

Ivette não estava menos aflita que o irmão. Neste momento surgiram a condessa de Langeais e Fabre de Liencourt : vinham tão alegres como Ivette no princípio. Eles, mais previdentes e acostumados a sondar a fisionomia humana, notaram logo a transfiguração de Perrique. Tornaram-se graves, e ainda mais quando intempestivamente Ivette deixou escapar esta frase :

— Mãi ! uma desgraça para todos nós, e Perrique nada nos quer revelar !

O holandez enrugou a fronte e atalhou prontamente :

— Menina ! porque és suspeitosa ? .. Não ; não há desgraça a lamentar. Ela se vexa, porque Ricardo não veio comigo, e eu ja disse, por mais de uma vez, que ele ficou. Soceguem ; não há nada.

Por mais que o flamengo se quizesse mostrar forte, traía-se no semblante e lhe era impossível convencer àquela mísera família.

— Tu me ocultas a verdade, Perrique ! .. disse a condessa de Langeais, com uma voz lacrimosa. . . Eu sei de tudo. Meu filho ja não vive, e não tens piedade de uma pobre mãi ! Tu és cruel. Eu previa que os amores de Ricardo teriam esse desenlace.

— O' mãizinha ! peço-te, por tudo, que não me acuses assim. Espera mais um pouco ; deixa-me descansar e eu direi onde Ricardo está.

— Vivo ? De saúde ?

— Sim. . . resmungou, como quem solta um gemido.

O dr. Fabre, para terminar esta scena, segurou Perrique pela mão e desceram ao jardim. Aí chegando, falou :

— Vamos, Perrique ! a mim nada é preciso occultares ; sou forte para receber um golpe.

— Ainda mesmo que Ricardo fôsse cadáver ?

— Sem dúvida. . .

Perrique ficou silencioso ; o médico esperava pela sua resposta.

— Sim, Fabre ; ele ja não vive.

O médico nem sequer pestanejou. Tornou-se lívido como um defunto, mas, sem que apresentasse outro sinal de mágua ou susto.

— E como se deu essa morte ?

— Assassinado.

— Assassinado ! .. Contas a verdade ; não me escondes qualquer incidente ?

— A verdade pura. O príncipe d'Arlemont foi o seu assassino.

— Era de esperar esta fatalidade. . .

Em seguida Perrique Van der Helst historiou todo o fato. O dr. Fabre comentou finalmente :

— Que grande desventura ! Eis a marcha do mundo. E aquele monstro continúa vivo, a ser o mesmo potentado ! . . Onde se percebe um raio de luz divina, uma justiça necessária ? . . Escárneo ! Miséria ! . .

— Não blasfemes, Fabre. . . Isto não dá geito.

— Que queres ? Si eu não posso suportar a podridão que fermenta na humanidade !

— Esqueceu-me relatar o episódio concernente a Heloisa. E' interessante.

— Dize-me tudo ; estou ansioso.

— Dois dias depois, o príncipe d'Arlemont seguiu com oito homens para as bandas de cá, acompanhando uma liteira fechada. Não se sabe o que ia dentro ; mas, desconfia-se que fôsse a princeza Heloisa. Agora, o que me enche de dúvida, é adivinhar si viva ou morta, e para onde ! Reina mistério sôbre estas particularidades, e aqueles servis camponezes têm medo de investigar o fato.

— Realmente é um mistério ! . . Que iria fazer ele de sua filha ? ! A esposa Laura, envenenada ! . . E estamos numa situação, que nos impossibilita todo e qualquer recurso ! . . Estes crimes ficarão impunes, a não ser um desfôrço pessoal, da parte dos ofendidos. . . E Ricardo é morto. . . Que reinado ! . . Esplêndido ! . .

— Ocultemos, por enquanto, estas verdades, que forçosamente abalarão os nervos da condessa e da piedosa Ivette. Mais tarde irei, pouco a pouco, até inteira-las de todos os sucessos.

— E' prudente. Subamos.

A velha condessa, sua filha e Eugénia de Calabre tinham ficado á espera dos dois confidentes.

— Então ? . . perguntou a primeira.

— Mais tarde. Manda-me servir o almoço, que uma vez na meza, narrarei o ocorrido.

A condessa desenganou-se, e viu que só alcançaria a verdade, si satisfizesse os caprichos de Perrique. O al-



môço não se fez demorar. O flamengo, embora não comesse com apetite, há muitos dias, pelo que se achava magro e desfigurado, — viu, entretanto, que o único meio de retardar a narração era fingir grande fome e muita paz de espírito, e assim se dirigiu para a mesa. Depois de ter petiscado em alguns pratos, sentindo um amargor na bôca, dispoz-se a falar. Tomou uma forte aspiração :

— Serão capazes de ouvir uma notícia triste, sem muito sobressalto ?

— Mãi ! escute si não é exato o que eu dizia ! . . interrompeu Ivette de Langeais.

Perrique lançou-lhe um olhar repreensivo.

— Cala-te, que não sabes de nada. Refunde a alma e não me respondas com assombramento.

A condessa de Langeais interveio :

— Sim, meu filho ; tenho coragem. A minha alma acostumou-se aos golpes. Declara o que succedeu.

— Si eu dissesse que Ricardo morreu, e como foi a sua morte ?

— Eu ouviria a chorar. . . respondeu a condessa com a lividez dos cadáveres.

— Não digas isto, Perrique. . . soluçou Ivette de Langeais.

— Não ; é simplesmente um caso que figuro. Sei que não são fortes, e portanto, esquivo-me de continuar.

— Ordeno-te que fales ; quero saber de tudo. . . impoz a velha condessa.

— Ainda mesmo que fôsse real o caso figurado ?

— Sim ; tanto mais, quando eu o reputo incontestavel.

— Pois, bem : tu o disseste.

Não obstante as evasivas de que Perrique se prevaleceu para atenuar o golpe, ele foi de um efeito espantoso. Convenceram-se todos que o luto invadira aquele castelo. A condessa principiou a chorar. Ivette parecia louca ; Eugénia de Calabre arrancava os cabelos. Fabre de Liancourt, ao lado da irmã do conde, tratava de consola-la, e ao mesmo tempo enxugava as próprias lágrimas.

mas. Perrique taciturno e acariciando a desventurada mãe, portava-se como um herói.

— Conta-me o resto, filho... De que morreu aquele infeliz?

— Assassinado pelo príncipe d'Arlemont.

Os golpes se desfechavam terríveis de mais a mais. A condessa não se continha e exigiu uma narrativa circunstanciada. Perrique prosseguiu :

— Quando chegámos em Aix, a princeza estava moribunda. Ia morrer, porque aquele assassino a tinha envenenado. Eu e Ricardo salvámos a vida de um negro, que se despenhara num abismo. Esse negro, — o cabo de confiança dos guardas do príncipe —, embora tivesse ordem de nos assassinar, ficou tão agradecido, que, esquecendo às recomendações do soberano, se devotou à nossa causa, e na seguinte noite introduziu-nos no castelo. O príncipe não estava aí; fizera uma viagem. A princeza, em abandono, não era visitada por ninguém; seu esposo assim ordenara. Nas ânsias da morte, veio ocultamente um padre, confessou-a e ministrou-lhe os últimos sacramentos. A princeza quiz que ele celebrasse as núpcias de Ricardo com sua filha, ali, ao pé do leito fúnebre. O sacerdote, apesar de alguma repugnância, acedeu finalmente. Realizado o fatídico consórcio, a princeza expirou, poucas horas depois; o entérro foi muito concorrido. Os bajuladores daquele monstro, logo que perceberam Ricardo no castelo, trataram de aniquilá-lo. Diziam estar ele em concubinato ostensivo com Heloisa d'Arlemont. Ricardo apressou-se em fugir, e fui a Marselha para fretar um navio que nos conduzisse, quanto antes, a Lisbôa. Na minha ausência, à noite do dia seguinte, chegou o príncipe: vinha furioso e acompanhado de sequazes; travou uma luta renhida, em que morreram trez, sendo um deles o nosso renitente Ricardo, e saindo outros feridos, bem como o ferocíssimo príncipe. Quando eu voltava, soube de toda a desgraça e não me apresentei, porque seria improfícuo o meu gesto e eu morreria também. O que fizeram do cadáver

de Ricardo, foi impossível verificar. Vaguei, durante quinze dias, indagando por ele : uma cortina se antepoz aos meus olhos. Voltei desenganado, e tristemente sou o mensageiro de tão dolorosa notícia.

— Fizeste bem, meu filho. . . Ricardo sempre foi um louco... Eu previa o seu desastroso fim, e os meus conselhos de nada lhe serviram. Quantas vezes não lhe disse eu : — Meu filho! abandona esses amores, pois, eles te custarão a vida !. . E pobre mãe que sou : preguei no deserto !. .

O resto daquele dia foi detestavel. O castelo trancou-se. Até mesmo os criados choravam com desengano ; Ricardo de Langeais era adorado por todos. A condessa recolheu-se ao quarto de dormir, olhou para as quatro paredes e nada viu que a consolasse. Dirigiu-se para o oratório, que escancarou, e então caiu de joelhos. Abraçou-se ao pedestal da cruz do Redentor, e chorou, repetindo de espaço a espaço :

— Senhor ! vós que morréstes para remir os pecadores, consolar os tristes, e também fostes filho, lembrai-vos de mim !. .

Levantando-se, foi á sala principal, fitou os quadros, e ante o retrato de seu esposo, assassinado tambem pelo barão de Latour du Pin, exclamou :

— Macário ! tu que foste um homem probo e deves gozar da bem-aventurança, — intercede por nosso filho, criatura impulsiva —, perante Deus onipotente e justo.

Deixemo-los entregues á triturante dor e corramos a outras paragens.





### III

## Desceu nas águas do Reno



ORRIA o ano de 1686. . . Era em Janeiro, e D'Avesnières voltou. Vinha radiante de satisfação. No território francez, onde quer que existisse um católico romano, acudia pressuroso, afim de saudalo. O seu nome tomava vulto. Até um desses fanáticos não se pejou de qualifica-lo : « Novo Domingos de Gusmão ! ». E o confronto era bém imaginado. D'Avesnières valia igualmente o frade hispanhol. Uma vez no castelo de Saint Pont, scientificou-se o jesuíta do todo o ocorrido, e em seguida teceu pomposos elogios ao provençal :

— Procedestes como um príncipe católico ; vossa filha era escandalosa e recalcitrante... portanto, um convento lhe deve ser a eterna morada, afim de que se regenere. Só praticastes mal em não pôrdes debaixo de guarda o cadáver do conde de Langeais, o que evitaria tão desagradavel incidente. Ele não saiu com os seus pés.

— Foi um descuido da minha parte. Vá lá. Fiz o que desejava. Conte-me agora como desmpenhou a sua missão.

— Otimamente. Estacionei alguns dias em Zurich, pois havia recebido verídicas indicações, de que o marquez de Clisson lá se achava de residência feita. O renegado do marquez era um espertalhão ; quando cheguei ja ele se tinha evadido. Caro me custou descobrir-lhe o novo asilo. Ele demorava em Genebra ; segui-o como a som-

bra ao corpo. Aluguei uma casa e conservei-me incógnito, observando-lhe todos os passos. O protestante era estimado e protegido pelas leis da república ; eu não me podia apresentar de frente. Principiei a trabalhar nas trevas. O marquez, todas as tardes, dava um passeio no Reno. Metia-se num escaler, remado por dois genebrinos e muitas vezes se afastava do sitio acostumado. Travei relações com os dois remadores, e eles, em pouco tempo, eram meus servos. Fui catequizando-os, até que consegui o meu intento. Por cem escudos prometeram-me dar cabo do marquez.

— O rev.<sup>o</sup> é uma águia... interrompeu o príncipe d'Arlemont, com uma alegria selvagem.

— Não é tanto ; sou perspicaz somente.

— Vamos ao final.

— Trez dias depois, eu me fui sentar na margem do Reno, á sombra de uns vetustos castanheiros. O sol ia ocultar-se no ocidente, quando chegou o marquez. Eu, escondido por traz dos troncos, não podia ser visto de ninguém. O marquez entrou no escaler, e os dois homens começaram a remar. Eu os vi afastarem-se da riba, até que não mais os pude divulgar. Anoiteceu, e eu esperei no mesmo sitio. Era tarde, quando os remadores voltaram ; vinham por terra e completamente molhados. Saiu tudo como eu tinha prescrito ; os genebrinos eram bons discípulos. Esperaram que a noite os envolvesse com o seu véu, e então voaram sôbre o marquez ; apertaram-lhe a garganta, sem que ele pudesse dar um grito de socorro e mataram-no por asfixia. Depois arrojaram o seu cadáver ao Reno. O escaler, ja de antemão preparado, tinha um rombo ; abriram-no, e a água invadiu-lhe o bojo. Assim puderam simular um naufrágio ; atiraram-se ao rio, e a nado ganharam a margem. Quási enlouqueço de alegria ; era um inimigo de menos que contávamos. Mandeí immediatamente os dois genebrinos se apresentarem á autoridade e relatar-lhe como se dera o sinistro. Bem deve avaliar V. Alteza, que mentira eles contaram, e como era engenhosa, para que

a autoridade nada desconfiasse ! Esta cingiu-se unicamente a investigações, e os dois assassinos ficaram em paz e contentes com a remuneração dos cem escudos. Dois dias depois, uns pescadores encontraram e cadáver prêso nuns cipós ; trouxeram-no para Genebra e eu assisti o seu exame cadavérico. O pescoço apresentava nódoas enegrecidas, evidentes sinais de estrangulamento ; mas, os peritos que nada suspeitavam e eram uns grandes sendeiros, — classificaram aquilo como escorições deixadas pelos cipós ! . . Vi-o enterrar ; teve um acompanhamento luzido. Eu próprio ajudei a levarem-lhe o caixão para o cemitério.

— Oh ! o rev.º é muito corajoso ! Eu não teria esse cinismo !

— Isto é modéstia de V. Alteza.

— Quer ridicularizar-me ?

— Não me atreverei a tanto ; sempre o meu respeito se mostrou condigno de um príncipe de elevada estirpe.

— Deixemos de parte estas asneiras, cujo resultado é algumas vezes mau ; conte-me o resto das suas façanhas.

— Quási nada acrescentarei. Não tinha o que fazer na Suíça ; montei a cavallo e eis-me de volta.

— Muito bem ! . . Agora devemos escrever uma carta anónima á família do marquez, participando-lhe a morte.

— Justamente. Já me tinha lembrado disto.

— E' de suma importância. Guerra seja guerra ; precisamos ficar imortais.

— Já o somos. Si morrêssemos hoje, que Deus nos livre de tal, toda a França pronunciaria os nossos nomes.

— Que ventura ! . . comentou o príncipe d'Arlemont, pavoneando-se e tendo nos lábios um sorriso bestial.

— Saltando de um polo a outro : o govêrno tem encontrado sérios embaraços !

— Onde ?

— Nas Cevenas.

— Ah ! aquilo não espanta a ninguém : acaba-se com uma bochecha d'água.

— Engano de V. Alteza. As Cevenas são um região re-

belde e herética a toda prova, desde longa data. Não é só isto : os seus homens são soldados valentes, determinados e fanatizados pela crença. Correm ao sacrificio, como os mártires de outrora. Hoje, com a revogação do Édito de Nantes, se levantaram ferozes. O governo real tem feito seguir tropas com prontidão ; as dragonadas, brevemente, percorrerão aquelas montanhas.

— Bom. A roda terá serviço ; cada árvore será uma fôrca. Quando o canhão roncar, eles se apressarão em depor as armas.

— Quem sabe ! Os camisardos são cabeçudos ! . .

— Eu mostrarei. Vamos escrever a carta. O ilustre Cavaleiro de Brienne recomendou muito que não tivéssemos complacência.

Ambos se dirigiram para o gabinete. O padre d'Avesnières sentou-se, escolheu a pena e esperou que o príncipe ditasse. Este começou :

« Marqueza !

E' triste e dolorosa a noticia, que, em cumprimento do dever, me proponho a transmitir. Como tendes de derramar lágrimas após a leitura desta carta lúgubre e fatal, do mesmo modo ja o fiz, e agora vos escrevo sob o influxo de um pranto abrazador. Preparai-vos, senhora ! para receber o terrível golpe : vosso esposo ja não vive ! Uma tarde, estando ele em Genebra, como deveis sabe-lo, e indo efetivar um dos seus habituais passeios sôbre o Reno, teve a infelicidade enorme de encontrar a morte num naufrágio. O escaler arremessou-se contra umas pedras, fez um rombo e tomou água. O desditoso marquez foi arrebatado pela correnteza. Dois dias depois, descobriram o seu cadáver, emaranhado nuns cipós ; foi retirado para terra e acha-se hoje sepultado no cemitério público daquela cidade. Consolai-vos, marqueza ! tal é a marcha do mundo, sempre enganoso e vão.

†

Uma cruz tão somente era o que se via no final do carta. Uma vez lacrada e subscrita, foi enviada ao seu

destino. As perseguições religiosas, bárbaras e violentas, que tinham cessado por alguns dias, iam recommençar com a presença dos dois cúmplices.

— Padre! . . . disse o príncipe d'Arlemont. . . ponha-se em campo, para ver si descobre qual o sacerdote que confessou Laura e casou Heloisa. E' um vivo que sabe do nosso segredo, e não convem.

— Com todo o gôsto. Em poucos dias V. Alteza saberá de tudo. Mas, que policia tendes? . . . Um fato tão grave e ignorais ainda?! . . . Durante a vossa ausência, em que se occupou a *Liga Provençal*? . . . Isto faz vergonha!

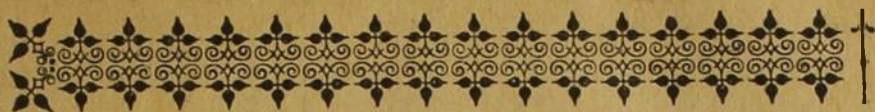
— E' exato. Os meus cortezãos só sabem comer e beber... Mas, deixemo-los de lado: é preciso reunir os nossos comissários, quanto antes, afim de lhes dar certas ordens secretas, que as recebi por intermédio do Cavaleiro de Brienne. Hoje, á noite, tem v. rev.<sup>ma</sup> de escrever officios, convocando-os á sessão neste castelo. Eu os assinarei amanhã.

— Que ordens foram essas?

— Empregar toda sorte de artificios, comtanto que se descubra um culpado e se execute a lei. Utilisar-se de uma policia secreta, para melhor contarmos com os bons efeitos de uma vitória. Enviar uma lista, todos os mezes, com os nomes dos protestantes deportados, fugitivos, prisioneiros, justicados, falecidos, abjurados e recalitrantes.

— Oh! é lástima que Luiz XIV não se fizesse jesuíta! Mas, a lembrança não é dele, e sim, das zelosas pessoas que o rodeiam. Os nossos auxiliares bem sabem que Inácio de Loiola prescrevêra: « Si pelo interêsse da vossa causa convem dizer que o branco é negro e que o negro é branco, sustentai que o branco é negro e que o negro é branco. »





#### IV

### O segredo de uma esposa de Jesus

“ **A**s beatas são curiosas; disse Mari-vaux. . . dos pecados que não fazem, se indenizam com o prazer de esquadrihar os alheios ». Assim sucedia no mosteiro de Nimes. Secretamente, cada freira que procurasse saber de todo o passado de Heloisa d'Arlemont. Muitas a haviam interrogado pessoalmente, e a toda e qualquer pergunta, relativa á sua vida íntima, a esposa do conde de Langeais respondia com um subterfúgio. Tinha repugnância dessas companheiras e evitava-lhes o contacto. Sucumbida e retirada se conservava sempre. Uma vigilância ativa a rodeava incessantemente. Poucos dias depois, foram cortados á tesoura os seus lindos cabelos. Quiz opor-se. . . blasfemou, pediu; mas, foi de balde.

— E' o primeiro sacrificio que fazes a Deus. . . observou-lhe madre Tereza.

— De que serve a Deus um sacrificio forçado? Deus, si é que existe, não aceitará semelhante absurdo.

— Não me repliques. As boas obras, embora praticadas com constrangimento, agradam ao Senhor.

Desde este momento, Heloisa d'Arlemont desceu á escala dos calcêtas, a quem uma lei bárbara e estúpida obriga a trazerem cabelos á escovinha! Ainda como os calcêtas, condenados ao uso de um vestuário, que lhes

sirva de distintivo, ela foi despida das suas roupas, e prescreveram-lhe um vestido de burel. Um livro de orações foi o presente para as suas horas de recreio! Desgraçada Heloisa! . . . Só lhe faltava a clausura a que se votam ou são compelidas as religiosas de Santa Clara.

Chorar?! De que servem lágrimas entre inquisidores, cuja única satisfação é a tortura?! Como o tigre salta alegre e não se sacia quanto mais sangue vê, assim há monstros perante as lágrimas. Chorar? Mas, como? Os vasos lacrimais eram estanques. Na idade dos sonhos, em que o amor nos parece entontecer, foi que ela, como a flor do prado, rolou emurchecida sobre a poeira. Si Alexandre Herculano fôsse contemporâneo desse século, e com aquela sociedade e aquelas luzes tivesse escrito o sentimental **Eurico**, — a filha do príncipe d'Arlemont poderia recitar, tomando para si: « O sol apenas nasceu para mim, logo desapareceu no ocaso; e os que me crêem alumiado, mal pensam que vivo nas trevas. » Eis a verdadeira morte moral.

Havia uma freira, nesse mesmo mosteiro, triste e pensativa como Heloisa d'Arlemont. Muitas vezes olhava com piedade para a filha do provençal, e via-se então uma lágrima ressumbrar nos seus olhos. Uma noite, cautelosamente aproximou-se de Heloisa e disse-lhe de passagem:

— Tu és tão infeliz quanto eu. Si eu pudesse revelar um segredo, te serviria de muito.

Heloisa ergueu a vista, estupefacta; mas, a freira tinha desaparecido. Aquilo impressionou-a. No dia seguinte, quando, ás Ave-Marias, a sineta chamou para a oração no templo, ela viu, de joelhos ao seu lado, a freira misteriosa. Examinou-a com atenção; a jóven religiosa orava reverentemente. Ao levantarem-se, Heloisa acompanhou-a: puxou-lhe pelo burel.

— Conta-me hoje o teu segredo.

— Segue-me.

Por traz de um caramanchão, tecido de plantas trepadeiras e matizado de flores vermelhas, elas se ocultaram.

— Sentemo-nos um pouco. D'aqui a uma hora a sineta dará sinal para nos recolhermos ás celas. Durante esse intervalo te direi o que quero. Sofres muito? Desejas ouvir a nênia de uma vírgem que morreu?..

— Si soffro!.. Por sôbre a terra não há dor, que se compare á minha. Dize-me tudo; eu só amo hoje o que é lúgubre e plangente.

— Pois bem: é a minha história. Outrora eu me chamava Donatila; hoje não sou mais que sóror Mónica. Outrora eu era a filha do sr. de la Beaumelle; hoje sou a monja do mosteiro de Nimes. Já lá se vão trez anos, que um passado de illusões se embuçou no seu manto de pérolas, para fugir a rir-se, deixando-me no peito a agonia dos moribundos. Foi a sina; ela que se cumpra. O arcanjo de venturas retirou a sua aza de sôbre a minha frente e eu fiquei sentada na lápida dos desenganos. Bem; uma página da minha existência já foi lida.

« O meu berço foi acariciado por extranhas mãos. Quando eu surgia, minha mãe tombava nas profundezas de um túmulo. A minha vida custou a sua... Não conheci esse ente, que os protegidos da fortuna denominam mãe; mas fui, entretanto, feliz: meu pai adorava-me com um verdadeiro fanatismo. Quatorze anos se passaram, e ele morreu também; fiquei ao desamparo. Uma tia materna levou-me para sua casa; a época dos infortúnios começou. Mulher perversa e depravada, tinha unicamente o ódio para mim. Não posso compreender como o coração de uma mulher é tão degenerado! São enigmas da natureza. . . Aos 17 anos entendi que devia amar. O amor é a vida inteira da mulher. Eu amava um visionário, um louco, como a sociedade o chama; amava um poeta. Ele possuía somente a lira e nada mais, afóra a magnitude de um coração imenso. Para a minha família orgulhosa e venal, esse amor era um crime; desejariam que eu amasse um bandido, comtanto que fôsse rico. . . Orgulho infame! Ambição nefanda!..

« Toda sorte de privações me foi imposta; tornei-me ré, sem cometer um crime. Si o poeta era um sonhador

e amava-me como se pode amar uma mulher, — eu também me sacrificava. Foi bastante. Uma noite, muito tarde, obrigaram-me a cavalgar, e então meu tio e mais trez homens me conduziram, ás costas do sendeiro, por entre brenhas e descampados, até que me vi atirada no fundo deste mosteiro. Não avalias, pobre amiga! como foi enorme a minha angústia. . . Chorei e chorei muito! Ninguem se compadeceu da minha desgraça; todos ri-am. . . Procurei a morte e ela me fugiu traiçoeira. Fui amarrada no claustro; desfaleci de fome. Passei noites de delírio; sombras enigmáticas perpassavam nas trevas. Eu tremia; eu soluçava. Uma noite adormeci; o meu sono foi profundo. Quando acordei, achava-me sem forças; uma dor surda agitava-se em todo o meu organismo. Eu estava alagada de suor; as minhas vestes indicavam desalinho. Uma idéa indigna apossou-se de mim; corei de vergonha. Nisto appareceu-me um frade bêbado. . . cambaleava, ria! . . . Ocultei a face entre as mãos; tinha medo de mim própria. O frade era a imagem da volúpia e da protérvia; agarrou-me pelos pulsos, afastou-me as mãos e beijou-me nos lábios! Aquelle beijo foi como a mordedura do áspide; senti inocular-se a desonra neste meu rosto de noiva. X

— Devasso! .. gritei-lhe na fúria do meu aniquilamento. . . Deus que te fulmine com um raio. Si eu tivera um punhal, rasgar-te-ia esse coração imundo.

— Abranda-te, filha! .. disse o miseravel. . . Fiz-te um beneficio especial, e tu me respondes com a estupidez! Si havias de fenecer como a flor em botão, vim, e nas sombras da noite devorei a tua essência, realizei o sonho paradiziaco.

« Não tive forças para pronunciar uma palavra mais; as vertigens se sucediam. O frade desapareceu cantando uma canção obscena. Naquele desespero tentei arremessar a cabeça de encontro ás naves; queria morrer. Mas, como?! Eu estava prês a uma coluna! . . . Quando me soltaram, nessa mesma tarde, corri á cela de madre Tereza do Coração de Jesus:

— Cortezã! . . . gritei-lhe furiosa. . . a nódoa do meu corpo recaia sôbre ti. No dia em que eu morrer, sirva o meu cadáver de espantalho ao resto dos teus dias.

« Ela nada me respondeu ; retirei-me como louca. Para qualquer companheira que eu olhasse, parecia-me ve-la soletrando na minha frente o dístico da ignomínia. Com toda a minuciosidade investiguei, então, os seus costumes, e obtive simplesmente maior desgosto ! Estas religiosas, nossas companheiras, são o receptáculo da impureza. Este mosteiro, como todos os outros recolhimentos, é o fôssô da indecência. Nem os serralhos do Oriente excederão este prostíbulo. Já ouviste falar na Cova de Caco, o célebre ladrão de Roma, que Virgílio menciona na **Eneida** ? Pois, bem : o retrato da furna se oferece aos teus olhos. Si viveste no inferno, chora-o dolorosamente, que aqui é mais terrível. As minhas confissões, tão ásperas de figura, só assim devem ser. É preciso que alguém entre no conhecimento da verdade. Aqui, o lugar destinado para o serviço de Deus, é o contrário ; utilizam-se do Onipotente, porém, como capa de inconfessaveis torpezas.

« Nos cárceres há amor e fidelidade, algumas vezes ; nos conventos perduram a intriga e o ódio. Coragem ! Heloísa... A freira, que mais proezas ostentar nas justas da prostituição, será garantida, estimadíssima, e exercerá sôbre as irmãs uma absoluta ginococracia. Avizinha-se a quaresma ; verás coisas nefandas. Simulam representar os Passos de Jesus Cristo, e em verdade te digo, que reproduzem a ginopédia dos lacedemônios.

« Não sou mais a vírgem de outrora, a noiva do mavioso poeta ; fizeram-me esmaecer... Que importa ? ! A minha alma se conserva intacta ; fala diretamente com Deus. . . Quando me recolho á cela, prostro-me de joelhos ante a imagem do Redentor, e entre lágrimas ofereço-lhe as minhas sinceras preces... E elas, as nossas irmãs ? ! Conheço algumas : vírgens no corpo e prevariadas na alma. Curvam-se aos pés do crucifixo, no intuito de enganar, e em vez do livro de Orações, devo-

ram as páginas dos mais escandalosos folhetos... Basta, por hoje. Isto te servirá de muito. Cautela. . . »

Findo o episódio de sóror Mónica, a filha do príncipe d'Arlemont soluçava. Essa história lúgubre e fatídica lhe abalara todo o organismo. Contrações nervosas se repetiam a miudo. A sineta tocou. As duas infelizes levantaram-se e seguiram enxugando os olhos, que se inundavam de pranto. A chaveira, bastante colérica e insolente, veio encontra-las no vestibulo. Madre Tereza do Coração de Jesus não se fez demorar e repreendeu-as brutalmente :

— Por mais austero que seja o regulamento desta casa, e por mais vigilante que eu me mostre, há, entretanto, quem transgrida e faça do dever uma coisa fútil?! Ignoram ser uma falta imperdoavel o que acabam de praticar?.. Onde se ocultavam?!..

— No jardim. . . respondeu sóror Mónica.

— Fazendo o que?

— Contando a Heloisa os tópicos da minha vida; esclarecendo-lhe fielmente todos os fatos que se passaram comigo, tanto fóra como no interior deste convento.

— E' muita ousadia da tua parte!.. Vais receber o castigo merecido.

— Proceda como de costume. Encerre-me novamente no claustro; amarre-me a um poste, e faça com que eu seja, segunda vez, a vítima do seu querido fr. Rafael.

A abadessa empalideceu: sóror Mónica tinha falado diante da multidão de freiras, que se conservavam atentas àquêle diálogo vergonhoso.

— Cala-te; não me obrigues á violência.

— Maior do que a torpeza que ja sofri, será possível consumir-se?!

— Não estou para discussões; vê que sou tua superiora.

— Sim... é minha superiora; mas, uma abadessa que conspurca o hábito.

Madre Tereza bateu com o pé e voltou-se para a chaveira :

— Anda... vai trancar no claustro esta filha do pecado. A sua desobediência é digna de castigo mais severo. Hei de levar este escândalo ao conhecimento da Congregação.

— Vamos... disse rudemente a chaveira para sóror Mónica.

Esta deu de marcha. Heloïsa d'Arlemont avançou um passo e segurou-a pelo burel.

— Espera.

Sóror Mónica voltou-se ligeiramente. A princeza fitou a abadessa e disse com altivez :

— Mande enclausurar-me tambem. Sou cúmplice no seu delito.

— Farei justiça : não precisava pedir. Serás reclusa oito dias na tua cela, com o jejum de pão e água.

A esposa do conde de Langeais curvou-se como quem agradece ; mas, nos seus lábios brincava a ironia. Sóror Mónica torceu as mãos, em sinal de desespero, e exclamou :

— Fizeste a tua infelicidade, Heloïsa ! ..

— No sofrimento tambem há delicia.

A abadessa fitou a chaveira e rugiu :

— Não executas a minha ordem ?

A chaveira incomodou-se com a repreensão e agarrou a freira por um braço :

— Vamos... Que faz ?


Meia hora depois o completo silêncio imperava no mosteiro de Nimes.

Crêdes que tão rigoroso castigo fôsse motivado pelo retiro das duas irmãs ; pela transgressão aos estatutos da casa ? .. Ah ! não... Madre Têreza assim resolvêra, impelida unicamente pelo despeito que aquella confiança lhe deixara n'alma. Sóror Mónica tinha feito revelações que não eram compatíveis com a santidade daquela casa ; Heloïsa d'Arlemont era iniciada, a ponto de não se deixar seduzir. E isto não convinha.



## V

### A resolução de uma cortezã

 carta do príncipe d'Arlemont dirigida, sob a capa do anónimo, á família do desditoso marquez de Clisson, fôra de muito efeito. A princípio, as duas fidalgas não quizeram dar crédito a uma notícia tão rápida e tão sucinta ; mas, depois que leram os jornais de Pariz, bem detalhados na exposição, — entregaram-se, então, a uma dor profunda. O primeiro cuidado foi mandarem rezar missas pela alma do esposo e irmão. Em seguida receberam as pèzames de todos os visitantes, que tinham a delicadeza de ir ao palacete. O príncipe d'Arlemont foi um deles ! . . E elas desceram a lhe prestar atenção, influenciadas mais pelo receio do que pela gentileza.

A viscondessa de Chiourme, que se reconcentrara desde a morte misteriosa de Pierrot Follet, querendo lamentar na solidão o fim trágico do seu amante, ainda se tornou mais susceptível e inconsolavel com o novo golpe, que a veio ferir bem de perto. Depois de muitos dias, chamou sua cunhada para uma conferência. A marquez de Clisson ouviu-a com atenção.

— Cara amiga ! . . principiou a viscondessa. . . ja não posso suportar a dor que me devora. Pierrot Follet, morrendo assassinado, fez com que, sôbre a terra, sîndasse a minha alegria ; agora, com a morte de meu desvelado irmão, se obscureceu inteiramente o céu da minha vida.



Bem sabes que vivi pessimamente com o meu marido ; chorei a sua morte, antes por uma obrigação e para dar uma escusa ao público, do que pela saudade.

— E' real.

— Em vista de tantas coisas, tomei uma resolução comigo.

— Qual ?

— Vou recolher-me a um convento : quero acabar os meus dias nas tristezas do claustro.

— Quê ! . . E' a verdade que me dizes ?

— Tão clara como em estarmos face a face.

— E me deixas sozinha, entregue ao desespêro, quando mais eu precisava de uma amiga, que comprehendes-se os meus pensamentos ! . .

— Não há geito. Ja pensei sôbre tudo isto e resolvi.

— E's uma ingrata.

— Ah ! tu querias que se prolongasse o meu sofrimento, quando existe para ele um lenitivo infalivel ? !

— Permite que te diga : és mais que ingrata, és egoista ! . .

— Um dia pensarás de outra fôrma.

— Pode ser que sim. Dize-me, entretanto, qual o alívio para mim ?

— Acompanhares-me.

— Nunca ! eu odeio a vida das beatas ; antes o suicídio.

— Tambem não te aconselho que o ponhas em ação. Queres distrair a tua mágua ?

— Sim ; como ? . . indagou a marquiza de Clisson, bastante inquieta.

— Procura um amante, que te satisfaça plenamente.

— Que idéa obscena ! . . Minha cunhada ! pensas assim ? ! Não respeitas as cinzas de teu irmão ? . . e a marquiza mostrou-se solenemente agravada.

— Respeito-as de todo o coração . . . Só te exponho esta idéa, porque sou positiva. Não tenho superstições e entendo que a mulher em tudo é igual ao homem. Seria hediondo, si em vida de meu irmão amasses outro ho-

mem e caisses em adultério ; aí bem : cometerias infâmia. Assim como o homem não pode passar sem uma mulher, penso que a mulher goza de idéntico direito, de igual necessidade. Não admitir isto, é o absurdo, o verdadeiro despotismo. A mulher, como o homem, tem os mesmos caprichos, os mesmos ardores ; como ele, foi criada para a propagação da espécie.

— A tua teoria parece ter algum fundamento ; mas, eu a reputaria sã, si me aconselhasses o matrimónio.

— Si eu penso como Ninon de Lenclos ! .. Eu tambem fui casada, e de comum os casamentos são péssimos. Si hás de realizar um consórcio, para d'aí a dois dias estares arrependidíssima e sem remédio, ama portanto ao homem que te aprouver, porque, no dia em que te desgostares dele, o abandonarás, como o recebeste no teu leito.

— E a sociedade ? !

— A sociedade ! .. E's uma tola. . . A sociedade nada significa, porque é a coisa mais venal que conheço. Si fôsses da plebe, então eu te consideraria perdida ; mas, lembra-te : tu és marquiza. . . A mulher da plebe, que ama a um homem illicitamente, embora seja com um amor impetuoso e cheio de fidelidade, logo o mundo lhe grita : prostituta ; a fidalga que pratica o mesmo ato escandalosamente, entregando-se a todos, até na praça pública, o mesmo mundo murmura : que mulher livre ! Queres a prova ? Folheia a história e verás Aspásia cercada de esplendores. O moralista Sócrates, o grande Alcibiades, Péricles e assim a flor dos atenienses, fazem-lhe a côrte, tecem-lhe corôas. Izabel de Inglaterra, tendo por amantes o conde de Leicester e o de Essex, a quem faz decapitar, não deixa de ser poderosa, adorada e reconhecida como o chefe dos protestantes de toda a Europa. Cristina da Suécia faz assassinar o marquez de Monaldéschi, movida tão somente por um ciume despropositado, pois, o favorito principiava a despreza-la por outras mulheres, — e nem assim deixa de ser atendida em todas as côrtes, nem de gozar os favores da

cúria romana. Gabriela d'Estrées, Inez Sorel e a condessa d'Etampes tiveram os mesmos privilégios ; nos nossos dias basta apontarmos La Vallière, Montespan e Maintenon. Que é pois a sociedade, sinão o conjunto de todos os homens pervertidos e miseráveis em quasi sua totalidade ? . . Por isto é que me tornei livre, amando a quem fôsse do meu gôsto. Portanto, bôa amiga, si não aceitas a minha opinião, casa-te.

— Tambem não o farei. A marquezia de Clisson jamais se deixará adormecer nos braços de outro esposo. Lastimo de coração que tenhas idéas tão abjetas, e faças da virtude um conceito tão mau.

— E não estou arrependida. . . replicou a viscondessa. . . A vida nada vale ; amanhã, com certeza, terei de baixar a um túmulo. Si o hei de fazer á custa de privações estúpidas, em cata de um nome depois de morta e que de nada me servirá, quero que a morte me chegue, mas, depois do prazer.

— Tens este pensamento e comtudo te vais recolher a um convento ! . . Como és insensata ! . . Porque não continuas a gozar ? Não estás tão moça e tão sedutora ainda ? ! . .

— Enfastiei-me da vida ; devo experimentar de tudo.

— Continuas no teu propósito ?

— E' inabalavel.

— Seja o que Deus quizer. . . Vai, minha cunhada ; um dia te arrependerás.

— Si assim fôr, voltarei ao mundo.

A marquezia de Clisson retirou-se triste e impressionada. Si a resolução da viscondessa tinha sido um golpe, a exposição dos seus pensamentos fôra dolorosa. D'aí em diante iria habitar só, no seu palacete de tantas recordações, sem ter ninguem, que de posse do seu passado, fôsse digno de apreciar as scenas, ocultas na cortina do futuro, para se realizarem amanhã.

A viscondessa partiu. As duas cunhadas choraram de saudades. E para onde iria ela ? Qual o antro reservado a dar uma sombra de virtude a todas as suas fraquezas ?

Era o mosteiro de Nimes. A viscondessa de Chiourme parecia sofrer de uma alienação mental : recolhia-se ao claustro, desgostosa da vida, emquanto defendia e aconselhava as suas idéas abomináveis. Pelo menos a duquesa de La Vallière se fazendo freira, era a doce *Madalena de Versalhes* ; quando não estivesse intimamente arrependida do seu passado, fingia odia-lo. Assim a viscondessa de Chiourme bateu ás portas do mosteiro de Nimes. Madre Tereza do Coração de Jesus ouviu-a, e tendo examinado os seus papeis e cartas de recomendação, deu-lhe imediatamente asilo. Uma cela, confronte á de Heloisa d'Arlemont, foi-lhe designada pela chaveira. A viscondessa recolheu-se ao cubículo e tratou de descansar um pouco. Aquela viagem a tinha maltratado muito. Ao crepúsculo dirigiu-se á capela, em companhia das futuras irmãs, afim de orar tambem ; queria começar muito cedo. Ajoelhou-se e rezou por algum tempo. Quando se ergueu, demonstrou o desejo de percorrer a capela ; madre Tereza, por uma exceção de regra, mostrou-se afetuosa e foi a própria a lhe patentear as magnificências daquelle templo. A viscondessa de Chiourme, tendo satisfeito a curiosidade, tratou de retirar-se ; chegando ao salão principal, espraçou a vista com a mesma minudência e suspendeu-a como quem se espanta ; arregalou os olhos, que ficaram capazes de lhe saltar das órbitas, e encruzou os braços sôbre o peito. Estirou o pescoço pela segunda vez e voltou-se então para a abadessa :

— Será possível?.. Não... eu me engano!..

— Que é lá, minha filha?

Assim dizendo, madre Tereza do Coração de Jesus tomou igualmente uma attitude de espanto, ante o assombro que a viscondessa exprimiu na fisionomia e ainda mais no gesto. Ouviu-lhe a exclamação, interrogou-a e não obteve resposta, porque a irmã do marquez de Clisson tinha partido aceleradamente para um grupo de monjas, reunido na extremidade do salão. A abadessa desapontou, e pondo ambas as mãos nos quadris, ficou

a olhar, sem aduzir mais palavra. Viu a viscondessa aproximar-se do grupo, onde a sua imediata revistava os trabalhos daquele dia; notou que ela se encaminhava para Heloïsa d'Arlemont, e madre Tereza, adivinhando então a inconveniente scena que se ia desenrolar, — abalou-se tambem. Efetivamente a viscondessa de Chiourme abraçava a filha do príncipe d'Arlemont, fazendo-lhe muitas perguntas ao mesmo tempo. Heloïsa permanecia calada; depois respondeu a toda áquela amenidade com repetidos soluços.

— Não; não chores, minha Heloïsa!.. Eu sei que és muito infeliz, e sobretudo, vítima do hediondo rancor de teu pai... Como vieste parar aqui? Conta-me tudo, pois todos ignoravam qual o teu destino; e, ainda mais admirada que o público, me vejo eu!..

— Filha!.. disse a abadessa, segurando no braço de Chiourme... vem cá.

A viscondessa obedeceu facilmente, e acompanhou-a até um lugar que se conservava deserto, na outra extremidade do salão.

— Filha! ainda não conheces os estatutos desta casa, e por isto te falo em particular: — não podes dirigir a palavra a ninguem, exceto aos empregados, mas, si fôr para exigir, lembrar ou comunicar alguma coisa séria. Nesta casa não se abusa: o delinquente será observado pela primeira vez, censurado acremente pela segunda, e castigado na terceira.

— Perdão! eu não o sabia!.. A presença de Heloïsa d'Arlemont nesta casa foi um verdadeiro assombro para mim; não me pude conter, sem que imediatamente corresse até onde ela se achava.

— E conheces aquella menina?!

— Oh! si conheço!.. Quantas vezes não fui ao seu castelo! Quantas vezes ela não veio ao palacete de meu irmão!.. Bailámos, divertimo-nos juntas, entregámo-nos a toda sorte de inocentes prazeres. A sua presença lembrou-me um passado venturoso... e a viscondessa, assim falando, tinha os olhos rasos de lágrimas.

— Vem até á minha cela ; agora sou eu quem quer ouvir a sua história. Deve ser interessante, porque sempre duvidei das afirmativas do príncipe d'Arlemont. Em seguida eu te direi o que penso sôbre essa incorrigível pecadora.

Madre Tereza, dando a mão á viscondessa de Chiourme, conduziu-a para a sua cela. Ambas se confessaram, e expuzeram detalhadamente a vida de Heloisa d'Arlemont. A abadessa não cabia em si, de contentamento ; tinha muitos segredos importantes que revelar a fr. Rafael. A viscondessa, que se tinha convencido, como todos os outros, da prostituição de Heloisa com o conde de Langeais, — sabia agora do seu casamento clandestino, e apartou-se da abadessa, murmurando a meia voz :

— Este mundo !.. E julgue-se alguém muito feliz, quando tudo isto não é mais do que o escárneo lançado á nossa face !..





## VI

### O pacto de dois lúbricos



HEGOU a vez de darmos uma explicação indispensavel e de grande alcance para a nossa história; isto é, esclarecermos ao leitor quem era fr. Rafael, o franciscano infame, que figura no tormento de Donatila ou sóror Mónica.

Si lestes **A Corto de Provença**, 1.º livro desta trilogia e prestastes atenção ao seu X capítulo, intitulado — *Um raio de luz no lar*, — recordareis que Perrique Van der Helst, narrando á condessa de Langeais todos os pormenores da sua viagem a Pariz, tratou de um fato succedido na estalagem de Bourganeuf, onde o protagonista era um um frade que tentava desonrar uma pobre moça, chamada Blanchette e fugitiva do convento de Montpellier. Si tiverdes bõa memória, vos lembrareis tambem que o frade se chamava Rafael. Cremos, portanto, que ja adivinhastes — ser o frade da estalagem de Bourganeuf e o devasso do mosteiro de Nimes, *uma e a mesma pessoa*. Fr. Rafael, expulso do convento de Montpellier, pelo seu mau comportamento e por lhe haverem descoberto a cumplicidade no rapto de uma freira, para fins ilícitos, — veio abrigar-se no mosteiro de Nimes, encontrando imediatamente todo o apoio. Em pouco tempo adquiriu a sincera proteção de madre Te-reza, mulher sem escrúpulos e de caráter igual ao seu.

Esta freira, quando moça, entregara-se á mais excessiva libidinagem, fazendo-se, na sua lúbrica paixão, a amante de todos os frades que transpuzeram as portas daquele mosteiro. Foi assim, que aos 40 anos de idade, conseguiu ser abadessa, pelo valiosissimo favor, grangeado á custa dos seus escândalos.

Fr. Rafael era irmão adulterino do padre d'Avesnières. A mãe do mentor do príncipe d'Arlemont, reconhecendo que a prostituição não devêra ser um privilégio da nobreza do seu tempo, invejou uma *tão bonita sorte*, e se lhe entregou com todo o desembaraço. Voltou os olhos para um militar, e dos seus passatempos com o discípulo de Marte, resultou dar á luz uma criança raquítica e choramingas, que se batizou com o nome de Rafael. Isto saiu-lhe bem caro. Seu marido, que mal podia criar o filho legítimo, — o nosso padre d'Avesnières —, e que não estava aparelhado a sustentar os alheios, irou-se consideravelmente e deu, na esposa, uma surra tão estúpida, que a matou! . . . Também foi triste o futuro do ludibriado: prêso, submetido a processo, envólto numa sentença e morrendo nos cárceres de Toulon.

Quanto a D'Avesnières, já sabemos como se ordenou; tratemos agora de Rafael. Abandonado por muito tempo á lei da natureza, deixou a vida de garoto e fez-se soldado até aos 22 anos de idade. Tendo servido pelo espaço de um lustro, entendeu que devia mudar de profissão, e conseguindo a baixa meteu-se num convento, estudou e sete anos depois estava com a vida ganha. Apesar de tonsurado, não se regenerou. Agora, aos 35 anos de existência, parece mais imoral, tanto que se lhe desenvolveu a tara filogínica, bem semelhante á de César Bórgia ou de Francisco I de França. Até mesmo os vergonhosos vícios de Heliogábalo não lhe foram desconhecidos.

Outro ponto, até agora sem desdobramento e por isto obscuro, carece de explicação. Queremos nos referir ao I capítulo deste livro, quando tratâmos da conferência realizada entre o príncipe d'Arlemont e madre Tereza.



Há uma passagem, em que Alberto d'Arlemont, pronunciando o nome do conde de Langeais, causou um visível espanto á abadessa, e isto não passou despercebido ao tigre provençal. Havia razão de ser, para que madre Tereza patenteasse enleio : não era a primeira vez que ouvia citar o nome do fidalgo. Aquele título soava-lhe mal ao ouvido ; ela não ignorava a scena representada na estalagem de Bourganeuf, entre o conde e fr. Rafael. O franciscano narrara-lhe esse fato, confessando a sêde de vingança que alimentava no peito. Madre Tereza, ouvindo o príncipe d'Arlemont revelar que o conde era esposo de Heloïsa, notou que o cérebro acumulava uma idéa, e disse consigo : « Eis a vingança do frade ! »

Ja que a exposição foi completa, vamos tratar do assunto, que tem por base justificar a epígrafe do presente capítulo. Madre Tereza do Coração de Jesus contara a fr. Rafael toda a história de Heloïsa d'Arlemont, e terminou insinuando :

— Lembra-te que ela é esposa do conde de Langeais ; vingate nela do mal quo o intrujão te fez, — arrebatando-te das mãos a interessante e esquiva Blanchette.

Fr. Rafael sorriu e nada respondeu. Após a narrativa da viscondessa de Chiourme, logo na manhã seguinte, madre Tereza se encerrou com o franciscano na sala da biblioteca e desvendou-lhe novos segredos tendentes ao passado da reclusa. Frei Rafael escutou prudentemente e ficou pensativo. Depois ergueu os olhos para a abadessa e questionou :

— Então, a menina é exatamente esposa do conde de Langeais ?

— Juro-te, que sim.

— Bem ; estou resolvido á vingança. Ja que o infame do conde me arrancou das unhas a simpática Blanchette, e assim, além da afronta, privou-me de um gozo, quero que sua consorte substitua a outra. Heloïsa está nas minhas garras e ninguem lhe virá em socorro.

— Esplêndido ! . . Isto ja esperava eu . . .

— Não achas que é a vingança mais terrível e gran-

diosa, só imaginada por um cérebro como o meu?! ..

— Maior vingança é impossível. . . Entretanto, enxerigo um obstáculo. . .

— Qual é?

— A menina não se sujeita: é altiva demais e tem uma linguagem dos trezentos diabos.

— Ora! emprega-se a violência.

— Torna-se um tanto difícil. Ela está instruída do que se passa aqui, e não se deixará envolver nas malhas.

— Que toleima! Também sóror Monica era assim, e eu desfrutei-a, sem que ela se sentisse.

— Tu és um frascário de força! . .

— Será todo o meu ganho neste mundo.

— Depois, não te andes queixando de dores reumáticas, como eu.

— Isto chegará quando eu fôr velho; também, nessa época, não me lastimarei.

— Não pensas bem: na velhice é que precisamos descanso físico e espiritual, visto chegarmos ao ocaso da existência.

— Deixemos de parte essas ninharias; vamos tratar do que serve.

— Concordo. . . e madre Tereza, querendo prestar a devida atenção, tomou uma atitude de alcoviteira.

— Queres auxiliar-me, sem te mostrares ciumenta?

— Ainda me o perguntas? Si fui eu quem te lembrou a ocasião propícia á vingança!

— Tu és uma joia. E' lástima que ja contes 47 janeiros.

— Que importa?! Não me conservo frescalhona e um pouquinho galante? . . Ninon de Lenclos, setuagenária, é bela e consegue atrair amantes; só me parece que aquela cortezã descobriu um elixir para a formosura!

— E' uma verdade o que dizes: tu embriagas ainda com uma simples olhadela. Não sabes porque Ninon de Lenclos ainda hoje seduz?

— Ignoro completamente.

— Eu vou contar. Era nos seus 18 anos de idade, quando um dia, com os olhos fitos no espelho, ela contem-

plava a sua beleza, ao passo que uma nvem de desgsto se lhe desenhava no semblante. Aquela mulher vaidosa e louca deplorava perder, mais tarde, o que tinha em si de belo e de fascinante. Na mesma ocasião ouviu uma voz, que, interpretando os seus pensamentos, lhe disse : « Com efeito,   desagradavel ser tão linda e envelhecer ! ». Ninon de Lenclos voltou-se incontin nti e ficou admirada de ver ao p  de si um anozinho velho e negro, que acrescentou : « Vs me adivinhais ? Sem dúvida. . . Si quereis entregar-vos a mim, eu conservarei a vossa beleza ; aos 80 anos ainda sereis formosa e tereis amantes ». A hetaira meditou um momento, e entregou-se-lhe então. Bem v s que o contrato tem sido fielmente observado ; creio que, por mais dez anos, não será transgredido.

— Magnífico ! Si eu encontrasse um outro ano ! . .

Fr. Rafael riu-se como um devass :

— Pois querias ? !

— Achas que foi abominavel o meu desejo ?

— De algum modo ; tu me causas bastante ciume.

— Como  s injusto ! . . Eu me ralo de despeito, em te ouvir falar noutros amores ? Agora mesmo não te vou socorrer numa empreza, da qual me poderia esquivar e guerrear-te severamente ?

— E' verdade, meu amor. . . e fr. Rafael enla ou a cintura de madre Tereza do Cora o de Jesus.

A abadessa cinicamente lançou-lhe um olhar provocante e agradeceu com um ósculo de paz  qu las suav ssimas bland cias. . . Tudo isto   religião, porém, de Satanaz. Em seguida, o irmão do padre d'Avesni res formalizou-se e propoz :

— Vamos cortar o n Grdio. Trava uma discussão proposital com a menina d'Arlemont ; incita-a, e ela te responderá insolentemente. Assim teremos pano para as mangas. Depois desse lance, tão engenhosamente preparado, tu a farás encerrar no claustro. Como eu pude macular sóror Mónica, do mesma f rma desonrarei a esposa do conde de Langeais.

— Que lembrança feliz!.. Será o único meio. Hoje mesmo a farei enclausurar.

— Olha que não se entorne a marmita. Muito cuidado.

— Observas a mim! Eu que estou tão prática nessas façanhas!.. Em tudo que se refere ao amor, ninguém me dá lições. Amei, pela primeira vez, aos 11 anos de idade; eu era bem criança. Minha família não desconfiava de mim; saí a brincar pelos prados, em companhia de um primo, educado na mesma casa de meus pais. Apesar da nossa puerícia, já tínhamos a maldade conosco. Adivinha o que aconteceu nessa tarde!

— Facilmente. Adormeceste nos braços desse fedelho e acordaste sem fantasia.

— Foi isto... e assim confirmando, a abadessa nem ao menos corava!..

— O que o berço dá, só a cova tira. Nasceste marôta e morrerás do mesmo jeito.

— Este gracejo é muito pesado!

— *Pœnitet me peccati.*

— Não creio que te pezes do pecado. Os teus latinórios são a essência da hipocrisia.

— Agora, quem me ofende, és tu; vê que me desmoralizas.

— Estamos a sôs.

— Dize o que quizeres, comtanto que triunfemos.

— Afianço-te que seremos vencedores. Conquistarei mais uma palma para a minha grinalda; tu reunirás mais um prazer aos teus 35 anos de campanha.

— Posso ficar descansado?

— Juro-te, e vai tranquilo.

— Quererás jurar pela tua honra?

— Não sejas tão obsceno!.. disse madre Tereza, dando-lhe uma palmada na cabeça e rindo ao mesmo tempo.

Fr. Rafael demonstrou uma alegria de possesso, e principiou a bater com as pontas dos dedos sobre a tábua da mesa, tocando uma espécie de batuque africano. A abadessa na sua alacridade continuou:

— Estás muito pimpão!.. Viste passarinho verde? Eu

sempre ouvi dizer que não se prepara a cama antes de ver a noiva.

— Mas, tu me o affiançaste.

— E não receias depois que o conde de Langeais descubra as tuas proezas e te atravesse o bucho com a sua espada?!

— Impossível!.. Ainda que viesse a saber, qualquer de nós correria o mesmo risco. Eu tambem sei esgrimir uma espada; fui soldado como Inácio de Loiola, e não tenho escrúpulo em arrancar o coração de um patife. Si a desgraça recaisse sòbre mim, que importava! Depois de feita a minha vontade! *Qui est sine peccato?*

— Estás um gamenho!.. Nunca te vi assim!.. E valente!.. Nem um mata-mouros!..

— Oh! quando se tem por cúmplice uma criatura amavel e inteligente como tu, tudo se faz. Eu só quizera dispor de mil beijos, para te os dar de uma só vez.

Madre Tereza ia responder, quando ouviu tocar a sineta, apressadamente, chamando-a.

— Que será de novo!.. exclamou bastante enfadada. . . Espera um pouco; ja voltarei.

E saiu.





## VII

### Como o suicídio é necessário algumas vezes

**M**ADRE Tereza do Coração de Jesus dirigiu-se á chaveira, e apenas a viu, verberou-lhe, com uma voz de megera :

— Não me querem deixar por um instante ? Pois ja não posso ter um simples descanso, nem mesmo para as minhas orações ? ! .. Que há de novo ? Porque tocou a sineta com tanto rebate ? Serei mouca ? !

Eram tantas as interrogações, que a chaveira vacilou um momento, antes de responder á fúria daquela tempestade. Comtudo, falou :

— Si o caso não fôsse grave, eu não me atreveria a interromper as vossas preces. Um fato extraordinário acaba de succeder nesta casa. Sórora Mónica . . .

— Que tem ? !

— Deixai-me findar . . . A infeliz é com Deus.

— Como ? ! .. exclamou a abadessa, toda convulsa.

— Sórora Mónica ja não vive.

— Pois, morreu ! .. De que ?

— Suicidou-se com todo o desespêro de uma alma perdida. As disciplinas que lhe tínheis dada para abrandar aquele corpo recalcitrante, serviram de corda e ela enforcou-se.

— Será possível ? ! Meu Deus ! que horror ! .. e a abadessa, visivelmente pálida, benzeu-se e vergou a fronte.

— Si a quereis ver, acompanhai-me.

— Não tenho coragem para tanto. Sinto pavor.

— Animai-vos, minha mãe! . . . E' do vosso dever.

Madre Tereza ergueu-se trémula e seguiu a chaveira, que tomou o caminho do claustro. Aí, um espetáculo horroroso se oferecia a todos os olhares. O cadáver de Donatila ou sóror Mónica pendia de uma fôrca, improvisada com as disciplinas numa das colunas. Aos seus pés estava um livro. O cadáver, horrivelmente transfigurado, assombraria ao espírito supersticioso, arrancaria lágrimas ao coração sensível, molestaria ao sistema de um néurastênico. Madre Tereza não pertencia a nenhuma destas trez classes; mas, tendo puramente a hipocrisia no peito, mostrou-se horrorizada: deu um grito, caiu de joelhos, poz-se a orar e simulou uma síncope. Depois fitou o cadáver, e vendo aquele rosto lívido, de olhos esbugalhados e rôxos, lábios crispados e língua pendente, — prorrrompeu em soluços; as lágrimas caíam-lhe em profusão. A chaveira apanhou o livro e passou-o ás mãos da abadessa. Era o **Manual de Orações** de sóror Mónica. Madre Tereza abriu-o, e na primeira folha, á margem, leu o seguinte, em letras encarnadas, côr de fogo:

« Morro sem saudades da vida. Descendo ao túmulo, sou feliz pela primeira vez. Trinta dias campletam que fui condenada á clausura, sem que nada fizesse, para o merecer. Disse a verdade e eis o meu crime. Maldição eterna para os infames, que promoveram o meu infortúnio. Madre Tereza de ora em diante não gozará de paz: o remorso que lhe devore o coração imundo. »

A abadessa leu os primeiros trechos, quási na indiferença; mas, ás últimas palavras, sentiu-se acabrunhada! Aquele livro lhe queimava os dedos e ela o deixou cair imediatamente sôbre o pavimento. Sóror Mónica rasgara as veias, e do sangue extravasado fizera tinta para escrever aquilo! . . . De uma folha do livro, enrolada cuidadosamente, servira-se, como si fôra um estilête.

Madre Tereza não poudo permanecer mais tempo diante do cadáver, e saiu em busca de fr. Rafael. Este escutou-a boquiaberto. Apressou-se também e quiz ver de perto a sua vítima. Fitou a morta, e em vez de arrependimento, teve um sorriso de escárneo.

— Pobre idiota! Preferiu o suicídio a todos os prazeres da terra!.. Tenho nojo dessas nulidades.

— Não fales assim, Rafael. Lê a página deste livro.

E passou o testamento da suicida ás mãos do franciscano. Este lançou-lhe os olhos e apenas terminou a leitura, prorrompeu numa gargalhada estrepitosa:

— Lamento do mesmo modo a tua ignorância!.. Não tens vergonha de ser tão supersticiosa?.. Pois, crês em semelhantes bruxarias?.. Que há demais nestas palavras, para que fiques impressionada?!

— E' o desespêro de uma alma vilipendiada que fala. Deus não a deixará de ouvir.

— Não sejas tola. Isto nada significa; é a loucura de um cérebro delirante, que se estampa nesta página. Queres ver que aprêço eu dou ás parvoíces?

E assim dizendo, frei Rafael rasgou a página, em que sóror Mónica tinha escrito a sua declamação.

— Profano!.. balbuciou a abadessa... Não avalias o mal que fizeste!..

— Cala-te. Si assim continúas, darás com os ossos num hospício.

— Fazes bem em te expressares desta fórma. Tu não crês nem em Deus!

— E tu?

— Felizmente, creio.

— Hipocrisia... Quem crê, não pratica como tu.

— Que tenho feito, para me exprobrares desta maneira?

— E's uma Messalina incorrigível; tens maculado sempre o santuário divino.

— E' bom que eu saiba como me consideras.

— Não te ofendas, minha flor! Estou gracejando. Acabemos com isto, enquanto as testemunhas não chegam.



— Gracejando! . . . repisava a abadessa, bastante magoada com as sátiras do amásio.

Fr. Rafael engendrou carinhos e logo readquiriu a antiga confiança.

— Agora. . . disse ele. . . vamos tirar esta estúpida da sua fôrça ; é preciso faze-la transportar á igreja.

— Sem dúvida.

— Pega-lhe nos pés e suspende-a, enquanto eu corto a corda.

Madre Tereza fez o que o franciscano ordenara, e este, sacando de um punhal, que trazia oculto sob o hábito, partiu a corda de um golpe. O cadáver precipitou-se rudemente contra o solo.

A notícia do suicídio ja tinha percorrido todos os compartimentos do mosteiro, e as freiras corriam em chusma, para observar aquele espetáculo de nova espécie, ainda não presenciado por elas naquele recinto. Algumas se mostravam sensibilizadas, outras choravam e um certo número patenteava indiferença. Heloïsa d'Arlemont impressionou-se consideravelmente. Frei Rafael, vendo-a lacrimosa, lançou-lhe uns olhos de lobo, que anda á berra e murmurou entre dentes :

— Quanto é bela ! . . . E tão moça ! . . .

A esposa do conde de Langeais ouviu-o distintamente e não se pôde furtar á réplica :

— Atrevido e infame. . . murmurou tambem.

O frade sorriu cinicamente. Madre Tereza do Coração de Jesus, que percebêra o incidente, apressou-se em coonestá-lo :

— Que faz aí, frei Rafael ? Não vê que o negócio é sério ? Retire-se ; vá para a biblioteca e trate de convocar a congregação.

— E' justo. Ela tem de se pronunciar sôbre o fato. A morte desta impenitente está num dos casos em que a igreja condena. A lei canónica é muito clara. Faz-se mister a reunião de quási todos os associados.

A abadessa, apenas se viu livre da inconveniente presença de fr. Rafael, mandou conduzir o cadáver de só-

ror Mónica para a capela ; em seguida voltou á sala da biblioteca, afim de aguardar a chegada dos congreguistas. Madre Tereza fazia parte do corporação, pois sendo a superiora do mosteiro, era obrigada a isto.

Ao meio dia estava reunida a congregação. Seis franciscanos, a abadessa e o bispo como presidente, completavam o número exato ; mas, unicamente sete membros tinham comparecido, pois um dos frades dera parte de doente, e assim faltara ao convite. Imediatamente foi aventada a questão, e fr. Rafael ergueu-se, pela ordem, afim de declamar a sua arenga. Expandiu-se numa acusação infrene e anti-humanitária, pedindo o voto dos seus companheiros, para que fôsse o cadáver da suicida condenado á execração, conforme as exigências do concílio de Trento, que mandava negar sepultura no recinto sagrado e recusar todas as cerimónias eclesiásticas, concedidas aos cadáveres dos cristãos. Um frade, chamado Agostinho, magro e baixo, com uma palidez notavel, levantou-se tambem e defendeu o suicídio de sóror Mónica. Demonstrou evidentemente quanto era bárbaro, e sobretudo, anti-cristão o fraseado de fr. Rafael ; citou fatos da história e por alto tratou em Lucrecia, a mulher de Colatino, que, suicidando-se, conseguiu lavar a sua mácula. Era uma alusão á sóror Mónica, cuja desonra não era extranha ao advogado. Fr. Rafael, ouvindo estas palavras, que o feriam furtivamente, — remordeu-se de ira. Terminada a defeza, declarou o bispo que ia pôr a votos a matéria em discussão. Os cinco franciscanos e a abadessa usaram do escrutínio secreto ; aberta a urna e apuradas as chapas, foram lidas quatro pela condenação e duas a favor. O bispo, a quem não foi necessário o célebre *voto de Minerva*, mas que achara a condenação justa e de acôrdo com o direito canónico, quiz, entretanto, minorar um pouco aquella sentença e resolveu que sóror Mónica fôsse enterrada ao pé da capela, embora num túmulo raso e sem inscrição nenhuma ; porque, o contrário, seria dar escândalo e atrair as vistas do povo sôbre os mis-

térios daquela casa. Frei Rafael desgostou-se, porque não triunfará em tudo, como a sentença exigia; fr. Agostinho mostrou-se igualmente malestado, por notar nessa clemência do bispo, — ainda um ato de fraqueza. Madre Tereza fingiu contentar-se com a *sabedoria* episcopal, tanto que pronunciou algumas palavras de regozijo. Frei Agostinho fitou-a com desprezo e increpou:

— Farcista! . . . Porque votou contra?!

Nessa mesma tarde foi sepultada sóror Mónica, sem que patenteassem o mínimo sentimento de consternação. Nem ao menos lhe rezaram uma ligeira prece, tão preconizada como valioso sufrágio aos que deixam de viver! . . .

Humanidade incorrigível! mirai-vos neste espelho. . . Que sois, emfim, para vos mostrardes tão orgulhosa e tão cheia de insolências? . . . Não é a querida filha do sr. de la Beaumelle quem se torna indigna de uma pequena cerimónia religiosa, de uma lágrima compassiva, porque a hipocrisia, a perversidade e o fanatismo assim o quizeram?! . . . Já lestes **O Oiteiro do Diabo**, a sombria novela de Eugénio Sue? Vistes o fim do duque de Monmouth e de sua esposa *a Barba-azul*, não obstante a contradição histórica sôbre o verdadeiro destino desse filho natural de Carlos II de Inglaterra e que ainda o supuzeram livre do suplicio, em Tower-Hill, para o meterem na Bastilha, sob a sinistra figura do *Máscara de Ferro*?! Que mais quereis, em qualquer das hipóteses?





## VIII

### O exílio de um sacerdote probo

**E**M uma noite invernosa e lúgubre, acompanhada de um vento gemebundo e frio, representou-se na cidade de Aix mais uma scena de miséria e sangue. Uma escolta de dragões investiu sôbre a antiga capital da Provença e cometeu toda sorte de torpezas. Espancamentos, estupros, homicídios, roubos e tudo mais que há de negro nos dramas da vida, foi praticado em nome da lei e da religião. Na manhã seguinte notava-se o soluçar de míseras crianças, que em repetidos brados reclamavam os pais ; mulheres em desespero ainda exibiam as ensanguentadas vestes dos esposos. Aqui, era uma irmã ao desamparo ; ali, uma donzela que arremessavam ao lodaçal da infâmia !.. Quanta desgraça, Senhor ! Apaga com o teu braço eterno esse borrão que mancha o panorama da vida moral. . .

Foram os dragões, os homens de Luiz XIV, os soldados da corôa, que fizeram tantos crimes. Quem o creeria ? Ninguém, si não soubéssemos o que são e o que têm sido os reinados despóticos e sanguinários. Para escrever a história dos césares hediondos, nunca são demasiados os severísimos conceitos de Suetônio. O príncipe d'Arlemont apossa a-se do segredo almejado e finalmente descobrira o autor do seu desespero. Assim dizendo, nos expressaremos bem ? ! Parece-nos, que não. O autor

do seu desespêro, em vez de um sacerdote, como ele julgava, era simplesmente a monstruosidade das próprias ações. Entretanto, assim não pensava e concluia :

— Si hoje me vejo embuçado num manto de sangue, pungido pelo sofrimento moral, devo-o tão somente a um padre. Foi ele quem se apossou do meu segredo ; quem uniu minha filha a um miseravel. Devo descobri-lo ; devo vingar-me. Tenho carta branca ; farei tudo.

Assim, por meio dos seus comissários secretos, veio a saber de todos os pormenores.

— Ah ! o padre Rochetaille ! Triunfarei finalmente.

Expediu os dragões e os homens da sua guarda de confiança, afim de efetuarem a prisão. Tornou-se facilima. O socerdote ja estava no leito, quando foi despertado por um alarido infernal. Pancadas descomedidas soavam. O padre esgheu-se, mas, fóra de tempo : as portas da sua habitação tinham saltado dentro, sob o coice das granadeiras. Rochetaille, á pressa, vestiu a batina e esperou, com uma paciência evangélica. Os dragões investiram como uma horda de bárbaros. Agarraram o padre na ponta das baionetas e cobriram-no de improperios.

— Desabafai-vos, filhos ! O velho sacerdote da religião do Crucificado sabe sofrer com paciência as fraquezas do próximo. O Onipotente que sirva de testemunha ás vossas ações.

Quanta nobreza e heroísmo nestas palavras, que lhe brotaram dos lábios, por entre as perfurantes armas dos sicários do rei ! Malditos sejam, por toda a eternidade, esses pequeninos déspotas, que, enfrnhados no seu manto de torpezas, não conhecem o que seja o pudor, a liberdade e a lei. O autor deste livro tambem ja se viu ameaçado pelos sabres e metido depois no fundo de uma masmorra ! No entanto, ainda hoje conserva o coração tão limpo, como nos primeiros dias da descuidosa infância. Não lhe griteis ser filáucia : ele precisa justificar-se. Quando, um dia, um pouco de terra cobrir o seu cadáver, em vez de lágrimas pronunciem apenas : « Foi poeta e sofreu muito ; as lutas da existência deram-lhe fór-

ça e entusiasmo : si não venceu, é porque o mundo favorece os fortes, e ai ! dos pequenos. »

E credes que essa apóstrofe do padre Rochetaille fez recuar os beleguins do rei ? Ah ! não ; pelo contrário, acendeu-lhes no peito a voragem da insolência. As baionetas transformaram-se em bastões e o ministro do Senhor foi espancado cruelmente. Cobardes ! O que levanta a mão para a descarregar na face de um preso submisso, é um bandido, merecedor de cadafalso. O preso, que não resiste, é um ente sagrado ; entretanto, si a lei o garante, os seus agentes o calcam aos pés. Desse modo, foi o padre Rochetaille, coberto de feridas e com a batina, de negra que era, transmutada em mortalha rubra, para ser conduzido á presença do príncipe d'Arlemont, como outrora o Cristo arrastado ao tribunal de Caifaz. O padre, si mostrava pelas contorções do rosto a agonia que lhe ia n'alma, denotava tambem a soberania do seu caráter, em uma resignação estoica. Seguiu com passo firme e ousado. Não respondia ao mais indecente sarcasmo, que, cuspidos pelos esbirros da lei, o ia ferir no íntimo da su'alma pura. Ainda a treva da noite obumbrava a face daquele céu, quando o mártir do dever penetrou nos muros do castelo de Saint-Pont, e subiu as suas longas escadas, para enfrentar-se com o monstro da realza, que o fitando sorriu. O padre Rochetaille, pela primeira vez, expeliu um gemido do âmago do peito. Torceu as mãos em sinal de mágua e sorriu tambem ; mas, o seu riso era o emblema do desprezo. E disse :

— Não me afrontas, tirano ! Ainda que não tivesses a justiça divina para te julgar, receia a cólera do mundo.

O príncipe nada respondeu. Acenou aos sicofantas, e eles se retiraram, deixando-o a sós com o sacerdote.

— Bem, sr. Rochetaille ! agora prosaremos a largas.

— Recuso. Um tipo da tua laia é indigno demais. Dirigires a palavra, por muito simples que seja, a um homem da minha estatura, é enodoa-lo.

— Estás afoito admiravelmente !.. Não sabes que falas com o príncipe d'Arlemont, agente secreto de Sua Ma-

jestade Luiz XIV, e governador da Provença ?!

— Por sabe-lo, é que me aventuro a dizer.

— Pois, obras mal. Tenho carta branca, e para te castigar a ousadia, ficava bem, que eu te mandasse pendurar na mais alta árvore da floresta.

— Estou ás tuas ordens ; chama os teus sequazes. Põe em prática mais esse crime invejado por Galígula.

— Não quero ; reservo-te melhor sorte.

— Dispensó.

— Refreia o orgulho. Vamos conversar.

— Serei mudo. A minha resolução é inabalavel.

— Não importa. Padre ! tu cometeste um crime de lesa-majestade : não respeitaste o teu príncipe, e como a serpente biblica, verteste a desarmonia no seio da sua familia. Aceleraste a morte de minha esposa ; induziste minha filha á prostituição : fizeste de mim um homem desditoso ; fôste revolver as cinzas dos meus antepassados. Sô a tua morte poderia lavar tantas manchas.

— Que horror, ó grande Deus !.. Como um assassino fala ! Como um réprobo calunia !..

— Mede as tuas palavras ; elas te poderão ser fatais.

— Para mim findou-se tudo. A minha pátria não é aqui ; eu antevejo-a longe e muito longe. Vês esta mortalha de sangue, que me envolve ?.. Fôste tu, Belzebú, que me a lançaste aos ombros. Si julgas que o destêrro, a prisão perpétua, o tormento ou a morte me intimidam, enganas-te. Eu ja não sou um vivo ; sou uma sombra... Vivo, trarei em sobressalto a tua vida torpe e criminosa ; morto, assombrarei o teu fantasma de chagal.

O príncipe d'Arlemont pensou por um minuto. Rochetaille, de pé, conservava-se imóvel diante dele.

— Sabes, ave do mal ! quem descobriu a tua perfidia ? Rochetaille fitava-o, sem balbuciar uma frase.

— Não me respondes ?! Queres que te ponha a pratos, para te obrigar á fala ?

— Cobarde ! treme ante o meu sangue derramado.

— O teu sangue !.. Que me importa o teu sangue ?

— Esta é a linguagem dos scelerados.

— Acabemos com isto : confessaste minha esposa ; casaste minha filha ?

— Sim. . . Podes desmanchar o que fiz ?

— Tanto posso, que desfiz. Um claustro e um túmulo que narrem a minha história.

— Muito bem ! . . Venceste o próprio Satan.

Uma gargalhada estridente, fria e terrível, ressoou numa ante-câmara. O príncipe d'Arlemont estremeceu desde os pés á cabeça. Rochetaille olhou em tórno de si. Então a figura sinistra do padre d'Avesnières surgiu diante deles ; o jesuíta tinha nos lábios um sorriso irónico.

— Ah ! desgraçado ! . . bradou o príncipe d'Arlemont... que fazias aí ?

— Ouvia-vos escarnecer de um santo homem.

— Quê ! . . E não foste tu quem me o denunciou ?!

— Engana-se V. Alteza. . . Eu não seria tão vil, que concorressé para o infortúnio de um justo.

— Um raio te parta, traïdor ignóbil ! .. trovejou o príncipe, descarregando, sôbre a mesa, um estupendo murre. . . Quer o céu desabe e a terra afunde-se, nem por isso te conseguirás salvar. Rochetaille está perdido ; irá mendigar o pão nos desertos de A'frica ; tu descerás ao pó donde te ergueste.

D'Avesnières soltou nova gargalhada, mais sarcástica e mais terrível que a primeira.

— Quanta ilusão, sr. príncipe ! Abater-me facilmente, será custoso. Sou vosso inferior ; mas, si quereis a luta, será a luta. Um de nós cairá vencido, e si tendes percepção, bem podeis avaliar que não sou eu.

Alberto d'Arlemont ficou aniquilado. Tinha resistido a todos os golpes, e muitas vezes com galhardia ; mas, este era insuperavel. . . D'Avesnières seu inimigo ! Como explicar semelhante acidente ?!

— Bem. . . disse por fim, com voz soturna. . . Conversaremos a vagar.

D'Avesnières fez-lhe uma longa cortezia e retirou-se, porém, repetindo :

— Ides condenar um sacerdote probo. O seu sangue



não deixará de gotejar sobre a vossa cabeça.

— O que resolvi, está feito. Ninguém insulta impunemente ao príncipe d'Arlemont.

Logo que o jesuíta desapareceu, o provençal voltou-se novamente para a sua vítima :

— Entendeste ? Não te dou a morte, mas, faço de ti um cadáver em busca de um pedaço de pão. Irás para a terra dos animais ferozes, conviver com eles e com os selvagens que não sabem o que seja pátria, lei e Deus.

— Pelo menos os tigres e as hienas terão piedade de um velho proscrito ; os selvagens respeitarão estas vestes de sangue ; o solo abrazado me oferecerá um leito, ja que a pátria me repeliu do seu seio. Lá, não encontrarei um outro príncipe d'Arlemont ; nenhum régulo se atreverá a cuspir no meu rosto. Irei catequizar aqueles infelizes ; dizer-lhes que há um Deus infinito e misericordioso, que premeia a virtude e castiga o vício ; ensinar-lhes, enfim, que no torrão fraocez, só vivem monstros.

O príncipe d'Arlemont não quiz ouvir mais ; tocou a campainha e a guarda apareceu.

— Levem este réu ; encerrem-no incomunicavel, e que o subterrâneo seja bem vigiado.

A escolta abalou-se ; Rochetaille, mudo como uma estátua, moveu-se lentamente. D'Arlemont não pode dormir ; o sono lhe fugira como que por encanto ! .. A passear continuamente do gabinete ao salão, esperou pelo romper da aurora. Queria conferenciar com o padre d'Avesnières, sem atropêlo. Ia jogar a última carta ; dessa vasa dependia a felicidade ou a ruína.

A's dez horas do dia, um piquete de cavalaria conduziu o padre Rochetaille para as prisões de Toulon, afim de que, o mais breve possível, o nobre sacerdote embarcasse com destino á Argélia. Logo que a tropa desapareceu com o prisioneiro, o príncipe d'Arlemont transmitiu ordens para lhe chamarem o jesuíta. Este não se fez esperar. O colóquio durou uma hora : estavam rompidos definitivamente.



## IX

### Um morto que fala

**H**Á dois mezes que o luto penetrara no castelo de Narbonne, sem que a condessa de Langeais cansasse de deplorar o filho, — quando uma scena, essencialmente maravilhosa, se operou para transmutar a face do drama. Desenhemos o quadro.

Era bem tarde. Uma noite brumosa, em que a neve se amontoava em flocos, infundia de mais a mais o tétrico pavor nos corações timoratos. Comtudo alguém, nessa hora adiantada e lúgubre, percorria o caminho que vai de Mantpellier a Narbonne. Aproximava-se do castelo da hispanhola; o passo do seu cavallo era pesado e lento. Parando em frente ao velho edificio, permaneceu indeciso por algum tempo, até que, dirigindo-se ao portão, pegou da aldraba e tangeu-a fortemente. Precisou repetir a operação muitas vezes, para ouvir, finalmente uma voz, que trémula perguntava:

— Quem diabo bate a esta hora? Julga que aqui existe alguém de ferro, para romper a invernada, sem lucro nenhum? Anda transviado? Não tem em que se ocupe?!

— Abre o portão, tratante!.. Não insultes, sem saber a quem... respondeu o desconhecido.

— Como?!.. gaguejou a voz do interior.

— Abre este portão, malandro!.. Não me façás perder a paciência, que ja é bem pouca.

— Santo Deus ! . . replicou o guarda-portão . . . Nem a alma do defunto conde de Langeais imitaria tão perfeitamente á sua voz ! . . *Ab-renuntio* . . .

— Então, me queres deixar eternamente do lado de fóra ? Isto é coisa que se agüente ?

— E quem é o sr ? . . Diga o seu nome, para eu abrir o portão, sem o mínimo receio.

— Não tremas, pusilânime ! Aqui não existe quem te engula ; abre o portão e logo me reconhecerás.

— Os ladrões também falam assim.

— Mas, não os mortos, como avalias no teu bestunto.

O medroso servo emudeceu, ouvindo esta razão. A muito custo abriu uma pequena fresta, e por ela fez introduzir-se um raio de luz. A claridade deu em cheio no rosto do desconhecido. Este soltou uma gargalhada de escárneo ; o guarda-portão deu um grito de horror e caiu para traz. Tinha desmaiado ao peso do assombramento.

— Maluco ! . . monologou o desconhecido . . . Serás a vítima da própria ignorância.

O portão escancarou-se, impellido pelo vento ; o recém-chegado não mais se deteve e penetrou no jardim. Levou a sua mão gelada pela frieza da noite ao coração do fámulo e notou que o músculo não palpitava. O mísero laçaiio tinha todos os sinais de um morto.

— Vá mais este desastre por conta das minhas aventuras... resmungou ele, fazendo uma cara de desgosto... O' superstição enorme ! de quantas desgraças tu és autora !

Olhou o seio das trevas, como quem sonda uma saída, e continuou :

— Não devo ficar aqui, vigiando este cadáver ; preciso encontrar-me com um vivo.

Puxou o cavallo pela rédea, e depois de o prender a uma árvore, deu de marcha, em busca do castelo. O maior silêncio reinava, apenas interrompido pelo cicio monótono do granizo sôbre a folhagem da vegetação. Chegando o viajante ao pé do velho castelo, verificou que a porta principal se conservava semi-aberta ; impeliu-a e entrou cautelosamente.

A treva impenetravel infundia receio e quási que obstava uma orientação. O desconhecido avançou, tateando naquele espaço vazio, até que junto á parede encontrou uma corda dependurada ; puxou por ela. Uma badalada soou estrepitosamente, espancando aquele silencio de morte. Mais outras se repetiram. O desconhecido esperou. Algum tempo depois, ele percebeu pisadas ; o clarão de uma lanterna lhe veio exprimir a realidade. O dr. Fabre de Liancourt, armado de carabina, acudia ao lugar requerido. O incógnito tossiu fortemente para dar sinal de si. Logo que o médico o poudo divulgar com precisão, parou súbitamente. Levantou a carabina ; mas, ficou vacilante em apontar, esperando talvez uma palavra ou um gesto do desconhecido.

— Até tu, Fabre?! .. gritou o viandante, com voz muito distinta.

— Eu não creio em almas ; mas, é possível que sejas o conde de Langeais?! .. disse o médico, baixando a arma.

— Vivo e são, como me vês. Aproxima-te de mim ; estende o braço, apalpa estas carnes, faze-te de S. Tomé.

— Será um sonho! ..

— Não, incrédulo ! E' a pura realidade.

O dr. Fabre avançou com ânimo. Avizinhou-se do interlocutor ; examinou-o detalhadamente á luz da lanterna e deu um grito de alegria.

— Como isto é extraordinário ! .. Quem o creria, si eu contasse a alguém. Vem cá, meu amigo ! .. Tu, que eras morto, ressuscitaste para mim.

Os dois homens se abraçaram delirantemente ; choravam como crianças. Ricardo de Langeais reaparecia como desaparecêra. Não obstante, o médico ainda descreia.

— Quê ! E's tu mesmo ?! Tu, o conde de Langeais, a vítima do crime, o precito em demanda do amor ? Si és o meu amigo, fala ; narra-me as tuas aventuras ! ..

— Repele a dúvida ; eu não sou um dogma religioso. Vaguei como uma sombra ; caí, mas soergui-me do próprio sangue, qual a imagem da Fé.

— Bravos ! Si eu não tivesse descrido de Deus, susten-

taria agora a sua existência com todas as forças do entendimento.

— Sempre o mesmo !

— A minha razão o manda.

— Deixemos de lado estes teoremas. Fala-me antes, de minha saudosa mãe, de minha cândida Ivette.

— Si tu souberas como elas padecem, terias renunciado, há muito, esse amor fatal.

— Cala-te, Fabre ! Não queiras abrir esta ferida que continúa a sangrar dentro do meu peito. Ninguém, sôbre a terra, poderá sofrer mais que o conde de Langeais.

— Faço-te a vontade ; mas, esse amor. . .

— Que tem ?

— Dará contigo na sepultura.

O conde ficou pensativo. Sacudindo então a cabeça, como si quizesse afastar uma idéa terrível, disse :

— Como verei minha mãe, sem que lhe cause no espirito uma comoção ?

— Deixa a meu cargo ; desempenharei o papel. Pedes ver quanto antes, mas, ao bravo Perrique.

— Ah ! esse ingrato ! Deixou-me ao abandono ! Eu não sei em quem acredite mais. Tudo se conspira contra mim. Tenho medo até da água, que me estanca a sede.

— Não sejas leviano.

— Porque ?

— Maior amigo do que Perrique, tu nunca tiveste.

— Devia se-lo.

— E é. . . não duvides.

— Então, porque fugiu, quando o perigo avançava ? !

— Vives enganado : tanto mais que S. Pedro negou o divino Mestre, e ninguém o considera infame.

O conde esboçou um sorriso e retorquiu :

— Sempre o motêjo nos teus lábios ! .. Fazes bem : tu nunca sofreste, e portanto, não precisas de Deus.

— Ufa ! como vens beato !

— Protesto : deismo não é carolice.

— Concordo, e subamos que preciso representar o ato. Deve ser interessante o papel que idealizo. . . Que

prazer para todos eles, — os grandes desconsolados! . . .

Galgaram as escadas, e ainda não tinham transposto o limiar, quando o conde de Langeais estacou, deu uma palmada na testa e disse com o aspecto sombrio :

— Ah! desazado que sou! Tinha-me esquecido dele.

— Dele, quem?

— Daquele infeliz que dorme o sono da morte, junto ao portão do jardim.

— Quê! mataste alguém? . . . e o médico fez luzir nos olhos o espanto formidável.

— Não. . . Deus me livre de semelhante crime. . . Ele morreu por si.

— Mas. . . ele, quem? . . . Estás louco! . . . Tens-me falado enigmaticamente.

— Refiro-me ao pobre guarda-portão. Entendes?

— Como foi isso?

— Ao reconhecer-me, julgou que tratava com uma alma do outro mundo e caiu redondamente.

— E esta! . . . Vamos ve-lo; talvez seja um delíquio e ainda terá remédio.

— Pode ser. . . mas, eu duvido.

Imediatamente voltaram e viram então o desventurado fámulo, que jazia no mesmo lugar, com todas as feições de um cadáver. O médico tomou-lhe o pulso; levou a mão ao seu peito esquerdo e disse vitorioso :

— Ainda vive; foi unicamente o pavor que lhe suspendeu o sangue nas veias.

— Antes assim.

— Vamos carrega-lo para o seu cochicholo.

Agarraram-se àquela massa inerte e a conduziram para a cama. O dr. Fabre apressou-se em fazê-lo tornar à vida, e pôde consegui-lo, sem grande dificuldade. Logo que o fámulo deu acôrdo de si, espraçou um olhar de assombro e gritou angustiado :

— Era ele; não me enganei! A sua alma voltou. « Creio em Deus padre, todo poderoso, criador do céu e da terra.

Não continuou a sua oração, porque o médico, olhando para o conde de Langeais, sorriu e comentou :

— Está delirando. . . Pobre homem ! Quanta burrice !  
O guarda-portão ainda não tinha visto o seu fantasma ;  
assim que o percebeu á cabeceira do leito, deu novo  
grito de horror e principiou a tremer com tanta violên-  
cia que os dentes batiam como os de um sezonático.

— Não te assustes, palerma ! .. bradou-lhe o médico...  
E' o conde de Langeais vivo e são, quem aqui enxergas.  
Toca-lhe com o dedo ; examina por ti.

— Isto é sério, dr. ?

— Já me viste mentir ?

O miseravel tomou fôlego e serenou rapidamente.

— Fica-te aí ; temos que fazer.

E desapareceram antes que o servo tivesse ensejo de  
pronunciar mais palavra. O dr. Fabre, apenas se viu com  
o conde no salão do castelo, apontou-lhe uma cadeira.

— Senta-te, enquanto vou preparar a scena.

O conde de Langeais obedeceu prontamente. O médi-  
co dirigiu-se ao quarto de Perrique ; este dormia. Fabre  
tocou-lhe brandamente no ombro ; o holandez despertou

— Que me queres ?

— Conversar-te. Tenho muito que dizer : novidade al-  
ta e que não podes imaginar.

Perrique não indagou mais nada. Sentou-se no leito  
e escutou.

— Si eu te communicasse uma noticia agradável, com  
referência ao conde de Langeais ?

— A única noticia que me poderia sobressaltar, é, si  
me disesses que ele vive. . . Isto é impossível !

— Quem sabe ! . .

— Eu só acreditaria, si lhe tocasse o corpo com a pon-  
ta do meu dedo ; si o estreitasse nos meus braços. Isto  
é impossível ! . .

— Quem sabe ! . .

Perrique Van der Helst deu uma risada a contra-gosto  
e ficou meio desconfiado que o médico estivesse doido.

— Não te rias ; o caso é sério. . . replicou o dr. Fabre.

— Pois, bem : dize-me tudo.

— Si agora eu te conduzisse ao salão, e te mostrasse o

conde sentado na poltrona e de perfeita saúde ?

— Creria. . .

— Então, acompanha-me.

— Fabre ! deixa de graças. Com os mortos não se brinca, e principalmente com aquele.

— Tu me ofendes, pois me julgas capaz de uma zombaria. Falo sério, e para te desvanecer o modo de pensar, é necessário que me sigas.

— Estou pronto : não seja este o embaraço.

E Perrique saltou do leito. Intrigado acompanhou o médico ; mas, chegando á porta, que dava acesso ao salão, parou súbitamente e empalideceu.

— Tremes tambem ?!

— Não é o medo que me assalta, e sim, a confusão que se apoderou de mim.

O conde olhava este quadro, com admiravel fleugma. Fabre de Liancourt interveio e disse a Perrique :

— Que fazes ? Porque não abraças teu irmão ?

— Meu Deus ! isto é possível ?! . . tartamudeou o flamenço e em seguida avançou como doido.

O conde de Langeais ergueu-se. Abraço mais fraternal, mais significativo e mais jubiloso nunca foi concedido a olhos humanos contemplarem. Só Ulisses, regressando aos penates, conseguira imita-lo. Perrique sentou-se numa cadeira, quási desfalecido ; o coração palpitava, como si quizesse saltar pela bôca. E Ricardo de Langeais, sempre inabalavel, tinha um sorriso nos lábios. A sua palidez recente tomava maior vulto ao reflexo das luzes. O médico investiu sôbre Perrique, balanceou-o pesadamente e disse :

— Queres representar o papel das mulheres ? Fraquejas ? Precisa morrer um, quando o outro ressuscita ?!

— Não me pude dominar ; a emoção foi enorme.

— Desperta : sê homem como sempre o fôste.

Esta apóstrofe, tão veemente e rude, obteve o almejado êxito. O holandez voltou-se para o conde e travaram animadíssimo diálogo ; em pouco tempo eram reciprocamente senhores dos segredos. Ricardo de Langeais



relatou-lhes as mais fúteis minudências. Explicou de que modo desaparecera depois da luta com o príncipe d'Arlemont, crivado de balas e punhaladas, reduzido á condição de cadáver e deposto no andar térreo do castelo. Disse ainda, que se conservava no aparente estado de morte, quando, no dia seguinte, ao despertar pela manhã, se viu numa cama de relvas, cautelosamente escolhida no seio dos bosques. Junto a si velava um homem: era o negro de Loanda. As feridas já não sangravam; mas, uma fraqueza intensa lhe tolhia os membros. A cada movimento que tentava fazer, as dores eram agudas, e ele gemia obrigatoriamente. Adormeceu de novo, e sem coragem de dirigir uma única pergunta. Assim decorreram quatro dias entre a vida e a morte; no fim deste prazo considerou-se salvo e quiz saber da verdade, visto que se mantivera, até então, numa espécie de torpor, que lhe tirava a própria consciéncia. O negro foi pressuroso em lhe avivar a memória, e desta fórma entrou ele no conhecimento dos fatos.

— D'agora em diante. . . acrescentou Ricardo de Langeais. . . não falarei de oitiva, e sim, no perfeito gôzo das minhas faculdades. Quando acordei para a vida, disse-me o negro de Loanda: « Conde! o bruto também sabe ser agradecido; vós me livrastes da morte. . . eu procedi igualmente. A vossa vida teria termo sob as garras daquele monstro; alta noite, introduzi-me como o gatu-no, carreguei-vos ao ombro e fugi comvosco. Estais salvo; agora, a convalescença. . . depois, ide-vos em paz e salvai-me também ». Ouvindo esta revelação, levantei as mãos para os céus, em sinal de graça, e logo, como prova de reconhecimento apertei a mão do negro, e creio mesmo que a beijei. Vinte dias depois, parti com ele para Marselha; uma vez aí, ócultei-me e dei-lhe trezentas libras tornezas, dizendo: « Toma. . . Isto nada significa; mas, consola-te. Eu, que mais posso fazer, si, além desta quantia, não possuo um único *liard*?! . . E's livre; embarcarás para onde quizeres. Desejaria que morasses comigo, e de ora em diante fôsses meu aliado

na campanha que tenho de travar; tu não o queres. E's senhor da tua vontade; faze o que te fôr agradável». « Obrigado. . . » balbuciou o negro, enxugando os olhos. Abraçamo-nos em seguida e ele partiu. Enquanto o africano tornava á sua pátria, eu voltei sôbre os meus passos, procurando a esposa, e foi baldado; ninguém me soube esclarecer o seu destino! . .

O conde de Langeais calou-se. O seu segredo fôra narrado com fidelidade. O médico estava pateta: não sabia verdadeiramente como se saísse, para declarar á velha condessa e á filha, que Ricardo de Langeais vivia. Procurou a sua flauta de ébano e desferiu-a, executando uma linda sinfonia — *A derrota dos suíços*. Perriquet, ouvindo essa música, sentia-se entusiasmado; o conde experimentava sensações indescritíveis. A lembrança de Fabre surtiu o efeito desejado. A condessa de Langeais despertou. A sua primeira impressão foi toda sentimental. A saudade do filho morto retratou-se-lhe na alma, com todas as côres da agonia. Desatou a chorar. Ivette atentou nos soluços e ergueu-se. A pobre mãe, sentada no leito, com a fronte pendida para o seio e os cabelos em desalinho, — debatia-se na plenitude da má-gua. Ivette empurrou a porta do seu aposento, que, meio cerrada, deixava escapar uma réstea de luz. Ao ruído, que fez a porta rodando nos gonzos, a condessa ergueu a cabeça.

— Mãe! que fazes? . . disse a filha compungida.

— Choro por teu irmão. Não sei que idéa foi essa! Aquella flauta me despertou na alma todos os sentimentos lúgubres.

— Realmente, notei isto! Desde que o luto avassalou este castelo, não mais se ouviu o som de um instrumento. Que significa tamanha excentricidade? Porque, a estas horas, Fabre nos veio acordar com a sua flauta?! . .

— Tenho um pressentimento. Alguma coisa de anormal succedeu ao nosso médico.

— Quero desvendar o mistério. . . e Ivette voltou-se com prontidão.

— Aonde vais? . . . interpelou a condessa.

— Ao salão.

— Não te demores ; tira-me desta canseira.

O dr. Fabre pressentiu passos no corredor e acenou ao conde para se ocultar num quarto. Quando Ivette assomou á porta, o médico conservava toda a fleugma. Perrique tinha nos lábios um riso de satisfação.

— Fabre ! . . . disse a vírgem, com suma curiosidade. . . qual o motivo de tanto regozijo ?!

— Ah, minha querida ! si soubesses como estou alegre, compartilharias da minha felicidade.

— Quem me dera que fôsse a inspiração te iluminando a alma.

— Talvez ! . . . Olha, como Perrique sorri ! . . . Ele é feliz igualmente.

— Jesus ! Há um mistério em tudo isto ! . . .

— Nenhum. . . respondeu Fabre de Liancourt.

E, depois de pequena pausa, acrescentou :

— Desejavas abraçar Ricardo ; ve-lo de perfeita saúde ; conversar com ele ?

— Ai, que proposta ! . . . Tenho um desejo santo ; mas, ele marrerá comigo.

— Efetivamente seria assim, si Ricardo estivesse morto, como se julgava ; mas, sôbre a terra enganamo-nos tantas vezes ! . . . Há tantos juízos falsos ! . . .

— Queres transtornar-me a bola ?! Não te compreendo. Explica-te, por misericórdia.

— E' muito fácil. Afirmo-te, com fé de verdade, que Ricardo vive.

Ivette emudeceu, tão grande foi a surpresa. O médico continuou :

— Tu o queres ver ? Não te assombra ? Não desmaias ?

— Si é possível, mostra-me o ressuscitado. . . respondeu a irmã do conde, sempre duvidosa das palavras do médico.

Fabre de Liancourt estendeu a mão á donzela e conduziu-a até ao quarto. Ricardo tinha ouvido tudo e estava ansioso. Avistando-se os dois irmãos, um grito de

alegria irrompeu dos lábios de Ivette, e ela arrojou-se nos braços do conde, beijando-o com um frenesi de louca. A comoção foi enorme, e os dois verteram lágrimas de contentamento. Faltava vencer, agora, a última barreira. Era necessário predispor a condessa-mãe á noticia, porém, sem lhe vibrar no espirito um golpe violento. O médico tomou a si o delicado encargo. Introduziu-se, acompanhado da noiva, na câmara da solícita matrona, e sem mais rodeios, principiou :

— Condessa ! o nosso regozijo é imenso. Perdestes um filho, e entretanto, aqui estamos para vo-lo entregar, como ele desaparecera da vossa vista.

— Eu só acreditaria. . . contestou a hispanhola, toda convulsa. . . si o visse com estes olhos e lhe tocasse com estas mãos.

— Si a dúvida é esta, tereis o desengano agora mesmo. A condessa olhou fixamente para sua filha :

— Isto é real, Ivette ?

— Sim, mãe ! Eu tambem não o cria ; mas, fui desiludida. Vi-o e abracei-o.

Brunilde de Langeais não esperou por mais : saltou do leito, com os olhos a lhe brilharem nas órbitas.

— Quero ve-lo tambem. . . exclamou com voz sumida.

— Ricardo ! . . gritou o médico.

O conde apresentou-se imediatamente.

— Bemdito sejas, ó Deus de misericórdia ! . . gemeu a condessa, divisando o filho, e voou sôbre ele como quem se despedaça.

Comprimia-o nos braços, beijava-lhe as faces, chorava ardentemente e ria ao mesmo tempo.

— Tu és o meu filho ! Tu, que eu reputava morto ? ! . .

— Sim, querida mãe ! . . Sofri muito, mas, não desapareci no fundo do precipício, nem envolvi o rosto nas dobras da mortalha.



## X

### A leitura de um manuscrito

**F**oi uma noite feérica e que se passou rápida como o fuzilar de um relâmpago ! A condessa parecia ter rejuvenescido dez anos. As rugas da sua fronte se desanuviaram maravilhosamente. Ricardo de Langeais recomeçou as suas narrativas ; ninguém se satisfazia em ouvi-las uma só vez. Depois de ter explicado tudo, e com a maior precisão, revelou ainda :

— Eu sou vivo unicamente para os que me ouvem nesta ocasião ; o público que continue a me julgar defunto. A minha causa não ficará abandonada ; sou a vingança de ora em diante. Jamais me apanharão como um tolo. O sr. príncipe entende que completou o seu drama. . . e ai ! do desgraçado que também se deixou enganar !

— Meu filho ! .. disse a condessa em ar de repreensão... Ainda estas idéas malditas ! Tu, pelo que vejo, tentaste amargurar o resto dos meus dias e realizarás a obra.

— Perdão, boa mãe ! A minha causa está perdida ; mas, ainda não a entreguei a Deus. Heloisa sofre, e não posso, nem a devo abandonar á cólera do pai. Ela sacrificou-se por mim, e jurei acompanhá-la ao túmulo.

— Seja feita a tua vontade.

— Sim ; é preciso que todos deste castelo compreendam : a partir de hoje, serei apenas *Leopoldo, o Campeão*.

— Que alcunha retumbante ! . .

- Ela condiz perfeitamente com o meu intuito.
- Então, que pretendes fazer?
- Procura-la pelo mundo inteiro e vingar-me.
- Procura-la, quem? A tua pessoa?!
- Não; ainda não estou louco... Procurar Heloisa d'Arlemont, a minha infeliz esposa.

A condessa tornou-se pensativa. Ivette conservava uma expressão de dor. O conde de Langeais, mudando inteiramente de assunto, puxou da algibeira do casaco um maço de papel, bastante amarrotado e tinto de sangue. Abriu-o e mostrou finalmente um lindo caderno, còr de rosa.

- Que é isto?.. interrogou Fabre de Liancourt.
- São as **Memórias** da princeza d'Arlemont.
- Ah! ela te as confiou?
- Sim; no leito da morte, para que, um dia, eu as lesse a Heloisa. Conservei-as sempre na minha algibeira, e tive a felicidade de não as perder: os assassinos esqueceram-se de revistar-me.
- Queremos ouvi-las; devem ser interessantes.

O conde de Langeais tomou fôlego e encetou a leitura:

### MEMÓRIAS DO SEPULCRO

« Nasci num dia de luto. A natureza parecia agonizar. Enquanto os relâmpagos fuzilavam no espaço e a tempestade se desencadeava terrível e devastadora, cá na terra, no solar de meus pais o quadro era ainda mais tétrico e monstruoso. Meu pai gemia no leito da morte; uma estocada no seu peito esquerdo sangrava demasiadamente. Batêra-se e fôra ele a vítima da desgraça. Tão profunda e compungente era esta scena, em que o sudário da fatalidade envolvia uma família inteira, que a minha desolada mãe, impelida pelo sofrimento moral, logo se viu torturada com as lancinantes dores do parto, e eu nasci. Nascendo eu, disseram-me depois, que chorava com tal agonia, como quem compreende o alcance do horroroso. Poucas horas após, meu pai era um cadáver. Assim desaparecêra o duque de Provins, sem

que pudesse dar o beijo da despedida em sua inocente filhinha. Minha mãe lutou com a morte ; mas, venceu por fim. Queria viver para mim ; tinha um berço, surgido á margem do infortúnio e que exigia a maior solicitude. Isto foi a 12 de Dezembro de 1654.

« Os meus primeiros anos correram venturosos, si a ventura consiste na inocência, num beijo de mãe, ardentemente deposto sôbre a nossa face. Cresci e aos oito anos de idade entrei para um convento. Era preciso cuidar da minha educação, e uma duqueza sem fortuna e sem pai, entregue á ignorância natural e aos preconceitos do século, é o que existe de mais deploravel. Ja que minha mãe não tinha um dote para me legar, afora um castelo em ruínas e na provincia, queria elevar-me a outra fileira, enriquecendo-me o espirito com a instrução, tão apeteçada pelos homens. Partindo para o convento, chorei com desespero, e minha mãe tambem. Primeiras lágrimas ! Primeiras núvens no céu da existência ! . .

« O centro a que me recolhi, só tratou de incutir-me doutrinas erróneas, fundadas nos mais torpes absurdos ! Isto, conheço hoje. No entanto era impossivel desejar mais ; o século não consente um passo adiante. Até aos 14 anos fui supersticiosa por convicção. Nessa época voltei para o meu velho castelo. Ia ficar inseparavel de minha querida mãe. . . Que regozijo me invadiu a alma, sopeada ao látego religioso ! Parecia-me que tanta felicidade se prolongaria indefinidamente. Aí, retirada do mundo, sem outra aspiração, que praticar a virtude, — eu ignorava o que fôsem a vaidade e a ambição. Ninguém diria ser eu uma donzela da nobreza. Pompas, festas, bailes, illusões, não me povoavam a mente. Olhava o mundo por outro prisma, qual não o enxergo hoje. O orgulho não borbulhava no meu peito. Eu tinha beleza e podia garantir que fascinava, sem procurar a ostentação. Os camponeses me adoravam, porque sempre com a mão estendida eu lhes procurava enxugar as lágrimas e tinha gáudio em saciar a fome dos miseráveis. E' tão doce viver assim ! Em breve tempo minha mãe resolveu

introduzir-me no mundo aristocrático. Era preciso ser conhecida, e dizia-me ela :

— Não ; uma duquesa não pode ficar na penumbra.

« Eu calei-me e obedeci ; mas, aquilo constrangia-me tanto ! O primeiro sarau que fui assistir, impressionou-me bastante. O conde de Ligny, meu primo legítimo, festejava o aniversário natalício de sua filha mais velha — Berta de Chatillon. O caráter desta moça era, em tudo, diferente do meu. Ela, mais jóven do que eu, um ano, podia chamar-se o tipo da sedução. Sabia fingir, e o engano se lhe constituia um desses incomparáveis passatempos, que fazem o verdadeiro encanto da mocidade. Jurava um amor eterno a todos os seus adoradores, e por fim escarnecia desses tolos que facilmente se embriagavam com um simples sorriso. O sarau foi esplêndido ; mas, eu senti o desconhecido me ferir a alma. Encontrei-me, pela primeira vez, com o meu primo Alberto d'Arlemont, filho da Provença, e que em casa do conde de Ligny desfrutava a vida, durante aquela época. Ele contava os seus 20 anos de idade. Alto, majestoso, de olhar expressivo, veemente na conversação e agradável na intimidade, sabia atrair involuntariamente. Dançámos por diversas vezes, e eu pude notar, sem descobrir a causa, que o meu coração pulsava com violência. Alberto, no momento em que eu me despedia dele, apertou-me a mão com docilidade e balbuciou-me ao ouvido uma palavra misteriosa. Fiquei extática e pensativa.

« Uma noite, pelas sete horas, estava eu preocupada com a leitura de um opúsculo científico, quando senti que alguém batia á porta da escada. Não esperei pelo criado, fazendo as suas vezes. Qual não foi, porém, o meu enleio ao reconhecer Alberto ! . . Ele trajava de luto e exprimia no semblante uma dor aguda. Dei um grito involuntário. Depois corei da minha leviandade ; dantes me fôra impossível refletir.

— Meu primo ! . . disse-lhe eu mais tranquila . . que sentes ? Vejo-te tão triste ! . . No teu aspecto percebo a sombra de um desgosto imenso ! . .



— Sim. . . gemeu ele. . . sou muito desgraçado.

— Que fatalidade devastou os teus sonhos ?

— Meu pai ! meu caro pai ! .. e não pode acabar ; as lágrimas rolavam-lhe quatro a quatro pelas faces pálidas.

« Eu emudeci perante aquele quadro tétrico, que me confrangia o coração. Esperei no maior silêncio, até que ele continuou :

— Eu ja não possuo um pai, a única delícia, a maior esperança da minha mocidade, crestada ao sol do desalento ! Morreu ! .. Como todos os mortais, subiu a prestar contas ao Todo-poderoso. Que fatalidade, prima !

« Disse-lhe quaquer coisa, afim de fortificar aquele coração magoado. Sei que tristes foram tambem as minhas frases, porque chorei, apoderada de um sentimento lúgubre. Nisto, appareceu minha mãe. Alberto beijou-lhe a destra e relatou as suas desditas. Novas lágrimas ; novas palavras de consolação. Duas horas depois, ele se retirava. Ao despedir-se de mim, furtivamente introduziu-me na mão um papel, que logo tratei de ocultar. Quando me recolhi á alcôva, o meu primeiro cuidado foi examina-lo detidamente. Era um bilhete : lacónico, mas, que dizia muito. O amor, quando profundo, descobre em cada página um poema sensacional. Posso dizelo : eu amava Alberto d'Arlemont. E logo incendiada na mais lúcida visão principiei a ler esse talismã. Dizia :

« Querida Laura !

A planta do deserto, amesquinhada pela sombra, pede luz e orvalho. Tu surgiste como o sol do Levante, espargindo na minh'alma triste um raio de pureza. Não negues ao proscrito um gôzo que lhe resta. Si soubesses como no turíbulo do meu peito arde a chama do amor... ah ! tu serias piedosa e meiga ! .. Sou moço ainda ; tu és bela. . . amemo-nos.

ALBERTO D'ARLEMONT. »

« Menos do que isto fôra bastante para arrebatarme nas azas da ilusão. A mocidade é um sonho, cujo despertar é a velhice. Que embriaguez suave me envolveu

no seu manto de esperanças! Como senti, então, vida no peito e o cérebro se abraçar em mil quimeras!.. Tudo me parecia seduzir a alma. .. Si os regatos sussurravam, o campo rescendia em flores, a solidão dormitava taciturna e o gorgueio dos plumosos cantores da natureza embelecia os bosques, — eu me extasiava, como quem folheia o idílio da ventura. .. Esses dias foram-se; hoje, o que me resta, é uma lembrança pálida, eivada de saudades doloridas. Por enquanto cerremos o reposteiro dessa ante-câmara sombria, e continuemos a retocar a tela, já uma vez exposta. Em breve tempo eu era a noiva de Alberto. Seis mezes após o sarau do conde de Ligny iam celebrar-se as nossas núpcias. Eu era pobre; jamais poderia ostentar em face da nobreza. Mas, os preconceitos da nossa sociedade são muito poderosos para que se perdôe a uma duquesa tamanha penúria. No nosso velho palácio tudo se transformou. Alberto queria mostrar-se condigno da aristocracia que o contava como um dos seus favoritos. Gastou como um nababo. Todo aquela pompa devia desaparecer como o perfume das flores. Mas, que importa?.. O mundo treloucado e fátuo não enxerga essas coisas; o que lhe serve é o desvario estridente. E assim foi. Quinze noites consecutivas o castelo dos meus antepassados estremeceu sob os pés dos lépidos convivas. Mais de um fidalgo, no auge da embriaguez, brindou o fausto e o prazer, como si eles fôsem inseparáveis por direito natural.

« Examinando a minha conduta nessa época, confesso que uma loucura se tinha apossado de mim. As vestes de inocência rasguei-as, sem que me passasse na mente a convicção de tal crime. Quanto é triste o meu epitalâmio!.. Não sou fatalista, embora a minha educação me convidasse para o culto. Comtudo, há certas passagens no rodopiar da existência, que nos fazem scismar sôbre elas. Na última noite do meu esponsalício, quando já todos se mostravam saciados de prazer, e eu idealizava um futuro magnífico, minha mãe vacilou nas profundezas de um tûmulo!.. Terrível coincidência!

Surgindo eu do invólucro misterioso da vida, meu pai desaparecia, envolto num lençol de sangue ; trocando eu a capela de virgem por um leito nupcial, minha mãe voava também para as regiões do ignoto !.. Isto foi horrendo... desanimei completamente. Tornei-me hipocondríaca e frágil, por uma predisposição. Tratei de abandonar, quanto antes, aquelas paragens que me gravavam na alma tantas recordações pungentes. E não sei como parti ! Aí ficavam entregues á mudez dos túmulos, dois entes, — sagrados para mim. . . Mas, si era preciso fugir logo !.. Desprezar essas saudades, que se erguiam ante mim, como um cortejo de fúnebres convivas !.. Partii, emfim. O pranto sufocava-me a garganta. Alberto a derramar lágrimas sinceras, diligenciava enxugar as minhas com os seus beijos de fogo. Em seguida implorou :

— Laura ! não chores mais. Em breve verás a Provença, onde te reservo os mais deliciosos encantos. Ânimo !

— Não. . . respondi, com a susceptibilidade do meu ser. . . Nunca senti prazeres, e de ora em diante posso dizer com convicção : acabou-se tudo !..

— Tu desvairas... Também não perdi um pai ? No entanto, o bálsamo da fé se me verteu no peito. Choras tua mãe e assim cumpres o dever de filha ; mas, lembra-te que essas lágrimas foram outrora derramadas também por tua mãe em memória de teus avós. Coragem, Laura !..

« Isso consolou-me um pouco. Apressei-me em secar o pranto. Quando cheguei na Provença, fui hospedar-me no solar do conde de Talavera, jóven fidalgo hispanhol, que, em companhia da condessa, aqui residia, há mezes, usando dos banhos termais. Que boa gente ! Como procuravam os mais inocentes brinquedos, para me arrebatarem dessa melancolia, que desde então me acompanhava ! Transportei-me, dias depois, para o meu castelo de Saint-Pont. Encontrei uma verdadeira côrte, pronta a satisfazer-me em tudo. Assim, foram pouco a pouco se apagando da minha mente aquelas impressões ltuosas, e recobrei alguma paz. Só nunca foi possível se

extinguir totalmente ou se transformar de algum modo, este humor sombrio, que involuntariamente me repele dos grandes centros, onde o prazer fulgura na sua amplitude. Em pouco tempo os cortezãos invadiram o nosso lar, até que se tornaram necessários á nossa sociedade. Acostumei-me ao incenso; entreguei-me ás mais frívolas diversões. Si eles banquetevam, eu assistia-lhes ao lado de meu esposo, sem que comprehendesse o efeito da causa. A virtude, muitas vezes, não é mais do que um mixto. Quando me perpassa na intelligência a fria realidade dos sofrimentos do povo, sinto o coração estremecer de angústia. Uma voz secreta balbucia-me certas frases, que são, por essência, o dogma do passado a se confrontar com o presente. Nós, que somos grandes e vivemos embuçados no fausto e no orgulho, divertimo-nos, enquanto o mísero plebeu se extorce nas agruras do infortúnio, á cata de pão que lhe sacie a fome, de amor que lhe embriague o peito e de um tecto que o resguarde das intempéries sucessivas.

« Hoje, destino tão somente um riso de bondade para os infelizes, um óbolo para os famintos e o ódio para todos os egoístas e tiranos. Não julguem os vindouros que a ostentação e a hipocrisia são os dois agentes que me instigam a declarar-me assim. Os meus atos do presente comprovam as minhas asserções. São eles o tribunal, em que sobranceira me apresento, para ser julgada.

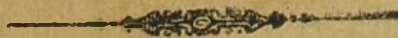
« Continuemos a desenvolver o drama da minha existência. Talvez ele encontre nos corações bem limpos um lugar embalsamado pelas auras da piedade, que lhe fortaleçam a fé adormecida. E' um cántico de morte. . . tão fúnebre como o soluço da agonia. A 5 de Outubro de 1670, pelas trez horas da madrugada, veio um ser, o gérmen do amor, despertar na minh'alma uma sensação inteiramente desconhecida para mim. Eu era mãe, pela primeira vez. . . Essa criança, mais tarde Heloisa d'Arlemont, tornou-se o lenitivo das minhas aflições, a alegria do solar de seus pais... Como Alberto se inebriava horas inteiras em contemplar aquele anjo, adorme-

cido no seu berço de inocência ! Cuidei de ser mãe e não madrasta como as mulheres da nobreza. Parece que Deus não velou sobre aqueles corações empedernidos, que não sabem o que seja o amor materno, — essa pirâmide de todas as bondades ! . . . Zelei aquele berço ; amamenteei essa criança. Com o meu sangue inoculei-lhe todos os afetos do meu ser.

« A criança foi feliz e entre os sorrisos de um povo chegou a ser mulher. Educou-se nos princípios da mais sã moral ; bebeu em longos haustos a sciência de muitos séculos. Carinhosa e meiga, participava das misérias do indigente, qual si pertencêra a ele. Praza aos céus, que assim se conserve sempre, pois, nada enodôa mais uma mulher do que essa ferocidade e esse egoísmo, próprios dos bandidos e das almas aviltadas. Não amava ainda, e nisto se resumia toda a sua glória. Amar com desigualdade é o mais terrível dos tormentos, sinão o mais nefando dos crimes. Eu lhe dizia muitas vezes :

— Minha filha ! um dia, quando amares, porque isso é uma das leis da natureza a que nenhum mortal se subtrai, — confia-me as tuas impressões. Olha-me como uma amiga, pois, sou tua mãe e ninguém melhor te encaminhará para o bem. Tu tens instrução, e a filosofia te aponta a estrada do dever. Não te arrojes no insondavel, porque depois, para sair d'aí, não há forças humanas que operem tal milagre.

« E ela me ouvia com uma atenção religiosa. Eu confiava. . . e creio que não fui iludida nos meus sentimentos de mãe. »





## XI

### A soberania do despeito

**O** conde de Langeais parou por um instante e respirou com desafogo. Aquela leitura, que se ia seguir, mortificava-o ; mas, á fôrça das circunstâncias, se tinha constituido um prazer para a su'alma. O suor borbulhava-lhe na frente e um sorriso de morte transparecia nos lábios. Os olhos dansavam nas órbitas e pareciam expandir chispas de luz.

— Coragem, Ricardo ! .. disse ele a si mesmo... Ja não és o amante embriagado pelo néctar do amor e nem tão pouco o filho a levantar o ferro em vindicta do pai. Hoje não passas de *Leopoldo, o Campeão*, a sombra em busca do horroroso. Bebe a taça de amargura. Sentido ! que o punhal te geme na bainha.

Depois, com voz cavernosa, reencetou a leitura do manuscrito da princeza :

« Marchava tudo nessa ordem, a respirar a mesma atmosfera e a sorver o mesmo cálice. A órbita do contentamento não se resfriava com o gêlo da realidade. A maior parte das vidas nutre-se de quimeras. Desgraçado daquele, que antes de chegar ao termo da jornada, esmorece aos ímpetos da desesperança. Sofrerá o que eu sofro, e verá, bem cedo ainda, apagar-se do seu peito a lâmpada do amor e bipartir-se a fibra do prazer.

« Uma noite batia ás portas do castelo de Saint-Pont

um cavaleiro. Era moço e bonito, expressivo no porte, interessante em tudo. Fugitivo, vinha abrigar-se na cõrte do príncipe d'Arlemont. Com o ferro na mão ostentava-se um herói, sabendo vingar o assassinio do pai. As grandes ações me entusiasmam : desde esse momento o fiquei admirando. Eu tambem tive um pai morto e que não foi vingado. Há pessoas, sôbre quem uma simples olhadela é bastante para despertar em nós o mundo das simpatias. Parece que o nosso coração se dilata em toda a sua pureza, afim de lhes oferecer um pouso, qual a flor que entreabrindo as pétalas encerra na sua concha a gôta do orvalho. E' isto da natureza humana. O jôven estrangeiro era estimado em nossa cõrte. Os primeiros tempos se deslizaram como um sonho. Bailava-se, e a maior intimidade fraternizava todos os convivas. As representações teatrais seduziam e as palestras scientificas alentavam o nosso espirito. Vivia conosco o dr. Fabre de Liancourt, o grande filósofo do materialismo, embora eu não seja adepta da sua escola. Ao som do organ, a baroneza Marion de Beziere transformava as horas de tédio num cântico de sensações aéreas.

« Como, neste mundo, nada é instavel, e o riso de hoje se transmuda em amargo pranto, — assim uma nuvem negra, há muito solitária no céu da nossa pátria, desencadeou-se á fúria das paixões e principiou a gotejar sangue. Era a nefanda política, o sonho dos potentados. O govêrno de Luiz XIV, — radiante no seu berço, impetuoso no pináculo da sua glória —, tresvariava na insânia de todos os horrores ao aproximar-se do seu túmulo. Tal como Argant, um dos heróis da **Jerusalem Libertada** de Torquato Tasso, — esse govêrno despótico, abrazado nos desejos de um renome, afrontava todos os perigos, comtanto que fôsse depois inscrito nas páginas da história. E há de se-lo. . . A tempestade que rebentou como um vulcão e ainda conserva escancaradas as monstruosas crateras, encontrará, por sua vez, o dedo do invisível para faze-la emudecer.

« Meu esposo, de bondoso que era, tornou-se um tigre.

Sorveu a taça que as feras de Versalhes lhe apresentavam, e com o licor absorvido embriagou-se. Em um momento deixou de ser esposo para se constituir algoz; trocou o nome de pai pelo manto do bandido; aferrolhou as portas das prisões e ergueu o cadafalso para o seu desgraçado povo! Vêde a política como é malvada!..

« Emquanto essa tragédia se desenrolava no proscênio da minha pátria, o aspecto do lar doméstico transfigurou-se também. A minha querida Heloisa tornara-se pensativa, e através do véu da sua consciência pude divulgar a realidade. O amor penetrava, pela primeira vez, naquele santuário de candura. A pedra começava a rolar do cimo do edificio aos repetidos golpes da catapulta. O conde de Langeais, o fidalgo fugitivo, fôra o involuntário autor desse tristonho desenlace. Eu entristeci também, porque enxerguei um abismo e sem poder evita-lo. Desejava e ainda desejo a realização dessas vontades que mutuamente se inclinam; mas, notei desde logo, que elas não mereciam os aplausos do príncipe d'Arlemont. O seu orgulho não consentia o abraço de duas almas, impelidas pelo amor somente; o ouro e os braços se haviam tornado a cubiça da su'alma. Conferenciei com Heloisa e ouvi dos seus lábios a primeira confissão, bem digna de fé pela sinceridade. Tornei-me e anjo tutelar dessa criança que o mundo despertara a lhe dizer:

— E's mulher e a puberdade deu-te azas para voares em busca de outra atmosfera. Ama, que a verdade se encerra nesse incenso, evaporado da pira das sensações.

« Que ignomínia! Condena-se o homem ao aviltamento material, e a mulher á satisfação de um semi-gôzo, eivado de quantas aflições!.. Almas acostumadas ao filtro da pudicícia, perdoai-me estas frases ríspidas, que talvez vos molestem. Não o faço de propósito; pinto unicamente as quedas sem sintetizar os vãos. Esquivo-me de tais argumentos: não quero ir do geral ao particular, das causas aos efeitos, dos princípios ás consequências... o meu fito não tem avanços colossais.



« Ante todas as dificuldades, esse novo Leandro atravessaria o Helesponto a nado, comtanto que em paga de tamanhas mortificações bebesse a essência de um amor de virgem. Não é possível que um ser humano sobrepasse tão nobres devotamentos, abafe as comoções daquele peito!.. Que se narre o heroismo de Píramo, o sofrimento de Petrarca, a exaltação do Tasso... nada disto será mais grandioso que o prólogo desse amor, um dia desobrochado ao sol da fidelidade. Comtudo, um certo mistério envolvia no seu enegrecido manto as esperanças recíprocas dessas duas almas. O génio do mal não permitia que elas continuassem, por mais tempo, embevecidas nos sonhos da inocência; rasgou com os seus profanos dedos a espessura do véu. Assim, a primeira lágrima rolou ao longo da face de minha filha. Principiava o seu martírio. Um jesuíta, vindo dos conciliábulos parizienses, foi o protagonista de tanta desventura. Armou todos os laços, teceu todos os enrêdos, engendrou horrores e conseguiu fundar o seu império. Não contente em tyrannizar e proscrever esses míseros protestantes, voltou o seu ódio de pantera sôbre a fragilidade de alguns entes, que longes do intrincado dessas lutas, tratavam unicamente de si!.. E' inacreditavel que um sacerdote, votado á religião do mártir do Gólgota, seja tão perverso! Mos, que juízo infundado!.. Não vimos a ferocidade dos homens de S. Bartolomeu?.. Que de vezes a túnica dos apóstolos da cruz se tem ensopado em lagos de sangue humano, transformando-se em fúnebre espantalho!.. Emfim, deixemos divagações tão rápidas e triturantes: passemos além.

« Alberto, descobrindo esses amores, ficou possesso. Jurou exterminá-los sem piedade alguma. Em pouco tempo o conde de Langeais era expulso do castelo e perseguido furiosamente. Com ele seguia o dr. Fabre de Liencourt, o sábio, que desprezando essas misérias, não se deixava acabrunhar. Heloisa passou a ser vigiada, qual si fôra um calcêta saído das galés. A nossa situação era horrível... Nunca a discórdia conseguira ser o

nosso cartão de visita, o prêmio do consórcio ; sabiamos nos respeitar e querer profundamente. Agora que tudo se mudara, como a superfície calma do oceano aos açoites da borrasca, ateou-se uma guerra incarniçada no fundo do castelo. Sempre as injúrias, as decepções, estavam prestes a tripudiar no palco das mais frívolas ações. Fui testemunha das monstruosidades ; o que há de atroz se reproduziu sem a menor reserva.

« O que mais me exaltou, foi o modo repugnante pelo qual justicaram o infeliz Junghill. Não ; aquilo não foi justiça : sim, um homicídio bárbaro, circumdado da infame cobardia. Tal é o prêmio que os príncipes reservam aos seus favoritos! . . . Hontem, bobo ; hoje, um cadáver pendido de uma fôrca ! .. E porque ?.. Para saciar-se a fúria de meia dúzia de vampiros ; para castigar-se um crime que o infeliz praticou na inconsciência.

« Para onde quer que eu me voltasse, parecia-me ouvir um côro de gemidos. Eram as vítimas do scelerado príncipe d'Arlemont. Sua esposa estava destinada para se debater nas agruras do remorso. Senti-me aviltada e maldisse do meu fatal casamento. Recorri a todos os estratagemas, que a minha febril inteligência me podia sugerir : tudo foi baldado. O divórcio, o suicídio e o abandono eram barreiras infranqueáveis. O primeiro, repellido do seio do catolicismo, seria impossível po-lo em prática ; o segundo, execravel em face do direito natural, tornava-se-me vedado ; o terceiro, vergonhoso perante a sociedade, oferecia-me o pão da misericórdia, o leito do hospital ou a espelunca do desditoso. Mil vezes a morte do que semelhante degradação. Além de tudo, minha filha era um óbice á realização dessas idéas. Preferi o martírio.

« Há um fato, ignorado do público e que o revelo hoje, pela primeira vez. Não é o fito do escândalo ; mas, sim, justificar-me perante o porvir. Grande loucura talvez ! .. Que me importa o porvir, quando a tampa de um túmulo, ainda mesmo aberta, não permite a comunicação entre os meus despojos e o mundo ? . . . De que nos

serve um nome, quando ja o véu da morte se estendeu ao longo dessa abóbada envelhecida e túrgida, que retém a vida? . . . Eis o dilema. . . concludente para os sábios da Escritura, mas, incognoscível para certos cérebros, que se deixam arrebatados nas azas do materialismo. Por mim o creio puro e santo. Basta que exista um Deus. . . Uma noite, quando todos já dormiam no castello e eu me resguardava no fundo da alcôva, acabrunhada de imperiosos dissabores, — percebi que alguém empurrava a porta. Voltei-me sobressaltada. Há muito que Alberto lá não penetrava. Entretanto, era ele, de olhar abrazador, lábios descolorados e voz trémula! . . . Esse homem fez-me pavor. Tremi dos pés á cabeça. Ele fitou-me por alguns segundos e disse com impetuosidade :

— Laura! tu me odeias e eu te aborreço também. Vê, si me queres servir desta vez, para então contares com a minha benevolência.

« Isso era uma afronta desbragada. Apoderei-me de cólera e ergui-me involuntariamente.

— Tu levas o teu arrôjo ao supprassumo! . . . Comtudo, dize-me o teu propósito, para que melhor eu avalie de um caráter, que ja o reconheço — vil.

— Não quero subterfúgios; vou ferir no alvo. Assina esta carta.

« E ele me apresentou um papel, concebido em frases lacônicas. Corri a vista sobre ele e soltei um grito de repugnância. Era uma carta apócrifa, dirigida ao conde de Langeais, e na qual eu lhe propunha uma entrevista com Heloisa.

— Para que isto? . . . interroguei de esguêlha.

— Não procures saber do resultado. E' um mistério, que se irá perder na profundeza dos sepulcros.

« Adivinhei o resto. Alberto queria fazer de mim um instrumento de vinganças. Sabia que a minha assinatura resolveria o conde a vir áquêle lugar interdito, e que assim um homicídio poria termo a todos os seus receios. Golpe tão profundo jamais recebi.

— Não, assassino! Nunca serei cúmplice dos teus

inundos atentados. Podes fazer tudo de mim : desprezar-me, enxotar-me pelas praças públicas, assassinar-me emfim. . . mas, isto que exigés?! . . . Nunca. . . Laura de Provins tem consciência e dignidade.

« O homem rugiu. Havia-se transformado na fera. Sacou de um punhal e fez-m'o luzir aos olhos.

— Si eu te obrigar com a ponta deste ferro ?

— Impossível! . . . Queres ferir? Aqui tens o peito de uma mulher, onde embebas a arma do bandido. Anda! Fere com ânimo, si é que o possues.

« Dizendo assim eu afastava a mantilha e oferecia o seio nu. Tanta audácia nunca houvera ensoberbecido á minh'alma. Os meus olhos ardiam; a minha posição era dramática. Alberto, em face de tamanha resignação, baixou o ferro e resmungou apenas:

— Todavia assinaste a tua sentença de morte.

— Não importa; é só o que um sicário pode fazer.

« Ele desapareceu com a presteza do raio, e o silêncio mergulhou-me nas agonias do terror. Aquele eco de morte me ressoava aos ouvidos. Não dormi nessa noite. Chorei com desespero. . . Desgraçada da mulher que troca a corôa de vírgem pelos laços do himeneu. Gemitá, porém tarde, no leito nupcial, como o grilhêta no fundo de um cárcere, sem que lhe venha um dedo apontar outra raia, ou uma carinhosa mão lhe estender o sudário, que enxugue aquelas lágrimas a resvalarem pelas faces. . . Mal havia decorrido um mez, quando me senti morrer. Já o veneno ingerido percorria todas as veias. Alberto prometêra e cumpria com o cinismo do malvado. Impávido desenrolou a minha mortalha e ficou á espera que o último suspiro se esvaisse, afim de tripudiar em cima do meu ataúde. Oh, escárneo! . . .

« E vou morrer, ignorando o mundo, que uma mulher, reputada feliz, é o mais desditoso de todos os mortais! Ainda que eu quizesse implorar justiça, sufocar-se-ia o meu grito ante as gargalhadas desses potentados, que, por uma degradação humana, se tornaram senhores do mundo. A última fase da minha vida se aproxima. Pros-

escrita no fundo deste castelo, vejo finarem-se os meus derradeiros instantes. Há existências, que desde o berço são condenadas ao extremo de todos os suplicios. Assim vivi e assim morro, pela minha vez. Ninguém me visita : desprezada como um leproso daqueles tempos bíblicos, sem ousar dirigir um apêlo, a não ser á minha própria consciéncia ! . . . A' ordem de um sultão jamais houve vizir que se atrevesse patentear a sua vontade.

« Talvez não me restem trez dias de vida. Nem ao menos me foi dado completar os 31 anos de existência ! . . . Que posso contar do mundo, sinão fundos pezares, dilacerantes ansiedades ? ! Comtudo, morreria contente, si me fôsse permitido, pela última vez, fitar o semblante do conde de Langeais e conversa-lo um minuto. Mas, tal graça não é concedida á ré do destino. Minha filha ! reserva nas tuas orações noturnas uma prece de amor para tua desvelada mãe. Sei que terás de sofrer redobradamente a mim ; mas, leva a tua cruz com coragem, que o bálsamo da misericórdia divina te há de ungir o coração aflito,

« As forças me desfalecem. E' me impossivel adiantar qualquer outra revelação : fogem-me as palavras ; tudo vacila ante os meus olhos. Já disse o bastante para que as almas virtuosas saibam quem fui e como desapareci deste deserto que chamamos — mundo. Morro envenenada pelo príncipe d'Arlemont, por aquele que um dia, em face do altar de Deus, jurou ser meu esposo, velar pelos meus dias ! . . .

« *Ne derelinquas, Domine, Deus meus.* »

Deste modo findavam as **Memórias** da princeza d'Arlemont. Morrendo, como o tipo do cristão sincero, ella se voltava para a sua fé e pedia um socorro espirital. « Não me abandoneis, Senhor, meu Deus ! » fraze de harmonia etérea, que exalça o coração do justo. Não a levemos para o lado filosófico, afim de que não perca a sua poesia grave e cheia de magnitude. Na crença há uma filosofia também.

Tendo o conde de Langeais pronunciado a última palavra dessa confissão, orvalhada de quantos dissabores, todos os circumstantes demonstravam o mais solene e profundo despeito. Perrique Van der Helst não sabia como exprimissem o seu ódio. Levantou-se e disse para o conde :

— Associa-me á tua empreza de vingança. Nunca empunhei uma arma de morte ; mas, quero que o meu punhal se embeba no peito do príncipe d'Arlemont.

Era tão sincero este sentimento, que ninguem se atreveu a repeli-lo ; Ricardo foi o único a observar :

— Não ; basta que Leopoldo, o Campeão, seja o fantasma a perseguir a víbora. Trata de minha mãe ; vela por minha irmã. Irei por toda a França ; percorrerei o mundo, e subiria ao espaço si me fôsse dado, comtanto que desafogue esta alma a gemer no desespero. Há de o futuro contar que existiu um homem, o qual, desprezando todas as comodidades, correu em busca de uma imagem, até tropeçar numa pilha de cadáveres. Onde ouvirem dizer que se encontrou a carcassa de um desconhecido, não derramem uma lágrima : é a minha. . . mas, não importa.

Ele expressando-se por esta fórma, mortificava todos os espíritos. Sua mãe não sabia como subtrair-se a tão violentos golpes, e comtudo queria ouvir o filho. Que língua existe sobre a terra, para definir, em poucas palavras, o amor de mãe?!..

Ricardo continuou a ser, por muitos dias, o enlévado daquela triste família. Dizia quasi sempre :

— Só hei de abandoná-los, no dia em que vir realizado o enlace de Ivette com o bom Fabre : certos de que, si desejam a presença do conde de Langeais, não convidarão extranhos, pois, até mesmo para o padre, serei apenas Leopoldo, o Campeão.

— É muita exigência ; mas, emfim, nos consolamos com esse diminuto. . . concordava o médico, com um sorriso dúbio.

E os dias correram. . .



## XII

### Tocando um bandolim pedia esmolas

**U**m velho majestoso e calmo, de fronte espaçosa, cabelos còr de neve e a pele bronzeada como a dos habitantes dos trópicos, surgiu, sem se saber de onde, na praça pública de Nimes, ante uma reunião festiva. Agradava a fisionomia desse ancião. Na sua serenidade parecia ler-se um tanto de filósofico e ao mesmo tempo de misterioso. Trazia um bandolim comsigo. Acercando-se da assembléa, tirou o chapéu, bastante rôto, fez uma cortezia, e depois, com agilidade, tangeu a mão pelo instrumento, desferindo os primeiros sons. Ali havia uma espécie de vibração nervosa. Todas as vistas convergiram sôbre o músico ambulante. Ele dedilhou rápidos harpejos, e em seguida rompeu num ritmo, cheio de sensibilidade e semelhante ao trinado de pássaros desconhecidos. Com a fronte pendida para o peito, diríamos que ele tentava sufocar a vivacidade de uma dor. O velho cantava :

Chorei profundos desgostos  
na terra do meu destêrro,  
a debater-me nas trevas,  
nas agonias de um êrro.

E não morri de saudades,  
porque sou forte e valente,

zombo na fúria nefanda  
do potentado inclemente.

Sulquei as ondas bravias  
do mar agitado e louco,  
na tempestade soltando  
meu grito cansado e rouco.

Além ficaram carinhos  
dos entes, que já morreram,  
que num soluço de morte  
as esperanças perderam.

Tive amante ! Era tão bela  
como a flor entreaberta,  
que, de beijos orvalhada,  
mais louçã eora e desperta.

Chorei profundos desgostos. . .  
mas, sequei o pranto amargo,  
disse á Ventura : — não fujas,  
não passes assim de largo ! . . .

Logo que a última nota desta cantiga se perdeu por entre os aplausos da multidão compacta, o velho estendeu a mão, implorando uma esmola. Homens, mulheres e crianças apressaram-se em atirar uma moeda na destra descarnada do simpático mendigo. Em muitos aquelle ritmo sangrara uma ferida semi-sã ; recordava-lhes também longas desventuras, mescladas de inúmeras saudades. Esse velho percorria as aldeias e as cidades, fazendo ouvir por toda parte aquella sucessão de gemidos, modulados no correr de uma existência tempestuosa. Quando alguém lhe perguntava o seu nome, ele sacudia a cabeleira para traz e falava com um aspecto de inspiração :

— Eu sou um desses entes que sobe e desce como a onda revôlta do oceano, ignorando também que costa irá banhar ou em que abismo se perder. Posso servir de arrimo ao frágil barco, perdido na imensidade do pélagos ; igualmente posso servir de mola aos elementos re-



belados, e constituir-me o assombro de uma tripulação inteira. Indagar pelo meu nome, é revolver um túmulo, arredar a ponta de um véu.

Depois recaía numa tristeza dolorosa. Apoderava-se novamente do bandolim e recitava uma endecha, tão cruciante como um côro de finados. Assim que fez desaparecerem as moedas na algibeira do jaleco, deu de marcha, sem mais se voltar para aquela turba, que o ouvira atenta. Caminhou algum tempo e parou súbitamente diante do mosteiro. Circumvagou um olhar e disse a meia voz :

— Aqui há tantas vítimas que sofrem ! .. E nem si quer o socorro espiritual lhes desafoga a alma ! ..

Mal findava as suas considerações, quando o portão se entreabriu e deu passagem a um frade, que, trazendo um sorriso nos lábios, parecia bemdizer da sorte. Era frei Rafael. Os dois personagens não se conheciam. Encontravam-se pela primeira vez. O velho encarou o frade e feriu no bandolim uma estridente modulação. Em seguida garganteou a copla de uma sátira, e o franciscano carregou o sobrólho.

— Tratante ! .. verbêrou o religioso, com fingida bonomia. . . até tu escarneces de classe tão respeitavel como a nossa ? ! ..

— Não me atreverei a tanto ; o que eu disse, foi simplesmente um gracejo.

— Bem : a tua fisionomia agrada-me. O teu aspecto demonstra um quer que seja de extraordinário.

— Engano completo. Sou um mísero ancião, que mendiga em todas as portas. Si tens uma esmola, socorre-me com ela.

— Acompanha-me ; quero mimosear-te com um fato mais moderno. O teu ja cheira a bafio.

— Será algum casaco da época de Carlos VI ?

— Mais ou menos, si não fôr do tempo de Hugo Capeto.

E marcharam. O velho continuava a dedilhar o bandolim. O franciscano interrompeu-o :

— De onde vens ? Qual o teu passado ?

- Isto é um mistério ; não chega para ti.
- E's estrangeiro ?
- Tu o disseste.
- Em que parte do mundo fica o teu berço ?
- Na América.
- Tens viajado muito ?
- Suficientemente.
- Deves contar, então, bonitas histórias.
- Oh ! revelas em tudo, que és frade ! Interrogar tanto, só os tolos ! . .
- Gosto de penetrar segredos. Os enigmas divertem.
- O officio não é mau. A minha experiência ja me disse, que és um consumado libertino.
- Fr. Rafael soltou uma gargalhada e retorquiu :
- Perdeste, meu José do Egito ; não faças de mim o crédulo faraó.
- Os frades têm chalaças. Naquele mosteiro exploras alguma concubina ?
- O irmão do padre d'Avesnières estacou e mediu o velho de alto a baixo :
- Si não és a imagem de Asmodeu, pouco te falta. Queres tentar-me ?
- Deus me livre de tamanho sortilégio.
- E como me fazes tão indiscretas perguntas ?
- Porque padeço da mesma curiosidade, que, há pouco, te assaltava.
- Oh ! si te queres assenhorear dos meus segredos, descobre-me primeiramente os teus.
- A permuta não compensa.
- Ja amaste ? E's algum potentado decaído, que, sob estes andrajos, procura esconder quem foi ?
- Amei ; mas, o meu amor foi puro como a prece que se desliza dos lábios da criança. E tu ?
- Tambem amei. O meu amor foi impetuoso ; desabrochou na tenda do soldado.
- *Per Baccho !* O teu passado desvenda-se feiamente.
- Que queres ? Um soldado poderia ter melhores aspirações ? Que aprendemos na caserna ?

— Conforme. Si fôsse virtuoso como S. Sebastião ! . .  
Mas, ah ! tu te fizeste frade.

— A tua morocidade é excessiva. Encurta a língua.

Durante o dialogo, os dois alcançaram a casa. Frei Rafael empurrou a porta e entrou imediatamente. O velho, que o seguira de perto, sentou-se numa cadeira e começou a ferir as cordas do bandolim. O franciscano apresentou-se, poucos minutos depois, sobraçando um uniforme antigo e bastante esquisito. O ancião entonou-se na libré e então reproduziu um desses tipos da época de Luiz XIII. Frei Rafael concebeu uma idéa e disse para o desconhecido :

— Tens viajado e percorrido a França : conheces um fidalgo, que, por algum tempo, residiu na côrte do príncipe d'Arlemont ?

— Como se chamava ?

— Conde de Langeais.

O velho deu um salto do lugar em que estava e avançou para o frade. Tinha os olhos desmesuradamente grandes, a fronte contraída e o semblante pálido.

— Que dizes ? Conhecestes tambem o sr. de Langeais ? !

— Conheci-o, e devo conhece-lo ainda.

— Duvido. O infeliz foi assassinado.

— Assassinado ! . . Por quem ? ! . . e aqui, era fr. Rafael quem não cabia em si, de admiração.

— Pelo sogro, o príncipe d'Arlemont. . . respondeu o velho aceleradamente.

— Coitado ! . . E sua esposa que fim levou ?

— Não sei. Tu, que és frade, bem me o podias dizer.

— Ouvi contar que ela fôra recolhida a um convento de carmelitas ; mas, isto mesmo, é em dúvida, e eis a razão da minha pergunta, avaliando que tu soubesses mais do que eu.

— Creio piamente que ela foi reclusa. O príncipe d'Arlemont é uma fera : tem instinto de emparedar a filha.

— Não receias que o príncipe saiba das tuas acusações e te mande arrancar essa língua danada ?

— Seria uma proeza invejavel ! Agora, voltando atraz :

como ele envenena mulheres e encarcera anjos, não duvido de nada.

— Então, é exato o que me dizes?

— Sobre que?

— Sobre o assassinato do conde de Langeais.

— Assim deves cre-lo.

— Não é bastante.

— E também é real o que me dizes sobre Heloïsa d'Arlemont?

— Eu o juro.

— Não é bastante.

Ambos fitaram-se atrevidamente e caíram na gargalhada. Reconheciam-se inacessíveis.

— Bom velho! dize-me o teu nome.

— Com todo o gosto. Chamo-me *O velho do bandolim*.

— É's muito capcioso! . . .

— Obrigado e adeus: conversa comprida faz quem quer; aqui, nada mais tenho a lucrar.

— Espera um pouco.

— Na volta; tenho grande pressa de escafeder-me. . . e, sem mais escutar reclamação alguma, o velho partiu.

— Que bicho excomungado! . . . disse fr. Rafael, olhando a porta da rua, por onde saíra o músico ambulante.

Depois, sorrindo comsigo próprio, sentou-se pesadamente, e tomando uma posição de devasso, monologou:

— Hei de vencer. Ela será minha, cüste o que custar. Os acontecimentos prepararam-me o terreno. O maior empecilho já não existe. . . O conde de Langeais é morto. Quanto te devo, ó príncipe d'Arlemont, por essa obra de caridade! Mataste um cão, e não será por isto que a tua alma sofra. O' Vénus! vòa em meu socorro; Pérfica! eu ardo em lascívia. Si um preceito absurdo estorva-me os appetites, quebrarei as suas barreiras. . . Heloisa d'Arlemont! serei o teu conde; o amor de um frade é um amor divino.



### XIII

#### Parte-se a corrente

**D**ELA manhã, estando ainda o príncipe d'Arlemont no leito e envolto nos lençois, viu o padre d'Avesnières assomar em sua frente, num completo estado de excitação. O príncipe tremeu de susto, e sentou-se involuntariamente na cama. O jesuíta não lhe deu tempo á menor interpelação e foi dizendo :

— Vim despedir-me de V. Alteza. Resolvi a minha partida, e em breve estarei longe deste castelo.

— Já?! . . exclamou o potentado, mal dissimulando a satisfação.

— E V. Alteza se despede de mim com tanta ironia?! Pois, fique sabendo que não venho implorar graças; mas, tão somente cumprir um dever de civilidade.

— Vale a pena! . . E adivinha o rev.º qual o meu primeiro pensamento? . . Como sou franco, confesso, que temi um assassinato!

— Da minha parte?!

— Sim.

— E' muito amor próprio! Si alguém existe que saiba propinar veneno ou brandir o punhal homicida, é com certeza um príncipe d'Arlemont.

— Tenho a sinceridade de confessa-lo : estou coberto de crimes. Agora, diga-me, o rev.º : desde quando me cobri de lama?

— Desde que tivestes consciência da vida.

— Infâmia ! Quem me inoculou a gangrena nas veias foi um pádre. Ele arrastou-me a todos os delitos... até instigou-me a envenenar uma frágil mulher, — o modelo das esposas.

— O scelerado foi aquele que tingiu as mãos de sangue. Si eu dissesse : precipitai-vos de uma destas janelas, — vós o faríeis ? Até aí não chegaria a vossa obediência. Fui eu quem insunuou ao rapaz de 15 anos para estrangular uma concubina ? Fui eu quem aconselhou ao pai : proscreevi do vosso peito o amor paterno e atirai vossa filha ao fundo de um convento ? . . Respondei, Alteza.

— Tem bonitos argumentos. Entretanto, nada disto o poderá justificar.

— Nem procuro desculpas diante do pigmeu.

— Veremos qual de nós há de vencer.

— E' o que me anima. Cré V. Alteza que Luiz XIV continuará a depositar a confiança de outrora ? O governador da Provença terá o desprezo de todos, e um dia ficará esquecido nas masmorras da Bastilha.

O príncipe d'Arlemont soltou uma gargalhada nervosa

— Padre ! não me obrigue a uma violéncia. A sua ousadia poderá ser causa de um ato fóra do meu propósito.

— Eu não sou Junghill. As árvores da vossa floresta são muito débeis para aguentar o peso do meu corpo. Eu, si concorri para tantas infâmias, foi com o fito de sacrificar-vos. Há anos, preteristes a minha carreira. Já vos esquecestes do dano ? ! . . Lembrai-vos a contragosto. Estais perdido para sempre.

— Traidor !

— Os vossos insultos passam de largo. O mundo irá saber quem é o príncipe d'Arlemont. Eu saí do pó ; mas, hoje tenho forças, para vos esmagar.

— E si eu fizer com que o rev.<sup>o</sup> não saia deste castelo e vá habitar um dos subterrâneos, não como um vivo, mas, transformado em cadáver ?

— V. Alteza não se atreveria a tanto. Ainda que eu

não dispuzesse de outros meios, apunhalar-vos-ia neste mesmo leite.

— Ameaça-me ?!

— Da mesma fôrma que o fizestes. E' insulto por insulto ; o Velho Testamento adotou a pena de talião.

— A morte não me apavora. Tenho com que o repila.

E assim dizendo, o príncipe d'Arlemont fez luzir aos olhos do padre d'Avesnières o cano de uma pistola, que tirou de entre os lençois da cama.

— Isto é asneira, príncipe ! . . Eu possuo armas mais fortes para vos bater.

Pela sua vez o jesuíta meteu a mão na algibeira do hábito e sacou um papel.

— Lêde. . . acrescentou risonho.

O príncipe correu os olhos rapidamente. Era uma carta do padre Lachaise, convidando ao jesuíta para seu secretário particular.

— E agora ? . . interrogou D'Avesnières, com um sorriso de mofa.

— Tem razão. . . gemeu Alberto d'Arlemont.

E o cano da arma baixou, até ocultar-se novamente entre os lençois. O príncipe estava aniquilado. Pensou um instante e decidiu-se ao último esforço. Cobarde-mente implorou :

— D'Avesnières ! perdõe estas ofensas ; eu preciso das suas luzes.

— Nunca. Sois, por natureza, o meu escravo ; hei de sufocar-vos pouco a pouco. Pagareis as injúrias.

— Por tudo que há de santo, não seja tão imano. Rojo-me aos seus pés ; beijo-lhe as plantas, si preciso fôr.

— Conceder-me-íeis tudo, que eu pedisse em prêmio de tal perdão ?

— Tudo.

— Si eu exigisse que fôsseis ao mosteiro de Nimes e me trouxésseis Heloísa d'Arlemont para concubina ?

— Iria. . . respondeu o príncipe, com um relâmpago de esperança a lhe fuzilar nos olhos.

— Monstro ! sois mais repugnante do que Nero no seu

incesto com a própria mãe Agripina. Rejeito vossa filha ; si vos falei assim, foi para aviltar-vos mais uma vez. Desgraçado ! que fizestes da vossa consciência ? Para onde fugiu o pudor, que vos devia enrubescer a face ? !

O príncipe não articulava uma só fraze em defeza. Este golpe fôra terrível. Só lhe restava um meio, e dele lançou mão. Ergueu-se do leito, foi até uma secretária e apanhou uma luva que era sobre ela. Jogou-a de encontro a face do jesuíta.

— Ja que despreza as minhas súplicas, aceite este desafio. Vamos bater-nos ; marque a hora, as armas e o lugar. Serei homem no combate franco.

D'Avesnières, com toda a impassibilidade, dirigiu-se a um cabide, apoderou-se de uma chibata, fê-la zurrir no espaço e descarregou-a em cheio no rosto do príncipe d'Arlemont. A cicatriz ficou impressa.

— Aos miseráveis respondo deste modo. Não aceito o vosso duelo.

E, sem esperar pelo resultado, retirou-se. D'Arlemont ficou estático. Quando deu acôrdo de si, ja o jesuíta ia longe. Correu como louco : esquadrinhou todo o castelo em busca do inimigo. Então um velho servo comunicou :

— O padre partiu. No pátio havia um cavalo selado à sua espera, e ele montou, qual si fôra um mancebo.

D'Arlemont rugiu de cólera.

— Estou perdido e desonrado para sempre. E' preciso que aquele sotaina deixe de viver. As minhas armas ! Um cavalo a toda pressa.

E partiu como um desesperado. . . Mas, intento vão : ninguem sabia que estrada tomara o padre d'Avesnières. Na sua fúria de possesso o príncipe d'Arlemont encontrou um pobre campones, que vinha da cidade, e arrojando-lhe o cavalo, pisou-o duramente. O desgraçado ficou estendido ao longo do caminho, com o cráneo fraturado pelas patas do corcel. O príncipe nem ao menos voltou o rosto para apreciar a sua vileza ! . . . E seguiu avante. Entretanto, D'Avesnières escapava. Tomando desvios pouco tranzitados, dirigiu-se para Apt, emquan-



to o príncipe, avançando á esquerda, percorria a estrada de Vacluse. Deste modo, sem o menor incidente, entrou o jesuíta em Pariz, e logo, no dia seguinte, se apresentou ao padre Lachaise, a quem relatou as ocorrências, sem omitir a mais fútil circunstância. O confessor de Luiz XIV sorriu :

— Está perdido irremediavelmente. Eu o antipatizava e tu foste o braço vingador. E's o meu secretário e um dia te verás sentado numa cadeira de bispo. O sr. príncipe teve a inépcia de contradizer-me em presença do rei e da marquiza de Maintenon !

D'Avesnières desde este momento formou risinhos castelos. Circumvagou um olhar de esperança, em tórno dos acontecimentos, e mais uma vez compreendeu-se forte. Na primeira audiência, o padre Lachaise apresentou-o a Luiz XIV ; este tratou ao secretário com muita distinção.

— E's um dos súbditos valiosos. . . disse-lhe o rei. . . Os serviços, que me tens prestado, serão pagos com largueza. Devo a ti e ao príncipe d'Arlemont o respeito á lei, que se implantou em toda a Provença.

— Sire ! . . balbuciou o jesuíta a medo. . . permiti que vos diga : o príncipe d'Arlemont é um bárbaro.

— Não admito esta censura ; por maiores que sejam os seus crimes, tudo desaparece ante o devotamento que ele consagra á minha causa.

O secretário do padre Lachaise compreendeu ser extemporânea a sua acusação, e guardou o ódio para o futuro. A subtileza triunfaria.





## XIV

### De abismo em abismo

**N**o mosteiro de Nimes tudo ia em revolução. Falava-se numa cerimónia religiosa, destinada para dois dias depois. Era a profissão de fé de Heloïsa d'Arlemont a ressoar sob aquele tecto, — o túmulo da existência útil —, que impregnado de uma atmosfera de santidade, não oferecia mais do que um hálito mefítico para a constituição moral. Assim como os códigos de todas as nações reservam uma página, onde se inscreveu a pena de morte, também as instituições religiosas glorificaram a segregação de certo número de infelizes. Assim como um tribunal de sangue lavra uma sentença monstruosa, mandando uma vítima ao cadafalso, da mesma sorte preparavam na igreja o sacrificio do anjo decaído. Heloïsa, relegada do mundo, sem possuir protetores, guardando a lembrança de dois cadáveres que lhe eram santos, tendo um ente degenerado por pai e rodeada de crueis inimigos, — lutava, comtudo, contra esse fantasma que lhe assomava furioso. Mas, que importa? . . . O mundo é cheio de algozes. Há uma só cabeça para cair no cêsto e mil alfanges se levantam. Não vêdes como o povo de todas as épocas aplaudiu os assassinatos em nome da lei? Não percebeis uma gargalhada de regozijo, quando o desgraçado se extorce nas últimas agonias? Ah! sim... O clarim da discórdia perturba a família universal.

Que importância tinha o protesto de Heloisa contra essa odiosa profissão de fé, si a religião a exigia, sem tréguas? A vítima, que mais agrada ao apetite dos tiranos, é a indefeza, e sobretudo, insonte. Esse dia era esperado como se deseja a satisfação de um gôzo. Aquelles entes embrutecidos deviam sentir sensações carnaes. E Heloisa gemia... Quem, alta noite, divagasse por aquellas salas desertas, ouviria partir do fundo da sua cela o eco de um soluço agonizante. Era tão triste e tão pungente! . . . A mísera princeza revolvía-se na sua barra de ferro a tiritar de frio e a consumir-se em febre. Os lábios lhe estalavam, e muitas vezes ela não tinha uma gôta de água com que mitigasse a sêde abrazadora. De tanto chorar criara uma blefarite e a vista se lhe extinguia progressivamente. Ali não mais se denotava aquella beleza de outrora, e sim, uma constituição acabrunhada, prestes a perder o último sopro de vida. Quási sempre, os grandes sofrimentos petrificam o coração, e o infeliz conforma-se com a sua sorte; entretanto, com a esposa do conde de Langeais se dava o contrário. Há naturezas incompreensíveis perante a fisiologia e mesmo aos olhos do antropólogo. Essa infeliz, condenada aos 16 anos de existência, fôra escolhida pelo dedo misterioso para ser o cofre de todas as fatalidades. Não lia o seu manual de preces. . . Odiava-o, porque a cólera de um pai a encorrentara no fundo de um abismo, e a religião, que lhe devêra oferecer consolações, comprazia-se em mortificá-la com os mais abomináveis tormentos. Talvez, si lhe adormisse no peito uma centélha de fé, que ela, nessa ilusão encontrasse o repouso desejado. Mas, não; aquelle cérebro delirava. Quási sempre reconcentrada, melancólica e nervosa, se retraía á sua mente e contemplava o espetáculo de uma continua visão. Outras vezes tinha ímpetos de acentuada loucura.

Durante o correr dessa noite, quando o relógio do mosteiro soou trez horas, e o monótono som repercutiu na profundeza daqueles corredores, quebrando a placidez da madrugada, — Heloisa velava. Um desespero

enorme apoderou-se da su'alma ; deu um grito de agonia e saltou do grabato, indo postar-se no meio da cela. Todo o corpo lhe tremia. A attitude mais trágica fustigava-lhe o organismo nesse momento. Cerrou os punhos ; avançou alguns passos em redor e gemeu com voz dolorida, como a dos supliciados :

— Génio das trevas ! chegou a tua vez. . . Já que o doce Jesus dos aflitos não volveu para mim os seus bemitos olhos, vem tu, dar-me um socorro. Arrebata-me do seio deste túmulo, e minh'alma enfebreçada verá novamente a luz. Faze com que os meus lábios se contraiam na sensação de um beijo, e meu esposo me estreite nos seus incansáveis braços.

Após a sua invocação permaneceu estática. Talvez ela esperasse alguma coisa de sobrenatural. Podia ser que o seu espirito exaltado lhe apontasse a ocasião através de um prisma. . . Esperou. . . Engano monstruoso ! Quer bebesse o eflúvio de um sentimento de religião, quer se embriagasse nessas lendas satánicas, tudo lhe havia de mentir como as miragens do deserto. A exaltação, que lhe dera forças para aquelas frases de loucura, igualmente obrou em sentido contrário. A jóven princeza vagueou um olhar de espanto : o golpe da desillusão foi mais terrível desta vez do que os primeiros embates da borrasca. Acenou com o dedo em direcção do espaço e disse novamente :

— Embalde implorei o céu ; maior insânia conjurar o inferno. Nem o Jehovah das velhas Escrituras e ainda menos o soberbo Lúcifer trouxeram um átomo de esperança ! Hei de morrer aqui ; está gravado no código dos senhores do mundo. Eu, a folha desgarrada pela tormenta infrene, serei o pasto de dissolutos homens ocultos num hábito de misericórdia e paz. Depois d'amanhã farei as vezes de espectro a errar sob as abóbas deste sarcófago. O meu esquife, que vai descendo lentamente os degraus de todas as misérias, ainda não foi deposto pelas sombras que o conduzem : o crepe do impudor terá de envolver-me a fronte.

Sentou-se, pela segunda vez, na sua barra, e entre uma gargalhada principiou a cantar:

Mancebos que vindes, trazendo nos lábios  
o riso festivo da ebúrnea ventura,  
deixai que os fantasmas á noite solucem  
e orvalhem a cama, onde dorme a tristura.

Sozinha na terra, sem luz, sem verdade,  
sem ter um consòlo que alente este peito,  
verei, muito cedo, sumir-se no ocaso  
o sol dos aflitos, nublado e desfeito.

O seu canto era tenebroso. O raciocínio humano não pode idealizar scena mais lúgubre. Alexandre Herculano, ao traçar a primeira página do **Enrico**, esboçou simplesmente quando disse: « Era uma destas noites em que a terra envôlta no seu manto de escuridade, se povôa de terrores incertos; em que o sussurro do pinhal é como um còro de finados; o despenhar da torrente como o ameaçar de assassinos; o grito d'ave noturna como uma blasfêmia do que não crê em Deus ». Afirmamos, com toda a veracidade da nossa pena, embebida no pranto dos infelizes, que o seu cântico era muito mais angustioso. Em essência, ele não tinha somente o fúnebre; compartilhava do terrificante, em sua fórma.

Ecoando naquelas solidões, involuntariamente despertou quasi toda a comunidade. Madre Tereza ergueuse e veio até á cela dessa princeza decaída. Queria insultar; mas, não tinha fôrças. A voz, com que aqueles versos foram modulados, lembrava o efeito de uma bomba a estoirar no meio de um exército acampado e que se resarce das fadigas da batalha. A abadessa, toda trémula, mal pôde censurar:

— Desgraçada! porque profanas a casa do Senhor?!

— Já que o pranto se estancou, a palavra de Deus fugiu dos meus lábios e a fé adormeceu neste dilacerado peito, — canto para aterrorizar os infames. Um dia verás a minha sombra á cabeceira do teu leito, relembrando-te tormentos, que nem Fálaris ideou.

— Cala-te, blasfema! De hoje a dois dias estarás unida por laços indissolúveis á religião do mártir do Gólgota.

Heloisa riu. Principiou, pela segunda vez, a entoar o seu canto. Não sabemos como aquele organismo, abalado pelas tormentas da vida, criara tanta energia num momento. A abadessa, afim de cortar esta scena que se ia prolongar, bateu a porta da cela e fugiu espavorida. Foi ocultar-se no seio de fr. Rafael, — o demônio a enodoar as páginas do Evangelho. Heloisa d'Arlemont, vencida pelo cansaço, deixou-se adormecer.

Passou os dois dias numa espécie de modorra, tendo sempre ao lado de si, á borda do catre, uma freira vigilante. E emquanto definhava nessa agonia moral, nessa decadência física, prosseguiam os algozes nos preparativos da sua profissão de fé. Finalmente, a manhã desejada rompeu. O sino da capela repicou festivo: a cerimónia ia celebrar-se. A esposa do conde de Langeais, meio a dormir, foi erguida da sua barra. Enfiaram-lhe nos pés umas alparcas; vestiram-lhe nova roupa de burel; mostraram-lhe um negro véu, com que ocultaria o rosto, e logo a conduziram para o altar. Toda a comunidade assistia àquêlê ato. Lia-se em todos os semblantes a ânsia dos curiosos.

O bispo Flechier não occupava ainda aquella diocese e era, portanto, outro que presidia á cerimónia. Frei Rafael estava presente: os seus olhos denotavam lascívia; um sorriso escarninho lhe transparecia nos lábios. E Heloisa continuava a sonhar! . . . Frades e freiras principiam a cantar estridentemente. As notas evoladas do bronze iam perder-se além, pelas serranias escabrosas. Dentro do templo aspirava-se um fortíssimo odor de incenso em combustão. A filha do pecado, como lhe chamavam essas beatas tórpes e mendazes, foi submetida á prova, e finalmente declarada esposa do Senhor, embora ella não proferisse uma só fraze votiva! Agora estava apta para ganhar a bem-aventurança. Assim como o grilhêta, desde o momento em que é inscrito no rol dos culpados e vê se entreabrirem as portas do presidio

que o guardará comsigo, — perde o nome de batismo, para ser dali em diante tão simplesmente um número, conforme lhe caia por sorte —, do mesmo modo succedeu á esposa do conde de Langeais. Não seria mais Heloïsa d'Arlemont; passava a intitular-se *sóror Marta*. Com este nome teria de figurar desde esse dia naquelas ruínas sociais, em busca de um confôrto espiritual. Quando o celebrante transmitiu o véu negro e a comunidade pronunciou: « Glória á filha do pecado! sóror Marta ja é nossa irmã. . . », — Heloïsa despertou em sobressalto. Volveu os olhos em tórno de si, e fitou a turba de religiosos. Quiz recuar.

— Ja te sacrificaste, irmã. Jesus recebeu a tua oferenda no seio da sua infinita misericórdia. . . disse uma monja, com enorme satisfação.

— Mas, não quero; traíram-me. Eu não vivi; creio que sonhava.

— Não há mais jeito, irmã. O voto, uma vez proferido, vale. Nem o papa lhe dará solução.

— Hei de abjurar.

— E as chamas do inferno?! . .

— Não me assombram.

O diálogo foi interrompido por madre Tereza do Coração de Jesus, que fez conduzem sóror Marta para o seu cubículo. Então fr. Rafael, aproveitando a balbúrdia, aproximou-se da abadessa e cochichou:

— Apesar de sofrer tanto e as carnes se lhe sumirem, é comtudo desejavel! . . Quero que me socorras, quando antes.

— Espera. A tua vitória está para declarar-se.

O frade suspirou de contentamento. Ele sabia que o seu triunfo não se faria demorar muito. E enquanto a agitação invadia o espirito do todas as testemunhas de ato, — conservava-se a viscondessa de Chiourme na maior indiferença! . . Heloïsa d'Arlemont ja não lhe era a diva dos salões.



## XV

### O contraste do drama



¶ noite desse mesmo dia, no castelo de Narbonne, um quadro bem diferente do representado no mosteiro de Nimes, se desenhava em toda a plenitude da sua magnificência. Era o casamento de Ivette de Langeais com Fabre de Liancourt. Não que fôsse a pompa nupcial a ostentar o seu esplendor, recheado de quantas vaidades ; mas, o hino da pureza em face da modéstia. Nem todos os semblantes faziam transparecer a alegria requerida ; algumas pessoas se conservavam silenciosas, porque o conde de Langeais estava taciturno. Vestido de preto se apresentara ele, na ocasião em que se iam celebrar os esponsais. O sacerdote era estranho e não podia entender como uma família de fidalgos exigia um casamento com tantas formalidades misteriosas. Por si ficou ajuizando desfavoravelmente. Aquele par era criminoso diante dos seus olhos. Após a cerimônia esperou algum tempo que fôsse servida a ceia, e partiu então. Disse o págem, incumbido de leva-lo á cidade, que ele lhe fizera muitas perguntas inconvenientes, e resmungara em todo o trajeto.

Aquela família estava resolvida a passar a noite como a iniciara ; isto é, nessa mudez proposital. Tarde se mudou a scena, visto que a criadagem, á força de súplicas, obteve um suspirado consento. Queriam festejar o en-



lace da estimada Ivette : e assim improvisaram um bró-dio, distribuíram brindes a esgotar copos e mais copos de vinho. Depois se entregaram aos inocentes brinque-dos. Dois rapazes tangiam instrumentos ; os outros ani-mavam o bailado. Algumas camponezas, lépidas pelo sucesso, se assemelhavam a um bando de mariposas a esvoaçar em tórno de uma lâmpada. O conde, resoluta a apreciar a função, envolveu-se numa capa, contrafez o semblante com uma barba postiça e foi sentar-se jun-to a seu cunhado. Mas, tudo isso, em vez de afastar aque-las idéas malditas, contribuiu grandemente para maior depressão moral. Pensava ele, que a essa mesma hora, emquanto assistia á folgança daquela gente do povo, tal-vez a sua infeliz Heloïsa gemesse nas mais cruciantes aflições. Si ao menos a tivesse perdido e guardasse com-sigo a cruel certeza de que ela desaparecêra na vora-gem de um túmulo, — sentiria algum alívio. . . Consola-nos, quando sabemos que ao perder alguém que se cons-tituíra uma parte integrante na nossa vida, esse alguém, longe de se consumir nas agruras de mil tormentos, ces-sa de viver. Pelo menos não dormirá conosco o acerbo conhecimento da sua longa agonia e sem lhe podermos dar remédio. Pela primeira vez, quiz o desventurado conde procurar, na ebriedade dos vinhos, o esqueci-mento ás suas máguas. Tocou a beber. Ainda esta ten-tativa foi de péssimo resultado. A dor tomava propor-ções enormes. Então, sem consultar a ninguem, reco-lheu-se ao seu quarto. Aí, sentando-se na cama, atirou a capa para um lado, desfez as barbas, desabotoou a ca-misa e expoz uma medalha, présa a um cordão de ouro : apoderou-se dela, abriu-a convulsivamente e beijou-a com frenesi. Era um retrato de Heloïsa, em pequena miniatura. O conde parecia um louco : orvalhou de lá-grimas essa reliquia, e soluçando disse :

— Onde estás, imagem dos meus sonhos ? Pudesse eu penetrar onde dormes e verias o leão das selvas assom-brar os teus opressores com o seu rugido de cólera. Não importa. . . Si ainda vives, irei descobrir-te e no último

arranco beijar-te a fronte, pela derradeira vez. Tem um pouco de esperança! Leopoldo, o Campeão, aí vai.

Não pode continuar. Sentiu que alguém lhe pousava fortemente a mão no ombro. Voltou-se assustado. Era o médico, que, notando-lhe a ausência, o viera procurar.

— Não sejas fraco. Continuando assim, acabarás num hospício de alienados.

— E notas, no meu semblante, qualquer indicio que desabone a firmeza de ânimo?

— Infelizmente, há dias, observo veementes prenúncios de uma alucinação.

— Ah! isto seria horrível! . . .

— Pois, muda de conduta, si queres viver para a vingança. Isto não serve, nem remedeia.

O conde pensou um pouco.

— Sim. . . tu tens razão; mas, eu estou meio bêbado.

— Queres dissipar esta tristeza? . . . interrogou o médico, com persuasão.

— Eu seria feliz.

— Então, acompanha-me.

Ricardo de Langeais cedeu facilmente. Com presteza ocultou a miniatura. As palavras do cunhado lhe serviram de calmante. Seguiu ao seu interlocutor e achou-se novamente de envôlta com a turba festiva.

— Dança e bebe com eles. Estas camponezas te vasarão no peito um bálsamo sútil.

— Não posso. Profanar a minha dor com tal vilania?!

— Faze o que eu disse, si queres viver.

O fidalgo voltou á razão. Meteu-se entre os convivas e foi arrastado por aquele turbilhão, como o sargação no mar. Era um remoíinho para a su'alma vazia de gozos e esperanças. Mas, era preciso entregar-se a esses prazeres, porque, do contrário, vacilaria como um ébrio, para nunca mais tornar a si. A festança durou até ás cinco horas da manhã, e cada qual tratou de recuperar as fôrças perdidas. O conde tinha sono. Em breve adormeceu como um justo, que nada tem a esperar de males neste mundo. Dormiu quatro horas, pesadamente, acor-

dando para o almoço que já estava na mesa. Sentia-se mais calmo. A' tarde, em companhia da família, foi dar um passeio no bosque vizinho. Precavido contra os incidentes, levava as barbas postiças. Os últimos raios do sol iam occultar-se por traz das montanhas. Um favónio delicioso animava a natureza. O céu azulado confundia-se com os horizontes. Ao pé de uma amoreira, orlada de luxuriante vegetação, sentaram-se. Ivette recostava-se ao ombro do esposo. Luzia-lhe na frente uma satisfação de pejo e de candura. O seu porte denunciava um natural donaire. Perrique Van der Helst conversava em voz baixa com a condessa de Langeais, sendo alegremente ouvido por Eugénia de Calabre, que de tempos a tempos dava o seu aparte. O conde imergia o olhar na imensidade. Fabre de Liancourt foi arranca-lo do êxtasis, verdadeiro *nirvana*, segundo o embuste dos hindús.

— Ricardo! em que pensas? Não me dirás o que se passa na tu'alma, acostumada aos golpes da procela?.. O marinheiro rude não teme o embate das vagas encafeladas no bojo do seu barco. Rasga o seio do oceano, e entre uma canção de morte e uma gargalhada de escárneo, zomba das lutas da natureza. Sus! meu amigo.

— O que eu penso, tu o sabes. Revolvo a cinza dos sepulcros; divago pelas ruínas escarpadas, em busca de uma visão. Irei ao pélagio profundo; levantarei rochedos contra o céu, sendo preciso.

— Tu deliras.

— Bofé! As revoluções continuas só podem produzir desordens.

— Si tu soubesses a agonia que cavas na minh'alma!

— Tu és ateu; não crés nessa fantasmagoria.

O médico contraiu os lábios numa crisperação de riso. Ivette acudiu lestantemente e com a mão tapou-lhe a bôca.

— Não consinto que blasfemes ao pé de mim... Lembra-te: eu sou católica.

E assim dizendo, a irmã do conde se mostrava admiravelmente bela.

— Tens razão. Sou o Belzebú das gerações modernas.

## HELOISA D'ARLEMONT

— Sê o que quizeres, comquanto, não ofendas o Deus que eu adoro com toda a virgindade da minha crença.

— Heresia! . . . resmungou o conde, pela sua vez... Faz-lo tão importante, que possa ofender um Deus!

— Cala-te tambem. A fé não unge os proscritos da fortuna.

— Sim; disseste uma verdade. O espectro de Ricardo de Langeais envolveu-se nos andrajos do materialismo.

— Eis aí toda a monstruosidade do teu crime. Si voltasses os olhos, para embebe-los no seio do Onipotente, haveria um suave confôrto á embriaguez da tu'alma. Deus, a essência de todo o bem, jamais desprezará os aflitos, que lhe pedem luz e consolação etérea.

— Esta linguagem cheira a beatismo. Desprezo as ficções, geradas nesses cérebros delirantes e cridas pelos mentecaptos. Hoje, as páginas do Koran, do Talmud, do Zend-Avesta ou da Bíblia, valem-me a mesma coisa.

Ivette benzeu-se após a imprecação do conde. Lastimava sinceramente esse modo de pensar.

— Quem te infundiu estas idéas horrorosas, despidas de um vislumbre de verdade?!

— As decepções, o longo meditar. No dia em que me aparecer um homem e desvendar-me os mistérios de além-túmulo, eu curvarei a frente; do contrário, não. Levarei a minha incredulidade ao esquecimento de mim próprio.

— Si ao menos tivesses a certeza do dia de amanhã...

— Que sucederia?

— Tinhas o direito de assim te expressares.

— Basta; palavras não adubam sopa. Amanhã, Leopoldo, o Campeão, irá fazer a sua entrada no mundo dos extraordinários.

— Vais deixar-nos? . . . atalhou Fabre, com sofreguidão.

— Tenciono.

Brunilde de Langeais ouvira com muita atenção o diálogo de seus filhos, e cheia de impaciência, exclamou:

— Eis o resultado da controvérsia! Argumentar religião não vale a pena, nem comsigo mesmo. Ricardo! nada!

te pode seduzir, afim de deixares essa empreza nefasta?

— Nada, querida mãe.

— Nem mesmo a sorte de quem qualificaste *querida*?

— Só isto; mas, é preciso que eu me convença.

— Acabou-se tudo. Parte, meu filho. A minha benção te sirva de guia nas horas de tribulação.

— Serei satisfeito.

A noite desse dia foi lúgubre e pesada. A condessa ve-  
lou e seu filho dormiu. Muito tarde ela penetrou na alcô-  
va do desditoso e encontrou-o estendido sôbre o leito  
numa agitação deploravel. O infeliz, dormindo, sofria  
como um condenado. Compadeceu-se dessa vítima e  
chorou como mãe; com os lábios a lhe arderem em febre,  
depoz um beijo nessa fronte macilenta, e diríamos ter  
passado na ocasião a su'alma para o corpo de tão des-  
venturado ente. O conde moderou: e quem sabe, si tam-  
bem os seus sonhos de sangue não se evaporaram com  
aquele beijo, para as regiões do ignoto?!..

Antes do sol nado, ele deixou o velho castelo, o ninho  
de todas as recordações da sua infância. Não sabemos  
como ele partiu... Transpondo o limiar daquela habi-  
tação, sentira o estalar das suas fibras, uma por uma.  
Atraz ficavam lágrimas de dor e bôcas que lhe implora-  
vam a permanência á sombra dos bemitos lares. Ele  
quizera atender; mas, uma voz gritava-lhe aos ouvidos:

— Socorre-me, que eu morro!

E partiu, dizendo a gesticular:

— Maldito de quem inventou o monstro denominado  
Amor. Maldito! eternamente maldito!..





## XVI

### A ave cai no laço

**S**OBRE a terra que há de imponente, digno de um olhar significativo e sábio, para fazer do filósofo um mensageiro da fé?.. Si tudo degenera em pugna tremenda!.. Si o precito do amor se estortega no seu leito de martírios a beber o vácuo de uma ilusão!.. Si a gargalhada do sicário retumba aos ouvidos da sociedade em peso, unvida pelo narcótico do crime, qual si fôra a hóstia da benemerência!.. Si o vendaval da desesperança arrasta consigo a única centelha que possa existir no cérebro do artista!..

Sempre a maldade, — estigma fatal em fôrmas diamantinas... Pessimista!.. gritem essas bocas acostumadas ao mel da volúpia, — que, sobranceiro ao sarcasmo dos *venturosos*, prosseguiremos no tirocínio, uma vez adotado. São figuras a vaguear em tórno dos túmulos, crentes de que descobrem o ideal supremo. Deixa-los falar... O mundo é muito vasto e cedo se desenganarão, abraçando nas horas de amargura o cadáver das suas sensações. Porque devemos pensar de outro modo, quando na concha das nossas cogitações notamos que as torpezas terrenas sobrepassam as irradiações do belo?! Fatos?.. Não, que eles são infinitos. Escrevemos com a história na mão. Desenterramos as múmias do passado e confrontamo-las com as individuali-

idades do presente. Eis o motivo que sugeriu este capítulo. Cremos que lhe faltarão côres, mas, não as tintas da verdade.

Era por uma dessas tardes, em que um céu de chumbo, com o seu pardacento manto, parecia cingir a humanidade. Tudo se mantinha triste. Os tentilhões choravam um canto sinistro, ocultos nos umbrosos silvedos; a atmosfera, carregada de vapores, ameaçava entrechocar-se. O príncipe d'Arlemont, meditabundo e pálido, seguia vagarosamente pelas ruas de Aix. Quem o visse, diria ser um bandido que premedita um grande crime. E porque, não?! .. Quando no cérebro do homem justo se pode aninhar uma monstruosidade, quanto mais no crâneo desses degenerados que têm feito o seu apnágio de indiscutíveis loucuras! .. E assim era. O príncipe d'Arlemont ia representar uma tragi-comédia. A vítima seria um ente frágil e digno de outra sorte. Aproximava-se o fidalgo do palacete da marquiza de Clisson; iria, num ímpeto de lubricidade, acabrunhar os últimos brios, que por ventura restassem no coração daquela mulher, a quem o escudo da necessária energia deixara de amparar. Bateu e entrou. Tinha um sorriso falsificado a lhe transfigurar o régio porte em cinismo de praça pública. Afrontava á sua vítima, sem que lhe doesse na alma tamanha picardia! Era o *heroí* comum a dirigir assaltos por traz dos bastidores.

Infeliz marquiza! Encarando o seu algoz pela segunda vez, após as desventuras recentes, sentiu que o sangue lhe fugia das faces. Comtudo, dispoz-se a ouvi-lo. Previu que algum caso sensacional lhe ia ser revelado naquele momento, e mordida pela curiosidade, interrogou ao príncipe com um olhar significativo e que dizia tudo no seu espanto. D'Arlemont fingiu um ar de compunção, poz um joelho em terra, e colocando a mão direita sobre o coração, implorou com os olhos razos de lágrimas:

— Imagem da esperança! eu, o potentado da Provença, venho humildemente te depor aos pés uma corôa apetecida pelos barões feudais e respeitada por toda a

crisandade. E' tua. Podes pisa-la, que serei um escravo ; só peço em paga deste sacrificio a pureza do teu amor.

— Que é isto ! O príncipe d'Arlemont aos meus pés ? !

— Em corpo e alma. Chora, receando uma decepção.

— Qual ! enlouqueceste, com certeza. . . Não ; escarneceis da minha aflicção.

— Pelo Deus que adoras, não repitas esta fraze : ela tortura-me.

— Sim ? ! . . Prometeis o amor a quem ja não sabe o que seja felicidade na terra ? ! . . E' a expressão genuína que transluz nos vossos lábios ? Pois, bem. Si é a realidade, eu vo-lo digo que esse amor será impossível.

— Impossível ! . . gemeu o fidalgo.

— Para sempre. . . acentuou a marquezia de Clisson.

— Não ; tanta indiferença leva-me ao suicídio. Ainda tenho a coragem bastante de atravessar o peito com a lâmina de um punhal.

— Não vos creio, Alteza !

A esta exprobração o príncipe d'Arlemont poz-se de pé. Estava pálido demais ; o seu orgulho fôra ofendido com aspereza. Entretanto, ele que projetava tragar o fruto sazonado, absteve-se de cometer um desatino. Arqueou as sobrancelhas ; discorreu com ênfase :

— Ilustre marquezia ! tu que descendes em linha reta daquelas heroínas, que perante o imperador Conrado III deram provas, em Winsperg, do mais acrisolado amor conjugal, — não é possível que neste momento de ansiedade te ostentes tão esquiva e desastrosa ! . .

— Citaes efetivamente um fato que vem em vosso desabono. O amor conjugal instiga-me a que respeite as cinzas de quem morreu fiel.

— Não findes. Cravas em mim uma seta envenenada.

— Compete-vos perdoar-me, si fostes atingido.

— Deixarás que a minha corôa rebole no pó do aviltamento, quando eu, com tanta abnegação, te a ofereci ? !

A marquezia de Clisson tornou-se pensativa. Ainda lhe restava um fragmento de pudor. O príncipe d'Arlemont, com o semblante taciturno, aguardava uma resposta.



— Então, que exigis de mim? . . interrogou a viúva.

— O teu amor somente.

— Mas, como?! Quereis que eu seja uma concubina?

— Isto me ofende! . . Eu não seria tão vil que te arras-tasse a um vergonhoso pacto.

— Portanto, que desejas?

— Ser teu esposo perante Deus, a lei e a sociedade.

Novo silêncio se fez entre os dois. A marquiza, pos-suida de uma resolução varonil, ergueu a vista, levanta-rou-se e disse para o príncipe:

— Alteza! acompanhai-me.

Ele obedeceu. Seguiram por um extenso corredor e penetraram num gabinete. Aí, sôbre a mesa, descansava um oratório. A marquiza destrancou-o. A imagem do Crucificado apareceu aos olhos dos dois comediantes. A viúva segurou na mão do príncipe. Este estremeceu de gôzo. Depois ela exclamou:

— Vêdes? . . Aqui temos o mártir do Calvário: ele que seja testemunha das vossas promessas. Si jurardes sôbre a cruz, aceitarei a vossa mão de esposo.

Ligeiramente o príncipe empalideceu. Aquilo era muito grave; mas, o passo estava dado e cumpria arrisca-lo.

— Juro. . . soprou Alberto d'Arlemont.

— Bem; si fôrdes um perjuro, ficai sabendo, Alteza! que além da cólera divina, contareis com o meu ódio inextinguível. Serei uma pantera, evadida da jaula, e por toda parte, onde vos ocultardes, perseguirei como uma sombra. Não vos enganeis.

— E's muito precavida! . .

— Faz-se mister.

— Não te nego a razão: os meus desliais inimigos deturpam, freqüentemente, a minha honestidade.

A marquiza espraçou, em tórno de si, um olhar de des-espêro. Levou um dedo á altura da frônte e sorriu amargamente. Semelhava a estrêa de uma dementada.

— Eu entregar-me aos ímpetos da sensualidade! . . Eis o que se pode chamar a degradação da espécie. Manes do marquez de Clisson, vingai-vos; eu me deixei des-

penhar no esgôto de todas as podridões. Ai! de mim!..

— Si te voltas para os manes do infeliz e contas que a tua prece seja de algum efeito, — eu tambem implorarei a Vénus, e ela da mesma fórma correrá em meu auxilio.

— Mas, nós somos cristãos...

— Far-nos-emos gentios, comtanto que os nossos desejos sejam contentados; esmaguemos aos pés os preconceitos desta sociedade torpe.

— Horrível!.. pronunciou a marqueza no auge do despeito... Uma voz secreta me balbucia ao ouvido que este amor será o beijo de Satan na face pudibunda da mulher imaculada. Vacilo, tremo de arrependida. Ainda a morte de um esposo não calou no espirito do público, e no entanto a sua vil consorte, abrazada em desejos desmedidos e fitando unicamente o interêsse sórdido, vende os seus brios! Eis o que se chama — queda moral.

— Não penses assim, louquinha! A vida é o prazer, e o prazer concentra-se num beijo, numa sensação pecaminosa. Beber o cálice de amargura, sem contrair os lábios, é o impossível que se embrusca. A natureza humana foi talhada para uma só fórma: sorrir no gôzo, gemer na aflição.

— Não penso por esse modo. Ja uma vez, quando tratávamos sôbre este mesmo assunto, discordei de minha cunhada, — aquella cabecinha de vento, atualmente reclusa no mosteiro de Nimes. Continúo firme no meu propósito, e todavia, vou vender-me!

— Por tudo que há de santo, não fales mais em semelhante matéria. Não sabes? Dessa maneira se expressam as marafonas. Não admito que tão monstruosa idéa germine no cérebro daquela a quem o príncipe d'Arlemont jurou, pelo Redentor da humanidade, amar como sua verdadeira esposa.

Desventurada mulher!.. Acreditou piamente nas frazes desse fariseu infame. Sorriu com orgulho e num momento julgou-se qual outra Maintenon. Eis como uma mulher se perde... Nada mais frangível, mais digno de compaixão do que esse; ser, aviltado, escarnecido, sem

valor social desde a noite dos tempos. E a mauqueza fôra pura. Corara de envergonhada ante ás expansões da viscondessa de Chiourme; dissera ser preferível o lúgubre cortejo dos finados, as vésteas do sepulcro, dar pasto á glotonice das insaciáveis larvas, — do que exhibir o labéu que se estampa na fronte da mulher perdida. Si assim pensava, porque se deixaria rolar ao fundo do precipício?! Indecifráveis mistérios, para serem explicados por esses filósofos que tentam perfectilizar a tosca humanidade. . . Desde esse dia, enquanto não se realizava o consórcio, a marquiza do Clisson se constituiu amante do príncipe. A nobreza murmurou de escandalizada; a burguezia comentou o fato; a plebe insultou á desventura. . . Conhecemos vítimas que se têm despenhado de mais alto e só encontram apoio no seio do esterquilínio. Há anjos decaídos e mulheres mortas. Ela foi uma mulher que morreu.

Aos desgraçados não injuriamos; ainda temos pudor, e o nosso caráter não desceria ao nível de tanta profanação. Como escritor, procuraremos desempenhar um papel do qual não tenhamos de enrubescer, amanhã. Si Côrte Real, no seu romance **O Turbilhão**, esforça-se em analisar as mazelas da sociedade contemporânea, também, nas páginas deste livro de sangue e de torpezas aristocráticas, desenterramos o esqueleto do passado, para faze-lo reviver em muitas ante-salas.

Esperamos no futuro, — essa lâmpada que se ateia para iluminar os antros do pretérito. Inflexível, lavrará a sua sentença; e os homens, tantas vezes chasqueados pelo centro em que viveram, mas, senhores de uma sciência tão vasta, que não chegou para aquela turba inebriar-se ás fulgurações da sua luz, — com certeza se erguerão das iluminuras dos seus escritos, e passarão a dominar, depois de mortos. . . Triste glória! . . Mas, quasi sempre é isto. . . Dezoito séculos se haviam embuçado no manto dos tempos, quando Lucrécio, compreendido exatamente pela escola positiva, foi levado ao Capitólio da verdade, para receber a sua corôa de louros; trezen-

tos anos decorreram para que a sonolenta pátria de Vasco da Gama e Afonso de Albuquerque sentisse remorsos, e numa lamúria infrutuosa recordasse o desaparecimento de Luiz de Camões. E' que o poeta não havia morrido para todos os paizes ; si uma geração ingrata o deixava expirar de fome na enxérga de um hospital, — ainda no coração da história tinha guarida o sentimento da equidade. Os teólogos ameaçam com o dia de Juízo, pois só assim, compreendem eles, será possível lavar-se a grande mácula do mundo : entretanto, trabalhassem antes na redenção do género humano, operada exclusivamente pelo vigor das próprias fôrças. Eduquem-se os povos ; caiam os potentados, e então o verbo do altruismo ditará as suas leis na Carta que há de reger essa preconcebida república. Fatos desagradáveis aparecerão, comtudo, mas fatos isolados, que não perturbarão a marcha da familia universal.

Talvez que isto seja uma utopia ! . . — consideramos ainda. Mas, será admissível que a humanidade não melhore de condições, não procure garantir-se ? ! . . No dia em que se buscar na face do globo um déspota e exclamarem os povos confraternizados : « Ja não existem Bismarcks, nem Richelieus ; o império otomano deixou de ser absoluto ; os crueis niilistas renunciaram ás bombas ». — esse dia, nós o repetimos, seria de liberdade plena. Emquanto um Nicolau I, qual o abutre da desgraça, voar sôbre o cadáver da Polónia, — é de extrema necessidade que a espada de Kosciuszko envermelhega com o sangue dos opressores, cem vezes mais audazes e mais ladrões do que os beduinos do deserto.

Com que direito Guilherme I de Alemanha conquista Alsácia e Lorena, províncias incontestavelmente francezas ? Porque a independência dos Balkans não teve solução completa ? Porque o Santo Sepulcro continúa em poder dos muçulmanos ? ! E então pensamos, que a paz universal se há de fazer, mas, nas calendas gregas.



## XVII

### O velho estremeceu de espanto

**R**ASSARAM-SE alguns mezes e ninguem mais soube qual o destino do conde de Langeais. Até mesmo Leopoldo o Campeão se tinha eclipsado ! Era debalde que a família tentava obter indicações que a habilitassem a descobrir as pegadas daquele infeliz. E pouco a pouco se foi incutindo na crença dos parentes, que ele abandonara a França por uma vez, ou então o antro de uma lúgubre caverna lhe guardava a ossada. Cruel persuasão a inveterar-se cada dia com maior fôrça e probabilidade. Desgraçada mãe, que chorava sempre, lembrando-se de um filho arredo, impulsionado por uma idéa recalcitrante.

Comtudo, Leopoldo o Campeão era vivo. Sob todos os disfarces percorria a velha Gália, mudando de expedientes, colhendo informações de quantas pessoas abeirava. Fizera-se funámbulo e não conseguira melhores resultados, do que, si em nome do próprio conde de Langeais, perguntasse ás turbas pela prisão ou pelo sepulcro de Heloisa d'Arlemont. Entrava nas tabernas e bebia no mesmo copo daquelas sombras temulentas; communicava com os bandidos a narrar-lhes misteriosos lances da policia secreta; vestira uma roupeta e exercera a profissão de cenobita, a ver si no confessionário apanharia uma ponta do fio de Ariadna. Baldados inten-

tos!.. A fatalidade escarnecia daquele pirrónico. Ainda mesmo, fazendo-se de Gil Braz, não encontraria outro recurso que o pudesse reerguer de tão desastrosa queda. Todavia, o obstinado principiou a esmorecer, e já tinha resolvido tornar aos penates, quando o acaso o favoreceu maravilhosamente. Estacionava em Aurillac. Dormia numa água-furtada, e só á noite passeava nas ruas. Um dia, em que levara a scismar profundamente, esperou, com impaciência, que se fizesse a treva para a acostumada excursão, e saiu uma hora mais cedo. Uma voz interior lhe parecia segredar no ouvido uma esperança suasória. Partiu, sem saber para onde dirigisse os passos. Caminhou a esmo. Numa das ruas mais escondidas, em frente de uma tasca, alumada por um lampeão de azeite, havia um ajuntamento qualquer. O som de um bandolim deixava-se ouvir distintamente. Então o conde, que penetrara nesse lugar suspeito, e como o sicário, gostava de espreitar sem ser pressentido, — envolveu-se com a multidão e não procurou interrogar ninguém. Lançando o seu o'har perscrutador para o sitio donde vinha aquele som, que lhe arrancava do peito ignotas sensações, — viu que um velho, exibindo um surrado casaco, de aspecto majestoso e calmo, fronte espaçosa, cabelos cõr de neve e a pele bronzada, fazia do seu instrumento uma arma suggestiva.

O conde de Langeais sentiu se lhe engasgar um grito de espasmo. Sufocou-se; deu alguns passos, rompendo a aglomeração e aproximou-se do velho. Estava convulso, pálido, ofegante; mas, só ele o sabia. A luz do lampeão era um tanto baça e não auxiliava bem os olhares investigadores dos curiosos. Ao pé do velho, Ricardo conservou-se mudo, arrebatado numa enlevação indizível, e com a mão esquerda sôbre o peito a abafar os saltos do coração cansado de sofrer. Quizera interpellar esse ancião; mas, os seus lábios temiam denunciar-se. E o velho cantava sempre. O bandolim estremecia sob os seus dedos ágeis e resistentes como a palheta; o entusiasmo desenhava-se em todos aqueles semblantes.

Luiz de Castro, porque era ele, findara de gargantear uma trova, — visão desses tempos priscos, a embebercer uma alma de poeta —, quando uma moeda, atirada pelo sr. de Langeais, lhe foi cair dentro do chapéu, que parecia esquecido aos seus pés. O velho sorriu e fitou o conde. Conhece-lo, era impossível; o fidalgo cuidadosamente trazia a barba postiça. Comtudo, o brasileiro tornou-se sombrio e grave. Acenou em direção do oriente e gemeu, por assim dizermos:

— Tu és moço ainda, apesar dessa barba grisalha, que te encobre o rosto. Parece-me que no fundo do teu crânio adormeceram mil idéas horrorosas. O teu peito deve estar cansado de carpir. Tu amaste e amas. Andas agora como a sombra dos sepulcros em tórno dos cemitérios.

— Levantaste uma ponta do véu; não sejas tão profano. . . Tu me conheces? . . Sabes quem fui, quem sou hoje e quem serei amanhã? . . Fala, profeta

— Não; uma reminiscência explodiu-me no cérebro, ouvindo-te falar. A tua voz é a dele.

— Dele quem? . . murmurou o conde, a estremecer de pasmo.

— Deixemo-lo. E' um cadáver, hoje. Não seja eu quem vá revolver as cinzas. Pobre vítima! . .

O conde adivinhara tudo. Luiz de Castro aludia á sua pessoa, e tratou então de cortar o fio dessa história que se ia tornando inconveniente. Uma palavra mais e Leopoldo o Campeão estaria perdido. Afastou-se um pouco, e como testemunha quêda, ouviu por longo tempo as diversões do músico ambulante. Quando Luiz de Castro abandonou o local, seria meia noite. Marchava só, prendendo o bandolim com a mão esquerda. Ricardo de Langeais, que se tinha postado na esquina da mesma rua, saiu-lhe ao encontro. O velho recuou.

— Não te assustes; sou o homem de quem quizeste desvendar o passado. Realmente, há um mistério comigo. Eu te conheço e tu conheces a mim. Acompanha-me á água-furtada, que me serve de asilo, e lá caíras

das núvens, quando em me apresentar a ti, qual fui outrora. Segue-me, jardineiro de Saint Pont !

— Oh ! serás algum mágico ? ! . . .

— Não ; sou um desgraçado e nada mais.

— Tu és tão triste ! Esse ar reconcentrado assusta-me.

— E como quererias que o réprobo trouxesse o riso nos lábios ?

— Tens razão. Anda, que eu te acompanharei, aonde fôres. Vamos ao Inferno ?

Os dois deram de marcha. Em breve tempo se introduziram na loja de um sobrado velho e principiaram a galgar uma escada carunchosa. Luiz de Castro tateava ; o conde dirigia-lhe os passos. Quando penetraram na trapeira e o locatário acendeu uma vela de sebo, para iluminar o antro, — Luiz de Castro divagou, então, um olhar maldoso em tórno de si. O seu exame foi rápido. Comtudo, nada pôde inferir de suspeito, que o levasse a desconfiar do inquelino desse cubículo. Sentou-se num môcho e ficou á espera. O conde, dando-lhe as costas, sem mais detença arrancou as barbas e voltou-se para o velho, tal como sempre fôra. Luiz de Castro ao fita-lo estremeceu de espanto, soltou um grito vibrante e pulou do banco como um gato medroso. O bandolim caíra-lhe das mãos, retinindo sonoramente. O ancião, de pé, no meio da salinha, não sabia o que dissesse. Ricardo de Langeais avançou para ele, com um sorriso frio, agudo, penetrante, a lhe brincar nos lábios. O brasileiro recuou até á parede, acenou com ambas as mãos, e num fôlego bramiu :

— Tu és um fantasma ; não me queiras cingir com esses braços. O conde de Langeais morreu ; só podes ser a sua sombra a vaguear na terra.

— Pobre homem ! . . . lamentou o conde. . . Eu avaliava que fôsses mais forte ! . . .

Ouvindo a apóstrofe, o velho corou. Reuniu todo o vigor da su'alma e avançou tambem. Estava imenso ; a sua figura era imponente.

— Que dizes ? . . . rugiu ele. . . Eu, cobarde ? ! O homem



que não fremeu ante as balas holandezas ; que afrontou todos os perigos, e ainda hoje canta na praça pública, para suavizar a mágua e recolher um *liard*, com que possa reprimir a fome que o devora ? . . Ah ! não foste sincero. Si és o verdadeiro conde de Langeais, bem me poderias conhecer.

— Ja o fui. Hoje sou tão somente Leopoldo o Campeão.

— Si tu morreste, qual foi o novo Cristo que disse ao teu cadáver : « Levanta-te e caminha ? ! » Si fôras Lázarro, eu o creeria melhor.

O conde teve um sorriso gélido.

— Não sabes o que houve, e realmente é um mistério que se desenrolou nos salões do castelo de Saint Pont, e não foi desvendado pelo público. Ainda conservo as cicatrizes no meu corpo ; mas, este coração agonizante só poreja sangue. Ergui-me do meu próprio tûmulo e comigo ficou uma mortalha que apavora os vivos.

— Como és equívoco ! . . Por mais que eu me esforce, sinto a cabeça andar á roda. Não te compreendo.

— Vais compreende-lo. O conde de Langeais deixou de viver ; do seu cadáver surgiu o espectro da vingança.

— Ah ! escapaste do punhal do sicário ; morreste para o mundo e ressuscitaste para o assombroso ! . .

— Tal e qual.

— Aperta-me esta mão. O velho Luiz de Castro chora de contente.

Assim se expressando, o valoroso brasileiro estendeu a sua mão ao conde, e este apertou-a sôfrego. O ancião chorava de regozijo e dizia com impaciência :

— Conta-me todos os horrores por que passaste ; qual a tragédia que mais entenebreceu o teu peito, — e ouvirás destes lábios algumas revelações, parecendo insignificantes, mas a bússola, talvez, para descobrires o porto desejado.

— Sabes, emfim, qual o desígnio de Leopoldo o Campeão ?

— Propriamente, não ; percebo apenas, porque o passado do conde de Langeais não me é extranho.

O esposo de Heloisa d'Arlemont pensou por alguns instantes. Sentou-se e pediu a Luiz de Castro que fizesse o mesmo. Depois encetou a narrativa das suas aventuras. A cada fraze, que lhe escapava dos lábios, o velho era assaltado por uma crispação de nervos. Quando ele findou a sua história, Luiz de Castro conchegou o tamborote, e sondando o íntimo do confidente, exprimiu-se nestes termos:

— Queres saber quem indagou por ti? Quem se atreveu a macular o teu amor tão nobre? Juro que não atinas, e não caberás em ti, de espanto, quando eu te disser que foi um frade de Nimes.

— Um frade de Nimes?!..

— Sim; frei Rafael, que me deu este casaco.

O conde de Langeais reconcentrou-se um pouco. Depois de ter martelado bastante, acudiu-lhe um reminiscência:

— Ah! lembro-me agora desse tratante. E' um azeviro insolente, bem digno de um patíbulo. Arranquei-lhe uma vítima das garras, e por isto deve odiar-me.

— Isto, sim; entendo perfeitamente.

— Que disse o canalha?

— Perguntou-me si eu conhecia o conde de Langeais e o que fôra feito de sua infeliz esposa; quando eu lhe revelei que esse desventurado tinha perecido ás mãos do hediondo sogro, o franciscano arregalou os olhos e não pôde disfarçar o júbilo. Naquele olhar de hipócrita, eu li um tanto de misterioso; ninguém me tira da mente que a desditosa Heloisa, si há muito não é cadáver, geme sem trégua no mosteiro de Nimes, talvez em algum subterrâneo infeto, onde não penetra um raio de luz, nem se ouve o murmúrio de uma voz humana.

— Cala-te, Luiz de Castro; tu me cravas o peito! Este quadro é excessivamente negro. Quero sonhar ainda.

— Refreia-te, mancebo! A linguagem do velho, si não é amena, é razoavel.

— Continúa... volveu o conde, no mais desconumado aqodamento.

— O frade empregou todos os meios para arrancar-me uma palavra indiscreta ; felizmente, eu lhe torci as bolas. Em poucas palavras descrevi o príncipe d'Arlemont, e antes que ele me dirigisse nova interrogação, esguerei-me de porta a fora, tocando o meu bandolim.

— Irei a Nimes. Esse frade falará.

— Prouvera! . .

— Usarei de todos os recursos ; estou disposto a banhar esta arma em sangue. . . e assim dizendo, o conde de Langeais fez luzir aos olhos do músico a lâmina de um arguto punhal.

— Não cometas loucuras ! . . E eu fui o culpado ! . .

— Bem ; atendo o teu conselho. Conversarei somente : o frade terá pena de mim. Recorrerei ao ardid.

— Esqueçamos estas coisas : saltemos de um polo a outro. Sabes que não tenho casa, e peço-te, portanto, para me agasalhares por esta noite. E' tão ruim dormir ao relento ! . .

— Oh ! pedires isto ! . . Tu me ofendes. Só não servi-rei, quando as fôrças me fraquejarem.

— Obrigado. Tu és a exceção dos fidalgos.

— Este distintivo enjôa-me ; desejava antes que me olhassem como o somenos dos homens.

— Não te maldigas : Deus e a virtude existem.

— Quem sabe si ambas as palavras não valem a mesma coisa ? ! Si ambas não são tão vãs como a idéa que se germina no cérebro de um louco ? . .

— Seria horrivel... mais negra ainda se tornaria a existência humana. Foram as duas únicas idéas que me calaram no espirito e me embalam ao sópro das sensações. Desgraçado de mim, no dia em que elas empalidecerem e se crestarem ao sol do materialismo.

— Sé feliz.

— Não está nas minhas mãos.

Calaram-se ambos, por alguns minutos. Então o conde teve uma lembrança generosa, e fitando novamente o velho Luiz de Castro, disse-lhe :

— Ainda te restam recordações da pátria ?





## XVIII

### Procura embalde desvendar o mistério

**Q**UANDO o conde de Langeais entrou na cidade, onde a sua idolatrada esposa gemia, sem que ele o soubesse, no fundo de um mosteiro, servindo de pasto a quantos abutres esvoaçavam em tórno, — sentiu que o peito se lhe oprimia e uma névem côr de sangue lhe empanava o olhar. Si ele fôsse fatalista, com certeza recuaria diante da empreza ; mas, pelo contrário, tinha a perseverança comsigo e não ignorava a anedota de Tamerlão, o príncipe que fugitivo um dia, se recolhêra a uma pobre cabana, afim de escapar á sanha dos inimigos, e notou que uma formiga tentara sessenta e nove vezes subir, com um grão, maior do que ela, por uma parede, somente o conseguindo na septuagésima investida, á custa de inaudita constância. O conde de Langeais observava este exemplo com a mesma austeridade, que a do conquistador tártaro.

Descansou algumas horas, antes de entender-se com frei Rafael. Apenas as fôrças lhe foram restituídas, correu ele á casa do franciscano, que a tinha por conta própria, sem a menor observância aos estatutos da ordem. Logrou a enorme felicidade de encontra-lo no ninho. Era noite e o frade ceava. Sabendo este que um desconhecido lhe queria falar sôbre assunto importante, mandou introduzi-lo na sala e cortezmente o convidou a

servir-se da refeição. O conde, propositalmente, aceitou-a, afim de inspirar maior confiança ao nosso franciscano. Terminada a ceia, frei Rafael foi o primeiro a romper o silêncio :

— Sr! será indiscrição da minha parte, perguntar o vosso nome ?

— Pelo contrário, reverendo; tendes incontestavel direito. Eu me chamo Leopoldo o Campeão.

— Irra! que nome! . . .

— Foi uma alcunha adquirida no colégio em que me eduquei; o meu génio ardente e um tanto irascível correu para isso.

— De onde vindes? Qual a vossa pátria?

— Venho de Pariz. Sou natural do Havre.

— Viestes conferenciar comigo? Sabeis quem sou eu?

— Sim; venho deliberadamente entender-me com frei Rafael, a quem eu ja conhecia de longe. Agora tive a ventura de encontrar-me com ele face a face.

— Obrigado. Isto me lisonjeia.

— Mereceis, reverendíssimo.

— Vamos ferir no alvo. Dizei-me de que se trata: estou ás vossas ordens.

— Sou enviado de uma dama ingleza, cujo nome, permiti que vos oculte, mesmo em beneficio dessa infeliz.

— Ah! é alguém que sofre?

— Desgraçadamente.

— Continuai.

— Ela incumbiu-me de uma missão espinhosa, a qual julgo com muitas probabilidades, não a poder desempenhar. Ando pela França inteira, indagando por uma personagem, que, segundo parece, se occultou no centro da terra.

— Como se chama essa pessoa, que procurais com tanto afincó?

— Conde de Langeais.

E pronunciando este nome, o esposo de Heloisa d'Arlemont olhou vivamente para o frade, afim de analisar o efeito que lhe ia produzir no espirito.

Fr. Rafael não se poudo dominar, absolutamente. Aquelle nome esporeava-o, quais verdadeiros acicates. Deu um pulo da sua cadeira e ergueu-se involuntariamente. O seu semblante estava transtornado.

— Isto é sério, sr. Leopoldo? .. Logo a mim é que vindeis perguntar por esse homem?! Eu não vos creio.

— Ouvi o resto.

— Sou todo ouvidos.

— Interroguei a mil pessoas diversas e todas elas me desenganavam resolutamente. Algumas, que melhores esclarecimentos forneceram, respondiam contristadas: « Conheci esse desditoso; ouvi dizer que ele fôra assassinado no castelo de Saint Pont ». Em face de tão desenganadora noticia, eu esmoreci completamente. Depois de ter invidado todos os recursos, lembraram-me o vosso nome.

— Com que razão? Como sabem que eu conheci o conde de Langeais?!

— Não conversastes com um velho que tocava bandolim? Não lhe fizestes perguntas sôbre o conde?

— Quem vos disse isto?!

— O acaso. Sem indagar, ouvi uma revelação do próprio velho. Interroguei-o e ele me respondeu: « Segue para Nimes, conversa com fr. Rafael, e ele te prestará os esclarecimentos precisos ». E parti, cheio de fé; eis-me diante de vós. Dizei-me agora o que sabeis com relação ao conde de Langeais.

— Em tudo isto há muita mentira. Não conheço esse fidalgo.

— Perdão, revº! Sei de fatos que vos obrigarão a falar.

— Desafio para que os citeis.

— Pois bem. Não vos lembrais da hospedaria de Bour-ganeuf, onde íeis abusar de uma pobre moça, fugitiva do convento de Montpellier, e no momento em que procuráveis saciar os vossos appetites brutais, vos encontrastes cara a cara com o conde de Langeais, que vos desmanchou a figura? .. Negai-o, sem o menor reboço, frei Rafael.

O franciscano esmoreceu totalmente. A custo conseguiu dizer :

— Sois o diabo em pessoa ! Não sei quem vos fez senhor de tantos segredos ! . . .

— O mundo.

— Que mais quereis ? Não estais satisfeito ?

— Ainda não : falta o essencial.

— Bom ; só vos posso dizer o mesmo que outros já disseram.

— Não me satisfaz : preciso de uma solução exata.

— Pouco importa : não hei de inventar um conto para vos ser agradável. . . E essa dama ingleza que tem com o conde de Langeais ? Que laço contraiu com ele, para o procurar tão interessadamente ? !

— E' depositária de uma fortuna, que só o próprio conde a poderá receber.

Os olhos do frade brilharam de cubiça. Ouvira falar em dinheiro e um lampejo febril lhe perpassou no cérebro. Imaginou que a ser verdade essa história, bem poderia vir a assenhorear-se da riqueza. Então, com uma viva impetuosidade falou :

— O conde de Langeais não chegou a casar com a filha do príncipe d'Arlemont ?

— Não o sei de certo ; ouvi dizer.

— Si essa moça fôr viva e puder provar, com documentos incontestes, a efetividade do seu consórcio, não terá o mesmo direito a essa fortuna ?

— Indiscutivelmente.

O frade ficou pensativo por alguns minutos. Quando ergueu a vista, notou que Leopoldo o Campeão o observava com certa desconfiança. Pela sua vez desconfiou também ; mas, nem por isto deixou de dizer :

— Quem sabe si percorrendo a esfera social, não poderíamos colher essa princeza decaída, talvez nas peores condições e a implorar o bálsamo do amor, que lhe sarasse as chagas do triturado peito ? .. Si o ouro é tudo neste mundo, quem não se aventurará a dizer, que essa riqueza imprevista, quando não fôsse o porto desejado,



seria pelo menos a tábua de salvação?... Que me respondeis a isto, sr. Leopoldo?!

— Digo-vos, que apesar de não conhecer a princeza Heloïsa d'Arlemont, contudo, não lhe julgo o carácter tão vil, que se deixe fascinar por um punhado de ouro.

— Engano, meu caro amigo! Tudo neste mundo se vende. Até o próprio Deus, no seu altar, não está seguro.

— Admira-me esta linguagem na bôca de um frade!... Parece que não sois um apóstolo do cristianismo!...

— Ainda não conheceis o mundo. Si vos entregásseis á vida do confessor, então pensaríeis de outro modo.

— E é tão má a escola do confessor?!

— Ao inverso: é excelente.

— Concordo. Mas, em que ficâmos?

— No projeto de se descobrir o paradeiro de Heloïsa d'Arlemont.

— E seríeis capaz de tanto?

— Tenho a minha presunção. Sob este hábito, nós os frades, revolvemos o mundo.

— Si conseguísseis ser o autor de tamanha felicidade, teríeis o vosso quinhão pecuniário.

Os olhos de fr. Rafael luziram novamente. A sua cubiça era desmedida.

— Trabalharei... acrescentou com vivacidade.

— Magnifico!... Entretanto, quero tirar-vos de um engano. Sou franco e me pezeria concorrer para a vossa desdita. Si tiverdes o arrojo de ilaquear a dama ingleza, caro pagareis a vossa infâmia.

— Oh! isto é mais do que uma ameaça tácita!

— Exatamente.

— Assim fujo do compromisso que tomei.

— Peor para vós. Provais exuberantemete que a perfidia era o vosso fito.

— Vá lá. Ja fui soldado e na caserna adquiri afoiteza. De hoje a um mez, onde nos poderemos encontrar?

— Nesta mesma casa. Leopoldo o Campeão enfrentará comvosco, pela segunda vez.

— Está dito.

O conde de Langeais ergueu-se. Apertou a mão do frade e saiu imediatamente. Atravessando as ruas de Nimes, conservava um ar taciturno, cheio de acentuada amargura. Comtudo, ateou-se-lhe no peito uma diminuta esperança, embora dissesse de si para si:

— Qual! .. ilusão completa!.. Aquele frade vende-me. Mas, ah! ele não sabe que em lugar de Leopoldo o Campeão, se entende com o conde de Langeais, — o homem implacável, que tem sêde de justiça.

Nessa mesma noite ele partiu. Compreendêra que a sua permanência na cidade tornar-se-ia um perigo individual. Andava como o Ahsvérus da lenda, sem deparar um pouso, um olhar bemdito, uma mão carinhosa, um seio que o aquecesse... E foi-se, sem destino certo. Sentia o coração pulsar-lhe, o cérebro continuamente a arder e o braço disposto á prática de uma represália. Desditoso homem! Infelizes são esses açoitados do destino, mas, não o Adriano da **Esposa e Virgem** de Adolfo Belot. Nessa obra do romancista francez vejamos o caráter da condessa de Blangy e cotejemo-lo com o da viúva Lucrecia do **Moço loiro** de Macedo, e então, nas duas mulheres encontraremos grande semelhança. Bem dignas uma da outra: sempre devotadas ao mal, á vilania de princípios, e portanto, não merecedoras do menor conceito.

Fr. Rafael, pela sua vez, querendo empolgar uma fortuna, poz-se em campo. No dia seguinte correu ao mosteiro de Nimes, afim de convencionar com madre Tereza do Coração de Jesus. Eles se entendiam.





## XIX

### Como se propõe um crime

**S**ERIAM cinco horas da tarde, quando madre Tereza foi chamada, em sua cela, da parte de frei Rafael. Correu pressurosa, pois há muitos dias não tinha o prazer de confabular com o franciscano. Depreendeu que só um assunto grave impeliria o frade a procura-la, pois era inoportuna a ocasião. Enfrentando o amante, notou logo que um sorriso de felicidade lhe entreabria os lábios. E sorriu também, embora desconhecesse a causa. Fr. Rafael estirado numa otomana, com toda a languidez de um malandro, estendeu a sua mão carnuda a madre Tereza e esperou que fôsse interrogado. A abadesa não se fez rogar.

— Rafael! que bons ventos te trouxeram até cá? E' alguma novidade? Terei a ventura de ouvir magníficas histórias?

— Conforme. A minha estrela principiou a luzir com mais intensidade. Temo que o brilho me ofusque a vista.

— Seria uma fatalidade para ti. Trata-se de amor?

— De alguma sorte. Embora nessas lutas eu me assemelhe ao Leonardo, de quem o épico portugez nos fala no seu *Lusiadas*, comtudo, sofri aquela decepção na aldeia de Bourganeuf e agora me vejo entre Scila e Caribdis.

— E' sério o que dizes? Sôbre quem falas?

— Refiro-me a Heloïsa d'Arlemont.

— Ui! eu o desconfiava. Não sei, entretanto, como deixaste esfriar uma questão desse alcance!

— Não foi esmorecimento, e sim, prudência.

— E tu que tens um resguardo epicurista. . .

— Obrigado. Si o dizes por ironia, declaro-te categoricamente que não estou disposto a ouvi-la.

— Então, mudemos de assunto. Expande-te, que terei muito júbilo em minorar as tuas máguas.

Fr. Rafael ficou silencioso por alguns segundos. Contraiu o sobrólho, passou a mão pela frente e disse com arrebatamento:

— Recebi hontem, á noite, a visita de um desconhecido e que muito me tem feito scismar.

— Que queria ele?

— Notícias do conde de Langeais.

— Santo Deus! Será possível?!

— Porque, não? Tu te admiras com tão pouco? Quanto mais si ouvisses as suas revelações, o tom de voz com que me falou, os seus gestos de ameaça! . . .

— Que lhe respondeste?

— Quási nada. Que esclarecimentos lhe poderia eu dar, ainda mesmo que o procurasse servir?

— Nenhum. . . Mas, esse desconhecido veio mandado do inferno?

— Não. E' um homem como todos os outros. Até se chama Leopoldo o Campeão.

— Com que fim indagava ele pelo conde de Langeais?

— Vinha da parte de uma dama ingleza, a qual, conservando-se no incógnito, é depositária de uma fortuna, pertencente ao conde.

— E só ele a poderá receber?

— Ou a esposa.

— Quem sabe si isto não traz água no bico?! Não seja alguém que desconfia da clausura de Heloisa neste mosteiro e quer, por esse meio, devassar o esconderijo. . .

— Pode ser; mas, eu duvido ainda.

— Veremos.

— Sabes, emfim, que idéas concebi?

— Não. . . respondeu madre Tereza, ansiosa pela exposição do frade.

— Escuta : conclui que, apresentando-se Heloïsa d'Arlemont, poderíamos empolgar facilmente, quando não fôsse toda, porém, uma bôa parte dessa riqueza.

— Seria muito bom, si não sobreviessem as deploráveis conseqüências.

— Não penso deste modo.

— Fazes bem, porque não és responsavel pela filha do príncipe d'Arlemont.

— E não me a entregavas para a saciedade de brutais desejos ? Onde o teu escrúpulo ? !

— Bem sabes que isso ficava oculto no fundo do mosteiro ; é muito diferente do que propões para sair a lume.

— Ilusão ! Para se adquirir fortuna, devemos vencer todos os obstáculos e saltar, até mesmo, por cima de cadáveres palpitantes.

— A teoria é sedutora : mas, a prática não é simples.

— Queres que te fale francamente ?

— Desembucha.

— Si arrumares com Heloïsa, para que ela se sujeite ao nosso pacto, tudo estará feito.

— Explica-me esse pacto.

Frei Rafael, baixando a voz, expoz sucintamente a madre Tereza o que era necessário para o completo êxito. A abadessa riu com entusiasmo.

— Magnífico ! Agora percebo que a tua idéa tem fundamento. Vou propo-la imediatamente á princezinha.

— Então espera pelas horas mortas da noite. Hoje dormirei aqui.

Os dois vampiros religiosos assim combinados trataram, logo, de outros assuntos, apanhados ao acaso, até que soando 11 horas no relógio do mosteiro, madre Tereza se apartou de fr. Rafael, afim de desempenhar a negregada missão. Reinava completo silêncio. Nem sequer se ouvia a tosse abafada e sêca de alguma desditosa freira a lutar com os tormentos da tísica. Parecia não viver ninguém sob as abóbadas daquele edificio. O

próprio vento não sibilava lá fóra. Madre Tereza do Coração de Jesus atravessou cautelosamente os desertos corredores, e parando diante da cela número 12, destrancou a porta, com a mesma precaução. Segurava uma vela, e a claridade da sua luz invadiu vagarosamente o recinto em que Heloisa d'Arlemont dormia.

Que quadro de dor! Observar-se a filha da grandeza estirada num leito de ferro, coberta simplesmente com um grosseiro lençol e esquecida, como si fóra um cão leproso! . . . Por acaso dormiria? Pudera! . . . O seu estado de exaltação e sofrimento não o consentia. Esse organismo, condenado ao tûmulo, teria de consumir-se pouco a pouco. Mal pressentira ela que a porta do cubículo girou nas dobradiças e imediatamente ergueu-se do catre. Os seus olhos flamejavam. Os cabelos em desalinho caïam-lhe pelas espáduas nuas e descarnadas. As mãos contraídas, os dentes a rangerem e a fronte em braza! . . . Verdadeiro estado de perturbação.

Madre Tereza, percebendo todo esse desarranjo físico, parou instintivamente e ficou, com a vista esgazeada, a olhar o vulto de Heloisa d'Arlemont. Esta, sem mais preâmbulos, gritou para a superiora:

— Que queres, megera? A quem procuras em tão adiantada hora?

— Não grites assim, filha! Ouve-me primeiro.

E foi sentar-se, quanto antes, na extremidade da barra. Heloisa serenou um pouco.

— Dize o que queres de mim. Bem sabes que te odeio.

— Paciência! Um dia sóror Marta será acossada pelo remorso.

— Não me trates por este nome. Eu o esconjuro com todas as forças do meu ser.

— Caluda! Vim propor apenas um negócio vantajoso.

— Vejamos. Desfia o rosário dos embustes.

— Queres voltar aos braços do conde de Langeais?

— Este desejo morrerá comigo; sôbre a terra não existe um ente que se atreva a dar-me essa liberdade, porque todos os homens se medem pela mesma bitola. Eles

são áspides e distilam nos corações puros e inocentes o veneno das suas infâmias. E demais : a quem eu amo e quero, já não pertence aos vivos.

— Talvez seja o contrário do que pensas.

— Já sei que me impinges as mesmas lábias, as mesmas hipocrisias de sempre.

— Em tudo bem demonstras as criaçadas, únicos motivos da tua desdita. Si soubesses domar esse caráter, nunca terias decaído.

— Cortemos este diálogo. Que pretendes de mim ?

— Vou ferir o ponto. Frei Rafael penetrará hoje nesta cela. Si o satisfizeres, amanhã entrarás no mundo, donde saíste ; irás reunir-te ao caro esposo ; lograrás uma fortuna que ele te reserva. Vê, si aceitas.

— Como ? desgraçada ! Tens coragem para tanto ? ! . . . Que fizeste do teu juramento ? Julgas, por acaso, que Heloísa d'Arlemont, — a fiel viúva de conde de Langeais, pratique jamais um ato de tamanha indignidade ? Retira-te da minha face ; essa podridão é digna da tua alma purulenta.

— Reconsidera, que para isto te concedo tempo. Após uma noite de gôzo, serás a mulher mais feliz do mundo.

— Serpente ! si tencionas fazer de mim uma outra sóror Mónica, aproveita o ensejo ; do contrario, não. Nem o próprio Langeais me obrigaria á consumação dessa torpeza, quanto mais tu, que és a última das mulheres.

— Reconsidera bem ; nós temos subterrâneos pavorosos, onde jamais penetrou a luz do dia, e nos quais te poderemos lançar. Nunca houve grito humano, por mais piedoso e estridente, que conseguisse rasgar aquelas abóbadas, e ser ouvido cá fóra.

— Nada me assombra. Retira-te, enquanto não me chega o delírio, porque, si ele invadir-me a alma, sou capaz, em falta de pedras, de arremessar ao teu rosto esse crucifixo, que ali pende da parede. Não me tentes mais. Si ainda isto não fôr bastante, gritarei, e a comunidade em peso despertará.

— Não acredito que cometas essa loucura.

Heloísa avançou para a porta. Uma convulsão abala-

va-lhe todo o organismo, e ela principiou a gritar:

— Aqui del-rei ! a abadessa prevarica ; está seduzindo-me... Acudam!..

Madre Tereza voou sôbre a desventurada ; apertou-lhe a garganta e resmungou com uma fúria satânica :

— Virtuosa da rua ! estás condenada para sempre. Hoje mesmo descerás ao subterrâneo. •

E saiu com passo rápido e titubeante. Nesse mesmo salão encontrou-se com a irmã chaveira, que, atraída pela vozeria, vinha syndicar do fato.

— Volta... ordenou-lhe a superiora... E' aquela amaldiçoada do número 12 que está delirando.

Ja fr. Rafael se mostrava ansioso pelo regresso da abadessa. Ouvindo-lhe os passos, tomou uma forte respiração, para melhor receber a notícia.

— Tudo perdido !.. balbuciou madre Tereza, e em seguida narrou ligeiramente o que se tinha passado entre ela e Heloisa d'Arlemont.

Fr. Rafael ficou acabrunhado ; depois murmurou :

— Que se faz ?!

— Resta-nos um recurso : lancemo-la no subterrâneo.

— E' exato... e deve se-lo quanto antes.

— Esta noite : temos a madrugada.

— Perfeitamente. Amanhã seria tarde.

— Combinemos os meios. Precisa evitar o escândalo.

— Vou pensar sôbre isto, e com mais energia.

— Torna-se moroso. Escuta : si usássemos de um narcótico, poderíamos remove-la com muita facilidade. Seria tão somente um fardo que se carregava. E espantada ficaria ela, quando despertasse no fundo do subterrâneo.

— Muito bom. Iriamos representar o papel de comediantes, e para ele, tenho grande queda.

— Mãos á obra, frei Rafael. Uma noite é rápida.

— Sim ; estamos a formular planos... e o narcótico, onde o buscarmos ?

— Espera : creio que ainda possui um pouco de ópio.

— Serve. Vai procura-lo na tua botica.

Madre Tereza desapareceu como um raio. Em poucos



minutos havia dado busca na misteriosa botica e era de volta, tendo na mão o desejado frasco, que iria adormecer Heloïsa d'Arlemont. Frei Rafael, fitando o tóxico, sentiu que um prurido beluíno lhe abalava todo o ser. E cinicamente disse :

— Que achas, minha bôa Tereza ? Uma idéa feliz acaba de percorrer-me o encéfalo num tropel vertiginoso ! Eu que vivo pensando naquela mulher angélica, não me devo aproveitar do seu pesado sono ? . . Não sentirei o mesmo gôzo, beijando aquele corpo inerte, que, apesar de tudo, ainda conserva muita vida ? !

— Ah ! não. . . Isto é repugnante.

— Não apoiado. Ja não ouviste contar de certos coqueiros que abusavam dos cadáveres, aos quais deveriam dar tão somente uma sepultura ?

— Horrroso ! Tambem as larvas se sustentam de podridões, sem que ninguem lhes inveje o banquete.

— Maldita ! Não me auxilias neste plano ! . .

— Desculpa : voto contra o projeto. Aquela princezita, de ora em diante, será minha vítima. Nego-lhe tudo que não fôr tormento. . . e quem dorme, não sofre.

Fr. Rafael guardou silêncio por muito tempo. Recontrou-se como um pobre poeta, que vê fugirem pouco a pouco as ilusões da fama. Madre Tereza tratou de folhear um canhmaço de medicina. Estudava a ação dos soporíferos. Pela madrugada correu á cela de Heloïsa d'Arlemont. Destrancou a porta, e por uma felicidade, tão freqüente aos maus, encontrou a desventurada princeza a dormir. Aproveitou a monção, e na bilha da reclusa derramou uma quantidade de ópio. Retirou-se, para espreitar através da porta. Apenas tinha dado volta á chave, quando Heloïsa, estremecendo, gemeu surdamente, sentou-se no catre, sacudiu os braços como quem repele um fantasma e gritou :

— Ele ! sempre ele a perseguir-me ! . . E a prostituída monja a trazer-m'ô pela mão ! . . O' Deus de cólera, Deus de vingança ! concede-me um instante de repouso.

Tinha sede. Correu á bilha e esvasiou-a em sucessivos

gões. O efeito do narcótico não se fez demorar. A dóse fôra poderosa. Heloisa principiou a sentir um grande torpor no cérebro, as pálpebras pesarem, as pernas enfraquecerem e a língua ficar trôpega. Quiz falar ; foi-lhe impossível. Mal se poudo arrastar até á barra e caiu pesadamente sôbre ela. Ferrou num sono, verdadeiro letargo, que mais parecia a morte, do que a sua semelhança. Então madre Tereza, que tudo tinha verificado, pulou de contente. Foi acordar frei Rafael, que ja dormia profundamente, e em poucas palavras lhe relatou o ocorrido. O franciscano esfregou os olhos, pela última vez, e resmoneou :

— Vamos. Quero sair deste inferno.

— Ah ! ja te enfadas ? !

— Trabalhar sem lucro é brincadeira ?

Seguiram os dois. Penetraram na cela e agarraram-se com o corpo da infeliz narcotizada. O frade, que a segurara pela cabeça, não teve escrúpulos de lhe pespegar repetidos beijos. Ósculos mais bestiais, mais tórpes e mais desprezíveis jamais foram dados a lábio humano imprimi-los. Assim como a cabeça decepada de Carlota Corday, ao ser esbofeteada pelo carrasco, se lhe cobriram as faces de rubor, — da mesma fôrma estremeceu de repugnância o rosto de Heloisa d'Arlemont. Aqui se estuda antes um fenómeno psicológico, do que uma mystificação de romancista. Madre Tereza revoltou-se. Caso extranho para uma barregã de convento. Atirou ao rosto do frade com estas palavras severas :

— Caminha, debochado ! Respeitemos a desgraça, por alguns minutos.

Fr. Rafael soltou uma gargalhada sarcástica. Os dois algozes principiam a andar por aqueles extensos corredores, quási ás apalpadelas, porque a luz era consideravelmente baixa para não despertar suspeitas, e assim chegaram á bôca do subterrâneo. Depuzeram o fardo, e frei Rafael, arredando umas madeiras velhas, poudo descobrir um pequeno botão de ferro, encrustado na parede. Calcou por diversas vezes, e ele não cedia.

Foi preciso um esforço atlético, secundado pela abadesa, para que a mola recuasse. Então uma pequena porta, que dava tão somente passagem a uma pessoa, rodou sobre os gonzos e escancarou-se. Uma lodosa escada de mármore comunicava-se com o solo. Frei Rafael foi o primeiro a penetrar, e em seguida introduziram o corpo de Heloisa d'Arlemont. Madre Tereza passou também para o interior e desceram com a desgraçada filha do abute da Provença ao fundo da espelunca. Era um verdadeiro túmulo. Acanhado, infeto, tenebroso e horripilante. Pouco espaçoso, acomodaria, quando muito, quatro pessoas. Cheio de pó, teias de aranha e fragmentos de palha. Para um canto via-se um monte de capim apodrecido, reservado a servir de leito a qualquer infeliz, que tivesse a desventura de ser enclausurado ali. E Heloisa foi deposta nessa ruma de podridões! . . .

Uma estreita claraboia, destinada tão somente á passagem de um pouco de ar viciado, tendo uma grade de ferro, notava-se na parede oposta á entrada do subterrâneo. Correspondia-se o olho de boi com um quarto do lado posterior, sempre defêzo ás vistas indiscretas. Uma vez ali encerrada a filha do governador da Provença, trataram os dois cúmplices de afastar-se. Frei Rafael nem por isto se coíbiu de dizer :

— Não se me dava de servir de companhia a esta menina. Eu não sentiria a prisão, e os seus sofrimentos seriam amenizados.

Madre Tereza do Coração de Jesus lançou-lhe uns olhos de ciúme e logo o fez curvar-se submisso. Passaram novamente pela abertura ; trancaram a porta e cuidadosamente dispuzeram as madeiras velhas que a disfarcavam.



## XX

### O despertar da vítima

” **M**EU Deus! Senhor, meu Deus! onde vivo?! Que crimes monstruosos são os meus, para que mereça sofrer tanto?.. Ah, miseráveis! não sabem o que fizeram!.. Eu quizera oçulta-lo; mas, ja não posso. . . O silêncio e o ôlho do Infinito que sejam as testemunhas graves desta revelação. . . O filho, pobre inocente que se germina no meu seio, vai morrer, porque eles o decretaram. Morre, infeliz!.. E' mil vezes preferível te reduzires ao nada, do que si viesses ao mundo como a criança sem pai e finalmente sem mãe. Sim; é melhor. . . O invólucro da morte não é tão horroroso como pensam. »

Tais foram as frases doloridas e sinceras de Heloisa d'Arlemont ao despertar no fundo do subterrâneo. Espirou a vista em tórno de si e compreendeu tudo. Em vez de chorar, aquela alma talhada para o gozo, principiou a rir! Era um riso indefinível; participava da loucura. Quiz igualmente cantar, e a voz se lhe engasgou na garganta. Monologou, por fim:

— Que há por sôbre a terra que não seja o sofrer? Lacerar-se em uma agonia, sabendo que a luz da existência se vai extinguindo pouco a pouco, até entenebrecer-se de todo no bôjo do sepulcro!.. Que horror!.. Que decepção tremenda!..

Ergueu-se do seu leito de palhas, subiu a escada de mármore e sentou-se no último degrau. Ai, com a fronte oculta entre as mãos, presa de profundo abatimento, recolheu-se á mudez por alguns minutos. Depois, com gesto furioso, dilacerou a roupa de burel. Acenou para a abóbada, e agitando o braço direito, proferiu com intonação dramática :

— De tantas flores que juntei para adornar a minha corôa de vírgem, nem uma sequer me resta hoje, afim de dspor na cova da esperança que morreu ! Tudo murcho, e o chão alastrado de pétalas sem perfume algum ! Misera princeza ! tu que sonhaste com o amor um dia e que o viste crescer á sombra dos jasmineiros, — que guardas nesta hora, a não ser uma lembrança amarga como o fel que passou pelos lábios do Mestre crucificado ? ! Porque há milhares de pessoas que gozam, ao passo que outras descem rapidamente ao fôssô de todos os tormentos ? . . . Que tenho praticado de horroroso, afim de que o estigma da desgraça recaia sôbre a minha cabeça e me faça agonizar assim ? . . . Mais criminoso do que eu, mil vezes, é aquele que se diz meu pai. Meu pai ? ! Não ; eu não o creio. Um coração de pai, por mais corrompido que esteja, ainda reserva uma particula para o amor filial. E ele, o príncipe d'Arlemont ? . . . E' um monstro abominável, que não trepidou ante uma taça de veneno e as lágrimas de uma mulher indefeza, que de joelhos lhe implorava perdão. Entretanto, si eu houvesse caído aos pés do mais célebre scelerado, estou convicta que ele se comoveria com o meu pranto e dar-me-ia o braço para erguer-me do seio da fragilidade. . . E eu chorei ! . . . Que de lágrimas perdidas foram banhar as plantas daquela hiena, que acabava de representar o seu drama de sangue ! . . . Quanto fui desprezível nessa hora ! E chorei como a filha do pecado ! Desgraçada que sou ! Porque o tufão da morte não me arrebatava nas suas negras azas e leva-me consigo ao antro do esquecimento ? Que faço eu neste mundo ? . . . Princeza, quando a aurora da existência tudo prometia ; freira, quando o re-

moínho da execração me havia abatido ; enclausurada, quando me sinto morrer e fugir como a viração do norte ! Eis o histórico, lúgubre qual um côro de finados, de uma vida que se consome sem as flores da primavera.

Calou-se. Dirigindo o olhar, distraidamente, para a claraboia, poudo ver dois olhos faiscantes que a fitavam através do gradeamento. Estremeceu de espanto. Baixou o braço e ficou aniquilada. Reconheceu naqueles olhos o rosto sensual de frei Rafael. O franciscano, com uma voz de regougo, cantou cinicamente :

Mulher ! si tu morres  
com febre no peito ;  
si queres da vida  
lograr seu efeito,  
— permite-me um gôzo,  
haurido em teu leito ! . .

Heloïsa ergueu a frente, com a impavidez das heroínas romanas, de que nos fala Tito Lívio. Cuspiu para o ar, em sinal de repugnância, ja que não podia atingir a face daquêle frade sevandija.

— Centopéa ! . . gritou ella, com o desespero dos affitos. . . procura a podridão dos monturos, onde encontrarás o agasalho merecido. Verte a tua baba peçonhenta nas pústulas que não mais se envenenam com os teus bafejos miasmáticos.

E elle riu como o génio das trevas. Ardia em volúpia e buscava saciar-se. Era Asmodeu tentando Eva ! Então a desgraçada filha da agonia apoderou-se de uma cólera suprema ; o seu despeito chegava ás raias do delirio.

— Bandido ! o teu hábito manchado pelo visgo dos leitos impuros, faz esvoaçar em tórno de ti, porém, um enxame de moscas nauseabundas, atraídas pela sordidez. São insetos que pensam como tu, e gozam dos mesmos sentimentos da tu'alma pervertida. Não te approximes de mim. *Noli me tângere, Satanas ! . .*

— Obrigado, princeza ! Os teus insultos são carinhos para mim. Concede-me um beijo, e eu morrerei a rir.

— Nunca ! Podes profanar o cadáver de sóror Marta, mas, não o rosto ainda puro de Heloisa d'Arlemont, a digna viúva do conde de Langeais.

— Ah ! o conde de Langeais ! .. Eu só quizera apanhar esse canalha, de certo modo que sei, para lhe dar uma lição de retórica. . . Mesmo diante dele, eu abusaria de sua esposa, no intuito de retribuir-lhe uma decepção que me pregou na estalagem de Bourganeuf.

— Não pronuncies o seu nome : respeita os mortos, pois, os teus lábios esvurmam unicamente a infâmia.

Fr. Rafael garganteou de novo :

Mulher ! si tu morres  
com febre no peito ;  
si queres da vida  
lograr seu efeito,  
— permite-me um gôzo,  
haurido em teu leito ! ..

Heloisa principiou a chorar. O seu despeito era tão veemente, que só achou consôlo naquelas lágrimas acerbadas a lhe resvalarem ao longo das faces pálidas e descarnadas. Depois, como uma cigana que pragueja, — prorrompeu numa linguagem de ódio, virulenta, demonstrando assim o mais desenfreado sarcasmo. E o frade ria sempre. . .

Scena mais desagradável não é dado reproduzir-se á luz do sol. Dramas desta natureza só se desenrolaram na treva de um convento daqueles séculos dissolutos. Si não fóra a dissemelhança, nós nos atreveríamos a equiparar este diálogo com o dos **Mistérios de Paris**, que a illustre pena de Eugénio Sue fielmente traçou entre o *Mestre-escola* e a *Coruja*, quando o hediondo criminoso, no fundo de um subterrâneo, gemia com a cegueira. Mas, não. . . ali, eram os vícios que se debatiam na sua pugna reprovada ; aqui, tínhamos a virtude a repelir os ataques da protérvia, tristemente envôlta no hábito de um servo da religião católica.

Grande despropósito, que jamais se admitiria sair de

uma pena, destinada a pintar o salutar, combater o crime, elevar o dogma do bem, e não — discutir futilidades ou escolher o horroroso para lhe emprestar as côres do belo. Há ocasiões também, em que o horroroso, adquirindo as fôrmas da grandeza, se constitue a magnificência de um livro. Por exemplo, Víctor Hugo nos *Miseráveis*, tratando sobre as cloacas e descobrindo uma fortuna perdida no vilipêndio daquelas impurezas, que os esgotos encerram, — fez o que a pena de um gênio podia empreender. Portanto, horrorosos deste jaez transformam-se no belo. Mas, a scena desenvolvida neste capítulo é o que há de torpe para o individuo social, e sobretudo, religioso. E Heloisa d'Arlemont era vítima insonte, conduzida ás aras de um credo. O' fanatismo intratável, que tens feito de pernicioso! . .

Prossigamos, após esta curta divagação. Frei Rafael, vendo que nada obtinha pelos meios suasórios, valeu-se do insulto, — a moeda corrente de todas as almas vis e enegrecidas pela prática do crime.

— Sim, concubina do maldito conde! eu ouvi a tua história. Apelaste para o silêncio e para Deus somente; mas, também fui testemunha da tua lamúria. Teu filho, esse verme que se cria no teu ventre, há de viver para atestado inconcusso da tua desonra. Não o assassines, mulher má; deixa esse produto da infâmia receber a luz que o destino lhe reserva.

— Eu não sou como tu. A minh'alma conversa com Deus, e só deixa de ser iluminada, quando os demónios a tentam. Retira-te para as trevas; consente que eu gema em paz. . .

— Faço-te os góstos. Amanhã espera pela minha visita. Aprecio muito as princezas que descem.

— Ai, monstro! porque me torturas tanto?!

Nova gargalhada retumbante, sarcástica e imoral partiu dos lábios de fr. Rafael.





## XVI

### Um bispo como alguns outros

**V**AMO-NOS transportar a outros lugares, já que a expectativa está cansada. E' preciso sair deste círculo de ferro, em que a alma se debate encarcerada, e divaguemos além. O enredo do romancista não se deve apegar unicamente a um fio, porque no final de contas nem logrará deixar o labirinto, onde se perdeu.

Ja fomos a Pariz, quando em Versalhes trabalharam na sepultura da pátria; compete-nos, agora, voltar à mesma cidade e ser mais prolixo na descrição dos quadros. O fato, que temos a relatar, não é propriamente no centro da urbe, e sim, em Neuilly-sur-Seine, aprazível arrabalde, ao pé do Bosque de Bolonha. Ali, retirado de todos, numa casa de aspecto pitorêscico, vamos encontrar uma personagem, que no desdobramento deste drama tem representado papel saliente. E' o padre d'Avesnières. O jesuíta ocupa-se tão somente com os negócios particulares do padre Lachaise, pois antevê, no devotamento á causa do confessor de Luiz XIV, um prêmio aos seus esforços. E tinha razão. . . tudo lhe corria de vento em pôpa, desde que principiara a navegar num oceano de crimes.

Seriam 10 horas da noite. Fazia um esplêndido luar. As águas do Sena deslizavam-se com indolência. O padre d'Avesnières, sentado num banco de pedra, imerge

o olhar profundo na placidez da linfa. Contemplava a linda esteira de cristal, formada pelo reflexo dos raios de Latona. Coincidia um silêncio não comum.

Um barco, á mercê da correnteza, aproximou-se da margem em que estava o ex-secretário do príncipe d'Arlemont. O jesuíta subtraiu-se á meditação e ergueu os olhos. Quando o barco deixou de singlar e os remos, tangidos por vigorosos braços, gradualmente emudeceram, de dentro para a terra firme saltou um homem. Apesar de velho, ainda mostrava agilidade. D'Avesnières correu para ele, com o riso nos lábios :

— Excelência ! não vos esperava esta noite ! . .

— Tive necessidade de conferenciar comtigo. Vamos para casa ; os meus homens esperarão no barco.

— Sempre ás vossas ordens.

E o desconhecido, dando o braço ao padre d'Avesnières, partiu com ele em direção da residência. Entrou sem a menor cerimónia e atirou-se para um canapé, enquanto o jesuíta ateava o lampeão. Era um gabinete de sábio o ocupado por d'Avesnières. Volumes, cartas geográficas, um globo celeste, instrumentos de alquimia, um pequeno telescópio e muitos outros objetos scientificos ornamentavam aquele lugar. Na parede, entre outros quadros, sobressaíam *As Sibilas* de Rafael de Urbino e a *Lisa del Giocondo* de Leonardo da Vinci, com aquele sorriso misterioso que tanto a faz admirável. Ali se respirava uma atmosfera de coisas profanas e enigmáticas. Logo que d'Avesnières se dispoz a ouvir o seu visitante, este tirou da cabeça o chapéu de abas largas, meio semelhante ao dos officiais superiores da época, e colocou-o no canapé, ao lado esquerdo. Fitou o jesuíta por alguns segundos e disse então :

— Conheces a baroneza Marion de Beziers ?

— Como as palmas das minhas mãos. Era dama de honor da princeza d'Arlemont, quando eu ocupava o lugar de secretário no castelo de Saint Pont.

— Que me dizes do seu procedimento ?

— Não é mau, embora ela seja muito garrida. Encon-

trando um homem que a saiba compreender, será boa pesca. E' moça, fascina, tem maneiras enganadoras. Si não fôsse a minha batina, eu lhe teria feito a côrte, pois sei representar o papel de galã.

— Bem ; ela vai estrear na *Ópera Cômica*, tendo escolhido o género lírico. Chegou, há pouco, nesta capital e entendeu ser essa a melhor fôrma de entrar na alta roda. Revela astúcia.

— Pensou como devia. Tem uma voz soberba : arre-bata, escraviza, embriaga, faz-nos delirar. Em breve tereis de ver como adoradores de todas as classes lhe vão cair aos pés.

— E não conheço essa mulher !

— Tereis de conhece-la : com ela, um homem de espirito pode adquirir uma riqueza.

— E' tambem a minha idéa. O banqueiro Samuel Josuá estremece por ela, baba-se todo, e os milhões desse judeu nos podem vir ás mãos.

D'Avesnières sorriu de contente ; depois, contraindo o sobrólho, alvitrou :

— Há um embaraço.

— Qual ?

— Samuel Josuá tem aproximadamente 60 anos, e a bela viúva há de refuga-lo.

— Engano. O ouro do judeu dá-lhe beleza e mocidade.

— A baroneza é muito orguihosa.

— O seu orgulho se dissipará com a tinir das moedas.

— Então, preparemos o terreno.

— E' o que faço.

— De que meios vos servireis para nos apossarmos dessa fortuna ?

— E' caso resolvido. O judeu exalta-se pela baroneza, e quando estiver pateta, mandaremos a sua Dulcinéa para a Bastilha, acusada de um crime qualquer. . . bem como : heresia. Para conseguir a liberdade, custará um milhão de escudos ao banqueiro forrêta, ou por outra, cem mil pistolas. Ele é lascivo, não obstante o peso dos anos, e com o juramento da baroneza em aceita-lo por

esposo, o maluco cederá sem bulha nem matinada.

— E si isto ainda falhar?

— Temos a Inquisição na Hispanha. O judeu irá arder numa das suas fogueiras

— Cada vez me convenço mais do bom êxito... e d'Avesnières soltou uma gargalhada.

— E' preciso... ponderou o visitante... que amanhã te ponhas em campo. Aplaina esse terreno. Sob a máscara, darei golpes de valor. Bem sabes que a minha posição não permite trabalhar a descoberto.

— Não convem. Envidarei todos os esforços, e assim tereis motivo de favorecer-me mais uma vez.

-- Sim; como prova da minha gratidão, vou exhibir os documentos.

E em seguida, metendo a mão na algibeira do casaco, tirou um papel. Os olhos do padre fuzilaram.

— Lê... acrescentou o primeiro.

O secretário do padre Lachaise apoderou-se do papel e devorou o seu conteúdo. Depois deixou escapar uma espécie de grunhido.

— Quê! A minha nomeação de bispo!...

— Exatamente.

— Mas, aqui não vejo a assinatura do rei, a confirmação pontificia, nem tão pouco a designação do bispado!

— Tudo isto terás, logo que se realize o nosso projeto.

— Oh! trabalharei como mouro. Sacrificarei tudo.

— Agora devo partir.

E, tomando o chapéu, poz-se de pé. D'Avesnières preparou-se para acompanhá-lo. Partiram, e chegando á margem do Sena, o visitante saltou para dentro do barco, depois de se ter despedido do jesuíta. Os remos moveram-se e o barco principiou a distanciar-se da riba, rasgando o seio daquelas águas indolentes, que não parecia correrem para o mar da Mancha. D'Avesnières tornou a sentar-se no banco de pedra. A lua fugia apressada. O secretário monologou á meia voz:

□ — Emfim, alcançarei o que desejo. Serei bispo e rico depois; ainda poderei desfrutar este frangalho de vida.

O venerando Lachaise acaba de estar comigo ; por uma empreza diminuta, elevar-me-ei às cumiadas da grandeza. Antipatizo Rafael, mas, ele pode auxiliar-me bem. Manda-lq-ei buscar em Nimes, e farei dele o meu secretário. Assim desaparecerão os ressentimentos que existem entre nós ambos. Ou por fas ou por nefas, ele é meu irmão. . . e eu preciso de um amigo, — dessa coisa que nunca tive.

Reconcentrou-se em fantásticas cogitações e deixou-se ficar ali, até bem tarde. Quando se recolheu, um vento frio soprava do norte. Chamou o criado e ordenou-lhe que servisse a ceia. Ceou distraidamente ; escreveu até às quatro horas da madrugada, e deitando-se no leito, não ponde conciliar o sono. Erguendo-se com o sol, estava de olhòs vermelhos, fâces muito pâlidas e mãos trémulas ; mas, não observou esse estado de saúde, porque, mudando a roupa, montou a cavallo e partiu para a cidade de Pariz. Ia, desde logo, iniciar o seu combate ; assestaria os arcabuzes, mas, sem que ferisse de prònto á bareneza Marion de Beziers, nem ao banqueiro Samuel Josuá. Teria de se avir com muita cautela, pois não era um negócio de lana caprina.



## XXII

### O desespero de um desesperado

**Q**UANDO completava justamente um mez, e á mesma hora em que frei Rafael tivera aquella entrevista noturna com Leopoldo o Campeão, ouviu o franciscano baterem-lhe na porta. Ergueu-se, bastante enfadado, e foi abri-la. Um homem embuçado numa capa entrou, sem nada lhe dizer, e só depois de medir os quatro cantos da casa e encarar fixamente o frade, foi que falou :

— Bôa noite, reverendo ! Bem vêdes que sou fiel aos meus tratos.

O franciscano quási cai de costas, tal foi o seu assombro. Reconhecêra Leopoldo o Campeão, em quem nem por sonhos imaginava. Quiz responder-lhe, mas, não ponde : a voz se lhe sumira na garganta.

— Falai, por misericórdia... disse Leopoldo o Campeão, com um sorriso zombeteiro.

Então o frade, readquirindo o sangue frio, obtemperou, com amargura :

— Ainda voltastes á minha casa ! . . Não me quereis deixar tranquilo ? ! . .

— E que tratámos nós ?

— E' verdade ; tendes razão. Sentai-vos nesta cadeira. As nossas palavras serão breves e lógicas.

Leopoldo o Campeão arrastou a cadeira indicada e sentou-se, tomando em seguida uma forte respiração.

— Cerrai esta porta ; vamos conversar, pois estou ansioso pelo resultado da incumbência.

Frei Rafael obedeceu um tanto desconfiado e veio a bancar-se, junto ao emissário, disposto a ouvi-lo.

— Tirai-me este peso da alma ; dizei o que fizestes.

— Infelizmente ides ouvir uma resposta desagradavel.

— Como ?! . . .

— Trabalhei o quanto pude e nada consegui.

Leopoldo o Campeão remexeu-se de contrariedade.

— Eu bem sabia que nada haviéis de fazer.

— Não tendes razão de acusar-me desabridamente.

— Ora ! não tenho ? ! Sois frade, e onde o dedo dessa gente mexe, sempre a desgraça prepondera.

— Ouvi-me, filho.

— Não mais vos quero escutar. Vendestes a minha causa, farizeu !

— Pesai bem as vossas palavras.

— Pesar o que, bisbórrias do universo ? ! A vossa sêde mitiga-se com ouro. Estipulai o preço, que ainda vos posso comprar.

— Que infâmia ! E eu suportar-vos tanto tempo ! . . .

— Sois um réprobo ; não podeis falar em infâmias, quando elas se têm constituido o vosso património.

— Isto é demais ; nunca houve homem que se atrevesse a tanto !

— Pois, si nunca houve quem vos dissesse o que mereceis, hoje vos topetastes comigo. As vossas purulentas feridas necessitam de ferro em brasa.

Frei Rafael levantou-se. O seu despeito era enorme. Circumvagou um olhar, e viu-se perdido diante daquele homem, que o injuriava com tão soberba audácia. Fixou-o depois com afoiteza.

— Vinde cá, sr. Leopoldo. . . Que desejáveis além das minhas forças ? Escrevi para diversos pontos ; enviei emissários á Provença ; interroguei diversas pessoas e muitas autoridades. Todos me respondiam com um desgano formal, como ja vos desiludiram tambem.

— A prova do que me acabais de alegar ?

— A minha palavra de honra.

Leopoldo, o Campeão, após uma gargalhada nervosa, murmurou entre dentes :

— A vossa honra ! . . A vossa honra ! . .

— Tereis o arrôjo de ainda duvidar ? !

— Não me retruqueis, fr. Rafael: O desespero invade-me a alma e eu sou capaz de cometer um disparate.

O franciscano cingiu-se a responder-lhe com um simples movimento de ombros. Leopoldo perdeu a paciência e levantou-se bruscamente.

— Serieis capaz de pelear comigo ?

— Ah ! isto é mais grave. Ainda aprecio a vida e não a quero abandonar ás mãos de qualquer espadachim.

— Não vos disse eu, que, si enganásseis a dama inglesa, caro pagaríeis a vossa infâmia ?

— E' verdade. . . Mas, quem vos convenceu tambem que usei da perfidia ? !

— O vosso modo de falar.

— E si eu vos fizesse igualmente responsável pela vossa conduta ?

— Como ? ! . . interpelou Leopoldo, com exaltação.

— Dizendo-vos que o conde de Langeais, — esse herói, por quem tanto vos esforçais —, não passa de um trampolineiro, de um frascário vil ; que o vosso empenho por ele, bem demonstra uma afronta á moralidade.

— Garanto-vos tambem que semelhante insulto não repetiríeis.

— Porque ? !

— Enguliríeis a expressão, ou calar-vos-íeis para sempre.

— Calar-me, eu ? . . Nunca ! Todos os poderes da terra ainda são poucos.

— A ponta do meu punhal obraria o milagre.

— Engano, sr. Leopoldo ! . . Si tendes a alcunha de Campeão, pouco me embarça. Si confiais no vosso punhal, eu tambem sei manejar uma arma e não recuarei como um maricas.

— Gosto desta lingungem ; ela ja serve. Declaro, en-



tretanto, que não continueis a tratar o conde de Langeais com a insolência que vos caracteriza.

O frade perdeu a tramontana e avançou dois passos para o seu adversário.

— Aventureiro de fancaria! não diferis em coisa alguma do vosso comparsa de comédia, desse conde bulhão, a quem aborreço profundamente.

Leopoldo fez um gesto de esgrima e atirou a capa no chão. Imediatamente luziu-lhe na mão direita a lâmina de um punhal, bem semelhante ao bulhão.

— Monge! si tendes uma arma, um estilête ao menos, procurai-a, quanto antes; precisa que um de nós se cale.

— Vou satisfazer-vos. Isto vai muito maçante.

E fr. Rafael, correndo para a mesa, abriu uma gaveta e dela tirou uma adaga, arma curta, inferior á do rival. Comtudo, um riso feroz transtornava-lhe o semblante.

— Sr. Leopoldo! arrepende-vos-eis do desafio.

— Não importa: quero morrer. Ponde-vos de guarda.

As armas cruzaram-se no espaço. Leopoldo agredia e o frade recuava, até que tropeçou numa cadeira e caiu de costas. O seu adversário, cavaleiro como um horói do *Orlando Furios*, estendeu-lhe a mão e ergueu-o.

— Eu não firo a um homem que tomba.

— Obrigado... murmurou o franciscano, cobrindo-se novamente.

A pugna recomeçou. Um ruido monótono repercutia sob o tecto daquela habitação. Nem siquer escapava um sussurro dos lábios dos dois pelejadores. Batiam-se valentemente. Uma punhalada rija e vibrada por um pulso de ferro foi atingir o peito de frei Rafael. Este soltou um grito roufenho e caiu por terra. Uma golfada de sangue tingiu o punho de Leopoldo o Campeão. A arma homicida não desceu segunda vez para completar a obra de destruição. Si alguém fitasse o semblante de Leopoldo, veria que duas lágrimas de amargura lhe resvalaram ao longo das faces macilentas. E porque?! Nada mais simples... Quem souber que Leopoldo o Campeão e o conde de Langeais são uma e a mesma pessoa, compreen-

derá facilmente quantas dores se sufocavam naquele peito alanceado pelas agonias. Depois, suspirou e disse a meia voz :

— Complete-se mais esta obra de sangue para inundar de remorsos a vida de um precito.

E, encaminhando-se para a porta, destrancou-a, voltou um olhar profundo para o corpo de fr. Rafael, que jazia estendido no solo, e partiu resoluta. A noite era de trevas. Nimes parecia dormir. Ao transpor as últimas ruas, foi Leopoldo detido pela ronda noturna, que se dirigia para o lado das Arenas. O fugitivo embuçou-se o mais possível na sua capa e esperou com a mão no cabo da arma branca. Considerava-se perdido e resolveu, portanto, vender caro essa vida agitada e que bem pouco valia. A patrulha reconheceu-o, consultou entre si, e por uma rara felicidade o deixou seguir em paz. Então, aproveitou-se ele deste bom successo, como o assassino que escapa das garras da policia. Correu até ao casebre onde deixara o cavallo, montou e esgueirou-se apressadamente pela estrada de Aix.



### XXIII

## Uma revelação tremenda

**M**ITO dias depois que Leopoldo o Campeão, ou antes, o conde de Langeais, se batêra com fr. Rafael, apresentou-se, pelas 11 horas da noite, no palacete da marquiza de Clisson, um desconhecido de barbas grisalhas, semblante pálido e melancólico. Vinha a pé e envergava um jaleco de veludo azul-ferrête. Do lado esquerdo pendia-lhe um espadim. Falou ao porteiro e fez-lhe notar que naquela hora desejava entender-se com a viúva. Este objetou-lhe que a marquiza já devia estar agasalhada, e assim se tornava impossível a entrevista.

— Não embarga que ela durma. . . disse o desconhecido. . . O meu negócio é urgente, e para amanhã será muito tarde. Manda acordá-la por minha conta e risco.

— E quem sois, para falardes deste modo ? !

— Sou um amigo do príncipe d'Arlemont, que, incumbido por ele, vem trazer á marquiza de Clisson uma importante comunicação. Dize-lhe assim, e com certeza, ela não se esquivará de ouvir-me. Anda com isto ; não vaciles mais.

— O porteiro ainda pensou um pouco ; depois, tirando da algibeira da jaqueta um apito de osso, arrancou do mesmo quatro silvos agudos. Apareceu-lhe um rapaz. O porteiro conversou-lhe em voz baixa, e ele desapareceu com presteza. Quando voltou, trazia ordem de in-

Introduzir o desconhecido no salão do palacete. O mensageiro seguiu o criado e em breve penetrou no luxuoso salão, onde esperou alguns minutos, até que uma porta, á sua esquerda, se abriu com estrépito e deu passagem á orgulhosa figura da marquezia, que vinha caprichosamente vestida. Ele ergueu-se á sua chegada, e de chapéu na mão fez-lhe uma rasgada cortezia. A marquezia correspondeu, mas, de semblante grave.

— Sentai-vos, sr ! . . disse ella em seguida, vindo sentar-se tambem num canapé fronteiro á poltrona do desconhecido.

— Desculpai-me, ex.<sup>ma</sup> ! si vim interromper o vosso repouso da noite ; mas, o caso assim exige.

— Oh ! dispensam-se escusas. Dizei-me primeiramente : a quem tenho a honra de receber ?

— Pelo nome não me conheceis. Chamo-me Leopoldo o Campeão.

— Mandastes participar que vinheis da parte do príncipe d'Arlemont.

— É real ; mas, isto não passou de um estratagemma, para, sem falta, poder falar-vos.

— Oh ! que audácia ! . . Indesculpável.

— Quando me ouvirdes, sereis a primeira a justificar o atrevimento.

— Então, a vossa noticia é de tanta importância, que foi preciso abusardes do nome do príncipe d'Arlemont ?

— Parece, que sim.

— E quem vos disse que o seu nome era bastante para eu me tornar atenciosa, sem constrangimento ?

— O amor que lhe tendes.

A marquezia estremeceu. Até esse homem lhe era senhor da vida privada ! . . Que escândalo !

— Como ? ! . . titubeou finalmente. . . Talvez sejais vítima de um perfeito engano. Esse amor não existe.

— Por mais que o procureis ocultar, será baldado intento. Sei de tudo que se passou no fundo deste palacete, e como o príncipe d'Arlemont chegou até, vós, para enganar-vos depois.

— Enganar-me?! . . . bradou a marquiza de Clisson, traíndo-se completamente.

— Sim. . . respondeu Leopoldo triunfante, porque fêra na corda sensível dessa mulher orgulhosa.

Tinha-lhe incitado o ciúme adormecido.

— Explicai-vos, sr. Leopoldo. Juro que não vos compreendi!

— O príncipe d'Arlemont não vos prometeu a sua mão de esposo?

— E' certo. . . Sem esse juramento eu não seria sua amante.

— Ainda crêdes na realização dessa promessa?

— Firmemente.

— Conheceis a duquesa de Pádua?

— Não. Que tem ela?

— E' uma linda viúva italiana, de 20 anos de idade, e residente em Avignon.

— Que tenho eu com isto? . . . observou a marquiza, com desdem.

— Pois, ela é noiva do vosso príncipe d'Arlemont.

A marquiza de Clisson, como si fôsse tocada por uma pilha elétrica, ergueu-se do canapé e veio arrojar-se aos pés de Leopoldo o Campeão:

— Isto não é possível! Mentis miseravelmente.

— Não sabeis quem sou para me injuriardes com tão pouco escrúpulo. Sindicai dos fatos e tereis as provas.

— Perdão. O desespero me fez tresvariar.

— O príncipe tem ido ou não, repetidas vezes, á cidade de Avignon?

— Muitas. Não faz trez dias que de lá chegou.

— Ele vos tem tratado com as mesmas atenções do começo?

— Não; mostra-se mais frio.

— Ainda duvidais de mim?

A marquiza recuou e deixou-se cair no canapé, totalmente desanimada. Ocultou a face entre as mãos e principiou a soluçar. Leopoldo comoveu-se um pouco e conchegou a sua poltrona.

— Fazei-vos forte, ex.<sup>ma</sup> marquesa... Deste modo dais lugar a que o vosso sedutor triunfe!..

— Mas, que lucro tivestes em me cavar no peito tão profunda ferida?!.. perguntou ella, enxugando os olhos com o lenço e volvendo-os para o cavalheiro.

— Porque odeio o príncipe d'Arlemont, e quero ve-lo aniquilado.

— Entretanto, não é a elle que dirigis o golpe, e sim, a mim, -- frágil mulher, atirada ao abismo da perdição.

— Entrego-vos armas; utilisai-as, que o braço da vingança vos auxiliará.

— Porque odiais o príncipe?

— Por muitas razões. Elle envenenou a mulher; assassinou ao conde de Langeais; subtraiu a filha da face do mundo; persegue os protestantes, sem nunca se compadecer dos desgraçados.

— Que vos importa isso?

— Fui amigo do conde de Langeais e jurei procurar sua esposa, até encontra-la viva ou morta.

— Si a tanto se reduz o vosso empenho, está fácil de triumphardes.

— Como?!

— Heloïsa d'Arlemont foi encerrada num convento e ainda vive.

Desta vez foi Leopoldo o Campeão quem se deixou arrebatado nas azas do assombro. Ergueu-se de súbito e encarou á marquesa.

— Isto é sério?! Não sois vós, quem me mentis agora?

— Juro-vos por Deus.

— Confessai-me tudo e ter-me-eis como um aliado intransigente.

— Não sei qual o convento; há um mistério sobre este ponto, e que nunca me foi dado desvendar.

A marquesa de Clisson mentia, visto que a viscondessa de Chiourme lhe expuzera numa carta, embora com reservas, toda a verdade sobre a filha do príncipe d'Arlemont; mas, ella que ainda amava o tigre da Provença, não o queria totalmente perder. Leopoldo desani-

riu com a sua resposta e cingiu-se a comentar :

— Não tem nada : um dia se fará a luz no meu espirito.

— Sinto não vos poder confessar tudo ; mas, nem por isto percais a esperança.

— Porque ?

— Conforme as coisas se collocarem, chegareis, quando não seja á vitória, mas, á certeza dos fatos.

Leopoldo ficou mystificado e mais doente ainda do que a própria marquezia de Clisson. Essa casa principiava a causar-lhe um mau estar e dispoz-se a partir incontinenti. Pegou no chapéu, e dirigindo-se á marquezia, apertou-lhe a mão :

— Dai-me licença ; quero retirar-me. Si esperais encontrar-me, será baldado todo o empenho. Saio por estas portas e a terra abre se para me guardar no seio.

— Sois um homem terrível ! . . Nada ignorais ! . . E ficai certo, sr., que si forem verdadeiras as vossas palavras, eu saberei vingar-me. Estou desonrada ; mas, a minha queda arrastará muitas outras.

— Sêde implacável. Mandai guiar-me.

A marquezia tocou a campainha e o moço appareceu em breve. Guiou Leopoldo até á saída do palacete. Logo que o nosso desgraçado conde se viu livre, respirou largamente e estugou os passos. Estava como louco : levava no peito uma suavíssima esperança de salvar Heloisa.



## XXIV

### Como um usurário abre o cofre

**T**UDO havia corrido á vontade do padre Lachaise. Os seus planos não falharam, principalmente sendo d'Avesnières o encarregado do golpe. A baroneza Marion de Beziere fez a primeira récita, avassalando um povo que nessa noite lhe delirou aos pés. De todos os camarotes, platéa e galerias soavam palmas num frenesi de loucura. Até mesmo os curiosos, expostos ao sereno e pouco observando, porque só ouviam o canto, — tinham para ela, os seus estremecimentos de prazer e expeliam brados estridentes. Emilio Zola, descrevendo-nos o entusiasmo dos espectadores que assistiam á estréa de Naná, não o concebeu superior ao tresloucamento do teatro, que nessa noite se exhibiu num arranco de aplausos, como si fôra tocado por uma pilha voltaica, ás primeiras notas dessa ária, que a cantora interpretava maravilhosamente. Impossível desejar mais estrondosa manifestação. Adelina Pátti, Cataláni, Lind, Malibran e Gafforini não alcançariam maior successo, porque, entre qualquer destas atrizes e Marion de Beziere, havia um ponto de contacto. Os *dilettanti* extasiavam-se de gozo. Muitos ja não gritavam como gente, deixando escapar, á fôrça de tanta exaltação, grunhidos, berros, verdadeiros relinchos. D'ali para o pipóco de um desses delirantes, assim como uma locomotiva explode, pouco faltava.



Cada libertino que imaginasse meios de conquistar aquella mulher, surgida para eles qual um cometa de cauda radiante aos olhos de um astrónomo. E Samuel Josuá, do seu camarote, ralando-se de ciúmes, parecia querer desmaiar!.. Nunca o judeu sentira tantas comoções na vida, como desta vez. Seria capaz de renegar o código da sua religião, o envelhecido **Talmud**, comtanto que satisfizesse á lubricidade. Quando a baroneza Marion de Béziers finalizou a estréa, e acompanhada do judeu ia recolher-se ao domicílio, foi embargada por uma escolta de gendarmes, que lhe deu voz de prisão... Protestou; quiz gritar; sindicou da causa que motivara essa violência e nada obteve em resposta! Samuel Josuá esteve a ponto de praticar uma asneira, e só não a fez, porque estimava o coiro acima de tudo. Contentou-se em dizer, enquanto a baroneza era levada pelos gendarmes:

— Vão-se, cães! Hei de solta-la, ainda que me custe a menina dos olhos, ou...

Não completou a fraze, porque queria falar na fortuna. E dando meia volta, encaminhou-se apressadamente para o Palácio Real. Por acaso encontrou-se com o padre Lachaise e logo lhe relatou todo o ocorrido. Este fingiu a maior ignorância dos fatos e aconselhou então:

— Vá amanhã a Neuilly-sur-Seine e entenda-se com o padre d'Avesnières, que talvez lhe possa dar um geito.

Samuel Josuá executou com pontualidade a indicação do confessor de Luiz XIV. Ainda muito cedo tomou um escaler e foi até Neuilly, onde encontrou o secretário do padre Lachaise, espichado num sofá, em completo *far niente*. O jesuíta, apenas o viu assomar, ergueu-se com presteza e foi recebe-lo á porta. Levou-o para o pé da mesa e o fez sentar-se no canapé, em que, alguns dias antes, vimos refestelado o padre Lachaise. O judeu não sabia como principiasse a narrativa da sua história; d'Avesnières apressou-se em tira-lo dessa entalcação.

— Que quereis? Em que vos posso ser útil?

— Venho implorar.

— Não estais neste caso. Basta possuídes milhões.

O usurário fez uma cara de desgosto : a palavra *milhões* soava-lhe mal ao ouvido. O caráter do avaro é de tal forma, que se assusta, apenas ouça falar na sua fortuna, pois, enxerga somente o sequestro ! Mas, o caso não admitia ponderações ; era preciso decidir-se logo.

— Conheceis a baroneza Marion de Beziers?.. aventurou o judeu.

— Vi-a hontem, pela primeira vez. Estreou muito bem.

— Então sabeis o que lhe succedeu, ao sair do teatro.

— Não sr.

— Uma escolta de gendarmes deu-lhe voz de prisão, e conduziu-a, não sei aonde.

— Oh ! isto é extraordinário !.. Raptada, certamente, por algum amoroso.

— Não ; vítima da policia. Estive com o padre Lachaise e ele me mandou até cá. Espero o vosso valimento.

— Eu, valer-vos !.. e d'Avesnières sorriu meigamente.

— Tendes poder para tanto.

— Engano, sr. Samuel. O meu préstimo é tão diminuto, que se torna uma ninharia.

— Tendes muita modéstia. Si eu não confiassé no vosso prestígio, não me abalaria a suplicar-vos.

— Pois bem : quero dizer-vos a verdade. Conheço a baroneza, há muito, e sei porque ela foi prêsá.

— Dizei o resto. . . implorou o judeu, de mãos postas.

— Ela geme, a esta hora, no fundo da Bastilha ; é acusada de conspiração contra a igreja católica, desde quando esteve na Provença.

— Grande Deus de Jacob ! Aquela pobre mulher acusada de tão grave crime !..

— E' verdade. Mas, si quereis salva-la, tendes o remédio nas mãos.

— Apontai-m'ó.

— Abri o vosso cofre e comprai a sua liberdade por um milhão de escudos ; ou por outra, cem mil pistolas.

— Irra ! não possuo esta riqueza !.. Juro pelo patriarca Abraão.

E o israelita, pronunciando estas palavras, demonstra-

va vivamente a sua dor e o despropositado susto. D'Avesnières já esperava por essa evasiva, tanto que lhe disse, sem a menor alteração :

— Não quereis salvar a mulher a quem amais e de quem viríeis a ser esposo. Si a nada quizerdes anuir, tereis a mágua de ser preso também e enviado para a Espanha, afim de fomentar as fogueiras do Santo Officio.

Samuel Josuá esmoreceu de todo. Viu-se perdido completamente... E não lhe restava uma tábua de salvação nesse mar tempestuoso, que o ameaçava tragar?! Não possuía o ouro exigido?.. Sim; tinha-o em abundância. Mas, ignorais o que seja um usurário? As nossas crônicas relatam muitos fatos, que bem comprovam de quanto é capaz a avareza de inúmeros miseráveis, que, por uma falta de punição da parte dos nossos códigos, infestam a sociedade. Contaram-nos várias vezes, que um célebre avarento houve, não muito longe do lugar em que nasceu o autor deste livro, o qual, apenas recebia um punhado de moedas, fugia com elas, afim de oculta-las na fenda de uma pedra, donde jamais as poderia tirar! O desgraçado dizia, referindo-se ao seu ouro: « A terra me o deu, a terra que o guarde ». Não era o caso de uma lei económica, que reprimisse semelhante criminoso?

Comtudo, o nosso Samuel Josuá era menos selvagem que o fona brasileiro... Após mil súplicas inúteis, e ás quais se mostrou indiferente o padre d'Avesnières; depois de ter jurado pela su'alma — não possuir igual fortuna, proferiu colérico:

— Um milhão de escudos!.. Não; não é possível! Só si eu roubasse!.. Fazei isto por trezentos mil: eu sou tão pobre!.. Tende piedade de mim!..

— Quem quer moça bonita, hole com o pé e com a bolsa... disse d'Avesnières, já enfadado de tanta lamúria.

— E eu ameaçado de servir de *beef steak* ás fogueiras da Inquisição!.. Sr. padre! recebi quatrocentos mil...

— Acabemos com a choradeira: basta pagardes oitocentos mil escudos, e fazei-vos católico quanto antes.

— Isto é o diabo!.. Oitocentos mil escudos!.. Eu não

posso. . . Fechemos o negócio por quinhentos mil. . . é dinheiro como chuva !

— E' muito pouco ; mas, como sou generoso, contento-me com setecentos mil. Nem mais uma palavra, do contrário voltarei ao milhão.

— Setecentos mil escudos ! . . Setenta mil pistolas ! . . Completa ruína ! Eu me desgraço ! . . e o judeu soltou um prolongado suspiro, acrescentando em seguida : « Quando poderei obter a liberdade da baroneza ? »

— Logo que entregardes os setecentos mil escudos.

— Mandai recebe-los. Setecentos mil escudos ! E' um escândalo ! . . E' assim que se comerceia com a justiça de França ! Que tal o reinado de Luiz o Grande ? !

— Calai-vos, judeu ! si não quereis pagar mais setecentos mil escudos pela injúria que acabais de irrogar á minha pátria e ao meu rei.

Ouvindo falar em dinheiro, Samuel Josué calou-se mais depressa, do que si lhe houvessem apontado uma faca aos peitos. Ficou tão atemorizado, que imediatamente saiu, sem trocar mais palavra. A' noite, o padre d'Avesnières estava senhor daquela fortuna, roubada ao infeliz banqueiro, e a baroneza Marion de Beziers gozando da liberdade, que tão cinicamente lhe fôra extorquida. Ela tinha prometido, definitivamente, a sua mão de esposa ao velho judeu, para assim compensa-lo do sacrificio, embora não o amasse de fôrma alguma. D'Avesnières entregou seiscentos mil escudos ao padre Lachaise, ficando-se apenas com os cem mil restantes, e recebeu, na mesma hora, a sua nomeação de bispo, que lhe designava a sede de Tolosa. Não cabia em si, de contente. Era mais uma infâmia que cometia, além das muitas ; mas, chegava á posição desejada. Assim praticam alguns outros, até que são canonizados, e nós vamos adora-los em fôrma de idolo. . . Não satisfeitos com a indignidade do ato, inventamos ainda uma lenda e a transmitimos descaradamente aos nossos porvindouros ! . .



## XXV

### Um quadro doloroso

**R**EA em Setembro: o outono se anunciava. Tudo correra sem alteração, de sorte que não nos coube assinalar mais uma nódoa nos lutuozos acontecimentos deste drama. Contudo, os passarinhos gorgeavam e os regatos fugiam de manso. Um sol de estio surgia limpido ás saudações dos gárrulos cantores, para occultar-se, enfim, nas celagens do ocaso. O venturoso, que observasse tanta exuberância de vida no seio da natureza, jamais diria que existem desgraçados, — completamente escravos de um sofrimento longo. É próprio da constituição humana, avaliar o estado da sociedade conforme o viver de cada um, quando o egoísmo não o subtrai a essa lei psicológica, porque então o quadro se transfigura. Si o amor próprio influe e somos felizes, tratamos de colocar-nos em uma posição elevadissima, afim de olharmos para tudo mais com um supino desprezo ou a indiferença dos autómatos. Há também seres racionais, que jungidos pela desventura, se julgam os únicos individuos reservados á fúria da fatalidade, enquanto o resto dos seus semelhantes se embriaga no prazer!... Que diversidade de costumes e de sentimentos! Que falta absoluta de uma filosofia natural ao *modus vivendi*!...

O tempo era tão lindo e a natureza tão pródiga, não obstante o cair das folhas, que os camponezes, satisfei-

tos, pareciam alheios aos rigores da rancorosa justiça de Luiz XIV. E as dragonadas passavam como o sarraceno do deserto, a derrocar a imponentia dos séculos, a estampar o ferrête da ignominia nas mais inocentes fronteiras. A França estava de joelhos ante a imagem da Piedade, extenuando-se numa prece de pura humilhação, sem que o elixir da misericórdia descesse a lhe confortar o peito. Os sarracenos, invadindo Hispanha e esmagando a monarquia gôda, na pessoa de Roderico, junto ao rio Guadalete, não foram mais terríveis do que os soldados francezes a espingardearem os filhos da mesma pátria. E o clericalismo sedento de riquezas?! Esvoaçava sobre os despojos das vítimas palpitantes e arrancava-lhes a camisa enodoada de sangue. Os conventos poluíam-se; o rigorismo e a impudicícia da Idade-média tomavam as fôrmas primitivas. O mosteiro de Nimes sobrepujava a todos: possuía frades que se comunicavam com as freiras, e alguns que dormiam em casa própria, como si fôsem secularizados! . . . E a vítima de um pai degenerado continuava a gemer no fundo de um subterrâneo. . . Heloisa d'Arlemont não emudecera, recolhendo-se emfim a uma dor surda. Chorava unicamente para si; gemia com a descrença dos mártires. O seu Cabrion, o cínico fr. Rafael, não mais a viera espreitar através da claraboia. Ela não sabia a que attribuir essa ausência; avaliava simplesmente que esse algoz houvesse abandonado o posto ou feito uma viagem. Todos os dias a prisioneira recebia um parco alimento, mas, que lhe dava fôrças para lutar com a morte. Uma bilha com água e trez pães constituíam a sua refeição diária. Abriam-lhe sorratamente a porta do cárcere e uma misteriosa mão introduzia-se por ela, para depor esses objetos na escada. Por mais que Heloisa procurasse descobrir o rosto da pessoa, que fazia este serviço, nunca conseguiu triunfar dos seus intentos; mas, adivinhava que esse *alguem* era madre Tereza. Erguia-se a prisioneira da sua cama de palhas e lentamente se apoderava daquele alimento. Comia-o com tanta amargura, que só

aos miseráveis, — esquecidos no fundo de uma prisão, é dado saborear esse pão da ignomínia.

E passaram-se os dias. . . A sua vida estava condenada a escoar-se no vórtice das grandes agonias. Uma noite, na mais profunda treva, ela conheceu que ia ser mãe. Iria passar a outro estado, glorioso para a mulher-esposa e fatal para a que se precipita na voragem do vício. Mas, que infortúnio despropositado! . . . Heloísa era a mulher-esposa, honesta e escrava do amor acrisolado; tinha tudo e de nada dispunha, qual estátua da miséria, porque nem dos carinhos de seu filho poderia gozar. Ser mãe assim! . . . E' mil vezes preferível o sôpro da loucura, que arrebate a última centelha de intelligência. Ter um filho e não lhe lograr os sorrisos de inocência, ficou somente para as mulheres desnaturadas, que, si não eliminam, em reparação ás faltas cometidas, esse fruto da sua carne, — o mandam, entretanto, atirar á margem das estradas, afim de que seja salvo pela caridade de um tranzeunte ou sirva de pasto aos vorazes brutos. Para as que assim pensam, e tão criminosamente satisfazem os seus desejos, não se fez esse aguilhão, — o remorso; elas se deixam levar novamente pela onda da depravação e repetem no outro dia a mesma scena da véspera.

A filha do príncipe d'Arlemont, que tinha um coração sensível e bem comprehendia o alcance do que lhe ia succeder, aniquilou-se com essa idéa lúgubre e cheia de realidades monstruosas. Seria feliz, si antes de conhecer esse ente, predestinado a ver a luz, deixasse de existir. Não ouviria, portanto, o vagido daquela innocente vítima, condenada a pagar pelos pais. Não lhe a veria arrebatarem das mãos, si por acaso subsistisse tal criança. Com a mortalha dos extintos, iria gozar a corda dos bem-aventurados. Mas, oh! esperança vã! sonho irrealizável dos precitos! . . . Heloísa deveria sorver o seu cálice até ás fezes. . . E as dores se repetiam aceleradamente, sem que ela encontrasse uma alma caridosa para reconforta-la. Gemia, chorava, tinha revoltas contra a dureza de cárcere e caía desfalecida pelas vertigens

que se sucediam a miúdo. No seu desespero arranhava as paredes do subterrâneo, até que os dedos gotejaram sangue. Tiritava de frio, enquanto uma febre violenta lhe consumia o corpo. No auge da agonia ergueu-se como louca. Os olhos ardiam-lhe e faiscavam ao mesmo tempo, despedindo chispas de fosforescência no seio daquela treva. Implorou finalmente :

— Meu Deus! Senhor dos desgraçados! socorre á tua filha, que se estortega na pira dos sofrimentos. . . Tem piedade de mim ; não me deixes agonizar por tanto tempo ! Estende a mortalha do insondável, envolve-me nas suas dobras, e eu morrerei contrita.

Após a súplica, ela soluçava um pranto tão amargo, que, si o maior perverso deste mundo a ouvisse por um instante, choraria tambem. Ao mesmo tempo recuamos, compulsando as páginas da História. O coração do homem pervertido, embotado na prática do crime, é o que há de hediondo. E' mais fácil enternecer as pedras, do que abalar a alma de semelhante bicho.

Um homem houve, de execranda memória, durante o govêrno da Regência, o qual apunhalou um desgraçado, caído aos seus pés, implorando misericórdia contra as armas assassinas a luzirem nas mãos dos bandidos ! E ao tirar esse punhal da ferida da vítima, nem siquer lhe tremeu o braço ! Limpou o ferro no cano da bota, que se tingiu de sangue, e com a mesma placidez guardou a arma homicida ! . . . Portanto, Heloisa d'Arlemont teria que se debater em vão ; os seus algozes não diferiam desse assassino torpe, cujo crime acabámos de relatar e aconteceu num municipio vizinho. Assim foi. . . Quando já extenuada se achava, ao romper do dia, teve uma criança raquítica, que prometia viver pouco. Era uma mulher, um ser condenado á pura abjeção. O seu primeiro sinal de vida foi o de todas as crianças : um grito, um prenúncio de miséria ! . . .

Heloisa trazia consigo, pendente ao pescoço, uma cruzinha de ouro, que pertencêra a seu esposo ; e porque nada possuia, além de um beijo com que patente-



asse o amor votado á mísera filhinha, tratou de mimosea-la. Tirou a cruzinha do pescoço e passou-a para o da criança. . . Tal foi o dote legado por uma princeza á sua filha !.. Ela que vivêra no fausto e descendia de antepassados nobilíssimos, nada retinha de tanta grandeza. Dava á sua filha : por leito, um montão de palhas ; por palácio, o fundo de um subterrâneo ; por afagos, as lágrimas de um pranto ; e por fortuna, o pauperismo !

A porta do subterrâneo abriu-se e madre Tereza do Coração de Jesus assomou. Desceu os degraus da escada, e aproximando-se do montão de palhas, estendeu as mãos para apoderar-se da criança. A mãe compreendeu o seu intento e apertou, de encontro ao peito, o desnudo corpo da filhinha. Constituiu-se uma barreira a vencer. Uma luta travou-se entre as duas mulheres. A mãe defendia a filha ; a religiosa procurava arrebatá-la. A criança chorava ; Heloísa rugia como a leôa ; a abadesa soltava improperios. Por fim, a luta decidiu-se : madre Tereza vencêra. E porque não ?.. Ela era robusta, musculosa e ágil. Tinha lutado com um esqueleto.

Logo que a abadesa se viu livre das garras de Heloísa e senhora da criança, tratou de retirar-se. A esposa do conde de Langeais, ao ver fugir-lhe a última esperança, pois lhe roubavam a filha, talvez para a fazerem desaparecer do mundo, tentou o que é possível em defeza do ente frágil, fruto da sua carne, parte do seu todo. Procurou levantar-se ; ergueu-se a meio ; as forças lhe faltaram ; teve uma síncope e caiu como morta. A abadesa mal se dignou lançar os olhos sôbre esta desolação, e lentamente subiu a escada de mármore.

A porta do subterrâneo bateu-se.



## XXVI

### Entre os loucos ele estava

**J**A um ano era passado que a família do conde de Langeais permanecia na incerteza, sem a mínima notícia do infeliz, que se deixara despenhar na voragem da ilusão. Contudo, lhe seria consôlo, si ao menos adormecesse na realidade de que ele era um cadáver, esquecido no fundo de qualquer caverna! . . . A braços com essa dúvida cruel resolveu-se Fabre de Liancourt a emprender uma viagem em todo o paiz, e descobrir, mesmo á custa de esforços, qual o paradeiro do cunhado. Por empenhos valiosos, alcançou do govérno régio a nomeação de commissário, afim de visitar todos os hospitais de loucos e apresentar então um relatório completo sobre esses recolhimentos. Fabre de Liancourt despediu-se da nova família e voltou as costas ao castelo de Narbonne, pungido de negros pressentimentos. A missão era espinhosa ; mas, só assim poderia desempenhar o papel a que se propunha e lhe era de tão grande alcance. Depois de ter visitado todo o norte da França, regressou fazendo escalas pelas mais importantes cidades do reino, até que teve de demorar-se, uns dias, em Avignon. Ai existia um hospício com grande número de doidos, cuja relação gastava tempo. O médico esmerou-se em detalhes. No segundo dia, tendo de percorrer outra ordem de células, serviu-lhe de guia um guarda, que pri-

mava em historiar os casos mais fúteis, relativos àquelles infelizes. Um perfeito *cicerone*. Enfrentavam a grade de uma célula, quando o guarda, voltando-se rapidamente, fitou o esculápio e disse :

— Ides apreciar um espectáculo bem interessante.

— A que aludis ?

— A um louco, que há trez mezes ocupa esta célula. Parece que ja foi alguma coisa, pois os modos e a linguagem atestam fidalguia. Si dermos crédito às suas palavras, ele é um conde. . .

Fabre de Liancourt empalideceu visivelmente. A última palavra do expositor trouxera-lhe ao espirito uma idéa monstruosa. Acreditou que iria encontrar o cunhado, louco, de envôlta com todos aqueles desgraçados, servindo de escárneo á turba indifferente, e talvez perdido para sempre. Estimaria mil vezes que o guarda lhe annunciasse :

— Conheci um homem, chamado conde de Langeais, e esse homem morreu.

Mas, a ocasião não admitia inoportunas digressões : era preciso avançar e descobrir o mysterio. Preparou-se para receber o golpe ; arregalou os olhos e rugiu para o guarda :

— Homem cruel ! que história me contaes ? Como se chama esse conde ? De onde veio ? !

— Perdão, dr . . . Ele veio da Provença, e ignoro o seu nome. Si vos ofendi, não foi de propósito.

— Ele fala no príncipe d'Arlemont ?

— Repetidas vezes.

— Fala num amor fatal, que lhe devorou a alma ?

— Não me recordo bem ; mas, diz tanta coisa, que faz partir coração.

Para o torturado Fabre de Liancourt ja não restava a menor dúvida : aquele louco era o conde de Langeais. Pensou um instante que não o deveria ver, e sim, fugir quanto antes desse lugar pavoroso ; mas, considerou também, que esse ato seria uma pusilanimidade e a mais negra infâmia a lhe pesar na vida. Chamou a si todas as

forças de que poderia dispor, e agarrando no braço do guarda, sacudiu-o com violência :

— Mostrai-me esse homem ; quero ve-lo. Si fôr o desgraçado que eu penso, não podeis avaliar quanta amargura transbordará neste peito, quanta mágua há de transbordar neste rosto.

Vai e ve-lo. A sua exaltação vos causará pavor.

E ambos se aproximaram da grade. O louco, com a roupa em farrapos, o semblante pálido, os olhos muito abertos e injetados de sangue, a passear dentro da célula com as mãos cruzadas sôbre as costas, não deu pela presença dos dois visitantes, pois estava voltado para o lado oposto. Chegando junto á parede, deteve-se por um instante, e girando depois nos calcanhares olhou para a grade. Então avançou, com passo desmesurado e rugiu :

— Compadecei-vos de mim ! Sou um assassino miseravel. Cravei o punhal no peito de um amigo. Sujei estas mãos, outrora puras, no sangue humano. . . Piedade ! . .

O médico recuou dois passos.

— O conde de Saint-Flour ! . . pronunciou em seguida.

Esta exclamação, partida dos lábios de Fabre de Liancourt, não produziu o menor abalo no louco. Restavam-lhe algumas reminiscências do passado, mas, não que guardasse na memória a lembrança das pessoas que conhecêra. Olhando para o médico, conservava-se na maior indiferença, qual si fôsse um homem qualquer, que pela primeira vez lhe apparecesse, durante mesmo o estado de saúde. E comtudo, naquele semblante pintava-se a mais sinistra agonia, permitida aos infelizes ! Principiou a esfrangalhar o resto das suas vestes, e a dar pancadinhas, com a mão fechada, sôbre as grades da célula. O cabelo, aparado á escovinha, dava-lhe um aspecto terrível ; as unhas grandes e sujas assemelhavam-se a verdadeiras garras. Continuou com voz cavernosa :

— Fui rico ; possuí um título de fidalgo. . . mas, hoje ? Si a lua percorre o azul dos céus, a minh'alma encarcerada soluça no vácuo do meu peito. Para que viver assim ! . . Nas minhas noites é debalde que procuro conci-

Nar o sono ; o fantasma do remorso surge ante mim e sofro como um condenado. Si tendes comiseração de um precito, abri-lhe a porta do seu cárcere. Quero correr de pés descalços e prostrar-me no altar de Deus.

Em seguida cobriu-se de uma palidez cadavérica e desatou a chorar. Fabre de Liancourt estava impressionado. Conchegou-se pouco a pouco a grade e disse para o conde de Saint-Flour :

— Não me conheces mais ? Não te lembras de Fabre de Liancourt ? Apagou-se a tua memória ? Desceste ao nível de todas as misérias ? !..

O conde respondeu com uma gargalhada sarcástica.

— Acorda, infeliz... Esclarece a tua razão embruscada, e talvez encontres na sciência a grandeza de outrora.

Estas palavras eram tão improficuas como o sermão de S. António no deserto. Dizer belezas a um louco, é ser mais insensato do que ele. O doido assobiou e prosseguiu, balanceando o corpo, como quem rema :

— Era uma noite : a cidade de Aix dormia, e eu, á semelhança do bandido, introduzi-me na casa de Pierrot Follet, para apunhala-lo no leito... Monstruoso que sou ! Matar um amigo, porque um juramento de sangue me obrigava a tanta infâmia !.. Ah ! principe d'Arlemont ! Impeliste-me a tanto ; mas, o teu futuro está escrito no livro do Destino... Morrerás no fundo de uma prisão infecta, esquecido, maldito e vilipendiado por todos.

Um lampejo de realidade perpassou no cérebro do médico. Sabia finalmente o que há muito desejava, e teve a discrição de ocultar o seu assombro.

— Si saisses desta prisão, que irias fazer ?

— Muita coisa. Apesar de réprobo, ainda sou imenso. Correria até ao sepulcro de Pierrot Follet para ordenar : « Levanta-te cadáver !.. »

— E porque não o fazes ?

— Pela minha desventura. Descobri, á noite passada, o modo de medir o pensamento, olhando para o tecto desta célula, e tenho conservado até hoje o maior sigilo sobre isto. Dias atraz, chegou-me á porta desta prisão

um bruxo, julgando que eu já tivesse resolvido o problema, afim do roubar-m'ó. Hoje, nem que ele me desse toda a riqueza do El-Dorado, seria capaz de comprar o meu segredo. Já pensei também num meio de transportar-me á lua, e quasi que venço o obstáculo!..

Depois de ter feito uma pequena pausa, deu um grito horroroso e recuou até á extremidade da célula:

— Meu Deus, socorrei-me!.. Olhem o espectro de Pierrot Follet a gotejar sangue!.. Ele ameaça-me... tenho medo. Ui! que o chão vai abrir-se e serei engulido, descendo logo aos infernos. Ui! que buraco enorme!..

E o conde pinoteava como quem enxerga um abismo e quer evita-lo; ao mesmo tempo acenava, mostrando qualquer coisa através da grade. O médico e o guia voltaram-se instintivamente. Viram, então, um rapaz de olhar furioso, ensanguentado e que mal havia para eles.

— Que foi isto, Jorge?.. perguntou-lhe o guarda.

— A danação de um doido. Eu ia fustiga-lo com pancadas nos rins, e o bicho atracou-se comigo; mordeu-me a ponta do nariz e quasi que o arranca. Descarreguei-lhe um golpe com a minha vêrga, e só assim me soltou. Que lástima não estar eu munido de um bastão!

O conde de Saint-Flour continuava a tremer, observando atentamente todos os gestos do rapaz. Este, depois de ter narrado a sua desdita, fitou o louco e rugiu:

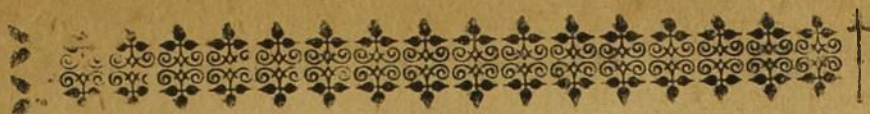
— Até este diabo me odeia! Que mal já lhe fiz, para ele me chamar Pierrot Follet?! Si eu fôsse governador, mandaria fuzilar todos os doidos, pois, entes dessa ordem, que só trazem despesas ao Estado, sem prestar o mínimo serviço, não devem viver. Pelo menos outro guarda não se iria arriscando a perder o nariz, como eu.

— Paciência! Deixe ver o ferimento... disse o médico.

Os trez homens transportaram-se á sala das operações cirúrgicas. O conde de Saint-Flour ficou a gritar com desespero, dizendo repetidas vezes:

— Pega!.. Segura!.. Mata!.. Esfola!.. Cerca de lá, que eu cerco de cá... Ui! que buraco enorme!..

E renovou de saltos, em todas as direções da célula.



## XXVII

### Entre Scila e Caribdis

**P**OR mais detestavel que seja a hipocrisia, todos nós a utilizamos em várias ocasiões. Vale-se da hipocrisia o libertino que procura atrair uma mulher virtuosa, para arrasta-la consigo ao lodaçal da dissolução; o negociante, que sendo um disfarçado larápio, busca angariar freguezes, para esfolá-los então no peso e na medida; o candidato aos parlamentos, que usando de uma linguagem meliflua e cheia de aforismos, consegue arrebanhar os eleitores, que nem siquer, á fôrça de exemplos, compreendem ter votado num canalha de luva de pelica; o juiz, que escudado na lei, citando avisos e decretos, artigos e parágrafos, lavra uma sentença iniqua, para satisfazer pedidos ou adquirir um punhado de moedas; o padre, que á custa de mistérios e preces, logra fanatizar o povo, ensinando-lhe, em vez da virtude desinteressada, o mais criminoso egoismo; o poeta, que abstraído nas suas ilusões, descreve scenas completamente distanciadas da realidade; o monarca, que longe de contentar e fazer felizes os seus súbditos, trata de manietá-los ao poste da ignomínia, porque lhes mentiu em nome das garantias.

Continuar nesta argumentação, seria um catálogo de embustes, quási infinito como a sciência dos números. Melhor do que isto já se exprimiu o nosso Joaquim de

Macedo, quando, na Carteira de meu Tio, falou sobre a mentira. O padre António Vieira, ou antes Tomé Pinheiro da Veiga, mostra-nos muito bem, na Arte de Furtar, como se engoda a estólida humanidade. Apesar da divagação, não temos em mira denegrir a personagem que vai figurar neste capítulo, pois, o ardil de que se valeu, não foi um crime, nem prejudicou á virtude. Si lançou mão de tais recursos, acusemos antes á sociedade em que viveu, porque ela, sonegando com a maior protérvia todos os direitos do homem, era a única responsavel e não o desditoso, que sob o hábito de um frade principiou a visitar os conventos, afim de descobrir uma mulher sepultada em vida. Segundo a teoria de Kant, que ensina : *Neminem læde*, isto é, « a ninguém danifiques », — o nosso heroi se transviava das regras do Direito ; mas, desde que a lesão não busca a infâmia e resguarda de certos atentados, -- ela se constitue, para o agente, um meio de defeza. O principio do direito está baseado na utilidade e na moral. Portanto, o conde de Langeais não era criminoso, nem hipócrita.

Estou ouvindo perguntardes em que vai dar este enredo, onde não se descobriu a mínima saída. .. e apresso-me em dizer : o conde de Langeais ou Leopoldo, o Campeão, ao deixar o palacete da marquiza de Clisson, levava um inferno no peito. O desejo de encontrar Heloisa d'Arlemont mais ardente se lhe ateou na alma. .. Mas, como o conseguir?.. Leopoldo o Campeão não devia aparecer mais, sob pena de sacrificar-se totalmente ; o conde de Langeais tinha morrido para o mundo. Assim, lembrou-se ele, que envergando o hábito de um capuchinho e tomando emprestado outro nome, poderia percorrer impunemente os conventos. E pensou bem.

Naquela época, si um padre católico não fósse traspasado pelos punhais protestantes ou pelas balas dos rebeldes das Cevenas, gozaria de todas as imunidades. E frei Ângelo da Encarnação, impingindo-se de hispanhol, com um nome portuguez, cuidou de atirar-se logo ás suas investigações. Pedia esmolas, confessava os pe-



adores, socorria os necessitados, assistia á cabeceira dos moribundos e pregava ás multidões. As suas barbas longas e brancas davam-lhe um aspecto de santidade. As beatas o olhavam cheias de fé e devoção. No entanto, o frade apócrifo ria comsigo, sentindo no fundo da su'alma uma cascata de decepções. Aquele hábito pesava-lhe; a sua mão, abençoando o povo, não parecia ter manejado uma arma assassina!.. Foi em vão que ele visitou os conventos do meio-dia. Interrogava e nada obtinha em resposta que lhe satisfizesse a curiosidade. Faltava-lhe percorrer algumas casas religiosas, quando, em Julho de 1687, entrou em Tolosa. Já o célebre D'Avesnières, revestido das insígnias de bispo, havia tomado posse da sua diocese.

Fr. Ângelo da Encarnação, sequioso por descobrir a verdade, dirigiu-se ao palácio episcopal, e com a humildade de um servo de Mateus de Bássi pediu uma audiência particular ao nosso D'Avesnières. Este não se fez rogado e acedeu ao requerimento do religioso. Frei Ângelo da Encarnação foi introduzido no seu gabinete, uma manhã. Ao penetrar na câmara, sentiu uma forte impressão, pois acabava de ver no rosto do bispo o mesmo caráter do jesuíta quando secretário do príncipe d'Arlemont. Para confessarmos a verdade, é-nos preciso dizer, que o seu punhal estremeceu debaixo do hábito e fr. Ângelo teve ímpetos de esfaquear e fazer cair aos seus pés o vil e criminoso D'Avesnières. Comtudo, poude domar-se, tanto que fazendo uma grande vénia e beijando o anel que lhe fôra apresentado, ficou á espera que o superior lhe designasse uma cadeira para sentar-se. D'Avesnières era delicado, e depois de ter recebido as homenagens do frade, rogou-lhe que descansasse numa poltrona. Frei Ângelo obedeceu com o semblante de homem submisso. E D'Avesnières, logo que o viu sentado, dirigiu-lhe a palavra:

— Quem sois? Que desejais? Em que vos posso servir?

— Sou um pobre hispanhol. Chamo-me fr. Ângelo da Encarnação, pois recebi ordens num claustro portuguez,

e venho pedir-vos algumas informações, sendo que me as possais fornecer.

— Com muito gosto. E' a primeira vez que ouço falar no vosso nome. Sois hispanhol, mas, tendes o verdadeiro sangue gaulez !

— E' bem possível. Meus pais eram francezes, e eu nasci em Pamplona, aí vivi pouco tempo.

— Podeis explicar-vos. Quero ter a satisfação de vos ser útil.

Fr. Ângelo da Encarnação pensou por alguns segundos. Depois encarou o bispo e disse pausadamente :

— Conhecestes um conde, que viveu na Provença, no castello de Saint-Pont, e aí contraiu um matrimónio secreto com a filha do príncipe d'Arlemont ?

— Esse conde ?.. interrogou o bispo, fazendo-se pálido

— Era o conde de Langeais.

D'Avesnières desconcertou-se : aquella pergunta envolvia um mistério. A sua primeira idéa suggeriu-lhe uma negativa ; depois, o espirito foi aguçado pela curiosidade

— Mas, frei Ângelo, que vos importa esse homem ?!

— Perguntais bem. Passando eu, uma vez por Narbonne, encontrei-me com uma infeliz viúva, que entre lágrimas me rogou para syndicar sôbre o destino do filho. Ela é a mãe desse desgraçado conde. Compadeci-me daquella mulher e jurei-lhe cumprir o seu pedido. Então ella narrou uma história, que me fez arripiar os cabelos.

— E que vos disse ella ?

— Que seu filho, pensando como louco, amou a Heloisa d'Arlemont ; que ao pé do leito da princeza moribunda recebeu elle a filha daquella infeliz — por esposa ; e que uma noite, pouco depois, caiu ferido aos pés do príncipe d'Arlemont, porque esse monstro, odiando o genro, tratou de faze-lo desaparecer da face dos vivos. visto que de nenhum modo sancionava esse casamento não vulgar. Disse-me mais que o cadáver de seu filho, exposto no pavimento térreo do castello de Saint-Pont, desaparecêra d'ali, sem que o próprio Alberto d'Arlemont lhe soubesse do destino !

— E' verdade tudo que acabais de referir. Conheci esse infeliz, e ele foi assassinado barbaramente.

— Graças ao Deus de bondade! Já encontrei um cristão, que me afirmasse ter conhecido esse desditoso moço! . . . Dizei tudo: tirai-me este pêso dos ombros.

— Infelizmente, sôbre o seu destino ignoro tanto como qualquer outro, inclusive a própria mãe. Sei que ele morreu, mas não o que lhe fizeram do cadáver. Até para maior ignorância, eu não me achava na Provença; viajava, emquanto assassinavam, com a mais negra vilania, aquele mancebo distinto, bravo e apreciavel. Quanto á su'alma, só Deus o poderá dizer.

— Creio-vos piamente. Vêde, si me podeis satisfazer sôbre outro ponto.

D'Avesnières sentiu o coração agitar-se violentamente. Adivinhava, mais ou menos, em que iria dar aquela proposição. Com voz desalentada, mal pôde exprimir:

— Falai.

— O conde morrendo. . . continuou fr. Ângelo. . . deixou uma viúva. Onde vive essa mulher? Morreria também, ou padece algum martirio?

— Coitada! Antes houvesse morrido. . .

— Então sabeis da verdade?

— De certa fôrma. Que moça virtuosa e digna de um trono! . . . Como lhe sorriram os dias infantis, para estar hoje encarcerada no fundo de um mosteiro! . . .

— Que dizeis ex.<sup>mo</sup>?! Essa mulher em tal estado! . . .

— Não vos admireis, fr. Ângelo. . . Tal é a sorte deste mundo, que as mais ricas corôas rolam pelas escadarias, para se quebrarem na praça ás gargalhadas da plebe. . . Eis porque Salomão repetia: *Vanitas, vanitatum!* . . .

Fr. Ângelo da Encarnação tremia de cólera.

— Dizei-me, pelo amor de Deus, onde geme essa mulher e eu irei arranca-la de lá.

D'Avesnières fitou-o com assombro e proferiu:

— Que é isto, irmão?! Quem vos visse, juraria nos Santos Evangelhos, que sois a alma do conde! . . . Socegai. . .

Fr. Ângelo moderou mais facilmente, com esta obser-

vação, do que fr. Vasco ás palavras consoladoras de fr. Lourenço, no *Monge do Cister*, de Alexandre Herculano. Nem teve ânimo de dirigir outra pergunta!.. D'Avesnières compadeceu-se, e ia explicar-lhe tudo, descobrir o misterioso encarceramento daquela mulher tão rebuscada, quando se viu interrompido. Alguem entrara, sem se fazer anunciar. Frei Ângelo bateu com o pé, em sinal de despeito; e quando, naquela figura importuna, reconheceu fr. Rafael, pouco faltou que se traísse. Um grito de fúria se lhe engasgou na garganta; instintivamente quiz levar a mão ao punhal e ficou a olhar para o irmão do bispo D'Avesnières. Fr. Rafael correu para o prelado:

— Que vais confessar a este frade?! Esqueces que ias cometer um crime; que talvez este religioso seja um outro Leopoldo o Campeão, capaz de atravessar-nos o peito com um punhal?! Eu ouvi tudo. Não sejas leviano, e despede-o, afim de não lhe caíres nas unhas.

D'Avesnières compreendeu que ia praticar uma tolice e aceitou o conselho do irmão. Frei Ângelo viu-se perdido por todos os lados e contentou-se em morder os lábios, para sufocar a raiva. Teve ímpetos de arrancar aquelas barbas postiças; tirar fóra aquele hábito e mostrar-se tal como o era, isto é, sendo o conde de Langeais, — o espetro da vingança. Mas, pensou em Heloisa d'Arlemont, e que, com paciência, a poderia salvar. Ergueu-se, fez uma cortezia aos dois sacerdotes e retirou-se á pressa, sem proferir palavra. Poucas horas depois, ja ninguem sabia que estrada ele tomara, em se afastando da cidade.

Voltemos a fr. Rafael. Como aparece aqui, quando o deixámos estendido no solo, com uma punhalada que lhe vibrara Leopoldo, o Campeão? Nada mais simples. A punhalada não produzira a morte; após vinte dias estava são. Em seguida recebêra uma carta do irmão, convidando-o para secretário, e ele aceitou o lugar, de braços abertos. Deixou a cidade de Nimes, correu a Tolosa e ei-lo em scena, sem que mantenha o menor propósito de regeneração.



## XXVIII

### As segundas núpcias

**N**ão sabemos por que motivo, sendo o casamento um ato tão grave, sempre o jôco-sério há de conturba-lo! . . . Um noivo é a vítima sacrificada nos altares do chistoso. Por mais que se queira elevar, não escapa às olhadelas indiscretas, que primam em ridicularizá-lo. Ao pé do sacerdote, maior se torna o seu martírio. A lisonja, o ciúme, os desejos, a maledicência e a curiosidade se constituem os convivas do seu festim. Na alcôva é a gargalhada lúbrica que se faz de genuína e ergue-lhe as cortinas do leito. Finalmente, ele não passa de um anfitrião, que banqueteia, sem saber porquê! . . .

Compreender a nossa sociedade, é tão difícil como decifrar o problema de além-túmulo. A sociedade afeta apreciar a virtude, ao passo que vive submergida nas camadas do vício e abrazada na insaciavel sêde das riquezas. Há um mancebo ignorante, paupérrimo, mas, honrado e bonito como um Narciso: consegue fascinar uma donzela rica, formosa e cheia de simplicidade... casam-se. A sociedade, em vez de aplaudir esse enlace, que, perante as leis do bom senso, não podia aspirar outro futuro, trata somente de chasquea-lo! Escarnece da ingenuidade dessa vírgem, que se deixando arrebatada pela gentileza desse moço, não lhe pode conhecer a ignorância crassa. . . e então acrescenta que um pu-

nhado de ouro comprou a probidade desse jóven! . .

Entretanto, não pode haver crítica mais vil e despida de nexo. Casar pobre, é ser um burro ; por amor, — um idiota ; por paixão, — um ridículo. Contrair um casamento rico, é vender-se ; por imposição, ser um coarde ; e por egoísmo, — simplesmente um presunçoso ! Em vista de tantas opiniões, quem há que se possa subtrair incólume ?! . . E salvar-se-á, si adotar o amor livre, que é o dos brutos.

Ser moço, possuir intelligência e estudos, ganhar o pão á custa de sacrificios e não se deixar engulir pela voragem das paixões, é criar no peito de seus pais uma esperança, que muitas vezes se dissipa. O egoísmo desses dois cegos transporta-os á ilusão : entendem que o filho nasceu para casar-se com a fada Meluzina ou uma princeza bela, virtuosa, instruida, no verdor da mocidade, e sobretudo, milionária ! . . Si isto não acontece, como, de fato, é quasi impossivel, — esse filho torna-se um ingrato para eles, e incessantemente censuram :

— Aquele rapaz é um maluco ! . . Sacrificou o nosso futuro ; não teve piedade das nossas cãs e nem ao menos olhou para o destino dos irmãos ! . .

Nesse báratro é impraticavel sentir-se o mais diminuto gozo. A pena não sabe escrever ; o coração enluta-se.

Agora voltemos á causa que inspirou este capítulo. Temos que falar sóbre a duqueza de Pádua, pela segunda vez. Ela era um mixto de beleza : predispunha, seduzia e arrebatava com os seus ademanes de volúpia. Com um sorriso de mulher feliz transformava os demónios em anjos e os anjos em demónios. Parecia ter uma alma insaciavel. O príncipe d'Arlemont viu-a uma vez, durante uma procissão, e embriagou-se logo num dos seus olhares. Jurou, pela memória dos antepassados, que possuiria aquella mulher. E o seu juramento ia cumprir-se. Em Avignon não tratavam de outro assunto a não ser o das núpcias do príncipe d'Arlemont. Analisavam as orações desse período — o casamento —, sem especificarem os complementos circumstanciaes, por

mais dubitativos que fôsem, a capricho dos nefelibatas.

Um ano depois que Leopoldo o Campeão tivera a sua entrevista com a marquezia de Clisson, o príncipe d'Arlemont ajoelhava aos pés do sacerdote, afim de se unir pelos laços indissolúveis á bela duqueza de Pádua. Era um dia de festa. A igreja regorgitava de povo. Avignon ostentava-se ao tremular das flâmulas nas ruas principais. O palácio da duqueza exhibia uns laivos da Idade-média. Os sinos das igrejas haviam tocado as Ave-Marias e as piras de alcatrão se ateavam na praça pública. Comtudo, a natureza derramava uns reflexos de melancolia, que só as almas poéticas os podem compreender. A' noite celebrou-se o festim nupcial. Os fidalgos bailaram e o vinho escaldou aquelas fronteiras. Os ditirambos das bacanaes antigas reproduziram-se na sua fôrma licenciosa, sem que os lábios das mulheres da nobreza se crispasssem num ricto de repugnância!

A duqueza de Pádua que trocara o seu título por um brazão de princeza, entregou-se ás delicias da ronda com um frenesi de louca. O príncipe d'Arlemont, embevecido pelo consórcio, não voltava os seus olhos para o passado, e com um porte de suprema majestade parecia o homem mais venturoso deste mundo. Passava da meia noite, quando um vulto de mulher, completamente extranho á fidalguia da cidade, rompeu a multidão e parou em frente da duqueza de Pádua. Todos se voltaram para o lado dessa desconhecida e escutaram silenciosos. Ela disse:

— Duqueza de Pádua! tu não me conheces, e melhor fôra que jamais soubesses quem sou eu. . . Por sob a placidez do meu semblante, não avalias quanto desespêro me carboniza o peito. . . Venho, como a figura da vingança, trazer-te um golpe doloroso para o resto dos teus dias. Prepara-te, mulher! . . . Eu sou a marquezia de Clisson, a viúva duplamente enganada.

Um grito de agonia ouviu-se reboar no seio daquela assistência. O assombro divisava-se em todos os aspectos. O príncipe d'Arlemont, após esse grito selvagem,

regumado de cólera e despeito ao mesmo tempo, com os cabelos crispados, o rosto coberto de palidez, — atirou-se de encontro á ex-amante e agarrou-a pelos pulsos, rugindo como uma fera :

— Mulher infame ! sai deste palácio, onde entraste como um cão danado. Não queiras envenenar o prazer de todos os convivas, quando eles se deleitam. Tu és um monstro, que se antepõe aos olhos da virtude ! . .

A marquiza de Clisson fez um movimento de violência e arrebatou os punhos de entre as mãos do furioso príncipe. No auge da sua cólera cuspiu-lhe na face, dizendo com uma voz estridente :

— Menos do que isto não mereces, devasso sem pudor ! . . Tu me iludiste, quando havias jurado, ante a imagem do Redentor, ser um dia o meu esposo. Envenenaste tua mulher ; assassinaste o conde de Langeais, — teu legítimo genro ; sacudiste tua filha no fundo de um mosteiro prostituído, como o de Nimes. Acobertado com o manto da lei, não te sacias de banhar as mãos no sangue dos protestantes. Promoveste a morte de meu marido ; exilaste o padre Rochetaille ; e num certo dia, com que rompestes com o padre d'Avesnières e corrias no seu encalço, fizeste perecer um pobre camponez sob as patas do teu indomável corcel. Quando eras o adolescente de 15 anos, estrangulaste uma concubina, enquanto fingias estreita-la nos braços. Tu mandaste apunhalar Pierrot Follet ; penduraste o idiota Junghill nos ramos de uma árvore. Defende-te, fera ! . . Quero esmagar-te de uma vez.

Tal era a perturbação do tigre da Provença, que nem sequer teve ânimo de limpar o cuspe arremessado ao seu rosto ! . . Pouco faltava para que desmaiasse aos pés dessa mulher vilipendiada, iludida estupidamente, devorada pelo ciúme. Um murmúrio confuso partia de todos os lábios. Gritavam :

— Desafrontai-vos, príncipe ! Esta mulher é insolente demais. Sêde enérgico . . .

A duquesa de Pádua tinha a cor dos cadáveres. Com



Os olhos arregalados nada via, porque tudo lhe andava á roda. A marquiza de Clisson não se contentou com o que dissera, e voltando-se para a duqueza, prosseguiu :

— Treme de horror, mulher excomungada ! .. Este homem te há de levar dias de luto ; ele tem a taça de veneno para a beberes de um trago. Si tiveres um filho, ele será maldito, e muito mais desgraçado que o meu, cujo paradeiro ignoro. Ele nasceu para o gôzo ; mas eu, semelhante á víbora, o fiz enjeitar numa estrada erma e sombria.

Não pôde acabar a recapitulação de todas as injúrias, porque se viu segura pelos cabelos e a lâmina de um punhal luziu-lhe ante os olhos. Era o príncipe que acordara do seu estupor, e sentindo renascerem-lhe os instintos de fera, ia cometer aquele assassinato. .. Mas, o seu braço não pôde descer ; um pulso mais forte do que o seu, suspendêra-lhe a violenta punhalada. Diante dele estava um frade capuchinho, de barbas brancas e longas, que lhe bradou :

— Não consinto que assassines esta mulher.

Alguns fidalgos avançaram para o grupo dos trez e também fizeram com que o braço do príncipe d'Arlemont descesse sem ferir aquella mulher frágil, dominada de despeito e de impetuoso ciúme. Depois o frade, estendendo a mão á marquiza de Clisson, a fez sair do salão, sem que ninguém se opuzesse á sua partida. O baile, que fôra interrompido tão escandalosamente, terminou em breve e de uma maneira lúgubre. A duqueza tinha desmaiado ; o príncipe caíra sôbre uma cadeira, completamente aniquilado. E' fácil de adivinhar que esse frade era o conde de Langeais, ou por outra, frei Ângelo da Encarnação. Logo que ele se viu distante daquela sociedade festiva, voltou-se para a marquiza de Clisson e disse-lhe com voz pezarosa :

— E' exato que Heloísa d'Arlemont foi encerrada no mosteiro de Nimes ?

— E'.

— Não me enganas ? .. Não é o delírio que te impele,

afim de que digas uma falsidade?!..

— Juro-te pelo Deus onipotente.

— Ainda te lembras de Leopoldo o Campeão?

— Perfeitamente, como si fôra hoje o dia da minha entrevista com aquele homem singular.

— Pois bem : esse homem morreu, e eu sou a su'alma. Quero correr em auxílio de Heloïsa d'Arlemont.

— Fazes bem, meu frađe. Aniquila o principe d'Arlemont ; arranca-lhe a filha das garras, emquanto eu vou a Pariz. Hei de chorar tanto e contar tantas verdades, que alguém me ouvirá por fim. Acredito que serei vingada. Irei cair aos pés de Luiz XIV e orvalha-los de lágrimas, para que ele se compadeça de uma infeliz mulher. Renovarei o pranto da Madalena ; Cristo não desapareceu do mundo.

— Tens razão. A justiça divina que te guie por toda parte. Não percas um instante, que a vingança é caprichosa e bem pode fugir.

E os dois separaram-se.





## XXIX

### Todas as ilusões se apagam

**F**LECHIER, que fôra removido de Lavour para Nimes, regia esta dioceze. Uma enfermidade de beatismo contagioso enervava todos os espíritos. Corria o ano de 1688 e na cidade celebrava-se o mez mariano. O canhão das tropas imperiais roncava com fúria. Os Stuarts tremiam no seu trono inglez. E frei Ângelo da Encarnação, nada apreciando desses acontecimentos, continuava a sua marcha como o Asvero da lenda, e que tão filosoficamente foi caracterizado pela pena de Edgar Quinet. Pouco lhe importava que a cidade de Avignon estivesse ameaçada de succumbir na luta, pois o seu intento de salvar Heloïsa d'Arlemont era superior ás vicissitudes da pátria. Frei Ângelo entrou em Nimes ao cair de uma noite majestosa, cujo luar encantaria uma vírgem pensativa como a Honorina d'O Moço loíro, nos seus primeiros dias, quando ela se conheceu mulher e que deveria amar uma alma de poeta, abrazada no fogo do ideal. O frade procurava fugir de quási todos os olhares. Parando em frente ao mosteiro, interrogou um mancebo que passava :

— Sabes dizer-me, rapaz, quem rege este recolhimento de monjas ?

— Madre Tereza do Coração de Jesus, a abadessa, a religiosa cínica.

— Eu te arrenego ! Como maldizes assim de uma freira ? ! Não sabes que as baionetas francezas o proíbem ?

— Temos os campónios das Cevenas para repilirem os seus ataques. Cada caverna daquelas montanhas é um baluarte inexpugnável, donde não serão expulsas as hostes que bem herdaram o sentimento de seus avós. Qual de nós se deixará intimidar ás ameaças de um rei cruel e cem vezes mais digno da fôrça do que os irmãos Guilleri, trez infelizes da casa de Bretanha, que por seis anos devastaram as estradas com os seus latrocínios ? !

— Basta. Falas muito mais do que uma velha quando começa a lembrar a sua mocidade ! . . Neste mosteiro dão gasalhado a alguém ?

— Sem dúvida ! . . Não se desviam um passo em prejuízo da caridade. São tão compadecidas que encurralam todos os frades, como outrora na Torre de Nesle.

— Chítton ! rapaz . .

— Não me denuncies, e até logo.

— Deus que se lembre da tu'alma.

— Obrigado.

Fr. Ângelo da Encarnação apenas se viu livre do maldizente mancebo, que fugira á pressa, — encaminhou-se para a portaria do mosteiro, e pegando da aldraba, tangeu-a com fôrça. Decorreram alguns minutos primeiramente que abrissem aquele portão, com cheiro de santidade, e o capuchinho esperou como um severo observador do Evangelho. A porteira estava possuída de monumental preguiça, tanto que perguntou com ares de enfado :

— Quem chama a esta hora ? Não vê que é imprópria ?

— Perdão, irmã ! . . Um peregrino que busca um pouso, tem jus a outro tratamento.

— Peregrino ? . . Ora ! peregrinos tenho visto muitos e da peor espécie.

— Olha para os meus trajés, e fala depois.

A porteira estirou o pescoço ; olhou detidamente e exclamou satisfeita :

— Um frade capuchinho ! . . Quem sabe, si não será •

enviado do Santíssimo e incomparavel padre Inocência X! . . Quem sabe, minha Mãi de Deus! . .

— Infelizmente, não. Vê sempre, si me podes conceder pousada.

— Entra, irmão. Esta casa tem as portas escancaradas para os que sofrem em nome da Santa Religião Católica. Não te detenhas.

Fr. Ângelo da Encarnação entrou imediatamente e logo foi apresentado á abadessa, que o conduziu a um lugar reservado. Aí passou a noite e dormiu fidalgamente. Madre Tereza, pela manhã, dirigiu-se á cela do capuchinho e encontrou-o de joelhos, lendo no seu breviário. A freira conservou-se muda, até que ele, dando por findas as suas preces, ergueu os olhos e se poz de pé.

— Irmã! louvado seja o Deus dos cristãos no céu e na terra.

— Amen, irmão.

— Este mosteiro deve ter capela; conduze-me ao santuário, pois quero oferecer as minhas orações ao Deus altíssimo.

— Com muito gôsto. Acompanha-me.

Os dois seguiram silenciosos. Frei Ângelo olhava para tudo, com muita curiosidade; mas, lançando um olhar á sorrelfa, afim de não ser descoberto. Chegando á capela, encontrou todas as freiras, que aí entoavam as matinas, com uma voz melodiosa, porém, fúnebre como a de todos os cânticos de igreja. O frade ajoelhou-se e também cantou com uma voz trémula e magoada, como a do ancião do ermo. Quando as monjas se ergueram, ele levantou-se também e ficou rente á parede, esperando que elas passassem. Sobre cada uma que vinha e logo desaparecia no interior do mosteiro, o capuchinho lançava um olhar profundo, que só o poderia compreender quem soubesse do seu fito. De quantas perpassaram, nenhuma lhe arrancou dos lábios um sorriso de vida; só o que se ouviu, foi um gemido do fundo do coração, quando todas as freiras se tinham retirado.

— Que é isto, irmão? . . . perguntou madre Tereza, aguçando o ouvido. . . Gemeste como a corça ferida pelo tiro do caçador?!

— E' verdade. A minha alma agora despertou de um sonho, que nem tu, nem pessoa alguma, jamais o poderão saber. Dize-me, por tudô que há de sagrado: qual o destino de. . . ?

E não quiz terminar. A sua reticência salvou-o. Ia fazer uma pergunta sôbre Heloisa e calou-se, porque essa leviandade traria a sua pêrda inevitavel. Si ele queria passar por fr. Ângelo da Encarnação; si vinha desempenhar um mandato da condessa de Langeais e fingia não conhecer a filha do príncipe d'Arlemont, — como revelava que entre aquelas freiras não vira a desgraçada Heloisa? . . . A abadessa ficou estupefacta e mal pode aduzir:

— Acaba, fr. Ângelo; não te receies de mim.

— Nada. Foi um pensamento mau que me passou pelo cérebro. Perdôa ao ancião que sofre.

— Deixa esses pensamentos. Vem percorrer comigo as celas de nossas irmãs, afim de ajuizares a obra da paz e da caridade.

Fr. Ângelo estava ansioso por isto, e acedeu com a melhor vontade. Percorreu todos os compartimentos do mosteiro e cada vez maior se lhe tornava a angústia. A sua ilusão se ia apagando pouco a pouco. Já cansado daquela incerteza monstruosa, resolveu-se a interpelar madre Tereza do Coração de Jesus.

— Tudo vai muito bem. . . disse ele. . . Aponta-me, agora, qual destas irmãs é a filha do príncipe d'Arlemont.

A abadessa escancarou a bôca, estendeu os braços e ficou pálida como um defunto. Não esperava por esta pergunta, e se espantaria menos, si lhe houvesse estourado uma bomba aos pés. Quiz articular uma fraze e engasgou-se de todo. Passado algum tempo, foi que respondeu:

— Essa infeliz já não existe.

— Quê! . . . Isto é verdade, mulher?! . . .

E a voz de fr. Ângelo ecoou como um trovão sob o tecto daquele mosteiro. O frade cerrou os punhos, contraiu os lábios, arregalou os olhos e enrugou a fronte. Madre Tereza teve medo dessa transformação.

— Ficaste possesso, frei Ângelo? . . interrogou ela, tremendo.

— Estou danado. Quero saber de que morreu Heloïsa d'Arlemont!

— E' muito fácil. Vou mostrar-te o Livro de Registro.

— Depressa. Ja não me aguento mais.

A abadessa seguiu com o frade para a sala da biblioteca, e apresentando um livro aberto a fr. Ângelo, indicou-lhe o nome de Heloïsa. O pseudo-capuchinho devorou todas as palavras com o seu olhar febricitante. Depois, deixando-se cair desalentado sôbre uma cadeira, disse com amargura:

— Morta a 20 de Setembro de 1687. . . E de uma tísica pulmonar! . .

Pensou longo tempo. A abadessa olhava-o. Depois ele ergueu a cabeça.

— Onde está ela sepultada? Vai mostrar-me o seu túmulo. . . quero lhe chorar na lousa, até que o meu pranto chegue àquêles ossos esquálidos. O seu coração há de pulsar ainda; ele não se transformou em lodo.

— E quem és, frei Ângelo, para que tenhas o direito de lhe chorar na cova?! . . Não sabes que isto é uma profanação, e envergas um hábito religioso? . .

— Não te importes, mulher. O conde de Langeais morreu, mas, a su'alma se transportou para o meu corpo. Não bocejes mais e obedece-me, antes que este braço procure fazer justiça.

— Misericórdia! . . balbuciou madre Tereza.

— Não ouves, maldita?!

— Segue-me.

O frade levantou-se de um salto. Ao pé da capela viam-se diversos túmulos, e alguns deles sem epitáfio. Madre Tereza do Coração de Jesus designando o que pertencia a sóror Mónica, — a freira que se suicidara

nesse mosteiro —, acrescentou, meio titubeante :

— Ei-lo.

Fr. Ângelo caiu de joelhos e principiou a chorar. O seu pranto caía-lhe gota a gota sôbre o túmulo. Elle ex-torcia-se numa verdadeira dor, tão imensa, que só uma triste mãe, perante o cadáver do filho, a pode avaliar. Passava a mão pelos cabelos e arrancava-os. Depois agarrou as barbas postiças e num assomo de loucura atirou-as aos seus pés. Então madre Tereza, que assistia todo este desconchavo, ao ver aquele respeitavel frade, de barbas longas e brancas, transmutar-se num mancebo de 28 anos de idade, deu um grito de terror :

— E não era fr. Ângelo ! . . . Que crime, meu Deus ! . . .

O frade, ouvindo esta exclamação, levantou-se de um salto, como um tigre assanhado. Arrancou de um punhal e rugiu :

— Eu sou o conde de Langeais. Tu, assassina vil, vais morrer, porque completaste a obra do monstruoso príncipe d'Arlemont.

Segurou madre Tereza do Coração de Jesus pelo bu-rel e descarregou o braço. O punhal feriu somente um pedaço de pano. No auge do pavor, a abadessa conseguiu desvencilhar-se e fugiu como louca. O conde de Langeais não tratou de persegui-la ; voltou-se para o túmulo e principiou a arromba-lo. Nada havia realizado ainda, quando trez homens lhe surgiram de frente.

— Que pretendes fazer deste túmulo ? . . . perguntou um dos sujeitos, com a voz melíflua.

— Arraso esta sepultura. Quero ter a certeza ; quero olhar, ainda uma vez, Heloisa d'Arlemont ; quero beijá-la, si me fôr possível.

— Tu és um louco. O que procuras fazer é um crime. Amanhã te chamarão — violador de sepulcros. O passado ja não tem remédio ; abandona a tua obra de profanação. Entrega-me a arma que tens na mão, e com a qual ias cometendo um assassinio bárbaro.

— Mas, que desejas de mim ?

— Deixar-te em paz, logo que tiveres feito o pedido.



— Não ; não me serve. Quero viver para a dor e succumbir ao pé deste túmulo.

— Poderás faze-lo. Dá-me esta arma.

O conde de Langeais iludiu-se : estendeu o braço e entregou o punhal. Os trez homens entreolharam-se e sorriram então. O que recebêra a arma, avançou para o conde, poz-lhe a mão sôbre o ombro e disse com voz estridente :

— Estás preso em nome da lei.

Ricardo de Langeais caiu em si. Compreendeu então o quanto fôra tresvariado e como se deixara burlar. Meditou um pouco : viu que a reacção era inútil e não opoz a mínima resistência. Espargiu um derradeiro olhar sôbre o túmulo ; verteu as últimas lágrimas de agonia e caminhou com passo firme. Ao transpor um dos corredores do mosteiro, ouviu uma voz que lastimava :

— Coitado ! . . O conde de Langeais como é infeliz ! . .

Voltou-se e viu a viscondessa de Chiourme que lhe dava com a mão. No entanto, ele se mostrou insensível àquêla saudação. Admirou somente encontrar-se com a fidalga nesse recolhimento !

Decorrida uma hora, depois de ligeiro interrogatório, o conde de Langeais dava entrada na prisão da cidade, cercado pela multidão curiosa, que se aprazia com o encarceramento de um herege.





### XXX

#### Um amigo como se deseja

**S**EGUNDO a opinião geral, estava o conde de Langeais perdido para sempre. Era protestante; usara de um hábito religioso para fins ilícitos e tentará assassinar uma freira, impellido por motivos frívolos e reprovados. Tais crimes não tinham remissão naquela época. E tanto era assim, que o próprio Ricardo de Langeais, reconhecendo a falsa posição em que se colocara, resolveu suportar com paciência todo e qualquer destino.

Perante o bailio, nada escondeu do seu passado e revelou até os fatos praticados por si, quando se utilizara do pseudónimo de Leopoldo o Campeão. Alguns homens sensatos lhe deram razão; a maioria, que é composta de perversos, fanáticos e egoístas, condenou-o. Faltava unicamente ser julgado, e o conde tinha por inevitavel a sua condenação á morte. Principiou a meditar no cadafalso e decidiu-se a não satisfazer os intentos dos juizes: optou pelo suicídio. Com um pouco de veneno, desapareceria tambem deste mundo, sem que servisse de espetáculo á turba-multa. A vida ja lhe pesava. Possuia familia; mas, todo o seu espirito se concentrara no ser de uma mulher desgraçada. Morta essa infeliz, deveria ele envolver-se tambem no lúgubre sudário da morte, e desaparecer, pela sua vez. Assim resignado, escreveu para Narbonne, e esperou pelo últi-

mo adeus. O carcereiro, apesar de odioso como todos os outros, compadeceu-se, por uma casualidade, do mísero conde. Assistia-lhe; consolava-o nas horas de amargura. Um dia Ricardo de Langeais falou-lhe quasi a chorar; o carcereiro enterneceu-se e saiu da masmorra. Quando tornou a entrar, depoz-lhe entre as mãos, com a maior reserva, um frasquinho, que o conde ocultou na algibeira do peito com um sorriso de satisfação.

No dia seguinte Ricardo de Langeais seria julgado. Aguardava essa hora com muito indiferentismo, bem superior na fórma á heroicidade do *Corsário Negro*, que immortalizou o **Branca de Lanuza**. Este guerreiro não era completamente desgraçado: tinha junto a si o coração de uma mulher extremosa para ajuda-lo a sofrer. . . E o conde de Langeais? . . Esquecido, só no mundo, sem mais prazer na existência, longe de quem o poderia carpir, e esperando no outro dia a hora fatal para o término da angústia.

A manhã seguinte rompeu. O réu foi conduzido ao tribunal e diante dos implacáveis juizes reproduziu a sua história, sem omissão de uma vírgula. Teve um advogado; mas, este de nada lhe serviu, porque palavras bonitas e persuasivas não comovem juizes, que sabem o que vão fazer. Quando o presidente do tribunal leu a sentença de morte, designando o prazo de quatro dias para a sua execução, — o conde crispou os lábios num sorriso irónico. Regressando á prisão, encontrou o carcereiro e a esposa, que lhe choravam junto ao leito.

— Não se amargurem, meus amigos! . . implorou o conde. . . Guardem as lágrimas, para derrama-las com quem vale a pena, Eu sou de tal fórma digno de desprezo, que não mereço um pranto. Fiquem sabendo somente, que, si alguém amou na terra, não o terá feito mais do que eu! . .

— Ah! sr. conde! . . objetou o carcereiro. . . Porque sufocar o pranto?! Si o vemos tão moço, tão bom e tão brioso, condenado a morrer como qualquer bandido! . . Isto faz partir o coração. . .

— Não importa. Sei que vocês são católicos e respeito a crença, quando é sincera. Basta que vão á minha sepultura, si eu tiver uma cova, e rezem por esta alma que se deixou arrastar no tripúdio das paixões.

Uma hora depois o conde de Langeais estava só. Escreveu uma nova carta á familia, cheia de considerações, lastimando-se apenas por não abraçar ninguem dos que lhe eram caros. Fechou-a fleugmaticamente; apodereou-se do veneno e ia ingeri-lo de um trago, quando ouviu o rumor de passos que se aproximavam. Suspendeu a sua obra de morte e esperou um instante. A porta do cárcere se abriu e trez homens penetraram. Ricardo de Langeais fitou-os com interêsse e logo reconheceu o carcereiro, e sucessivamente Fabre de Liancourt e Perrique Van der Helst. Quási desmaia de alegria. Correu para o irmão e para o cunhado, estreitando-os nos seus braços. Estes dois homens conservavam-se mais tristes do que o próprio conde de Langeais.

— O' Ricardo!.. disse-lhe Fabre de Liancourt, gemendo.

— Meu irmão!.. murmurou Perrique, com os olhos humedecidos.

— Bons amigos!.. soluçou o conde, acabrunhado.

— Em que condição te encontro!.. continuou o médico. . . Tu, condenado á morte, como si fôras um salteador, um assassino vil!..

— E' exato; mas, eles não se lograrão da prêsa.

— Porque?!..

O conde de Langeais mostrou o frasco que tinha escondido na mão esquerda.

— Veneno!.. Tu te ias suicidar?!

— Sim. Terão de gozar-se, mas, do meu cadáver. Eu não irei ao cadafalso.

— Muito bem! Pensaste magnificamente.

E Fabre de Liancourt voltou-se, para observar si o carcereiro ainda estava presente. Este se tinha afastado. Então o médico, aproximando-se do conde de Langeais, cochichou-lhe:

— Não faças isto ; ainda pode haver um jeito.

— Prescindo. Esta vida me aborrece.

— Concordo. Mas, não é preferível realizares o plano em outro lugar, do que no fundo desta prisão ?..

— Parece.

— Já apelaste da sentença ?

— E' definitiva ; não há remissão para mim.

— Já te entendeste com o bispo Flechier ? Imploraste o seu valimento ?

— Visitou-me neste cárcere. Empregou o que estava ao seu alcance, mas, tudo foi baldado : recusei abjurar.

— Bem ; eu te salvarei.

— Tu, Fabre ?!..

— Sim ; eu mesmo.

— Não. Que te importa o meu aniquilamento ?.. Queres prolongar a minha agonia ?.. Não tens piedade de mim ?!.. Considera !..

— Tenho piedade, e por isto é que te vou salvar.

O conde de Langeais fez um gesto de dúvida.. Fabre de Liancourt sacou um vidro da algibeira do casaco e apresentou-o ao cunhado,

— Bebe de um gole. Dormirás trinta e seis horas ; serás sepultado e eu te arrancarei do túmulo. Quando ressuscitares, me contarás a história de Heloïsa.

O condenado não mais vacilou : ouvira falar na esposa. Apoderou-se do narcótico e ingeriu-o avidamente, desejando antes que fôsse um veneno. O efeito foi rápido. Ricardo principiou a esmorecer como as pessoas que vão desmaiar, e os dois companheiros foram pressurosos em amparar aquele corpo, que ameaçava cair no pavimento. Depuzeram-no sobre o leito, e decorridos vinte minutos, ele indicava que iria passar á rigidez dos cadáveres. Esfriou completamente ; suspendeu a pulsação cardíaca ; semi-cerrou os olhos que se tornaram embaciados ; adquiriu finalmente a lividez da cera. O médico estudava, com a máxima curiosidade, todos os fenómenos ; voltou-se para Perriquet e disse :

— Até aqui tudo vai bem ; no final e que está o *quid*,

esse dificultoso *hoc opus, hic labor est*, segundo o verso de Virgílio. Mas, completemos o disfarce. . .

Apoderou-se do frasco, que o conde tivera oculto na mão, e depois de esvasiado, atirou-o para um canto do leito. Correu á porta e chamou pelo carcereiro, que foi diligente em acudir.

— Sr! . . disse Fabre de Liancourt, apontando para o corpo do conde. . . Este homem estava envenenado e acaba de morrer. Que dizes sôbre isto?! . .

— Ah! não fui eu. . . Meu Deus! que fatalidade para mim! . . e o carcereiro torcia as mãos, esfrangalhava os cabelos.

— Bem: decifra-me o enigma.

— Tereis a minha verdade. Entretanto, salvai-me; eu não sou responsavel. Foi ele mesmo quem se envenenou

Fabre de Liancourt, lançando um olhar distraído, fingiu descobrir o frasco entre os lençóis da cama, e avançou para ele, tomando-o com arrebatamento.

— Eis a prova da loucura! . .

— Exatamente. Não me crimineis, pelo amor de Deus!

— Fica descansado, homem! Eu sou justo. Vai á casa do bailio e participa-lhe o ocorrido. Defende-te! . .

— Só por desgraça! . . gemeu o carcereiro e saiu cambaleando.

A' noite aglomerava-se uma multidão em tórno da cadeia, e na célula do conde de Langeais estavam reunidas as principais autoridades. Um médico, chamado para fazer o exme cadavérico, atestou que o prisioneiro morrêra envenenado. Lavraram um termo, ficando designado o dia seguinte para a inumação.

Si eles se tivessem valido do sistema empregado pelo govêrno portuguez para com os mortos nas prisões das Cinco Pontas, em Pernambuco, como relata Franklin Távora no **Lourenço**, teriam triunfado do embuste. Reduzia-se esse expediente governamental em traspassar um dos pés do morto com um sovelão, afim de verificarem si a morte era real ou aparente. Mas, por felicidade, o dito do esculápio prevaleceu, e aquella experiên-

cia bárbara foi dispensada. Também Alexandre Dumas, no **Conde de Monte Cristo**, descreve um fato análogo ao adotado pelo governo luzitano, quando Dantés, aproveitando-se da morte do padre Faria, consegue evadir-se do presídio.

Fabre de Liancourt requereu para que lhe fôsse entregue o cadáver do cunhado, afim de deposita-lo no jazigo da família; mas, isto, que de tão pouca importância era, não foi concedido, porque a sentença condenatória impunha um lugar reservado no cemitério público para sepultura do réu. Em face desta circunstância opiniosa, considerou-se o médico totalmente perdido. Excogitou todos os meios e nenhum lhe sugeriu uma solução exata. Velou toda a noite junto ao cadáver e esperou pela hora em que se realizaria o entérro.

Ao cair da tarde, foi o conde de Langeais deposto numa padiola, que quatro homens do povo conduziram aos ombros. Fabre e Perriquer acompanharam o repellido préstito. Comtudo conseguiram, por influência de Flechier, que o cadáver repousasse num túmulo... e isto favorecia o plano preconcebido.

Os escárneos e as gargalhadas dos coveiros foram constantes em todo o trajeto, e ainda mais á beira do sepulcro. Logo que os pedreiros fecharam o túmulo, tornou-se deserto o Campo Santo. Fabre e Perriquer fugiram á pressa, limpando os olhos, marejados de lágrimas. Ao longe dobrava um sino, fazendo reboar um eco plangente pela encosta das montanhas. O crepúsculo vespertino dominava em toda a plenitude.





### XXXI

#### Ressuscitando, continúa morto



superstição inepta ! até quando farás do cérebro humano a caverna da credulidade ? .. Até que extremo levarás o filho da ignorância, sempre a lhe depores no peito o gérmen do pavor ? .. Quando descerás do teu trono, afim de cederes um lugar á mísera verdade, oculta desse séculos no fundo do seu poço ? .. Sim... debes rebolar, um dia, pelas escadas do teu próprio altar. Já Erasmo de Rotterdam com a sua apologia sôbre a *Loucura*, e Voltaire discursando em nome da *Razão*, vibraram golpes formidáveis, que os povos aplaudiram e foram transmitindo aos filhos da Revolução. E' tempo de abandonar o banquete, onde escolheste astuciosamente uma cadeira.

O supersticioso não suporta o estrídulo piar do mocho. São lições que ele recebeu dos antepassados e observa com muita reverência, emquanto repele os melhores aforismos, ditados pela realidade. Que povo mais supersticioso e frívolo do que o romano, cujo fito era tão somente escravizar o mundo ? .. Que povo mais arrogante e fanático do que o grego, preocupado em taxar de *bárbaras* as outras nações, embriagando-se com a filosofia de Sócrates, emquanto o arrastava a um tribunal iníquo e o fazia condenar á morte ? .. Que povo mais efêmero e servil do que o egípcio, insinuando ter



civilizado o mundo, porém, feito manivela dos sacerdotes e prêso ao embuste dos oráculos?! . . . Portanto, explanado o tema, tratemos de aproveitá-lo.

Um mocho, empoleirado na cruz do cemitério de Nimes, perturbava o silêncio da noite, piando amiudadamente. O céu enfarruscado obscurecia a face da terra. Um vento sibilante e gélido soprava com fragor por entre as ruas de sepulcros. E dois homens escalavam a habitação dos mortos, quando o resto dos seres pensantes fugia daquela assistência lúgubre. Um deles estacou ao pé de um túmulo; segurou no braço do companheiro e disse com a voz convulsa:

— Ouviste?

— O que?! . . .

— Um pio agudo, que me gelou até á medula! . . .

— Não sejas tolo. E' alguma coruja que se ri de nós. Não penses que seja Satanaz a percorrer a estância dos mortos, em procura de almas.

— Não zombes. Bem sabes que não sou poltrão; mas, passando a coisas do outro mundo, temos conversado!

— Terás coragem de abandonar-me, quando mais necessito de ti?! Nunca velaste á cabeceira de um defuncto? Nunca viste as contorções faciais de um moribundo, quando ele se debate nas vascas da morte?! . . .

— Não me reputes por esta fórmula. Aonde quer que vás, eu seguirei teus passos. Tenho assistido as agonias da morte; mas, esmoreço á simples idéa dos espíritos!

— Preconceitos! Vícios de infância! . . . Acompanha-me: o tempo urge.

Seguiram ousadamente. Reconheceram o túmulo do conde de Langeais, e logo troçaram novas palavras, quási á surdina. Decidiram arrombar o sepulcro, quanto antes, e a operação foi rápida. Apenas houve sufficiente abertura, tiraram o cadáver do leito e o depuzeram na grama. Romperam-lhe a mortalha. Um dos homens remexeu no bolso do rocló e tirou um frasquinho, desenvolvendo-o cuidadosamente; guiado pela luz opaca de uma lanterna, chegou-o ás narinas do fingido morto.

Esperou algum tempo, e já desanimava, quando notou uma contração, quasi imperceptível, no rosto do conde de Langeais. Criou alma nova; redobrou de esforços.

Pouco a pouco se foi aquecendo o corpo de Ricardo de Langeais; um suor frio lhe humedeceu a fronte; os membros desentesaram-se, e o coração principiou a mover-se lentamente. O narcotizado abriu os olhos, para cerra-los de novo; quiz balbuciar uma palavra, mas, despediu apenas um prolongado suspiro. Assim decorreu meia hora, até que o homem foi considerado salvo. Fabre de Liancourt e Perriquet Van der Helst tinham vencido uma batalha.

Pacientemente calafetaram o túmulo, afim de não escapar indício, que lhes puzesse a polícia no encalço; em seguida, trataram de fugir, com as mesmas precauções da vinda. O conde de Langeais ergueu-se e marchou, pesadamente, amparado pelos dois. Ainda parecia sonhar: não pronunciara uma só palavra, nem fôra interpelado pelos companheiros; receava desmaiar a cada passo. Internaram-se por um carreiro e finalmente num bosque, em cujo seio se abrigaram. Uma vetusta nogueira serviu-lhes de guarida, enquanto esperavam pelo clarão da madrugada. Agasalharam o conde e puzeram-se de vigia, como o cão do pegureiro a guardar o rebanho. Os primeiros albores da manhã romperam. A natureza era sempre bela. Crescia de encantos a cada projeção dos raios solares nos píncaros das colinas sobranceiras. Um panorama de luz e poesia desenhava-se na tela do infinito.

O conde de Langeais tinha fome. A fome é o que há de imperioso nas necessidades da vida. Não espera pelo dia de amanhã, porque, para ela, não existe futuro. O presente é quem predomina, terrível e devorador como os polvos de Júlio Verne, nas **Vinte mil léguas submarinas**. Feliz de quem lhe pode evitar as garras.

Alimentar um convalescente, após gravíssima enfermidade, não é tão simples. Para sobrevir a morte, não precisam excessos; qualquer transgressão aniquila um

organismo. Ricardo de Langeais estava neste caso. Exigia tratamento sério, e ali, á sombra daquela nogueira, não era viavel. Comtudo, Fabre de Liancourt arranhou alimento, embora escasso e de má qualidade. Em seguida, resolveu explorar campo, e deixou Perrique junto ao conde. Voltou depois de uma hora e conduziu os companheiros. Instalaram-se numa casinha de triste aparência, cujo dono era uma mulher de semblante piedoso, côr morena e cabelos ja prateados. Morava só e criava uma menina, que poderia ter nove mezes de idade. Linda e risonha, tornava-se a criança o anjo tutelar daquela habitação, perdida no meio das selvas.

O conde de Langeais mirou a menina com certa apreensão ; quiz falar, mas, foi coibido por uma vertigem, que lhe obscureceu a vista. Dois dias depois, considerou-se capaz de entreter prolongada conversa. A mulher velava ao pé do leito : Ricardo de Langeais fitou-a :

— Bôa amiga ! vai buscar a tua criança. Quero vê-la, contempla-la de perto, beijar-lhe a fronte mimosa, sorrir com ela. Naquele rostinho de anjo divulguei um quer que seja de misterioso. Ela me trouxe á memória o retrato de uma mulher que morreu ! . .

— Cala-te ! . . ordenou Fabre de Liancourt, que, sentado num banco, se conservava pensativo.

— Deixa-me falar, caro amigo ! Não vou cometer loucuras ; quero despertar apenas o coração adormecido e faze-lo novamente gemer. O homem, que surgiu de um tûmulo, tem o direito de . .

Não poudo completar a frase, porque, uma olhadela do cunhado foi bastante para adverti-lo. Reconheceu a leviandade que dissera, e emendou-se inteligentemente. Olhou a bôa mulher e prosseguiu :

— Vai buscar tua filha. Um beijo ou uma carícia de tão puro anjinho me reanimará a alma.

A mulher ergueu-se e tornou com a criança. O conde tomou-a, distribuiu-lhe ósculos, analisou-a nas feições. A criança ria, saltava-lhe no colo, expelia gritos de contentamento. Ricardo delirava.

— Como se chama a menina?.. perguntou finalmente.

— Amélia.

— E' tua filha?

— Não, sr. Encontrei-a uma noite, á borda do caminho, prestes a ser devorada pelos cães. Recolhi-a na minha choupana, e passei a cria-la como filha.

O conde nada obtemperou, tornando-se mais sorumbático. Fabre o sacudiu, para arranca-lo do êxtasis. Já a criança não estava nos seus braços, nem ele notara a sua ausência! Passados eram cinco dias, quando ao cair da noite, Perriquer Van der Helst, aparecendo na porta do tugúrio, anunciou para dentro:

— Os cavalos estão selados.

Fabre e Ricardo puzeram-se de pé. A hospedeira assistia comovida, porque iam partir. Sabia apenas que recolhêra trez homens no seu albergue, estando um sob o jugo da lei. Discreta, fiel e vigilante, não sindicava pelo resto. Via que eles se tratavam com reserva, e procurava imita-los. Cada qual, pela sua vez, abraçou a piedosa mulher, tributou-lhe os seus agradecimeatos e disse quem era, pedindo sigilo. Fabre de Liancourt entregou um punhado de moedas, que ela recebeu com relutância, apesar da grande pobreza. Depois, o médico escreveu na carteira de notas:

« Nimes, 21 de Junho de 1688. Josefa Pinine. Amélia, criança loura, de olhos azuis, enjeitada, oito para nove mezes. Cabana ordinária, no seio dos bosques, ao sul da cidade. »

Ricardo de Langeais aproximou-se do berço e depoz um ósculo na frente do anjo adormecido. A mulher começou a chorar e eles partiram a galope. Dirigiam-se para Marselha, onde entraram no fim de dois dias, destinando-se o conde de Langeais e Perriquer Van der Helst á sedutora Itália. Embarcaram na manhã seguinte, e foi dolorosa a separação dos trez. Empalideceram e derramaram lágrimas sinceras, que bem souberam ocultar das vistas indiscretas. O médico, abraçando o cunhado, lhe disse:

— Parte, César de la Vega! Sufoca o pranto e apaga as nódoas do passado, para que um dia voltes ao conchêgo da família e possas beijar as mãos de tua inconsolável e desgraçada mãe. Tua irmã fica chorando. As suas lágrimas hão de lavar a mortalha que te envolve. Tens um irmão contigo; faze por vencer as lutas da tu'alma, que ainda poderás gozar.

O conde tirou o chapéu e mostrou-lhe os cabelos. Efectivamente: como alvejaram os de João Valjean durante uma noite de meditação e de agonias, — tambem os de Ricardo encaneceram. O espaço que medeou entre a notícia que ele recebêra no mosteiro de Nimes, sôbre a morte de Heloisa e a descida do próprio corpo ás escuridades do túmulo, — fôra bastante para tão espantosa transformação! . . O médico nada comentou e o escaler fez-se ao largo. Por algum tempo, em sinal de despedida, os dois fugitivos agitaram os lenços. Ouviu-se depois, trazida do escaler que singrava, uma voz tão plangente qual o arquejo do moribundo. Era Ricardo que cantava, para não enfraquecer em presença dos marinheiros, esses homens petrificados na dor. Fabre de Liancourt escutou-a religiosamente, até que o último acorde se perdeu no espaço, confundindo-se com o raioso soluçar das ondas.

Durante cinco dias o conde de Langeais só pôde analisar a limpidez do céu e o lençol das águas verde-escuras. A' noite o infeliz debruçava-se na amurada e se punha a contemplar, durante horas, o continuo reboliço das vagas, que se desfaziam contra o costado da nave. Percorria depois o tombadilho, em todos os sentidos; falava consigo mesmo, assemelhando-se mais a um sonâmbulo do que a um homem que tivesse consciência de si. Quando se resolvia a dormir, era tão tarde, que velava somente o homem do leme. Emfim, surgiu aos olhos do conde o almejado porto de Nápoles. A' tarde, os dois viajantes saltaram nessa capital, tão bela de aparência e tão farta de *lazzaróni*.



## XXXII

### Uma pílula que nem todos engolem

**P**ASSADOS que foram os principais escândalos, vindos á baila com o casamento do príncipe d'Arlemont, serenaram os ânimos. A duqueza de Pádua tratou de fugariar a confiança do esposo, domando-lhe o caráter impulsivo, — verdadeiro mixto de altivez e ferocidade. D'Arlemont compreendeu em breve o quanto era conveniente esquecer aquelas scenas e passou-lhes uma esponja. Entregou-se aos transportes do amor material e fundiu-se num gôzo, bem digno da sua individualidade. Esse bruto, si vivesse no Oriente, representaria, para com as consortes, o mesmo papel de Schariar, monarca das Índias. Seria preciso que encontrasse, qual o heroi das **Mil e uma noites**, outra Scheherazada, afim de transvia-lo dos horrores, narrando-lhe aqueles atrativos contos, que se constituíram a delícia de todas as imaginações sônhadoras.

A duqueza de Pádua, ou antes Branca de Médicis, descendia dessa poderosa família, que por tanto tempo influíu nos destinos políticos da Itália e teve a satisfação de refestelar diversos membros no ambicionado trono de Florença. O seu primeiro esposo, o valente duque de Pádua, fôra vítima do bembardeio de Génova em 1684. Branca de Médicis não se mortificou com a desventura do cónjuge ; pelo contrário, verteu bem poucas

Lágrimas e atirou-se ao prazer. Vestiu-se de luto, antes por uma barretada ao público, do que por sincero sentimento, e poucos mezes depois trocava as roupas negras pela vestimenta branca, escarlata ou azul-celeste. Primava em luxar. Adornava-se de pedrarias. . . e quando os gatunos fitavam tanta riqueza, estremeciam de cubiça. Si eles pudessem colher a bela duqueza num lugar solitário, então se considerariam venturosos. Os mais ativos, posto que não houvessem estudado no **Gil Braz** todos os meios de roubar, nem guardassem de cór e salteado as passagens de d. Rafael e Camila ao despojarem aquele aventureiro de Lesage, — jamais encontraram ocasião propícia aos detestáveis intentos. Quando não há remédio, vem o consôlo; portanto, os larápios de Avignon foram esmorecendo, e totalmente quando viram a linda duqueza bater aza em rumo da Provença. Os recém-casados, instalando-se no castelo de Saint Pont, renovaram de festejos. Os saraus dansantes, as caçadas, o teatro, os banquetes e os passeios, voltaram ás suas fôrmas primitivas. O solar povoou-se de cortezãos; o entusiasmo ainda inflamava aqueles peitos fermentidos. Dos antigos comensais, só Augusto Javelot figurava nos salões do príncipe d'Arlemont. Tudo mais era gente nova, amoldada também aos costumes do século. O barão de Poligny, misser Gargouche, Pierrot Follet, o marquez de Clisson e Angélica Gargouche tinham padecido morte violenta; a viscondessa de Chourme conservava-se no fundo de um mosteiro: o conde de Saint-Flour agonizava num hospital de doidos; a baroneza Marion de Beziers, expulsa desse tecto, se tinha casado em Pariz; Fabre de Liancourt e o conde de Langeais eram inimigos irreconciliáveis do príncipe d'Arlemont. . . Que transformação completa! . . Parece que, com o envenenamento da princeza e a clausura de Heloísa, primara um trasgo vingativo em afastar todas essas pessoas do proscénio daquela côrte servil, criminosa e traidora.

O dr. Pérez Loriga viera substituir a Fabre de Lian-

court. Iremos ve-lo desempenhar, agora, um papel importante no desenvolvimento desta narração. Loriga, sem o carácter de um homem probo, pouco se lhe dava de praticar uma ação vergonhosa. Bebia nas tascas imundas, jogava com a plebe ínfima, visitava os conventículos e dormia nos pardieiros, ao lado dos bandidos. Era um boémio e um fidalgo ao mesmo tempo. Cortejava as mulheres da nobreza e atraía as filhas do povo. Beijava a face resfriada da cantoneira, com o mesmo prazer si abraçasse o corpo de uma vírgem!

Branca de Médicis, como ja o dissemos, era uma alma insaciavel : quási a de Valéria Messalina. Apezar da fortaleza do príncipe d'Arlemont, ela começou a enfastia-lo. Era adepta da variedade, e passados seis mezes do seu enlace com esse homem, tratou de exhibir-se. Voltou-se para o médico e escolheu-o para o seu favorito. Este não se mostrou recalcitrante como João de Lanuza aos afagos de Ana de Mendoza, a amante de Filipe II de Hispanha. Correspondeu ás olhadelas de Branca de Médicis ; embriagou-se com os seus sorrisos. A duqueza não procurava disfarçar os seus intúitos ; o escândalo tornou-se patente. D'Arlemont, por seu turno, encheu-se de ciumes.

Uma noite, em que o teatro tivera grande enchente, e quando ja todos os espectadores repousavam, foi o dr. Pérez Loriga introduzido por Branca de Médicis na sua alcôva nupcial. O príncipe d'Arlemont não pernoitava no castelo ; talvez que, assim houvesse procedido, com o fito de alguma surpresa. E auxiliada por essa circumstância, a duqueza de Pádua perpetrou o seu delicto. O coração não lhe estremeceu de remorso ao sorver dos lábios do médico o beijo adulterino. Parece que essa mulher não pensava nas consequências do seu ato !

O dr. Pérez Loriga estava inabilitado, porque, tendo tomado um formidoloso grogue se conservava completamente êbrio. Tudo lhe andava á roda ; ele mesmo nem sabia si a cabeça estava pregada nos ombros ! Para ganhar a alcôva de Branca de Médicis, lutou com muita



dificuldade, pois os tombos eram tão repetidos, que, si não fôra o sustentáculo das paredes, teria caído ás primeiras passadas. Uma vez nesse recinto, que devêra ser tão somente o abrigo do amor conjugal, deixou-se ele estender pesadamente sôbre o leito, quási sem dar acôrdo de si. A duqueza de Pádua cavaqueou com o procedimento do enamorado. Empregou todos os recursos para faze-lo readquirir a energia, totalmente esgotada pelos efeitos do álcool, e ainda não tinha obtido o mínimo resultado, quando ouviu repetidas pancadas na porta da alcôva. Branca sobressaltou-se com este incidente. Pensou muito bem que seria o esposo, e reconheceu-se descoberta. As pancadas reproduziam-se com mais força e a duqueza não ousava abrir a porta, nem perguntar quem batia! Como se descartar do amante, retira-lo do leito, esconde-lo emfim, si o desastrado médico ferrara no sono?! Neste interím, ela ouviu distintamente a voz do príncipe d'Arlemont, que bradava:

— Branca! Branca! não me queres abrir esta porta?! Há meia hora que bato!..

— Espera, Alberto!.. respondeu ela, com animosa entonação... Tu me espantas, tanto mais, quando eu não te esperava esta noite!..

E vendo que não havia outro meio, sinão o de abrir a porta, lançou as coberturas sôbre o dr. Loriga, envolveu-o completamente e puxou pelo trinco. D'Arlemont estava horrível: era um Otelo. No semblante pintavam-se-lhe as mais tenebrosas lutas. Branca de Médicis afrontou-o com o seu olhar altivo, cínico e cruel. Ele, que jamais recuara ante mulher alguma, achou-se, pela primeira vez, perturbado em presença de sua esposa. Quiz entrar e ela lançou-lhe o braço em tórno do pescoço, vedando, por esta fôrma, a invasão da alcôva.

— Não, Alberto! sigamos para a galeria, pois tenho que te falar, e aqui faz muito calor.

— Com muito gôsto, mas, depois que examinar o recinto desta câmara.

— Como!.. Terás a protêrvia de desconfiar de mim?..

e Branca de Médicis mostrou-se despeitada.

— Infelizmente assim devo fazê-lo, porque a tua conduta tem sido reprovável.

— Vê bem como falas. Uma descendente de Lourenço de Médicis, o duque de Urbino, não se sujeita a semelhante injúria.

— Não ignoro. Um Arlemont não está na altura de um Médicis, que só pode *aliar-se* a uma Branca Capêlo; mas, um Arlemont, apesar da modéstia heráldica, não comete vilezas.

— Acabemos com isto. A ocasião não é própria para apurarmos grandezas de família. Que queres de mim?

— Descobrir o esconderijo de Pérez Loriga.

— Ah! estava bêbado; deu uma queda... e eu o agasalhei no leito.

— Subterfúgio!... Não acredito.

— Que imprudente!... trovejou Branca de Médicis, despedindo chispas dos olhos... Quizeste impelir-me á verdade e vais te-la nua e crua. Quando o duque de Pádua, que era um bravo, não me privou este modo de conduta, quanto mais tu, que és um pusilânime. Casando comigo, eras extranho ao meu procedimento? Não; de fôrma alguma... Portanto, vem observar de perto o dr. Pérez Loriga; qual o seu estado, e onde ele repousa a cabeça, que o vinho entonteceu.

Em seguida, a destemida duqueza puxou o príncipe pela mão e levou-o até á borda do leito. Arrebatou as coberturas, que envolviam o corpo do ébrio, e apresentou-o aos olhos conturbados de Alberto d'Arlemont. Este, tão violento como era e de quem se devia esperar um gesto de represália, nada fez! Quási sempre o carácter do infame se reduz a isto: retroceder, quando se faz necessário avançar... E si o príncipe d'Arlemont era exatamente um infame, um grande cobarde, cuja mão só sabia ferir os fracos, os que lhe pediam misericórdia!... Si ele só era capaz de envenenar mulheres virtuosas!... De sorte que, si Branca de Médicis houvesse fraquejado ou lhe pedido perdão, teria sido apunhalada

com o seu amante, e lhe cairia aos pés, a debater-se nas agruras da morte. Mas, não ; o príncipe d'Arlemont cruzou as mãos sôbre o peito e voltou-se para a esposa :

— Branca ! tu me precipitas !.. O que acabas de fazer é escandaloso demais. Emfim, eu te perdôo ; mas, consente que eu apunhale este canalha, para que nunca mais ele enodôe e tálamo de um príncipe.

— Isto, não. Si alguém tem culpa, ela é toda minha. Satisfaze-te com o que houve, e deixa este miseravel curtir em paz a sua carraspana. Amanhã serei a própria a lhe relatar o ocorrido desta noite ; estou certa que ele se despedirá voluntariamente, porque um patife como este nem sabe desempenhar o papel de galã, si eu tivesse o propósito de infidelidade !..

— Pois bem ; retiremos este bandalho do nosso ninho.

A duqueza mostrou-se mais disposta que o príncipe ; cingiu o dr. Loriga pelas pernas, enquanto o esposo lhe agarrava a cabeça, e assim os dois transportaram aquelle fardo para o exterior da alcôva. Uma vez aí, fizeram conduzir o médico para a sua verdadeira cama, serviço que foi executado por dois lacaios.

O príncipe d'Arlemont, ja meio reconciliado com a esposa, tratou de esquecer todos os incidentes daquela aventura, e dispoz-se a dormir. Tambem não foi preciso mais observação da parte de Branca de Médicis, porque ele mesmo teve o cuidado de nunca lhe falar em tamanho escândalo. No dia seguinte, o dr. Pérez Loriga deixou o castelo de Saint-Pont, mandando ao diabo a sua embriaguez, que lhe privara de um gôzo, considerando-se feliz, entretanto, por ter escapado com vida.

E digam que um grande fidalgo não sabe ser cornuto !.. Quando Belizário o foi !..





### XXXIII

#### Gente vizinha em terra estranha

**A** baía de Nápoles é o quanto existe de fei-ticeiro aos olhos do viajor, que, pela primeira vez, transpõe o mar da Sicília. O visconde de Chateaubriand e muitos outros a descrevem com as mais lindas côres; ao próprio golfo do Bósforo não cedem a primazia. Quem há que possa fitar as pirâmides do Egito, a bazílica de S. Pedro, as muralhas da China, — erguidas como um dique á invasão dos tártaros —, as catacumbas de Alexandria, a catarata do Niágara, os alvacentos píncaros do Himalaia, as ruínas de Angkor e tantas outras maravilhas da arte e da natureza, sem que se embriague num assomo de contemplação?!... No entanto, o conde de Langeais olhava distraído para o esplêndido panorama da baía de Nápoles. Essa sublimidade fugia-lhe diante dos olhos; nenhuma meditação filosófica era capaz de arrebatá-lo. Em frente do Vesúvio conservou-se impassível, como em presença daquele mar de prata, que se cobria de lúcidos reflexos aos clarões da lua. E em breve estava enjoado desse viver monótono, jungido ás negras recordações. Preparou-se com o irmão Perriquet e seguiram para o norte da Itália. Um dia bateram ás portas da cidade eterna, -- a Meca do catolicismo.

« Roma é a cidade espiritual », disse lord Byron, antes por um motejo, do que pelo espírito de religião, cujo

sentimento não lhe germinava na alma. E' ella a cidade santa para o orbe ortodoxo, que em cada grão de areia daquelle circo de mistificações, reconhece uma gota do sangue vertido pelos mártires. A cidade dos cardeais só pode ser o receptáculo da beatitude. As catacumbas de S. Sebastião transformaram-se no valhacouto dos sicários, chefiados não raramente por um Luigi Vampa. Roma ainda hoje, apesar da rivalidade entre o mundo *branco* e o mundo *negro*, retém grande parte dos seus enigmas. No declínio do século XVII era um ergástulo.

A plebe romana, segundo uma descrição dos nossos dias, é o que há de insuportavel. Os mendigos afluem como gafanhotos, que em certas épocas, na região dos pampas, devastam territórios inteiros. A vingança e o ciúme são, por vezes, a origem de repugnantes crimes. A classe operária e de officiaes mecânicos adota um traje peculiar, que a relaciona com o tempo antigo. Outros costumes perduram, e conforme observação de Chateaubriand, « estava Duclos de má catadura, quando os chamou simplesmente os italianos de Roma ». Nas suas praças públicas transitam tantos religiosos, de ambos os sexos, como os faquires da Índia. Álvares de Azevedo, no seu irreverente **Macário**, fala-nos de uma cidade, onde as freiras, de rosário na mão, clamavam repetidamente pelo diabo, si succedia darem uma topada, em plena rua! Parece que o dramaturgo aludia aos estados pontificios.

Roma tem muito que ver, garante um anexam. Desde o papa ao mais obscuro clérigo, o fisiólogo aproveitará bastante, si dedicar-se a um estudo circumspecto. No alforge de um anacoreta há tanta coisa surpreendente para o antiquário, como no Pantheon, na Coluna de Trajano, no Forum ou na Rocha Tarpéa. Nas páginas de um Breviário tambem se aprende a arte de furtar, mentir e escarnecer do próximo. Em 1509 dizia Mainteau, o geral dos Carmelitas: « Vende-se tudo em Roma: sacerdotio e templo, altar e sacrificios, incenso e orações, céus e Deus! ». Que quadro mais deploravel e mais lú-

gubre do que este?! . . . Si fôra desenhado por Luiz Jaccoliot, Tolland ou Ranke, não mereceria fé para os adeptos do clericalismo ; mas, quem falou, foi um membro da Ordem, e portanto, insuspeito. Dizem que, atualmente, essas nódoas desapareceram, e não sejamos nós quem se encarregue de reaviva-las.

Para um estrangeiro, é de sumo interêsse visitar a cidade eterna, principalmente por ocasião da Semana Santa. Livre-se o visitante das unhas dos ladrões e das impertinências dos mendigos, que terá logrado o seu passeio. Comtudo, é mais fácil evitar os gadanhos desses miseráveis, do que subtrair-se aos laços de um frade. Estes, com as suas cantilenas ou choradeiras calculadas, pedindo auxílios para um edificio pio, a festividade de um santo ou o impresciúndível dinheiro de S. Pedro, vão esvasiando as algibeiras dos incautos peregrinos, que muitas vezes precisarão de c as tantas esmolas para o regresso aos doces lares . . .

Ricardo de Langeais, entrando em Roma, hospedou-se numa estalagem, não distante do Tibre, entre os montes Palatino e Tarpeio, quási ao pé do Forum. A' tarde, ia postar-se em frente do moderno Capitólio, e só abandonava o seu posto, quando acendiam os deficientes e opacos lampeões. Perrique acompanhava-o, qual o fiel Acates, e quási nunca o interrompia na sua mudez. Respeitava aquela dor silenciosa. Ria-se com satisfação, mas, si algum sorriso frisava os lábios do conde, o que era difficil denotar.

Um dia, em que aquele bairro se ostentava na imponência das festas religiosas, — os dois irmãos dirigiram-se á igreja de Santo Adriano, que fica no lado posterior da Coluna de Focas. Eram protestantes, mas, ninguem traz um distico na testa, para dar a conhecer em que mesa comunga. O verdadeiro religioso é o que respeita as crenças alheias.

Quem quizer viver em paz, tem necessidade de manifestar-se católico em Roma, luterano na Alemanha, calvinista na Holanda, anglicano na Inglaterra, scismático

na Rússia, budista na Índia, maometano na Turquia e fetichista no interior da África: do contrário, incorrerá em gravíssima pena, si entre muçulmanos comer tocinho e ingerir bebida espirituosa; si censurar um bonzo, diante dos japonezes; si escarnecer do **Zend Avesta**, junto á pessoa de um brámane; si interpretar o **Talmud**, sem prévia licença dos rabinos; si defender o papa, na terra dos escandinavos. Portanto, o conde de Langeais que era um réu de polícia, um condenado á morte, um ser desaparecido de entre os vivos, um homem que usava de um nome suposto, finalmente um desditoso sem futuro e sem esperança no presente, — deixava-se agora arrebatado nas azas do indiferentismo religioso, para viver mais um dia.

Entraram na igreja de Santo Adriano. O templo regorgitava de fieis; o altar estava repleto de sacerdotes; uma música harmoniosa abrilhantava esse recinto, ecoando dolente e grave em todo o espaço, que rescendia somente a incenso. Os rapazes do côro se exibiam perfeitamente, e assim devemos compreendê-lo, desde que a gananciosa Itália tinha a habilidade de castrar, todos os anos, centenas de crianças, sem outro mister que o de transforma-las em célebres cantores. Nada mais lucrativo: os sultões, por um lado, tratavam de preparar os guardas dos seus harems; os pais italianos, que não tinham o designio de marchar no coice da sciência económica, faziam outro tanto e cuidavam, pela sua vez, dos ornamentos das igrejas e dos teatros, já que nem todas as raparigas nasciam para a música. Não nos duvideis: folheai a novela **Cândido** ou **O Otimismo** de Voltaire; lembrai-vos do eunuco Farinelli, na côrte de Fernando VI de Hispanha, — e tereis a prova da nossa afirmativa. . . Si isto não é mais, já foi.

Essa festividade enojou o conde de Langeais. Nos cânticos religiosos, em toda nota evolada parecia-lhe ouvir distintamente um gemido a bipartir-se. A recordação da sua desventurada Heloisa acudiu-lhe veemente e louca. Teve vontade de chorar, e si não o fez, é porque se tor-

nara forte como o rochedo batido pelas ondas do mar. Deu o braço a seu irmão e principiou a retirar-se, rompendo a multidão compacta. Ia ganhar o adro da igreja, quando ouviu uma voz atraz de si, que lhe gritava em bom francez :

— Sr. conde de Langeais ! esperai um pouco... Dizei-me como ressuscitastes !..

A surpresa fe-lo voltar-se. Tarde se lembrou que aquele nome lhe era vedado trazer. Encontrou-se, então, com a baroneza Marion de Beziers, que vinha para o seu lado, arrimada ao braço de um velho. Imediatamente o conde chamou a si todo o sangue frio de que poderia dispor, e respondeu com ânimo :

-- Estais enganada, minha senhora ! Eu não sou o conde de Langeais.

— Não sois o conde de Langeais ?.. Será possível, embora eu vos visse assassinado no castelo de Saint-Pont ?!.. e assim dizendo, a baroneza não cabia em si de espanto.

— Digo-vos a verdade. Não teria lucro em mentir.

— Contestai tambem que este outro não é Perriquer Van der Helst !.. e ela apontava para o companheiro do conde.

— Quanto a este não vos enganastes. Em passando na França, conduzi-o comigo, pois projetava esta viagem da Itália e tinha necessidade de um amigo.

— Mas, quem sois, que me confundistes assim ?!..

— Sou d. César de la Vega, primo legítimo do falecido conde de Langeais.

— E o conde ficou realmente morto, não obstante o desaparecimento do seu cadáver ?..

— Não me vêdes de luto ?.. A sua morte é recente, e não daquela vez, como supunham. Sobreviveu á tragédia de Sain.-Pont ; mas, há trez mezes que se finou nas prisões de Nimes. O infeliz estava condenado á morte, e só não padeceu o suplicio, porque teve a coragem de envenenar-se, para não servir de espetáculo ás turbas pervertidas. O príncipe d'Arlemont deve estar satisfei-



to : logrou os seus desejos, sem mais necessidade de vibrar o ferro homicida.

— O' céus ! quanta desgraça ! . . O conde de Langeais escapa em Saint-Pont, para morrer em breve, no fundo de um cárcere, qual o bandido refratário ! . . Entretanto, sois o seu retrato ! Cem vezes que me mandassem jurar, e eu diria serdes o verdadeiro Ricardo de Langeais ! . . A única diferença que tendes daquele moço tão galhardo, são essas barbas e esses cabelos brancos, essas faces pálidas e escaveiradas, esses olhos amortecidos. Ninguém, vendo-vos assim, dirá que viveis ! . .

— Eu soffro muito. Uma hepatite me tem aniquilado. Também fui majestoso ; mas, hoje não passo de um cadáver ambulante.

— Com certeza. Lastimo de coração o vosso mal. Pareceis tão delicado quanto o conde tinha de lhanõ.

— Oh ! minha sr<sup>a</sup> ! sou um desazado. . . Há que tempo estou a conversar comvosco, e nem sequer inqueri pelo vosso nome ! . .

— Sou a baroneza Marion de Beziers ; fui dama de honra da princeza d'Arlemont.

— Tenho o prazer de conhecer-vos. Contai com mais um criado. Este sr. é vosso pai ou tio ? . . e o conde de Langeais designou o velho, que ainda prendia a baroneza pelo braço.

Marion de Beziers, ouvindo esta pergunta, fez um gesto de repugnância e de indiferentismo ao mesmo tempo.

— E' meu esposo. . . acrescentou secamente.

O conde de Langeais abriu a bôca de admirado. Era a primeira vez que sabia daquela novidade. Os 60 janciros ; o tipo de judeu usurário ; o nariz aquilino ; e os lábios rubros e descarnados, — faziam desse velho um ser original. Comtudo, o interpelante se conteve, tanto que não soltou uma gargalhada estridente. Contentou-se em reperguntar :

— Vosso esposo como se chama ?

— Samuel Josuá. E' judeu de nação ; e um rico banqueiro em Pariz.

— Judeu?! Viria a alguma peregrinação nesta cidade!

— Não; veio tão somente para mostrar-me as magnificências da capital do mundo católico.

Fizeram uma pequena pausa. A baroneza voltou-se para o lado de Perrick Van der Helst, trocou algumas palavras triviais com o flamengo e rematou a palestra perguntando novamente ao conde:

— Como é o vosso parentesco com o infeliz Ricardo de Langeais?

— Explico-vos tudo satisfatoriamente. O duque de Ossuna, nosso avô, tinha duas filhas: Brunilde casou com o velho conde de Langeais, de cujo consórcio nasceram Ricardo e Ivette; Herminia casou com d. Miguel de la Vega, senhor de certos vales na Sierra Morena e governador de Aragão; deste matrimónio nasci eu.

— Bem. Onde estais alojado?

— Na hospedaria de *La Barraca*.

— Convido-vos para apparecerdes no palacete que por hora occupamos, fronteiro á igreja de Santa Maria Libertadora. Teremos grande regozijo.

— Obrigado. Serei pontual.

Em seguida se despediram os quatro personagens. Logo que o conde de Langeais se viu distante daquele par desigual, voltou-se para o irmão:

— Vês?! Estou descoberto. E' preciso mudar de bairro, ou antes, abandonar esta cidade maldita. Com uma cabeça como a minha não se brinca. O olho da policia é como o da consciencia: em toda parte enxerga e não nos deixa dormir.

— Ganhar o mundo é o melhor partido. Refugiemo-nos em Turim. Tu te desculpaste maravilhosamente perante a baroneza; mas, ela não se convenceu e buscará outras informações.

Nessa mesma tarde os dois irmãos saíram por uma das portas de Roma e tomavam a estrada do Piemonte. As suas cavalgadas trotavam pesadamente.



### XXXIV

#### Como um poderoso treme

**F**ILIPE II de Hispanha era tão medonho que aniquilava um súbdito com a simples contração do sobrólho. Não ria, nem tão pouco cantava! . . . Semelhante a um crotao até nisto se distanciava do género humano. E o seu orgulho esvaiu-se, quando a *Invencível Armada* foi atingida pelos brulotes de Drake e desfeita, pouco depois, pela furiosa tempestade nos mares de Inglaterra. Uma benção pontificia de nada lhe serviu: triunfou mais uma vez a causa de Satan, — o protestantismo de Izabel, a filha de Henrique VIII. O Nero cristão foi impellido a tanto, porque a *Rainha Virgem* teve o arrojo de recusa-lo por esposo, e ele pensava no desagravo!

Luiz XIV de França não era tão hediondo: apesar da sua terribilidade, não se nivelava com o filho de Carlos Quinto. Era sensível a glória; dava impulso ás letras e ás artes; construia monumentos, e algumas vezes se mostrava complacente. Enegreceram-no certas torpezas, cimentadas pelo sangue do despotismo, cujo derramamento, gota a gota, na frente de Luiz XVI, alimentou a hidra da revolução. O célebre médico Guillotin, apresentando á Convenção o seu aparelho de morte, era o anjo do extermínio, partido do seio da angústia em nome da vingança. Marat tambem era médico, e amputando membros gangrenados julgava salvar esse orga-

nismo apodrecido, si em contradita não surge Carlota Corday, para lhe cravar o ferro no coração perverso e dizer qual a Ximena de Corneille :

« E' justo, grande rei, que um assassino morra ! »

O reinado de Luiz o Grande, que tão pomposo fôra, quando o sol da Regência estava no zenite, deslustrou-se completamente apenas pendeu para o ocaso. Em vez de uma auréola de luz, a se projetar no horizonte, foi uma fita de sangue. O seu crepúsculo perdurou tão baço, que uma espécie de treva envolveu a superfície da França. E os reis, quais aves de rapina, esvoaçavam dos seus tronos para adejar em tórno do scetro burbónico, ameaçado de rolar pelas escadarias de Versalhes !..

Luiz XIV assustou-se pela primeira vez. Ja cincoenta mil familias tinham abandonado o seu reino ; o pauperismo invadia todas as classes ; as artes, letras, indústrias, manufacturas e comércio tendiam a desaparecer ; a guerra civil corroia o resto de vida ; a Liga de Augsburgo tomava as proporções de um gigante e tão terrível como o dos **Contos fantásticos** de Guilherme Hoffmann. Tudo se precipitava ; duzentos e vinte mil inimigos ameaçavam a França. Leopoldo I de Alemanha, Carlos XI da Suécia, Guilherme III de Orange, Carlos II de Hispanha e os mais notáveis príncipes da Confederação Germânica, desembainhavam as espadas contra Luiz XIV. Este era constrangido a repeli-los. Os seus grandes generais tinham deixado de viver. Contava apenas com Luxemburgo para a Alemanha, De Noailles para a Catalunha e Catinat para a Itália. Comtudo, o julgavam forte : Duquesne, em 1683, bombardeara Argel, e o marechal d'Estrées, cinco anos depois, a reduzira a cinzas. Mas, estas vitórias não firmavam a estabilidade da França ; pelo contrário, acendiam os velhos ódios e criavam novos ressentimentos. A guerra á Holanda estava declarada. A ambição de Luiz XIV era desmedida e queria tragar toda a Europa.

Assim como, decorrido um século, as potências coligadas opuzeram um dique á torrente impetusa das de-

vastações de Napoleão Bonaparte, agora as soberanias dos Estados desenrolavam a carta política da Europa e traçavam as raias, pelas quais se devêra reger o neto de Henrique IV. Como ao bravo de Marengo contrapuzeram finalmente Wellington, Blücher e Bulow, que decidiram da sorte das nações cultas na memoravel batalha de Waterloo, assim impeliam Victor Amadeu II de Saboia e o príncipe Eugénio sôbre os exércitos de Luiz XIV. O rei de França perigava, logicamente. Seguindo de Versalhes para as Tulherias, por vezes pensativo, via deslizarem-se malditas sombras, que o buscavam sufocar num ímpeto de cólera, e depois se punham a sorrir atravéz dos dourados reposteiros! Estava concitado a aceitar a luta e cair vencido, ou do contrário implorar vergonhosamente a compaixão dos inimigos. Ele que nunca pedira, nem jamais descêra um grau da esfera em que se achava colocado!

Ao lembrar-se que obrigara o rei de Hispanha e o papa ás humilhantes separações, altivamente exigidas; que comprara Dunkerque aos inglezes e munira Portugal contra os hispanhois; que fizera um tratado com a Suissa e mandara socorros ao imperador de Alemanha e aos venezianos contra os turcos; que reprimira as piratarías dos barbarescos, fornecêra tropas aos holandezes na campanha contra a Inglaterra, e a peso de ouro se tornara senhor de algumas possessões do duque de Lorena; que em pessôa entrara na Alsácia e conseguira o domínio de Strasburgo; que pelo braço dos seus destemidos generais podia citar as vitórias de Senef, Rocroi, Nordlingen, Zintzheim e Monte Cassel, — comprimia uma gargalhada nervosa, ensoberbecia-se, e rithando os dentes, com os olhos acesos, as mãos convulsas e os dedos crispados, declamava:

— A guerra! Jamais suplicar uma paz, que me desonra. Sacrifiquemos esses milhares de soldados. E si cair, desapareça comigo uma nação que se chamou a França.

Luiz XIV pensava como a maioria dos reis. A magnanimidade pode existir indiferentemente em qualquer

coração : menos na alma de um príncipe faustoso. Arranquem qualquer servo da gleba desse âmbito de auiquilamento moral em que refocila, entreguem-lhe nas mãos um scetro cravejado de pérolas, e o seu primeiro trabalho será o de escravizar milhares de homens livres. Um pária, que se visse nas mesmas condições do servo afortunado, trataria logo de repelir do convívio os seus companheiros de desdita, como testemunhas indiscretas.

E um príncipe que nasce rodeado de todos os confôrto, a ouvir os mais pérfidos elogios ; extranho completamente á penúria, á dor e ás clamorosas injustiças de que são vítimas os seus vassalos ; vendo este mundo por uma fôrma toda exterior ; ignorando o quanto custa a um miseravel pai sustentar com honra e valor os seus inditosos filhos, — pensa igualmente como aqueles dois empavezados, e constitue-se amanhã o algoz da sua pátria, porque nós o preparámos para esse mister. Levante-se o homem das oficinas, como Franklin se ergueu, e o problema estará resolvido. Só homens de um viver ilibado tornarão felizes as nações. Um canalha, criado entre os pretorianos, como o imperador Calígula, só pode ser o que foi. Um Cincinato defende a pátria e volta para o campo ; o arado, no seu entendimento, vale mais do que governar os homens.

O estado moral desse soberano, que contava 46 anos de um govêrno fulgurante e aparatoso, — era, entretanto, o que há de triste para um caráter ávido de glória. Inebriar-se com o reflexo da estrela da tarde, para vela, em breve, sumir-se no ocidente, — sem que numa hora de desgosto curve a fronte —, é preciso um grande fundo de filosofia. Há homens que nasceram para as intensas dores ; outros, nem sequer suportam os golpes inevitáveis ! Todavia, Luiz XIV não era homem para os pequenos cometimentos. Nessa luta, em que o temor se apoderava da su'alma, ele ordenou que o marquez de Louvois viesse á sua presença. Logo que o ministro appareceu, o rei levou-o para o vão de uma janela, donde se descortinava um grande espaço dos jardins das Tulhe-

mas, e pousando-lhe a mão esquerda sôbre o ombro, falou pausadamente :

— Marquez ! a grande questão da Liga de Augsburgo toma proporções medonhas. A Europa convulsiona-se, e os irmãos combinaram o meu aniquilamento. E' indispensavel, tu que reorganizaste o exército, assentares comigo um plano de campanha. As nossas dragonadas não deram o proveito que se esperava. A minha ofensa a Maria Casimira de Polónia fez com que João Sobieski auxiliasse á Áustria.

— Não importa, sire ! . . contestou o marquez de Louvois. . . As baionetas de V. Majestade irão atravessar os alemães nos próprios lares. A Holanda não abrirá novamente os diques para que as ondas do mar nos obriguem a fugir espavoridos. A Suécia tomará juízo com um único tiro de canhão. A Catalunha há de convencer-se que o sangue a lhe girar nas veias, é sóro de hispanhol.

— Não discurras com tanto motejo. As tuas suposições não são estribadas na realidade. Desde a hora em que rejeitei os serviços do príncipe Eugénio, percebi a grande falta cometida por mim. Ele era muito jóven ; mas, eu ja lhe adivinhava o talento dos capitães illustres. Pelo despeito abandonou a pátria e ofereceu a espada aos estrangeiros, que a souberam utilizar melhor do que eu : primeiramente foi o príncipe de Prade, e hoje é Leopoldo de Alemanha.

— Concordo, sire ; mas, lembro a V. Majestade que temos uma marinha respeitada pelo mundo inteiro : Colbert que apenas encontrara trinta navios de guerra, deixou-nos cento e setenta e seis, além dos sessenta e oito em construção ! Quem possui marinheiros como o duque d'Estrées, João Bart, Forbin e o conde de Tourville, pode conquistar impunemente.

— Folgo de ver o conceito que fazes dos meus herois ; mas, digo-te tambem, que esses leões não são bastantes para guardar a França.

Louvois sorriu ironicamente. Ia falar ainda, quando foi interrompido por um criado grave, que apresentava

uma carta ao rei, em uma bandeja de ouro. Luiz XIV rompeu o fecho da missiva e passou rapidamente a vista pelo conteúdo. Depois a entregou ao marquez de Louvois, dizendo com enfado :

— E' a terceira queixa que me vem ás mãos.

O ministro olhou para a assinatura da carta e leu o nome do bispo de Tolosa, o ja conhecido D'Avesnières. A carta era longa e encerrava uma formal denúncia contra o príncipe d'Arlemont. Patenteava os seus maiores crimes e pedia ao rei uma punição para o governador da Provença, a bem da moralidade e da religião. O marquez de Louvois, terminando a leitura, expressou-se :

— Isto é muito grave !

— Sim. Estou de posse de outra denúncia fundamentada pelo bispo de Nimes, o grande Flechier ; o padre Lachaise falou-me pessoalmente sôbre os delitos do treloucado príncipe d'Arlemont. Vou providenciar como o caso axige. Fica no teu cuidado, chamares quanto antes esse governador á côrte, e que ele passe a administração ao conde de Grignan.

— Observarei a vossa ordem com toda a pontualidade.

O ministro ia retirar-se, quando novamente o mesmo criado anunciou que uma senhóra da província, debulhada em lágrimas, há dois dias estacionava no vestibulo e mantinha o propósito de ali permanecer, emquanto lhe fôsse negada uma conferência secreta com o seu soberano.

— Que renitência ! . . exclamou Luiz XIV, com um gesto sacudido. . . Dize ao barão de Monpré que introduza essa inconsolavel num gabinete reservado e avise-me.

Teria decorrido meia hora, quando o rei de França, a convite de Monpré, se foi encontrar com a suplicante, ou por outra, a marqueza de Clisson. Esta, logo que viu o monarca, caiu-lhe aos pés e principiou a soluçar com desespero. Luiz XIV sensibilizou-se, estendeu a mão e levantou a infeliz. Ouviu-a silencioso, e ela lhe narrou a grande desventura. A sua última palavra foi uma rogativa, um gemido cavernoso, arrancado do inti-



mo. Pedia vingança contra o príncipe d'Arlemont.

— Qual o teu destino agora? . . interrogou o rei.

— Vou ser irmã de caridade. A guerra devasta a minha pátria. Os nossos irmãos morrem no solo estrangeiro, sem a devida assistência. Irei ao campo de batalha ministrar-lhes socorros, cuidar das suas feridas. Para mim o mundo desapareceu.

— Eu te ajudarei nesta empreza. Vai consolada, que serás punida pela justiça do rei. As tuas lágrimas não se perderão.

A marquezia partiu, e nesse mesmo dia, quási ao cair da noite, entrava para a irmandade das Carmelitas descalças. Queria suportar uma vida de sacrificios em prol da humanidade sofredora. A isto se reduz todo o bulficio do mundo : não medimos os atos que temos de praticar, e só procuramos transfigura-los, infelizmente, com uma regeneração irrisória, que nem sempre purifica, porque o mal ja está feito.

Para a vírgem que perdeu o que tinha de mais casto e se despenha no atasqueiro do vício, — qual a redenção para lhe restituir a fôrma primitiva? . . Onde o remédio, a contento da sociedade exigente? ! . .





### XXXV

#### Uma porta que se bate

**E**STAVA o príncipe d'Arlemont engolfado na sua indolência de fidalgo, maquinando novos meios de tortura para infligir ao miseravel povo, quando foi despertado por uma ordem terminante do rei de França, assinada pelo marquez de Louvois e que o chamava sem detença á côrte de Versalhes. O príncipe sorriu, porque julgava com suficientes razões, que, dessa vez, seria nomeado embaixador junto a qualquer govêrno estrangeiro, talvez a Saínta Sé.

Chegando D'Arlemont em Pariz, foi apresentar-se logo ao padre Lachaise, que o recebeu com indiferentismo; dirigindo-se ao marquez de Louvois, notou no ministro uma frieza não comum. Então, pela primeira vez, desconfiou dos próprios merecimentos. Indo á audiéncia de Luiz XIV desenganou-se completamente de todas as suas lisonjeiras suposições. O rei mostrou-se severo; lembrou-lhe inúmeras faltas, crimes nefandos e finalizou dizendo:

— Recolhe-te á Bastilha. O cargo de governador da Provença que volte ao honrado marechal de Grignan, pois, é quem o sabe desempenhar e lh'o compete.

Depois toccou uma campainha e appareceu o camareiro, barão de Monpré. Luiz XIV conversou-lhe em voz baixa e aquelle retirou-se logo. Em breve tempo o inten-

dente do reino dava entrada nos salões reais. O rei designou-lhe o príncipe d'Arlemont, que estava acabrunhado, numa atitude de réu.

— Conduze-o para a Bastilha. Seja tratado como um falsário que é.

O ex-governador da Provença obedeceu com submissão. O intendente não se utilizou da espada, conservando-a na bainha, em todo o trajeto. Por uma simples delicadeza ofereceu o braço ao príncipe d'Arlemont, e seguiram imediatamente para o bairro de S. António, onde, á direita, era edificado o castelo de Hugo Aubriot. Ambos guardavam silêncio. O intendente não sabia a que atribuir essa ordem do rei; admirava, embora esses fatos fôsem vulgares, que um vassalo de tanta importância e serviços, como o governador da Provença, recebesse um tratamento tão rigoroso!

O próprio D'Arlemont não podia compreender como a sua estrela se ofuscara tão rapidamente! . . . Hontem, grande e sendo obedecido; hoje, aniquilado e recebendo ordens! . . . Si ele fôsse mais perspicaz ou soubesse alguma coisa de história, veria com antecedência qual o seu futuro. Aqueles que mais se sacrificam pela causa de um rei, são exatamente os votados á desventura. Para convencer-se desta verdade, o príncipe não teria mais do que recordar o cabeleireiro Pedro de la Brosse, ministro das finanças sob Filipe o Audaz, acusado, em seguida, de envenenamento na pessoa do delfim, e morrendo no patíbulo, em 1276; de Olivério Ledaim, barbeiro de Luiz XI e ao mesmo tempo ministro, espião e carasco, expirando por sugestões de Carlos VIII, em 1491; de Tomaz Mórus, o célebre autor da *Utopia*, grão-chanceler de Henrique VIII de Inglaterra, decapitado em 1535, tendo a cabeça exposta quatorze dias na ponte principal; do conde de Essex, favorito da rainha Izabel e predileto membro do seu Conselho privado, que aos 34 anos de idade, em 1601, foi degolado, á sua ordem, na Torre de Londres; finalmente, de Barneveldt, advogado geral dos Estados da Holanda, politico hábil e es-

timado, a quem tiraram a cabeça, como traidor á pátria, no ano de 1619. . . E' muito conhecido o dito do grande Afonso de Albuquerque, que faleceu exclamando : « Mal com el-rei por amor dos homens ; mal com os homens por amor del-rei. »

E' um mal contagioso essa justiça dos reis... Tambem o nosso Pedro I pagou com a moeda do desterro ao patriarca da independência, o inclito José Bonifácio de Andrada e Silva, que tanto lhe trabalhara para a consolidação do trono. Não é só isto ; os ministros tambem se exibem ; gostam de imitar os amos. José Bonifácio no poder faz com que seja desterrado para a França o cônego Januário da Cunha Barbosa, vingando-se mais tarde este sacerdote, quando, ao voltar do exílio, cruzou nos mares com o navio que levava José Bonifácio, deportado pela sua vez ! . .

Desde o inspetor de quartirão ao chefe de gabinete, que a insolência é desmedida. Haverá tipo mais irritante, cínico e merecedor de uma cadeia que o constitucionalissimo subdelegado ? ! . . Neste infeliz Brazil, onde existe essa familia de felinos e que se tem propagado espantosamente, talvez por influéncia do clima, eles são tudo. Da Inglaterra nos veio um engôdo, sob o nome de *Habeas-corporis*. que os nossos jurisconsultos, tomando a nûvem por Juno, logo enxergaram como garantia do cidadão ; não obstante a miragem, essa dádiva jurídica só prevalece emquanto um subdelegado não se enche de cólera. Esses magnates têm carta branca : prendem sem culpa formada, recrutam, mandam espancar os prêsos, condenam á morte, queimam as casas dos eleitores oposicionistas, casam e batizam, mesmo fóra da freguezia ! São uns Tigelinos sem o beneplácito dos Neros ! . .

O príncipe d'Arlemont era um néscio : desconhecia todas estas coisas. O que mais o contristava, era a pèrda da ardentissima Branca de Médicis. Quando se lembrava que aquella *jôia* ia ficar para outros mais venturosos, tinha vontade de rasgar as vestes e desfazer-se em lágrimas. Nem ao menos lhe era permitido ve-la atravéz

das grades da prisão. A inflexibilidade do rei manifestava-se em toda a plenitude.

Encerrado naquelas paredes tenebrosas, Alberto d'Arlemont recordava-se de Bernardo de Palissy, e então receava, com muita razão, o mesmo destino deste grande homem, vítima do catolicismo e que morreu nesse hediondo cárcere, — fortaleza terrífica, de calabouços infectos, situados a dezenove pés abaixo do nível do pátio, cheios de limo e de repugnantes sapos, onde a luz só penetrava por uma estreita fenda deitando sobre o fôssco. Em um momento, viu-se o príncipe despojado de todas as honras, e mais esquecido ainda do que aquele mísero cão, descrito por Guerra Junqueira na poesia *Fiel*, quando o pintor galgara a opulência. Os carcereiros deixaram de fita-lo com reverência ; tinham para ele o olhar de desprezo, de escárneo e de brutalidade, no que são peritos. De um carcereiro para um coveiro não vai diferença nenhuma ; ambos têm um coração calçado, onde as lágrimas não se infiltram.

Perto da célula do príncipe d'Arlemont ficava a do Máscara de ferro. Ninguém tinha a ventura de ver este misterioso personagem, sobre quem, ainda hoje, correm as mais curiosas histórias. Comtudo, o ex-governador da Provença, nas horas mortas da noite, ouvia distintamente o som da guitarra do incomunicavel prisioneiro. Escutava aquela monodia e se punha a scismar. A música desperta os fenómenos psíquicos ; sob os seus efeitos sentimos todas as transições. A guerra e a paz, a alegria e o pranto, a morte e a vida, transparecem conforme o estado mórbido do indivíduo, de sorte que uma transformação completa se pode operar de um momento para outro. *A Marselheza* criou herois ; o *Miserére* produziu fantasmas. Si este foi um rebento da cruz, aquela se ergueu na ponta das baionetas.

E porque D'Arlemont não havia de estar aniquilado ? A sua prisão á noite, envôlta no maior segredo, reduziu-o á expressão mais simples. O pérfido gemia dentro daquelas vetustas paredes, erguidas sob Carlos V, e pela

primeira vez lembrou-se de sua filha.. O remorso apoderou-se da su'alma. Começara a época do martírio. Aqueles tormentos applicados a Heloisa d'Arlemont perpassaram-lhe pela mente enfebreçada, e no silêncio da noite ele chorou, avaliando que a desditosa poderia jazér num cubículo semelhante aos esferoides do quinto andar, os quais eram abrazadores no estio e glaciais no inverno. Depois, surgiu-lhe diante dos olhos o espectro de Laura de Provins, e ele recuou espavorido. Sonhava acordado. Nos seus delírios, o padre d'Avesnières e os esqueletos das vítimas deslizavam mansamente, respingando sangue. Victor Hugo na **Legenda dos Séculos** aludiu á canonização do parricida Canuto IV de Dinamarca, e borrifou no manto de neve umas nódoas vermelhas que o tingiram para sempre. Horrroso!.. Entretanto, o martírio do príncipe d'Arlemont era muito peor. A Liga Provençal, a sua amante sufocada no leito, Junghill pendente de uma árvore e o cráneo esmigalhado daquele pobre camponez, o faziam revolver-se numa cama de brazas, qual outro Guatimozim.

A Bastilha era um espantalho, cujo nome influa nos espiritos mais robustos. Infeliz de quem fôsse atirado nas suas masmorras!.. Sempre o mesmo espetáculo lhe assomaria aos olhos. Nada de um eflúvio para o coração agonizante, ralado pela descrença do gôzo. Além, era Ugolino com os quatro filhos na Torre da Fome; mais próximo, Bonivard, o prisioneiro do castelo de Chillon, de quem lord Byron relatou o longo sofrimento, motivado apenas pela fé religiosa. Portanto, aquele monstruoso cárcere, — o do fim da rua de S. António, flanqueado de suissos, herissado de sentinelas, cingido de fossos largos e profundos, sulcado de páteos e avenidas, cortado de pontes levadiças, palissadas e barreiras, protegido por muros de dez pés de espessura — deveria cair. A Bastilha tinha imperado demais; era justo que não continuasse invulneravel. E caiu... « Uma mulher, diz-nos Michelet, matou-a » M.<sup>me</sup> Legros, uma pobre ~~moçadora~~ ~~moçadora~~, cujo marido ensinava latim, — por uma ca-

sualidade aproximou-se de Latude. Esta vítima mandara uma **Memória** aos poderes competentes, fazendo um histórico de todas as iniquidades, cometidas nas prisões. A *Memória* perdeu-se, e M<sup>me</sup> Legros achou-a. Depois de a ter lido, compreendeu o seu alcance e saiu, então, de porta em porta, pedindo a liberdade de Latude. O desgraçado foi solto; os crimes da Bastilha tornaram-se patentes: o ódio popular agigantou-se.

Assim, a 14 de julho de 1789, o povo fez justiça pelas próprias mãos. Camilo Desmoulins guiou as turbas; o padre Lefèvre distribuiu a pólvora; o governador Lannay rendeu a fortaleza, para ser logo assassinado na praça de Grève. Trez infelizes enlanguesciam nas masmorras: White estava louco; Tavernier, ao fitar o povo, julgou que eram os algozes e poz-se na defensiva; o conde de Solages permanecia num profundo letargo. Ninguém o reconheceu, e sendo livre, vagava pela cidade, pronunciando palavras incoerentes, porque perdêra a razão. Em poucas páginas se encerra a história da Bastilha. O instrumento da vingança régia fôra condenado a desaparecer com essa raça maldita, que trabalhava tão somente na demolição. O erário, uma vez estanque, para quem apelar, sinão para o desespero do povo?.. A força de vontade do ministro Necker não era suficiente para salvar a França moribunda.

Vejamos também si Luiz XIV, encerrando o príncipe d'Arlemont, obrou com essa equidade que se tem visto sair, algumas vezes, dos desígnios de um rei... Afirmamos, sem medo de errar, que não; e mais adiante teremos de melhor desenvolver este assunto. E' certo que as monstruosidades do governador interino da Provença precisavam de um grande corretivo. E felizmente, a ampulheta do seu poder deixara de medir o tempo. Só há de lastimavel, porque não se reservou á vítima um meio de defeza, não se lhe instaurou um processo jurídico, e sem mais nem menos, foi ele sepultado nesse castelo, nesse antigo *Hotel des Tournelles*, construido então por Pedro d'Orgemont, perto do Arsenal.



### XXXVI

#### Insaciavel como as hetairas

**L**INGO que chegou no castelo de Saint-Pont uma vaga noticia de que Alberto d'Arlemont, a essa hora, devêra estar encerrado na Bastilha, — uma tristeza imensa se apoderou de todos os áulicos. Comentavam, entre si, a gravidade do fato, sem que se atrevessem a censura-lo em público. Cada um temia pela sua pessoa, sabendo que Luiz XIV não brincava com os súbditos.

Branca de Médicis era a mulher da tèmpera de Margarida de Borgonha, — a esposa de Luiz X, o Turbulento, a heroína da Torre de Nesle, a princeza que se immortalizou na devassidão, qual outra Lucrécia Bórgia, e foi desenhada por Alexandre Dumas num dos seus romances. A esposa do príncipe d'Arlemont, em vez de ressentir-se e lamentar a desdita do consorte, que a feria tão de perto, — soltou uma gargalhada de provocação!

Gargalhada semelhante no cinismo foi reproduzida, nos meus dias, dando lugar a um cortejo fúnebre; duas mulheres e um homem desceram ás solidões do túmulo. O homem fôra esposo e um seu parente lhe desfechou um tiro, á traição, no intuito de casar com a adúltera. O ferido morreu com algum espaço, narrando toda a história que o assassino projetara levar á conta dos suicídios. Um irmão da vítima velava ao pé do seu leito; logo que o infeliz exalou o último suspiro, alguém se di-



rigiu á má esposa e deu o aviso. Dizem que ela, ao receber a triste nova, respondeu com uma gargalhada sarcástica ! O enfermeiro exasperou-se : lançou mão de um punhal e correu ao encontro da cunhada, prostrando-a sem vida. A mãe desta mulher impura aproximou-se, afim de socorre-la, e foi igualmente cozida ás punhaladas ! . . . Portanto, trez cadáveres sob o mesmo tecto.

A gargalhada de Branca de Médicis era menos insultante que o escárneo dessa brasileira libidinosa ; mas, em essência, os dois motejos se confundiam, pois a risada da italiana tambem significava uma afronta á desgraça, um ultraje ao pudor. Imediatamente a duqueza de Pádua expediu um criado a Aix e fez com que o dr. Pérez Loriga viesse á sua presença. O médico não cambaleava, mas, tinha o hálito de quem ingerira o suco da uva. Branca narrou-lhe a condição do esposo, e em seguida propoz fugirem, quanto antes, para a deliciosa terra do Falerno. Amava-o com frenesi, e entendia consigo que o amor se torna mais poético ao ar livre de um céu italiano. Deixara em Florença o solar dos avoengos, que hoje lhe pertencia, e desejava fruir essa temporada de barregã nos seus vastos e principescos salões.

Pérez Loriga que era hispanhol, de uma pátria enamorada, e nascêra para essas aventuras românticas, aceitou a proposta de braços abertos. Ainda que a duqueza não lhe tivesse infundido um amor impetuoso, ele a querereria, porque era homem cheio de fatuidades. Bastava que Branca fôsse fidalga, descendente dos Médicis, viúva do duque de Pádua, esposa do príncipe d'Arlemont. Mesmo que em sua presença estivesse uma dama de aspecto repelente, o médico faria tudo para possuil-a, afim de vangloriar-se amanhã. Há homens que abandonam a esposa, com todos os predicados de juventude e beleza, e fascinam-se por outra, sem atrativos e cheia de filhos, só porque esta mulher ocupa uma fileira mais elevada. Não é amor o que germina no peito do tresvariado, e sim, o orgulho de conspurcar o leito de gente superior.

Baseado nestes princípios, Loriga jurou aos pés de Branca de Médicis sacrificar-se pelo seu amor. Embora ela possuísse todos os dotes da sedução, a promessa do d. João Tenório era, entretanto, uma mentira! O médico não levava em conta o amor ideal; em si, tudo se resumia na exploração do gôzo. Beijava uma rapariga, por mais pura, e logo lhe cuspiam na face. Triste do filósofo que enxerga unicamente na mulher o conjunto da animalidade! Si ela dá a beber mais vinagre do que mel, foram os homens os causadores do azedume. A mulher é escrava. Bem poucos maridos olham para a consorte, distinguindo o ente destinado a minorar-lhe as amarguras da existência; fitam, porém, a máquina dos prazeres, a mucama das crianças, a serviçal dos manjares.

Pérez Loriga era médico, mas, sem clínica, e portanto desprovido de recursos; quando apanhava um *liurd*, era somente para o consumo do vinho. Diante desta barreira recuou, e disse então á Branca de Médicis, com uma familiaridade de concubino:

— Bem sabes que nada possuo. Como me poderei manter?! Sem dinheiro, curtiremos fome; ficarás privada de aparecer em público.

— Não me trates em ninharias. . . interrompeu Branca de Médicis. . . tenho a fortuna necessária para vivermos á farta, ostentando o luxo dos trens principescos. Em Florença serás tudo; passarás por meu esposo e ninguém terá a audácia de embargar os nossos passos.

— Voemos, então! . . pronunciou Loriga, com um sorriso de bem-aventurado. . . Marcarás a viagem e eu obedecerei como escravo.

— Hoje, á noite. Quando todos dormirem, tomaremos a estrada de Marselha, e amanhã ninguém saberá do nosso rumo.

— Magnífico! . . Isto me ensoberbece! . .

Em ato sucessivo, o médico saiu. Aprontou-se para a viagem, guardando sigilo, e á noite esperava Branca de Médicis nas imediações do castelo. Dois cavalos arreados estavam á disposição. Seriam duas horas da madru-

gada e um esplêndido luar prateava a branca areia do caminho. Cavalgaram finalmente, e partiram a galope. O pagem não dizia palavra, contentando-se em ouvir. Quando entraram em Marselha, o sol principiava a surgir; venceram as dez léguas, daquele tempo, com muita vantagem. Trez horas depois, uma galera levantaria ferro com destino a Liorne, e eles não perderam o ensejo. O capitão era um italiano de rosto prazenteiro, olhar vivo e bigode retorcido. Os marinheiros o respeitavam, e ele teria 29 anos de idade. Chamava-se Gioberti. A duqueza notou que no olhar do navegante havia um quer que seja de misterioso. A's vezes o surpreendia a mirala, e quando o fitava demoradamente, ele fugia, para voltar em breve. Esse homem, acostumado aos rigores do mar, mostrava-se fraco diante de Branca de Médicis. E ela sentia um prazer imenso neste martírio de Tântalo! Via o marinheiro corar como uma donzela, e então esboçava um sorriso provocante. O desgraçado remordia-se no fundo do coração e lançava uns olhos de cólera sôbre a dr. Pérez Loriga, que sempre o vigiava como um comissário de polícia, encarregado de guardar um gatuno. Branca de Médicis adivinhava todas estas revoluções na alma de Gioberti, e desaparecia, pela sua vez, quando ele mais fascinado estava. Todavia, este tempo se passou depressa. Loriga e Branca saltaram em Liorne. Gioberti ficou a olha-los insistentemente. A' noite, ele compareceu na hospedaria em que a duqueza de Pádua e o seu amante estavam albergados. Vinha trajando como um requestador. Já não era o marinheiro rude, afeito ás manobras e ao trato dos homens do mar. Tinha maneiras afáveis e requebros faiscentes como Lovelace os sabia impingir á ingénua Clarisse Harlowe. Sorria com donaire; conversava com persuasão. E Branca de Médicis ao lado de Loriga bebia na mesa redonda da estalagem, sem reparar nos convivas que entravam ou saíam. Gioberti entrou, sem ser percebido de Loriga. A duqueza devia espera-lo, tanto que o avistando, beliscou o amante para que este notasse o capitão. O

médico mordeu os lábios em sinal de despeito. Giobérti veio sentar-se junto, e em breve travou uma conversação animada. Media as palavras, parecendo querer devorar Branca de Médicis com os seus olhares. Esta, nem sequer se turbou; desafiava-o com os sorrisos e envolvia Pérez Loriga no fogo do ciúme. Durante essa noite, beberam como os libertinos de Roma, quando se entregavam á fúria das orgias. O médico, si tocava no vinho, fatalmente acabaria embriagado. Fôra uma devoção que tomara a seu cargo, em reverência ao deus Baco. E assim adormeceu como um justo que nada receia.

Pobre bobo! Nem ao menos se lembrava que possuía uma mulher bonita. Quando as feias correm perigo, quanto mais essas que, pela beleza, despertam a atenção dos bargantes! . . . Uma mulher formosa é, como nos áridos sertões, uma aguada para as aves emigrantes: do mesmo modo que estas descem em revoada para estancar a devoradora sede, os dissolutos se abatem sobre uma mulher fascinante e expugnável, — defeito moral, nem sempre acoimado por todos os maridos. Não foi somente em Roma que floresceu o desprezível Cipio.

Pérez Loriga dormia a sono sólto, e Giobérti aproveitou a monção para soprar no ouvido da duqueza umas palavras, que não a enrubesceram. A hetaira dos palácios tirou da mão esquerda um precioso anel e entregou-o ao marinheiro, que o beijou com efusão e cuidadosamente escondeu na algibeira do peito.

— Lembra-te, Giobérti! . . . disse ela sorrindo. . . Quando me quizeres buscar em Florença, não tens mais do que enviar este anel, e eu saberei, então, que estás na terra. Não te esqueças! . . .

Giobérti encheu-se de orgulho. Apossou-se das mãos da duqueza e osculou-as com voluptuosidade. Desapareceu, enfim, sem que ninguém soubesse qual o seu destino. Quando Pérez Loriga cortiu a borracheira, tratou então dos preparativos de viagem.



## XXXVII

### Em face do abismo

**B**RANCA de Médicis instalou-se no solar dos avós e procurou gozar a vida como idealizara. Enquanto Loriga ensandecia na crápula, a duquesa bailava com os cortezãos da época. A sua vida já não era um mistério. Laís e Friné foram mais recatadas. A fidalga parecia sofrer de loucura. Devorava os amantes com um olhar abrazador e se punha a sorrir no auge da excitação!.. Margarida de Valois refugiou-se no castelo d'Usson, para ocultar os desregramentos da vida tempestuosa; talvez, um dia, Branca de Médicis procedesse semelhantemente. A duquesa de Montpensier, prometendo entregar-se ao frade Jaques Clement, para conseguir que ele assassinasse Henrique III, era, ao menos, impulsionada pela vingança... E a esposa do príncipe d'Arlemont?... Não era mais do que a depravação da raça, — a fatal hereditariedade, tão sábiamente descrita pelo profundo Mantegazza.

Diante destes e de outros fatos, todos os argumentos perecem: o próprio sol tem manchas. Enquanto existirem pobres e ricos, grandes e pequenos, sábios e ignorantes —, jamais haverá igualdade, preponderando sempre o ódio recíproco. O pobre e o rico são inimigos naturais, da mesma forma que o escravo e o senhor

Quando o médico curtia a bebedeira e logo esquadri-

nhava o procedimento da amante, então rugia de cólera... e ela, a favorita, impunha-lhe silêncio com um aceno. Era, em tudo, uma mulher extraordinária!.. Si poudes domar a fúria do príncipe d'Arlemont, quanto mais a de Pérez Loriga, o tipo aviltado por excelência! E si ele se encrespasse, Branca de Médicis seria capaz de pespegar-lhe uma bofetada mais tremenda que a de Nogaret na face de Bonifácio VIII. E o covarde sentia-se despido de toda a reacção. Até um dia chorou!.. A duquesa de Pádua percebeu as suas lágrimas, revoltou-se e gritou-lhe:

— Mulherengo! porque choras?.. Achas que é pouco compartilhar do meu leito?.. Julgas que eu deveria estar sempre hipotecada a um homem bêbado, incapaz de satisfazer as exigências?!..

— Ah! minha bela!.. murmurou lacrimoso... Si é por isto, juro-te que nunca mais envergarei um copo.

— Dispensó. Deixa-me praticar como fôr do meu gosto, e nunca perguntes qual o meu procedimento. Do contrário, aí tens o andar da rua.

Pérez Loriga resignou-se e nada mais inqueriu, fazendo a vontade da florentina. Esta não teve mãos a medir e constituiu-se uma *réde*. Desafiou os mais denodados campeões de Vénus e a todos deu combate. Em Florença só se falava na lubricidade de Branca de Médicis. O esculápio representava o papel mais ridículo deste mundo. Parecia antes um servo, incumbido de introduzir os visitantes na alcôva da duquesa, do que um amante a fruir os mimos dessa mulher impudica.

Corria o último mez do ano de 1689, quando dois novos personagens chegaram á espléndida capital da Toscana, onde tantas famílias illustres exerceram o mando. Eram o conde de Langeais e Perrique Van der Helst. Enfastiados de percorrer a Itália meridional, recolhiam-se á pátria de Miguel Ângelo, no firme propósito de aí se demorarem muitos dias, dado o caso de não serem obrigados a fugir. Uma tarde, em que o conde de Langeais saíra a passeio, encontrou-se casualmente com

Branca de Médicis, arrimada ao braço de um estranho. Ricardo a conhecia de Avignon, e espantou-se com a sua presença, que entretanto não era novidade para os naturais da terra; apertou o punho de Perrique e disse baixinho:

— A duqueza de Pádua! A nova esposa do príncipe d'Arlemont! . .

— Quê! Talvez te enganes! . .

— Não; conheço-a perfeitamente. Dar-se-á o caso que o príncipe d'Arlemont esteja nesta cidade?! . .

— Pode ser; mas, não te assombres. Ele conhece Perrique Van der Helst e o conde de Langeais, porém, nunca d. César de la Vega.

— Tens razão. Outrora Alberto d'Arlemont perseguia a Ricardo de Langeais e ele era constrangido a fugir diante do potentado; hoje, César de la Vega pode encarar o monstro da Provença, sem receio da sua figura. E' forçoso que eu desvende este mistério, si é que existe algum. Sigamos Branca de Médicis.

Imediatamente lançaram-se no encalço da duqueza e a viram penetrar no palácio. Dirigiram-se ao porteiro, sempre no disfarce, e assim puderam colher os desejados esclarecimentos. Já não ignoravam o papel que a esposa do príncipe d'Arlemont representava na sociedade florentina, e souberam ainda, que, aquele mancebo tão íntimo, a conduzi-la pelo braço, era um capitão de navio, — o nosso Gioberti. Logo, o conde de Langeais formulou o plano de travar estreitas relações com o marinheiro, afim de introduzir-se no palácio da duqueza, e examinar de perto esses fatos que tanto o interessavam. Passou a visitar os hotéis, e uma noite teve a felicidade de encontrar-se com Gioberti. Beberam juntos, e em breve foram amigos. Um dia ele conseguiu ser apresentado, pelo marinheiro, a Branca de Médicis. Compareceu, levando Perrique. A duqueza de Pádua usou de todos os artifícios, para ser agradável; Ricardo de Langeais não repeliu totalmente os ademanos da Circe.

Frequentava, quasi sempre, o palácio de Branca de

Médicis, e por fim teve a certeza de que o príncipe d'Arlemont estava encerrado na Bastilha. Pérez Loriga, de compassivo que era, tornou-se reconcentrado e intolerante: quiz patentear mais vergonha do que o general Belisário! . . . Passou ás ameaças, e sua amante, em represália, sacudiu-lhe ás ventas uma ordem de despejo. O hispanhol teimou em ficar, discutiu azedamente e disse que a sua desgraça arrastaria muitas outras. Branca conferenciou com Gioberti e assentaram em que o médico deveria desaparecer. O marinheiro mandou buscar em Liorne dois dos seus homens e incumbiu-lhes o assassinio de Loriga. Os sicários preparavam-se para a execução da obra, quando o conde de Langeais adivinhou o plano e resolveu salvar a vida daquele desgraçado. Procurou-o a tempo e expoz-lhe as suas suspeitas. O médico tratou de acautelar-se; mas, nessa mesma noite emboscou Gioberti, e quando este entrava no palácio de Branca de Médicis, disparou-lhe uma pistola. O capitão foi mais feliz do que Victor Noir ao receber a bala de Pedro Bonaparte; escapou ileso ao atentado do dr. Loriga. O criminoso fugiu, e baldadamente a policia lhe andou na pista.

Branca de Médicis principiou a enfastiar-se das visitas do conde de Langeais. E tinha razão... Por mais que fizesse, afim de seduzi-lo, não conseguia avançar um passo, colher outra prova, além da que percebêra no primeiro dia! . . . Ricardo mostrava-se propenso á ternura, mas, não consentia em se deixar envolver pelas teias dessa mulher fatal. Uma noite, em que os dois se achavam a sós, a duqueza de Pádua lhe disse com ironia:

— D. César de la Vega! sois um homem frio! . . . Por mais que eu vos procure abraçar o coração com o fogo dos meus olhos, permaneceis na mesma indiferença! . . . Nunca amastes? . . . Não sabeis enlanguecer uma mulher apaixonada?! . . .

— Ah! duqueza! . . . si conhecêsseis o meu passado, teríeis piedade de mim... Este coração, insensível e frio, já conteve amor bastante; hoje, é um cadáver. . . E que



exigis de um peito morto?.. Si revolverdes as suas cinzas, achareis unicamente um pouco de carvão enterrado nesse pó, onde, sem dúvida, tisharíeis a ponta dos vossos dedos róseos!..

— Usais de uma linguagem tão mística!.. Não sabeis que os meus ouvidos já se acostumaram com a música de outras cavatinas?!..

— E' verdade... Mas, sob o lodo pode existir água pura; entre as pedras brutas, encontra-se o diamante.

Branca de Médicis sorriu. Essa mulher degenerada não cria em palavras tão honestas.

— Ride-vos, duqueza. A gargalhada, em certas ocasiões, é como a ponta do punhal.

— Perdão... balbuciou ela, fitando o sr. de Langeais.

— Estais perdoada, pois neste coração tão frio não se aninha o ódio repelente... E tenho ódio; mas, ele concentrou-se todo num só homem, de sorte que o resto da humanidade parece não viver, para mim. Esse homem foi, e ainda é, a causa dos meus sofrimentos, das minhas misérias, e de tão cedo resfriar-se um coração que ardia.

— D. César de la Vega! falais com tanto furor!..

— Não é furor, duqueza! é a mágua de uma vida sem prazer.

— Entregai-vos a ele.

O conde de Langeais bateu nos copos da espada.

— Para que isto?.. interrogou Branca de Médicis.

— Quero dizer-vos que esta espada me o proíbe.

A duqueza de Pádua ficou pensativa pela primeira vez. Ricardo de Langeais observava as impressões desse rosto de anjo, que servia de máscara a um interior de demónio. Viu-a empalidecer e lançar-lhe depois um olhar chamejante, de pura volúpia. Ele tornou-se grave e esperou pela investida.

— D. César!.. disse Branca... si tendes sido tão infeliz e não mais encontrastes um peito feminino, para recostardes essa fronte ge'ada pelo sôpro da fatalidade, eu afirmo que uma ilusão contínua vos arrasta ao antro

de todos os dissabores. Outro rumo, d. César! . . .

— Não vos entendo! Dizei melhor. . .

— Procurai o amor sublime, e ele se constituirá a sensação dos vossos dias que se escoam no aborrecimento; percorrei os bordéis e nos lábios das messalinas sugareis o mel da realidade.

— Nunca! .. rugiu o conde de Langeais... Não sabeis, duqueza, as vossas frases como são perniciosas! Si uma criança vos ouvisse, seria a mais infeliz de todas.

A esposa do príncipe d'Arlemont corou. Exaltou-se depois, e como alucinada deixou escapar:

— Pois bem! eu vos amo. . . Tenho consumido as minhas noites em pensar na vossa imagem! . . . Amai-me também e sejamos felizes, ou então desapareci dos meus olhos e sêde maldito. Ouvistes, d. César?! . . .

— Os meus cabelos brancos?! . . . objetou Langeais, apontando para a cabeça.

— Não importa. Por isto mesmo é que vos amo.

— Ah! fidalga terrível! . . . Não vêdes que d. César de Vega só pode repelir o amor de uma mulher volúvel?! Não adivinhastes ainda que o primo do conde de Langeais recusa adormecer ao lado do esposa do príncipe d'Arlemont?! . . .

A duqueza de Pádua ergueu-se da sua poltrona e avizinhou-se de Ricardo de Langeais. Os seus olhos, dir-se-ia, quererem saltar das órbitas; uma palidez de morte lhe empanava o semblante. Ia pronunciar um insulto, quando a porta que dava para o salão, se escancarou com estrépito, e a figura de Gioberti apresentou-se ante os dois. Branca estarreceu; porém, Ricardo de Langeais não se abalou! . . . O marinheiro vinha furioso: fitou a concubina e gritou-lhe:

— Pérfida! eu ouvi tudo! . . . Tu és a infâmia personificada. Já que te sacrifiquei a minha alma e tu me desonras assim, não mais deves viver.

Imediatamente puxou pela espada e arremeteu contra a duqueza, para espeta-la. Esta recuou um passo, e o conde de Langeais ergueu-se rápido.

— Não, Giobérti! . . exclamou ele... Não consinto que a mates ; perdôa esta mulher, que não é tua esposa.

— Nunca! . . gritou o marinheiro. . . Tu pagarias também, si não te houvesse portado irrepreensivelmente.

E avançou mais. Ia atingir á indefeza Branca de Médicis; quando outra espada se cruzou com a sua. O marinheiro fez meia volta e enfrentou o conde de Langeais, que, de arma desembainhada, olhar firme, cabelos revôltos, se lhe oferecia como intransponível barreira.

— Ah! d. César! . . vociferou o italiano, entre uma gargalhada de morte e um olhar de escárneo... Tu queres conhecer o peso do meu braço! . . Eu desejara poupar-te; mas, tu não o quizeste.

— Cede, Giobérti! . . Não me constranjas a um crime. Só matarás esta mulher, quando pizares no cadáver do açoitado da fortuna.

O marinheiro afastou um pé atrás e as espadas cruzaram-se pela segunda vez. Já não restava outro recurso, sinão o de baterem-se. Giobérti atacou com denodo e desespero; Langeais repeliu-o com heroísmo. Trez vezes a ponta da espada do conde foi tocar-lhe o corpo e o marinheiro não retrocedeu. Finalmente, Giobérti golpeou o rival; a ferida era leve, mas Ricardo enfureceu-se e atravessou-o, então, de lado a lado. O italiano cambaleou e caiu pesadamente, golfando sangue.

A duquesa de Pádua, com muita serenidade, ou antes — entusiasmo, assistiu todo o duelo. Maior não foi o gôzo de Henriqueta d'Entragues ao conceber o plano do assassinio de Henrique IV. . . Ricardo de Langeais baixou-se a examinar a sua vítima, e teve a mágua de reconhecer que o indómito rival acabava de expirar. Bateu na frente, com a mão espalmada, e disse para Branca de Médicis;

— Apreciai a vossa obra, insensata! Fizestes de mim ainda mais desditoso do que sou! Adeus! preciso fugir.

— Não me deixeis ao abandono! . . implorou a duquesa. . . A justiça não se esquecerá de mim, e eu terminarei dentro de um cárcere. Salvai-me, d. César de la Vega.

— Ja vos livreí da morte. Nada mais posso fazer, porque o espírito do mal envenenou os meus dias. Salvai-vos como puderdes. Boa noite ! duqueza de Pádua.

— Por Deus, pelo que há de mais santo, salvai-me da ignomínia. . . tornou a implorar, entre soluços, essa mulher que ostentava, ainda há pouco, os instintos de fera.

— Sabeis quem sou eu ?

— Sei que sois d. César de la Vega, brioso cavaleiro hispanhol.

— Vós vos enganais, senhora! . . . Eu fui um conde ; chamei-me Leopoldo o Campeão ; depois, com as vestes de monge, me denominei fr. Ângelo da Encarnação ; hoje sou d. César de la Vega. A minha cabeça não me pertence ; si a policia apoderar-se de mim, expiarei no patíbulo as loucuras da vida. . . Adeus ! Eu não vos posso salvar. Agarrai-vos com a Providência.

E fugiu á pressa. Ainda não tinha transposto o átrio, para galgar a rua, quando pressentiu passos acelerados de alguém que o seguia. Voltou-se sobressaltado, e então deu com os olhos na duqueza de Pádua.

— Mulher ! que vindes ver ? . . Não me consentis partir ? . . Quereis também a minha morte ? ! . .

— Quero salvar-me. Si não fizerdes o que vos peço com as lágrimas nos olhos, gritarei, e a justiça acudirá para prender-nos.

O conde meditou um pouco. Teve ímpetos de apunhalar essa mulher tresvariada ; mas, conteve-se.

— Dai-me o braço, infeliz ! . . resmungou, raivoso.

Seguiram pelas ruas mais desertas, e Ricardo, attingindo a casa em que se hospedava, entrou cautelosamente. Uma luz baça despedia mais sombra do que claridade ; numa cadeira estava sentado um homem abstraído. O conde marchou para ele ; cochichou-lhe algumas palavras, e os trez, sem mais detença, abandonaram o pouso. Ttanspuzeram finalmente as portas da cidade, sendo que Perrique Van der Helst, o terceiro personagem, deveria voltar á residência, para se aperceber de certos arranjos de viagem.



### XXXVIII

#### Uma esperança que não serve

**J**AIME II de Inglaterra tinha realizado a sua expedição á Irlanda, na esperança de recuperar o trono ; a guerra entre Alemanha e França estava no auge. Era em 1690. Corria o mez de julho.

Para o castelo de Narbonne não surgia uma só esperança, capaz de alimentar aqueles corações estremecidos. Desde que Ricardo e Perrique se transportaram á Itália, não mais dirigiram uma sucinta carta á desolada família, afim de liberta-la da dúvida. E ela ansiava por uma notícia qualquer. . . Mas, era baldado, porque, entre uns e outros, parecia que se batêra a porta do sepulcro. Emfim, para maior decepção, Fabre de Liancourt terminara a leitura de uma gazeta, onde se tratava do conde de Langeais. Não sabemos qual o título desse periódico ; certo de que não era *O Diário* do abade Mosa. O médico convidou a família e leu pausadamente, em voz alta :

« Em junho próximo passado, tendo-se de proceder a abertura legal de um túmulo na cidade de Nimes, onde fôra sepultado o célebre Ricardo, conde de Langeais, surgiu aos olhos de todos os circumstantes um caso singular, que tanto tem de enigmático como de criminoso. Esse túmulo estava vazio, não obstante terem depositado nele o referido conde, segundo atestam os magis-

trados e demais pessoas daquela cidade meridional.

« O jovem conde de Langeais, descendente de nobre estirpe, deixou-se arrastar na onda dos desvarios e tornou-se réu de policia. Levado por um amor irresistivel e sobretudo insolente, votado á filha do príncipe d'Arlemont, e não podendo consumir finalmente os seus projetos, porque o pai daquela infeliz princeza a relegou no fundo de um convento, — constituiu-se o conde a arma da vingança e com o punhal exerceu os seus hediondos crimes. Feriu a fr. Rafael, irmão do muito illustre e virtuoso bispo de Tolosa, e quiz completar a sua obra nefanda — atentando contra a existência da respeitavel e piedosa abadessa do mosteiro de Nimes, madre Tereza do Coração de Jesus. Era um perverso. Representou todos os papeis de disfarce, com o maior cinismo, e ultimamente envergava um hábito de capuchinho, sob o pseudônimo de fr. Ângelo da Encarnação. Era protestante arraigado, tocando ao ateismo. Em razão destes fatos, foi condenado á morte pelo tribunal de Nimes.

« Ia ser executado no dia seguinte: e ja se aprestava a máquina do suplicio, quando súbitamente ele morreu! Dizem que se finara por meio do veneno, graciosamente cedido pelo carcereiro, cujo crime ainda ele expia nas prisões do Estado. Não devemos esquecer que um cunhado e um irmão de conde de Langeais acabavam de chegar àquella cidade, nesse mesmo dia... Atestados médicos certificaram que ele estava morto; portanto, o que se deduz de todo esse mistério, é que o seu cadáver foi subtraido do sarcófago. Agora resta saber — por quem? e com que intuito?.. Seriam esses coveiros profanos, afim de o venderem a algum anatomista; ou os próprios membros da sua familia?.. De qualquer sorte há um crime a punir. Comtudo, a justiça não se deve descuidar, porque pode succeder que esses médicos se tenham iludido ou usado de fraude, e o conde de Langeais não estivesse efetivamente morto. Assim sendo, alguém o retirou do túmulo e ele anda a escarnecer da lei. É um réu perigoso, que o cadafalso exige, para des-

agravo da sociedade não identificada com a perversão.»

Logo que o dr. Fabre terminou a leitura da gazeta, sua sogra exclamou, debulhada em lágrimas :

— Meu Deus ! quantas injúrias ao meu pobre filho ! . . . Perdoai-lhes, Senhor ! pois eles não sabem o que dizem.

— Infames ! . . . murmurou a esposa do médico, tendo ao colo uma linda criança.

— Falsários ! . . . acrescentou Eugénia de Calabre, enxugando os olhos.

O médico transmitiu a gazeta á esposa, que a pedira para reler, e ficou silencioso. Poucos minutos decorreram, quando um fámulo penetrou na sala, trazendo uma carta volumosa ; entregou-a á velha condessa e disse :

— Veio pela mala de Narbonne.

— De quem será ? . . . interrogou Ivette, com curiosidade, estendendo a vista.

— Não sei, filha ! . . . respondeu a matrona, emquanto lia o sobrescrito.

Depois acrescentou :

— Não conheço a letra.

— Ah ! si fôsse de Ricardo ! . . .

— Pode ser, Ivette ; mas, eu não creio nesta felicidade.

Em seguida a condessa de Langeais cedeu a carta ao genro, que imediatamente quebrou os lacres e abriu o invólucro. Um grito de alegria se lhe escapou dos lábios.

— Alviçaras ! . . . A carta é de Ricardo.

As trez mulheres se ergueram tumultuariamente e precipitaram-se para o médico. O prazer e a solicitude se desenhavam naqueles semblantes. Fabre de Liancourt iniciou a leitura :

« Viena d'Áustria, 5 de maio de 1690.

Excelente e querida mãe !

« Depois de tanto silêncio, quando ainda me julgo morto para o mundo, mas, não para ti e para os que se constituíram partes do meu ser, — é que volto, afim de revelar-te nesta missiva os mais salientes tópicos da

minha vida num paiz extranho. Perdôa-me, bôa mãe, si na tua consciência eu passo por um filho desnaturado. As tuas lágrimas são santas, e elas, caindo gota a gota, lavarão por fim as impurezas da minha alma. Si tu me acompanhasses no exílio que hei suportado em pátria alheia, lastimarias ainda mais a existência do precito, que se deixou banhar no lago das loucuras.

« Tenho visto diferentes céus, comunicado desconhecidas raças, conduzido comigo um séquito de agonias. E nada, minha santa mãe, foi capaz de extinguir-me do peito o fogo desse amor, que aos 25 anos de idade florira á sombra das mais puras illusões. Ah, Heloisa! .. dorme no teu sepulcro o sono da eternidade, enquanto o esposo da desventura vaga por sôbre a terra como o fantasma do mal. E sabes, minha mãe, porque ainda não enlouqueci, nem procurei nas águas do golfo de Nápoles ou mesmo do majestoso Tibre, o esquecimento da vida? .. E' porque sou forte como a penedia açoitada pelas ondas tormentosas e tenho junto a mim o braço incansavel de Perriquer para amparar-me, quando vou cair. Sou forte, porque suportei no território francez uma vida de boémio, andando de cidade em cidade, sob todos os disfarces, introduzindo-me nos conventos, para descobrir o esconderijo de uma mulher que me amou e que eu idolatrei na terra. Sou forte, porque pude chorar sôbre o seu túmulo e ainda tive fôrças para brandir a arma da vingança.

« Atravéz das grades de um cárcere, quando na praça pública os algozes martelavam sôbre a máquina do meu suplício, si tentei suicidar-me, não foi fraqueza; eu não queria que a plebe gargalhasse perante o meu cadáver; só desejava arrebatá-lhes a prêsas da miséria e adiantar um passo para a morte, sem que a ignomínia me fizesse enrubescer. A minha passagem de uma masmorra para o túmulo e deste para o mundo, de onde fugi, foi bastante para fortalecer ainda mais o meu espirito, aniquilado por umas horas. Que importa, si hoje tenho os cabelos brancos, as faces macilentas e es-



caveiradas ; si ainda me borbulha no peito a sêde da vingança ?.. Ah ! não amaldiçôies esta palavra, minha mãe... ela contenta ao desgraçado, que consumiu os seus dias em longos sofrimentos.

« Fabre te há de ter contado como foi o nosso embarque, quando de Marselha eu demandava a cidade de Nápoles, metido entre quatro fragilíssimas tábuas. Emquanto ele chorava na praia, a olhar o barco que fugia indiferentemente nas azas do destino, eu cantava no mar. As grandes dores são assim. Eu me devia mostrar soberbo diante dos homens acostumados á luta dos elementos, e só num cântico de morte os poderia fazer não adivinharem nas contrações do meu rosto, as agonias que me calcinavam a alma !..

« Vi Nápoles e aquella cidade enjoou-me. O Vesúvio não teve o encanto de arrancar-me dos lábios uma exclamação de entusiasmo ! Aquele golfo, prateado aos reflexos da lua cheia, permaneceu indiferente como um sonho do passado ! E como poderia achar belezas, si a minha alma é morta ?! Si tudo que me rodeia, é triste como a mortalha que envolve o cadáver, ou como os últimos estertores do homem que pende de uma trave ?!.. Era debalde que Perrique me procurava subtrair desse letargo. Si ele discorria sôbre tantas magnitudes, eu as olhava, mas, sem que divulgasse coisa alguma ! Tanto tédio ja aborrecia... E uma noite, em que mais atacado me sentia por essa tristeza estúpida, concebi a idéa de descer ao Tirreno e deixar-me engulir pelas suas ondas ; mas, o remorso falou-me, e eu decidi sair dessa cidade de mendigos, afim de percorrer a Itália. Tanto mais : um homem, como eu, não pode ter assistência em parte alguma.

« Parti como um foragido, porque ainda mesmo que o não quizesse ser, se-lo-ia sempre. Entrámos em Roma, e a cidade em que se aninha a hipocrizai, foi-me odiosa. Os seus templos ; aqueles cânticos sagrados me faziam reviver lembranças, que eu daria tudo para se dissiparem. Na igreja de Santo Adriano encontrei-me

com a baroneza Marion de Beziers. Ela me reconheceu ; chamou pelo meu nome ; isto causou-me uma surpresa, e muito lutei para persuadi-la que era César de la Vega e não o conde de Langeais. A baroneza casou em Pariz, e tem por esposo um velho judeu, muito rico e mais feio do que Esopo, porque nem sequer possui espirito ! Esse casamento só foi milagre do deus que governa o mundo, — o ouro simplesmente ! . . Este encontro foi-me prejudicial. Eu já não podia continuar em Roma, sem que fôsse visitado pela policia. Prossegui a minha corrida de Judeu Errante. Visitei Génova, Turim, Milão ; estive trez mezes em Veneza e voltei por Pádua, Ferrara, Ravena e S. Marino, até que me achei ás portas de Florença. Que novas desgraças me aguardavam aí ! Como o dedo da fatalidade me tem impellido de abismo em abismo ! . . Si eu quero esquecer este passado e banhar a minha frente na correnteza do Letes, uma causa desconhecida me arrasta e obriga-me a renovar essas scenas que distilam sangue ! . .

« Por infelicidade minha, a duqueza de Pádua, — a esposa do monstruoso príncipe d'Arlemont, aí estava. Era concubina do dr. Pérez Loriga, o médico que substituiu a Fabre ! . . Soube depois, que o tigre da Provença fôra enjaulado na Bastilha ; e sua consorte, tão impudica quanto Júlia, tão cínica como Faustina, — a mulher de Marco Aurélio —, abandonou o seu castelo de Saint-Pont, apenas teve noticia da rigorosa detenção, e em companhia desse hispanhol veio exercer a devassidão na pátria de seus avós ! . . Não era tão somente a concubina desse médico ; descia ao papel de barregã insaciavel e contentava a nobreza florentina. No seu trajeto para Liorne, ela conheceu um capitão de navio, chamado Gioberti, e logo se lhe entregou. O marinheiro correu a Florença e despojou Pérez Loriga dos seus *direitos* ; por mais condescendente que este fôsse, em pouco tempo se abrazou de ciúmes e quiz exercer vingança. Projetaram assassinar o médico e eu o salvei. O birbante fugiu e a duqueza resolveu amar-me ! . .

« Eu aceitar o amor dessa mulher ! . . Beijar os lábios da esposa do meu maior inimigo ! . . Ela, uma mulher adúltera, coberta de opróbrios ! . . Nunca ! . . Era preciso que eu escabujasse também num charco de podridões. . . Repeli-a ; mas, nem isto foi bastante. Giobérti ouviu tudo ; apareceu e quiz assassina-la aos meus pés. Bem sabes, minha adorável mãe, que não sou cobarde, nem tão pouco infame, de sorte que consentisse em tal afronta e em tão monstruoso crime. Opuz-me, e Giobérti não cedeu. Tinha a sua espada na mão e eu puxei pela minha ; batemo-nos e ele caiu mortalmente ferido.

« Agora eu tinha um motivo sério para evadir-me, e tratei de faze-lo. Essa mulher, — a verdadeira causa de mais esta desgraça —, quiz acompanhar-me na fuga, e eu, no maior constrangimento, consenti, porque do contrário me perderia para sempre. Seguimos para a Áustria. Atravessámos a Lombardia e penetrámos no Tirol, vencendo perigos, curtindo necessidades. Chegámos em Viena, e aqui reside a duqueza de Pádua, sem que exista da minha parte o menor encargo a seu respeito. Si tenho feito muitos males, também posso atestar inúmeros benefícios. Tenho ofendido unicamente os maus, de fôrma que um homem de bem não se queixará de mim. Deixei uma mulher viúva ; mas, o seu marido também fizera outra, e muito mais, porque ficavam duas crianças orfans.

« Eu e Perrique resolvemos entrar no exército de Leopoldo I. Iremos agora, por meio das armas, adquirir a fortuna ou desaparecer de uma vez. Já sentámos praça. Pertencemos á mesma companhia. Eu sou tenente e ele é alferes. A guerra continúa e preparamo-nos para o combate. Querida mãe ! abraça os que nos são caros e dize-lhes que se lembrem de nós, assim como nos recordamos deles. Aceita um abraço e abençoá o filho tresloucado, como também a Perrique.

Teu amigo afetuoso

*César de la Vega.* »

Finda que foi a leitura desta carta, mostravam-se todos vivamente impressionados. Quando julgavam Ricardo livre de perigos e não mais se manchando com o sangue humano, eis que novas desgraças lhe pesavam sobre a cabeça... A velha condessa ficou contrariada e disse com amargura:

— Só faltava a meu filho, distinguirmos nele um inimigo da pátria, e desastrosamente acaba de traí-la!..

— Não o acuses tanto... objetou Fabre de Liancourt... O que lhe sucedeu, foi o imprevisto. Ninguém se subtrai ás causas inevitáveis; e afirmo-te que foi a vez em que vi Ricardo mais ajuizado. Ser inimigo da pátria, nas suas condições, é justificavel; uma pátria que o condenou á morte e só lhe deu a beber o cálice de fel, não é mais pátria. Acresce, que Ricardo não se vingá: busca os meios de subsistência e de livrar a cabeça do patíbulo. Não há dúvida!

— E' exato, Fabre! Eu tinha discernido mal. Deus que se apiede de meu filho e queira ampara-lo nos combates. Uma bençã de mãi recaia pura sobre a fronte de ambos. As lágrimas tambem santificam.

— Eles virão... acentuou Ivette... Tenhamos fé: Ricardo se há de lavar dessa mácula e viverá conosco!





### XXXIX

#### Chegou a sua vez

**A** viscondessa de Chiourme, feita beata, sabia representar o seu papel, com a mesma especialidade de quando exercêra o de cortezã. Fazia as suas orações com profundo recolhimento, e só um espírito muito aguçado lhe poderia descortinar a ponta do embuste. Após o infortúnio de sua cunhada, a marquiza de Clisson, reconcentrou-se ainda mais e meditou com alguma seriedade. Pensou sôbre as desventuras de Heloisa d'Arlemont e aterrorizou-se com aquele catálogo de misérias. Nas horas mortas da noite cria ver deslizarem-se, aos seus olhos, sucessivas e compactas procissões. Uma vez desmaiou, porque lhe pareceu divisar o espectro do conde de Langeais a mira-la. Depois, era Pierrrot Follet ainda a escorrer sangue e a balbuciar uma palavra ininteligível, com os seus lábios gelados! . .

Ela ia continuamente á capela, e ao pé do genuflexório alevava os olhos lânguidos para a imagem de um Cristo macilento, dizendo-lhe a meia voz :

— Senhor dos desgraçados ! compadece-te de uma alma recalcitrante que se deixou arrastar pelo sôpro das paixões.

E seria fé, contrição perfeita, o que estimulava esta mulher a semelhantes práticas, distanciadas completamente do seu viver passado? . . Não ; era uma dose de

hipocrizia, atinente á loucura. Si ella desvairava muitas vezes e discutia comsigo : « Tudo isto não passa de quimeras. . . O cão que ladra á lua ou o touro que muge na campina, quem o coibe de desejar o infinito?! Haverá um dedo misterioso que dirija os passos do homem neste mundo? . . Não sei. . . mas, é preciso enganar. Já que a sociedade traçou uma sentença de escárneo sobre a minha memória, devo proceder de modo que ella revogue esse decreto. E' necessário fingir ; mas, de maneira que não percebam em mim a sombra da hipocrizia. . . Sim ; será esta a minha resolução. »

E um sorriso de triumpho encrespava esses lábios, que se fizeram antes para a consumação do amor, do que para a prece religiosa. Os desejos desabrochavam naquelle peito ainda vivo, e ella, por uma suprema fôrça de vontade, podia sufoca-los. Pelo menos esta virtude foi grande nos seus últimos dias. Fazia-o, mais por terror, do que por impulso da lógica. Pesava a sorte de muitas mulheres decaídas, e com ellas, não se queria nivelar mais tarde. As suas irmãs de comunidade a apontavam como o tipo da regeneração. Admiramos que mulheres reclusas, desligadas completamente do mundo, conheçam tantas vidas, sem que ninguem, do alto do púlpito, lhes venha explicar minudências! . . Assim são as freiras : esquadrinham pecados alheios e encontram prazer insano nesses enredos.

A viscondessa de Chiourme, tendo na mente a lembrança bem próxima dos seus costumes de côrte, sabia agradar. Falava com moderação ; adquiria entusiastas. Tinha professado solenemente e despiu-se das suas pompas do mundo. Comtudo, si apparecesse alguém para lhe murmurar certas frases, ella representaria a mesma scena que Amélia, a heroína do *Bené* de Chateaubriand. Mas, esse alguém? . . Para si, era uma sombra, e essa sombra desapareceu num sepulcro. Portanto, toda a esperança sumiu-se tambem com ella, e só através de uma lápida poderia ser encontrada.

Passaram-se tempos, e a viscondessa que perdêra o

seu nome de batismo, para ser simplesmente sóror Brígida, principiou a sentir-se cansada. Aquele coração que ardêra e cantara muito tempo a canção dos amores, estava afetado. Um médico lhe declarara que uma dilatação da aorta minava os seus dias. Ela apavorou-se e chorou copiosamente a sua infelicidade. No auge da desdita, entre um pranto de fogo e um sorriso irónico, exclamou no fundo da cela :

— Desgraçada ! sacrificaste o resto da tua vida ; bebeste na ánfora da ilusão ; cantaste a nénia dos finados. . . e eis que a mão do desconhecido pesou sôbre a tua frente e depois disse, com a sua bôca que não ri : « Basta ! o teu papel é findo ! . . »

A gravidade do mal não se fazia esperar ; uma tarde sóror Brígida sentiu-se sumamente incomodada e deitou-se. No dia seguinte quiz erguer-se do leito e não pode. Um braço de ferro parecia rete-la àquêle lugar e ela horrorizou-se, porque viu que a sua cama se transformava em esquite. A morte appareceu-lhe com o seu acompanhamento negro, e dos lábios da irmã do Marquez de Clisson partiu o segundo sussurro de desalento. As irmãs cercavam-na e ela, entre um sonho de desvario e um olhar de amargura, disse a chorar :

— Para mim acabou-se tudo, enquanto para outros principia tudo. Felizes os que morrem com a resignação na face e a alegria no peito. Para que mentir ? Não é certo que vou morrer ? . . Não é exato que poucas horas mais e no zimbório soará o acorde fúnebre do sino, enquanto o coveiro abre um fôssô, que me sirva de sepulcro ? . . Para que mentir ? Morro angustiada. As mais belas esperanças esvairam-se desde que um burel me serviu de mortalha e o cilicio me cingiu a cintura.

— Cala-te, filha ! . . exclamou madre Tereza do Coração de Jesus. . . A grande hora vai soar, em que te aproximas do teu Criador. Foste exemplar no teu noviciado e na tua profissão, portanto, não queiras, á borda do teu túmulo, ser a pedra de escândalo, nem esconjurar idéas que foram santas. Nesta hora suprema, quando

um precito não se volta para Deus, há um anjo que chora e o génio do mal que ri. . . Cala-te, filha! . . . Lembra-te do Senhor dos aflitos, daquele que do alto da cruz também esgotou o seu cálice de amargura.

— Deixai-me falar pela última vez, minha mãe; consenti também, que a prece da agonizante seja um gemido tão profundo como o da sua própria dor. Deus não me salve, si neste momento grave a incredulidade se apodera de mim. Mas, é tão triste morrer, quando se aspira a vida. . . Já essas flores que brotam no prado não são mais do que goivos murchos para a campa de uma mulher, que passou por sobre a terra como o viandante, que dormiu uma só noite na faustosa hospedaria! . . .

Calou-se e as freiras prorromperam num cántico tão fúnebre como a ocasião o requeria. Ali havia mais que um gemido. . . era o estalar das fibras de um coração, a despedida de um ser humano que foge e se precipita no fundo de um abismo. As freiras entoavam, com uma voz de morte, o salmo: *In te, Domine, speravi*; o quadro se desenrolara na plenitude da sua negridão. A viscondessa de Chiourme arquejava; o seu confessor, que assistira toda esta scena, retirou-se impassível! . . . Era frade emfim; o homem que não se condoi das misérias do próximo, que presenciera o último arranco de um moribundo e o vagido de um recém-nado, com a mesma indiferença! . . . Infeliz viscondessa! Apesar das suas fraquezas, dos seus toques de hipocrizia, regateava, mais que ninguém, uma lágrima de compaixão nesta hora solene. O réprobo que ri diante de um quadro desta natureza, é um monstro. Capazes de tanto foram: Diomedes, esse tirano da Trácia, que sustentava os seus cavalos com o sangue e a carne dos forasteiros que hospedava; e Busiris, o facinora que sacrificava também aos seus ídolos os incautos viajantes.

A' noite tornou-se mais terrível a agonia da viscondessa de Chiourme ou sóror Brigida. O seu cansaço aumentou e em breve teve uma hemorragia. Um desfalecimento sobreveio, e quando a perda de sangue se re-



petiu, ela mal poudo dizer, cerrando os olhos :

— Completou-se a obra ! . .

Estava morta. Além cantou um galo, com aquela voz retumbante, que fazia Júlio César tremer. O relógio do mosteiro soou meia noite. Os cânticos recommçaram. Nada mais lúgubre e pavoroso do que uma noite velada ao pé de um cadáver. Alguem derramava lágrimas : e enquanto sabiam todos que existia mundo, — só Heloisa d'Arlemont, no fundo do seu subterrâneo, era um animal envilecido, idiotificado pela mão dos pregadores de uma religião amena, que se estabeleceu para a grandeza do género humano ! . . A viscondessa de Chourme morrendo foi mais feliz do que ela. Não sabemos, para os verdadeiramente desgraçados, porque não sôa a última hora ! . .





## XL Na tenda do soldado

**N**A as batalhas de Fleurus e de Staffarde se tinham ferido : na primeira saíra vitorioso o marechal de Luxemburgo, e na segunda o grande Cattinat batêra Víctor Amadeu II, duque de Saboia. Jaime II fôra completamente esmagado na segunda tentativa de restauração ; há mais de ano que o príncipe de Orange era rei da Inglaterra, sob o nome de Guilherme III. Fazia muito tempo que na choupana de Miséria pernoitara S. Wanon e lhe concedêra o privilégio da pereira, tanto que a Morte já tinha descido dessa árvore e o canhão podia varrer impunemente as fileiras de soldados, derrubar os edifícios imponentes, e após a sua destruição, fazer com que o pranto corresse copioso pelas mais inocentes faces. Era a época feliz para os coveiros, os médicos e os notários. Do horror plantado no seio da humanidade, é que eles tiram a subsistência, e ás vezes enriquecem, como certos empreiteiros de obras públicas.

Emquanto os grandes se banqueteiavam, ao lado do soberano, no fundo do Escurial, do S. Cristovam, das Tullerias ou do do castelo de Windsor, morre o homem do povo como soldado no campo de batalha, afim de saciar o capricho dos incontentáveis chefes. No cochicholo do pobre não há pão para as crianças, mas, as nações podem sustentar o luxo dos seus nababos!.. Sob a uma

política enquanto a outra desce, ao impulso da engrenagem constitucional, e os atos indecorosos, censurados hontem por aqueles homens na opposição, reproduzem-se hoje, sem o menor vislumbre de dignidade ! Que diferença entre os dois ? ! ..

Os govêrnos desazados preparam a revolução : e ela não vem longe. Próximo á sua morte dizia Voltaire, que no ânimo do povo francez notava um rumor surdo. . . e nós o percebemos agora entre os brazileiros. Lastimamos esse prenúncio, porque, estoirando a bomba, testemunharemos reproduções do célebre 93, e ai daquele ! que se vir envôlto nas labaredas desse incêndio. Si aparecer um Malesherbes para advogar a vítima indefeza, o desgraçado Luiz XVI, no outro dia a guilhotina receberá no cêsto a cabeça desse homem intrépido, que, com o sacrificio da vida, alteou a voz num conciliábulo de assassinos. Não faltarão algozes para apresentar a quem fôr M<sup>lle</sup> de Sombreuil outro copo de sangue humano. afim de esgota-lo sem relutância. Ainda o carrasco esbofeteará a face de Carlota Corday.

E quando nos lembramos que tudo isso foi necessário, sentimos um estremecimento de pavor e tédio a percorrer a coluna vertebral, crisar os tendões, espremer finalmente umas gotas de ódio no fundo do coração ! . . Sem essa mortandade, sem os setembrizadores que fizeram quais os homens do S. Bartolomeu, nada possuiríamos da diminuta liberdade que gozamos. Ainda as portas da Bastilha se abriam para encerrar publicistas como Linguet, que é sôlto pela proteção de um braço superior, após vinte mezes de clausura, sem que se lhe faça conhecer o seu delito ; o genovez Pelifferi, acusado tão somente de ter escrito algumas advertências sôbre as operações financeiras de Necker ; ou La Beaumelle, que sofreu cinco anos, porque inserira nas *Memórias de Madame de Maintenon* : « A côrte de Viena, acusada desde muito tempo de manter sempre envenenadores a seus estipêndios. »

Pelo regime antigo não teríamos o direito de expres-

sar os nossos pensamentos ; os barões continuariam a perceber o feudo ; os servos da gleba seriam múmias em face do progresso : a espada de Alexandre Magno ainda retalharia nações ; este romance seria queimado pela mão do carrasco. E quem sabe, apesar de todas as vantagens, como será ele recebido pelo *mundô negro*, que, esperançoso ainda da volta do seu fastígio, — não fraterniza com os povos, nem se contenta com o reinado espiritual ! . . Emfim, a digressão vai longa : voltemos ao assunto obrigatório.

Sabeis o que é a tenda do soldado ? Já fostes testemunha dessa calamidade inventada pelos homens e que se chama *guerra* ? Pois bem : si ignorais, vo-lo direi, sem a menor reserva. . . Quantas recordações e soluços, quantas dores e prantos, ali não se sufocam ! . . Como ao lado do maldito da fortuna, suspira o ambicioso, que por entre o fuzilar das espingardas e o ribombar dos canhões, antevê a sua glória ! . . O errabundo, que não encontrou um pouso em parte alguma, — sob aquelas toldas, de envôlta com milhares de irmãos, consegue menoscar das lágrimas que rolam e é simplesmente o bandido em nome da lei. O poeta se abstrai nas harmonias da sua alma e mal sabe que a bala destinada a lhe roubar essa existência forasteira, há muito que forjaram nas oficinas inimigas ! O filho não goza dos desvelos do pai ; o irmão é condenado a machucar o cadáver de seu irmão, sem que se volte para lhe dar o último beijo de amizade ! . . Sob a tenda do soldado há risos e cánticos, blasfêmias e bebedices, proezas e fanfarronadas, emquanto a maioria de guerreiros amaldiçoa as instituições humanas. Ao soldado descontente, o toque da corneta é tão pavoroso como o rugido do leão para o viandante desgarrado nos desertos de África.

O exército alemão, sob as ordens do príncipe Eugénio, acampava perto de Ratisbona, á margem direita do Danúbio. Um céu de chumbo pesava sôbre a cabeça daquela multidão de homens, 'conglobados tão somente para se tornarem o instrumento da morte. As barracas

estavam armadas e as sentinelas perdidas vigiavam á entrada da floresta. O exército, bem apercebido, avançava sôbre a Itália, afim de aproximar-se de Catinat e vingar-se da sanguinolenta derrota de Staffarde, tão duramente infligida aos seus aliados do sul. . . e si preciso fôsse, ali, naquele campo, onde o estandarte de Leopoldo I repousava das fadigas da guerra, feriria como sempre uma porfiada batalha. Comsigo adormecia a honra do império germânico, e uma noite de incúria seria bastante para arrebatá-lh'a e atirá-la aos pés de Luiz XIV, afim de que este subisse ainda mais. O rei de França era um sol, mas, que ofuscava o brilho das estrelas.

O conde de Langeais e Perrique Van der Helst faziam parte do exército acampado. O proscrito francez tinha a tenda, próxima do rio; sentado á sua porta, ao lado do irmão e de outros companheiros de armas, observava tristemente o deslizar das águas. No céu não scintilava um só astro; parece que uma mortalha enegrecida envolvera o infinito. Ricardo de Langeais scismava. . . talvez que a lembrança da morte não lhe perpassasse no cérebro; mas, a recordação do passado se lhe retratava ali. Bruscamente voltou-se para Perrique e disse-lhe com uma voz de inspiração:

— Si como estas águas que descem e se vão confundir com as do mar Negro, pudesse tambem a minha alma despregar o vôo, para, na região etérea, beijar os lábios de um ente que existiu na terra, — eu me tornaria feliz. No fogo dos combates seria dos primeiros a afrontar o perigo das metralhas; mil baionetas apontadas para mim far-me-iam rir! . . Mas, para que isto?! Fugi, palavras scéticas! . . E tu, Danúbio, que me ouves estas queixas de amargura, não vás dizer aos diferentes povos, que me viste chorar. Deixa que o desterrado expire e o véu do esquecimento envolva a sua memória.

— Acalma-te, d. César! . . murmurou Perrique. . . A chaga que vai cicatrizando, não a faças sangrar de novo.

— E' justo o que dizes, caro amigo! Bem viste que em Staffarde lutei como um leão. Num instante fui cercado

pela infantaria franceza, metido num quadrado intransponível, e quando aqueles bravos me gritavam : rende-te ! eu lhes respondia : nunca ! .. Os meus soldados eram heróis ; tu combatas ao meu lado. Si as baionetas e as balas atravessavam os nossos companheiros, eu não esmorecia e ganhava terreno. Rompi as suas filas e salvei-me com poucos ; mas, desses que morrem e jamais se entregam. Xenofonte, fazendo a retirada dos Dez mil, não sobrepassou os nossos ; Leónidas, nas Termópilas, não morreria com mais coragem, do que o fariamos, si as hostes de Catinat não cedem ao valor das nossas armas. Perdemos, e verdade ; mas, que importa ?! Há derrotas superiores ás vitórias : Staffarde foi uma delas. Entretanto, a minha ação ficou sem prémio ; não vale a pena sacrificar-se assim.

— Porque declamas, capitão La Vega ? .. censurou alguém, que mansamente se aproximara da tenda.

Ricardo de Langeais voltou-se estupefacto, pois conversava em francez ; os companheiros ergueram-se. Instintivamente levantou-se também e disse para o interpelante, que se embruscava num capote :

— Tu me conheces ; porém, me dás uma patente que ainda não possuo ! Por obzéquio, quem és ?

— Queres ver-me o rosto ? Olha de perto... disse o recém-chegado, dirigindo-se para a porta da barraca.

Entrou, e os outros com ele. Gravetos de lenha verde, espargindo luz escassa, ardião naquele interior. O desconhecido abriu o capote e os soldados recuaram aturdidos, fazendo continência. Era o príncipe Eugénio.

— Perdão, general ! .. pronunciou Langeais. . . As minhas palavras foram indiscretas : não as deveria dizer.

— Estás perdoado e és capitão ; mas, doutra vez não murmures assim. Tem cautela. Eu não pratico como o duque de Saboia, com quem foste batido em Staffarde.

Ricardo de Langeais embatucou e vingou-se em coçar a barba ; o príncipe Eugénio fez meia volta e retirou-se ligeiramente. Logo que as primeiras impressões passaram, os companheiros do graduado estenderam-lhe a

mão, e a todos ele correspondeu com urbanidade. Um veterano, que fazia parte do grupo, atirou a barretina para traz, correu a vista em derredor e falou:

— Capitão! no nosso exército conheço um nobre sacerdote, um exemplo de virtudes, cuja linguagem é tão doce e cheia de consolações, que satisfaz a alma do mais endurecido scelerado. Ele sofreu muito e consagra o resto dos dias á caridade para com os moribundos. Si a mente não me engana, ele é francez...

— E esse padre? .. interrompeu Langeais, vivamente.

— Chama-se Rochetaille.

Um grito de admiração irrompeu dos lábios do conde; Perrique olhou-o igualmente espantado.

— Onde? Em que tenda repousa o ancião? Quero ve-lo

— Acompanhai-me, capitão! .. indicou o soldado.

Os dois deram de marcha. As sentinelas perdidas, após o grito de reconhecimento, deixavam que eles seguissem. Quando chegaram ao lugar destinado, o grnadeiro designou ao conde o velhe sacerdote, que, á porta da tenda, permanecia sentado e meditabundo. Ricardo de Langeais saudou-o; o padre ergueu a vista.

— Quem me fala? .. perguntou em seguida.

— D. César de la Vega, capitão de infantaria.

— Senta-te ao meu lado. A's ordens, si precisas de mim

— E muito. Quero abrir-vos o meu coração.

O veterano, que servira de guia, afastou-se discretamente. Os dois homens, sem mais testemunhas, conferenciaram por muito tempo e se fizeram reconhecer. O conde de Langeais, pela primeira vez, revelou a um estranho todos os segredos da su'alma. E porque, não? .. Si este sacerdote fôra uma das vítimas do facinoroso príncipe d'Arlemont; o clemente ministro que ouvira as últimas confissões da esposa daquele monstro, quando moribunda; o intemerato presbítero que unira o conde de Langeais á desventurada Heloisa, pelos laços indissolúveis do matrimónio! .. O padre Rochetaille escutou-o compadecido; a sua alma era nobre; aquele ancião não conhecia a vileza, e portanto, praticaria sim-

plesmente o bem. Terminou a entrevista, dizendo :

— A tua história é um segredo, e o segredo é inviolável para mim. Ninguém será capaz de me o fazer revelar, sem que primeiramente o ordenes. Agora ouve também : desterrado para Argel, escoaram-se trez anos no sacrificio da minha própria vida ; preguei a religião do Crucificado, e entre aquelas hordas não encontrei um selvagem que fôsse tão bárbaro como o príncipe d'Arlemont. E' certo que bem poucas palavras foram aproveitadas ; mas, resta-me o prazer de que a idéa de Deus subsiste na crença daquele povo. Viajei pelo Egito e vi grandezas que amesquinham o homem. Quando embarcava em Damietta, para saltar então na terra em que soffreu um Deus, — disposto a chorar sôbre o sepulcro do Redentor do mundo, nessa Jerusalem que o Tasso purificou de estrofes —, veio uma tempestade e açoitou-me com violência até S. João d'Acre. Escapei com vida, e portanto, restava-me tudo. Fiz a desejada peregrinação, e a minha alma se encheu de paz. Abandonando a Ásia, demandei a Itália, cujas aldeias percorri, — sentindo a palavra veemente e forte. Si as saudades da França me comprimiam o peito, eu corava, recordando que a pátria me baniu do seio, como outrora se fazia com um cidadão de Esparta ou um político romano. Eu receava a cólera do potentado que teve carta branca do meu soberano para a consecução de tão pérfido desterro. Assim penetrei no território germânico ; hoje, as nações se dilaceram, e eu, como o sacerdote do Senhor, levo a sua palavra a todos que exigem uma consolação final, um perdão aos seus pecados. Quando este corpo despenhar na terra fria, o Deus dos affitos que se lembre das minhas preces. Mais contritas ninguem as fará, pois, a hipocrizia não conspurca os lábios do ancião, que tem sabido sofrer.

Calou-se. O conde de Langeais estava consideravelmente pensativo : despediu-se do velho sacerdote e partiu silencioso.





## XLI

### A redenção para o precito

**N**o espaço de seis anos diversos acontecimentos seguiram o seu curso natural. Deram-se, sem grande intervalo de separação : a tomada de Mons, na Bélgica ; as batalhas navais de La Hougue e Cádiz ; a ereção do Hanóver em eleitorado ; a posse de Namur por Luiz XIV em pessoa ; a vitória de Neervinde, alcançada pelo marechal de Luxemburgo sôbre o príncipe de Orange, e a de Marsaille, obtida por Catinat em prejuízo ainda do duque de Saboia ; a instituição da ordem de S. Luiz ; a máquina infernal de Saint-Malo ; a publicação do **Diccionario da Academia Franceza**, o estabelecimento do Banco de Londres e a morte de Joao Sobieski, — fatos, emfim, sucessivos, que a História registrou, porque foram indiscutivelmente célebres.

Era em 1697 e o tratado de Riswick entre a França, a Hispanha, a Inglaterra, a Alemanha e a Holanda, veio restabelecer a desejada paz, que há onze anos fôra desfeita. Uma noite, ao clarão da lua que se levantava no oriente e esclarecia grande parte do hemisfério, dois militares bateram ás portas do castelo de Narbonne. O velho porteiro estremeceu de júbilo e soltou um grito de admiração : tinha reconhecido ambos.

Em poucos minutos foi o castelo transformado numa verdadeira Babel ; o conde de Langeais e Perriquet Van

der Helst eram os dois oficiais chegados. A mãe daquele precito, apanhada de surpresa e dando com os olhos num filho, ausente, há nove anos, — principiou a rir como os loucos e terminou chorando. Ivette saudou os dois irmãos, mostrando-lhes trez crianças, trez filhos que se tinham constituido a alegria do lar. Quanto a Eugénia de Calabre, já era na eternidade.

Depois que os guerreiros cearam, quiz o dr. Fabre que no recesso da familia eles confiassem todo o segredo, e voltando-se, então, para Ricardo de Langeais, lhe disse :

— Agora satisfaze a nossa curiosidade ; principia a dizer-nos as tuas aventuras.

— Vou inteira-los de tudo. Não é preciso renovar os pontos capitais, porque a minha carta, remetida de Viena, expoz o necessário. Começo declarando-lhes, que posso viver descansado e andar impunemente, porque já sou cidadão : o carrasco perdeu o direito sôbre a minha cabeça.

— Mas, como foi isto ? . . interpeleu a velha condessa, com um sorriso de ventura.

— Um sacerdote foi o meu anjo da guarda. O padre Rochetaille, aquele que celebrou as minhas núpcias e foi desterrado para a África, — tive a dita de encontrarlo na tenda do soldado, sob as ordens do meu segundo general, o príncipe Eugénio. Confessei-lhe tudo ; ele transformou-se no protetor acérrimo. Hoje, por transferência de corpos, sou coronel de hussardos e Perrique é capitão. Devo ao bondoso sacerdote a maior parte desta graduação. Quando, pelo tratado de Riswick, tinha de terminar a guerra, o padre Rochetaille foi á presença de Leopoldo I e contou-lhe a minha vida. O imperador interessou-se por mim e pediu a Luiz XIV o meu perdão. Eis como fui restituído ao lar. Compete-me, agora, libertar o carcereiro de Nimes e que foi condenado pelo meu delicto : si ainda vive, eu o tornarei feliz.

— Lembras-te do que eu disse, quando em Marselha, abandonavas o porto em demanda de Nápoles ?

— Recordo-me, Fabre!.. Tu disseste : « Parte, César de la Vega! .. Sufoca o teu pranto e apaga as nódoas do passado, para que um dia voltes ao conchêgo da família e possas beijar as mãos de tua inconsolavel e desgraçada mãe. Tua irmã fica chorando. As suas lágrimas hão de lavar a mortalha que te envolve. Tens um irmão contigo ; faze por vencer as lutas da tua alma, que ainda poderás gozar ». Estas palavras, meu caro amigo, retiraram-me no peito ; abalaram todas as fibras do meu coração e eu viajei para sufocar o pranto. Sufoquei-o ; mas, si soubesses o que me tem custado!.. Fazer com que uma lembrança morra, é combater os céus... E' mais fácil esquecer o nome de Deus, risca-lo do livro da sua alma, do que condenar ao olvido uma recordação que nos custou uma taça de amarguras, um rio de lágrimas. Por entre o fuzilar da espingardaria e o ribombar dos canhões desapareceu aquilo que se constituiria a minha ficção.

— Então esqueceste aquele amor maldito?! Ja te posso contar como o filho regenerado?... inqueriu a condessa de Langeais.

— Não o classifiques deste modo, bôa mãe! Esse amor foi o que tive de mais puro na minha vida. Sem ele, eu seria feliz ; mas, há venturas, em cujo perfume bebemos lentamente a morte da consciência. Sôbre esse amor condenado á miséria, ja chorei o bastante ; pela fôrça de vontade compreendi que chegara o tempo de emudecer e dedicar afetos aos que me são caros tambem... e assim voltei os olhos, compungidamente, para os esquecidos.

— Isto serve. Agora posso morrer contente.

— Não te lumbres da morte ; precisas viver para mim.

— O futuro a Deus pertence.

— Justamente... e sôbre ele roguemos ao Criador.

— O' céus! Ja estás católico?! Será possível?!

— Não estou católico : apenas tolerante e mais sensato

Fabre de Liancourt, que se conservara calado, interrompeu o diálogo :

— Esquece a religião ; fala-me sobre a duquesa de Pádua, — a vingadora de Laura de Provins.

— Sim ; é melhor... concordou Ricardo de Langeais... Aquela fidalga !.. Emfim, Deus que se compadeça da sua alma. Há trez anos foi acometida de variolas, e morreu em Viena. Estive com ela nos últimos momentos. Sempre a mesma vida : dissoluta, escarnecendo de tudo, sem atenção ás misérias do próximo. Comtudo, os seus derradeiros instantes foram consagrados á religião : expirou abraçada com um crucifixo. Acompanhei-lhe o enterro que todos evitavam.

— E nunca souberam ter sido ela quem concorreu para a morte de Gioberti ?

— Nunca. Competia-me guardar o segredo. E depois, justiça de Florença e nada, equilibram-se !..

Ivette, que ja não suportava a mudez e tambem queria dirigir perguntas, falou vivamente :

— Que é feito do príncipe d'Arlemont ?.. Continúa na Bastilha ?

— Ignoro. Talvez ja tenha morrido, embora eu saiba de pessoas que viveram longos annos na prisão.

Fez-se um pequeno silêncio, parecendo que todos meditavam. Ivette, de olhar suave e quasi distraído, preocupava-se em afagar a cabecinha loura do filho mais novo, o simpático Artur ; a condessa-mãe não se cansava de fitar o semblante daqueles dois proscritos. Ricardo tomou novamente a palavra, para dizer a Fabre :

— Tu te recordas ainda de Josefa Pinine ?

— Porque, não ?.. Queres aludir áquella criança, por quem te enfeitiçaste, com um só dos seus olhares, tão cheio de inocência e de candidez etérea ?

— Adivinhaste... Aquella criança !.. Comigo existe uma espécie de pressentimento.

O médico sorriu ; desvendara a suposição do cunhado.

— Mudemos de assunto... disse logo... Queres ? Irei executar na flauta alguma sinfonia moderna. Seria até mais aprazível, que festejássemos um dia tão soberbo, com um ruído sarau.

- Nós o daremos. . . confirmou Ricardo de Langeais.
- E eu farei os convites. . . acrescentou Ivette.
- Magnífico ! . . Comecemos o bailado. . . Fabre ! vai buscar a flauta.

E todos ficaram á espera. O médico trouxe o instrumento de Frederico II da Prússia, e desferiu os primeiros acordes. Aquilo parecia um gemido da alma ou um trinado plangente nas várias modulações. Naquela harmonia ocultava-se um mundo de grandezas. Quem não adora a música, si ela interpreta a modalidade do espirito? Quem não se sensibiliza ou estremece ás vibrações da harpa, que se distende em consonâncias misteriosas? . . Quem?! . . Entretanto, as exceções existem. As causas fisiológicas, compreensíveis, que ja não admitem um argumento em contrário, — têm os seus antagonistas! . . Quanto mais um fenómeno todo psicológico! Vejamos o que diz a história. Santo Agostinho não cria nos antípodas e mofava de quem os imaginou! . . Ria-se este grande homem, uma das colunas da igreja cristã, expondo-se a que hoje qualquer menino de escola se ria á sua custa. Si S. Agostinho externou tanta fatuidade num caso positivo, o que não terá dito de absurdo nos intrincados da teologia?! Portanto, S. Agostinho, Orígenes, Latâncio, S. Paulo e outros comungam no mesmo banquete dos enganos.

Tambem temos visto o contrário. Não foi preciso que Cristovam Colombo descobrisse a América, para diversos sábios compreenderem e admitirem a esfericidade da Terra. Assim há de tudo. . . Estamos convictos que seria mais fácil encontrar povos sem a minima noção da existência de Deus, do que seres racionais que antipatizem absolutamente a música. Pelo menos o filósofo Helvécio, no seu livro **Do Espirito**, afirmava que a idéa de Deus não subsistia na crença de inúmeros povos, o que é um grande exagêro do escritor, e por isto nos servimos apenas do conceito, para uma comparação.

Há pessoas completamente pobres de sensibilidade, assim como o excesso de sentimentalismo prepondera

em outras. Contam que uma velha, bastante rica, cifrava todo o seu prazer em ouvir as valsas de Strauss. Estando prestes a morrer, ditou o seu testamento, pedindo dispensa de funeral, e sim, no entêrro, a execução daquelas músicas, que, por tanto tempo lhe fizeram a embriaguez da vida. Strauss foi inteirado da última vontade da melomaniaca e sensibilizou-se : pegou no violino e quiz ele mesmo dirigir a orquestra. Partiu o prês-tito e o maestro tangeu o arco pelas cordas da rabeca. Aquilo foi de um efeito maravilhoso ! . . . Todos os convivas desse cortejo lúgubre principiaram a chorar ! Jamais funeral algum influiu com maior fôrça no coração humano. . . Comtudo, não faltaria alguém, que, nessa ocasião, amaldiçoasse Strauss e então dissesse : « A tua sinfonia é um monstro ». O mundo é composto de tudo.

Fabre tocou até muito tarde. Ivette garganteou um vilhancete em castelhano e Ricardo fez ouvir uma trova em baixo alemão. Quando resolveram dormir, eram mais de quatro horas da madrugada. E Perrique, abrindo uma das janelas do castelo, fitou a lua cheia que descambava para o ocidente, aspirou a briza da noite e recolheu-se algum tempo depois. Acomodando-se no leito, adormeceu a sonhar que continuava na Alemanha, batendo-se ferozmente na guerra.





## XLII

### Deixou o mundo, sem saber porquê!

**J**OSEFA Pinine, a pobre camponesa que agasalhou o conde de Langeais quando escapou das garras da polícia e fugitivo do túmulo, — fez de Amélia. a criança enjeitada —, o legítimo encanto da sua vida. Hoje que a filha sem pais conta 13 anos de idade, e apesar de todo o esmero, é uma donzela sem acurada instrução, — lembrou-se Josefa Pinine do seu futuro. Queria dar-lhe os primeiros rudimentos, mas, não encontrava os meios; tudo lhe era escasso. Lançou as vistas para o mosteiro de Nimes. Só ali a infeliz rapariga poderia receber uma sombra de educação, um princípio de sabedoria.

Amélia era criada como a filha das montanhas. Saltava pelos rochedos; corria atrás das côrças; perseguia as borboletas; saudava o sol nascente; banhava-se na correnteza dos regatos. Era obediente, simples, adorava a mãe que conheceu e desconhecia o que fôsse amor. Entoava uma canção campestre com a sua voz argentina, e sorria em face da natureza. Colhia as flores do prado: tecia com elas uma grinalda e adornava os seus cabelos louros. Mergulhava o olhar profundo na contemplação do infinito, e aquele céu azul não lhe embaciava a côr dos olhos cândidos. Trazia ao pescoço uma cruzinha de ouro, e ás horas caladas da noite, quando se acolhia ao nívio leito, osculava aquela reliquia e mental-

mente fazia as suas orações. Afóra sua mãe, esse crucifixo e as faces das crianças que encontrava, jamais dera outros beijos. Aqueles lábios eram vírgens. . . A prece mais santa é a que parte dos lábios de uma jóven casta; si essa invocação tem algum merecimento para Deus, de nenhum modo ele a pode repelir.

A velha, mirando a pupila, sentia um certo entusiasmo! Parece que si um dia a visse expirar, morreria também, estrangulada pela angústia. . . E amando-a desta fôrma, viu-se um dia na contingência de separar-se de tão desvelada virgem. Chorou em silêncio, primeiro que lhe revelasse o seu plano, e fazendo das tripas coração, chamou-a de parte e disse:

— Amélia, meu anjo! vou propor-te uma coisa. . .

A donzela fitou-a e se poz a sorrir. Josefa Pinine sentiu-se desarmada: aquele olhar fôra bastante para aniquila-la. Depois sacudiu a cabeça em sinal de resolução.

— Não; para que subterfúgios? . . acrescentou, muito pálida. . . Sabes, Amélia! tu me vais deixar! . .

— Eu, mamãe?! . . gritou a rapariga, com uma espécie de gemido, arrancado do íntimo d'alma.

— Sim; tu, minha filha.

— Será possível?! . . Para onde? Queres que tua filha abandone este ninho, que, por tanto tempo, lhe serviu de alívio ás suas infelicidades?

— E tu és infeliz?!

— Sim; desde que me disseste ser eu a virgem sem pais. Creio que minha verdadeira mãe não me depoz na face o beijo do amor inviolável; fui esquecida á margem de uma estrada, e já os cães se preparavam para fazer de mim o seu banquete! . . Mas, tu me encontraste, recolheste-me ao albergue da miséria e me deste o teu carinho. Tendo isto, tornei-me venturosa. Entretanto, quando devia gozar, tu me queres fazer desgraçada! . . Dize, pois, qual o teu desígnio! . .

— Cala-te, filha! não sabes o que dizes. Precisas de instrução; a mulher ignorante como eu, vive para a fatalidade. Dia virá em que desabroche na tua alma casta



a semente do amor. Sem a luz da consciência serás uma mulher destinada simplesmente a criar meninos, sem outro auspício. Portanto, irás para o mosteiro de Nimes; lá receberás a necessária educação, e no fim de quatro anos poderás olhar o mundo, sem que o assombro te faça curvar de envergonhada.

— As tuas palavras são santas, mãe Josefa; elas dizem o que há de real... mas, fica sabendo: custa-me tanto separar-me de ti!.. Abandonar os bosques, desprezar as flores, esquecer as borboletas, não mais contemplar a lua cheia!.. Vê: acodem-me as lágrimas... .

— A tua dor não será superior á minha. Quero falar-te com a voz da razão: é muito bela a vida inocente que desfrutas; mas, crê: ela não vale a pena!.. Aqui, a mulher se materializa, e o mundo é um poço de podridões. Para que a mulher o possa evitar e não se chafurde na sua lama, é indispensavel conduzir uma lâmpada e bem acesa. Ao passo que no convento, vais conhecer a Deus.

— Ninguém o conhece melhor do que eu. O Deus que eu adoro, nasceu comigo, formou-se no meu coração. E' um Deus boníssimo, que perdôa os desgraçados e consola os aflitos. Todas as noites eu rezo, e ao beijar o meu crucifixo, sinto que a minha alma se inunda de luz.

— Não; tu só tens vagas noções. Entre as tuas irmãs irás conhece-lo e adora-lo com mais sabedoria. Deus aparecerá aos teus olhos, mil vezes mais radiante.

— Então impequemos a crença. Si a minha crença imaculada pode mudar de fórmãs, não vale extasiar-se o infeliz em loucas contemplações.

— Que modo de exprimir-se!.. Obedece á tua mãe; dá-lhe este prazer, pois ela, sentindo-se á borda do túmulo, quer conceder-te um mimo. Essa dádiva é a instrução. O padre mestre, o meu confessor, aquele mesmo que te ouviu ultimamente em confissão, foi quem me aconselhou que eu te devia recolher ao convento. Pintou-me os horrores do inferno e o quanto é criminoso um pai que cria os filhos na ignorância de Deus. Tremi e disse-lhe então quais as minhas condições de po-

breza. Ele ofereceu-se para cuidar da tua admissão no mosteiro de Nimes, e hontem, quando fomos á missa, ele declarou que eu te poderia levar.

— Bem, mamã! irei para o convento. . .

— Então, apronta-te; dispõe o coração, que é amanhã

— Estou conformada.

Josefa Pinine curvou a fronte e principiou a chorar; Amélia fugiu-lhe da presença e foi trepar-se num rochedo, que ficava por traz da cabana. A lua cheia ia surgindo; a filha das campinas suspirou e disse com a voz encortada de soluços:

— Adeus, montanhas azuis! eu vou partir! . . Nunca mais ouvireis o cántico solene da camponeza, que fez dos prados o leito dos folgares! . . E vós, ribeiros plácidos, podeis deslizar as vossas águas cristalinas, que o meu corpo se deixa de banhar na vossa correnteza! . . Cantai, avezinhas da floresta, e que o vosso gorgueio seja saudoso, porque a vírgem risonha não mais vos secundará com a sua melodia! . . Borboletas e flores, estrelas que scintilais na abóbada do firmamento, adeus pela última vez! . .

E desceu do rochedo, com a fronte pendida para o seio, comprimindo o coração, contando os passos como quem mede uma viagem, e seguiu o caminho de casa. Uma viração suave soprava do nascente. As árvores balouçavam. Deitou-se cedo e não poudo dormir toda a noite, por mais que se esforçasse. Ergueu-se do leito pela madrugada; os olhos lhe ardião e estavam injetados de sangue. Josefa Pinine veio encontra-la e beijou-a na testa: a donzela conservou-se sempre triste.

— Estás preparada, minha filha? . . perguntou a velha.

— Sim, mãe. A filha dos bosques está resignada. Por maior que seja o golpe, eu o suportarei. Já fiz a minha despedida, e do alto daquela penha louvei a natureza.

Assim falando, ela apontou para o lado em que ficava a rocha.

— Mas, vejo-te tão melancólica! . .

— Há lábios que sorriem até certa época e emudecem

depois. Julguei que a minha verdadeira mãe fosse um ente tão desnaturado, que nem sequer me beijou a face ao separar-se de mim ; mas, agora estou convicta que ela deve ter sido muito desgraçada.

— Porque dizes isto ?!

— Porque esse véu da fatalidade me deve ter vindo por uma herança maldita.

— Deixemos estas coisas de parte ; acompanha-me.

Amélia que estava vestida de branco, atirou aos ombros uma mantilha, tão pobre como a sua pessoa, e seguiu Josefa Pinine. Quando chegaram á portaria do mosteiro, a velha pegou da aldraba e a fez soar com força. A porteira apareceu. Eram conhecidas antigas. Josefa Pinine foi apresentada á madre Tereza e esta aceitou Amélia com o maior prazer. A despedida, que se efetuou entre mãe e filha, foi das mais compungentes. Ambas choraram bastante, e Josefa Pinine prometeu aparecer duas ou trez vezes por semana, conforme as saudades lhe comprimissem o coração.

Por uma casualidade, a cela que pertencera a Heloisa d'Arlemont, estava devoluta na ocasião e Amélia foi ocupar o número 12. Ainda o mesmo crucifixo, a mesma imagem da Virgem á sua esquerda estavam pregados na parede. A mesma barra de ferro para servir de leito ; o mesmo cubículo escuro, com uma janelinha junto ao tecto !.. Amélia, penetrando nesse túmulo, assombrou-se ; deu um grito de pavor e caiu sobre a barra.



### XLIII

#### O horroroso não muda de face

**D**EZ anos tinham decorrido que a porta de um cárcere se batêra, para encerrar no ventre a figura imperiosa do príncipe d'Arlemont. Os grandes também curtem os seus dias de miséria. Não é somente o homem do povo quem vai padecer no fundo de uma masmorra; muitos potentados têm desaparecido ao gesto dos soberanos, que argamassam o seu prazer com o tormento dos servidões. Foi assim que Calistenes, conduzido numa gaiola de ferro, por ordem de Alexandre Magno, acabou finalmente assassinado.

Luiz XIV precisava castigar os crimes do príncipe d'Arlemont, embora já fôsse tarde, pois um dique aos desmandos governamentais devêra ser op' s o em comêço; mas, a fórmula de punir, empregada pelo filho de Luiz XIII contra o bandido provençal, foi outro crime não inferior aos atentados do réu. Encarcerar um homem; condena-lo a uma prisão perpétua, sem instaurar-se ao menos um simulacro de processo, — é o que há de escandaloso! O príncipe d'Arlemont merecia uma cadeia; mas, onde expiasse como um galé, gozando dos direitos de calceta, podendo comunicar-se com o mundo, servindo de exemplo aos outros criminosos. Entretanto, gemendo ele no antro da Bastilha, não era mais do que o condenado-vítima, ali recluso para saciar somente a

côlera de um rei. Enfim, pesemos os fatos. . .

Quem concorreu para a queda do príncipe d'Arlemont? O próprio Luiz XIV. . . Si ele não lhe confiasse atribuições tão amplas; não lhe concedesse um predomínio tão absoluto, — jamais que o príncipe caísse em revoltantes crimes. Além de tudo: Luiz XIV, enviando o seu comissário a uma prisão, não olhou para as monstruosidades praticadas por ele, mas sim, quiz favorecer apenas á viúva Clisson, que se lhe rojara aos pés. E o rei de França, em face da amizade, foi um ingrato requintado. O príncipe d'Arlemont, apesar do instinto feroz, sacrificou-se, afim de contentar o amo. O neto de Maria de Médicis foi traidor, abusou da confiança que o vassalo lhe depositava. Procedeu como certas autoridades, que no intuito de realizarem uma captura, convidam a vítima para uma entrevista!

O espírito também se cansa. Há a moléstia da alma, e quando a enfermidade chega ao máximo, não existe médico que a possa debelar. E' o que se dava com Alberto d'Arlemont: só a liberdade o faria recobrar as forças dissipadas. No seu cérebro doente esvoaçavam mil idéas, cada qual mais extravagante. A lembrança da filha enclausurada jamais o abandonou. Si ele pudesse voar até ao mosteiro de Nimes e encontrasse a sua vítima, mesmo nos estertores, dar-lhe-ia imediatamente a liberdade, e cremos, que após o ato, morreria satisfeito.

Precisou sofrer para avaliar a intensidade da tortura. Maldizia o rigor de todos os déspotas e lembrava-se que tóra um deles. Olhava para os carcereiros com um ódio de possesso, e reprimia um gemido de dor. Esses homens da Bastilha, apesar de alguns serem outros tantos presos, não se compadeciam das desgraças do semelhante; procuravam agradar unicamente os guardas e o governador da fortaleza; reproduziam bem aquele papel de Fúrias, que Virgílio pinta, quando fala no tenebroso Tártaro. O príncipe d'Arlemont ocupava uma célula na torre de *La Berthaudière*. Um dia foi levado á missa; mas, assistiu-a com tanta privação, que não

mais se sujeitou a essa torpeza. Metido numa espécie de armário, que apenas tinha uma pequena abertura, por onde mal podia observar o padre, — corou de vergonha e verteu lágrimas de desespero. « O preso, segundo define Linguet, mesmo ao pé do altar de Deus, sente-se aviltado. Esse infeliz nem sequer se atreve a olhar fixamente a imagem do Crucificado. »

D'Arlemont teve desejos de confessar-se, mas notou que o sacerdote pronto a receber-lhe as queixas, era um servo ás expensas do Estado, e por conseguinte não merecia a menor confiança. Assim renunciou mais uma vez a cumprir esse dever de católico. Por diversas vezes mandou Alberto d'Arlemont chamar o governador á sua célula ; este veio e ouviu-o com indiferença. O príncipe impetrou o consenso de ter na masmorra um pouco de tinta, uma pena e algumas folhas de papel, afim de escrever os seus apontamentos. Isto lhe foi negado. Implorou-lhe, ainda, que conseguisse de Luiz XIV o seu perdão ; o severo governador nada respondeu. Doutra vez revelou-lhe que tinha uma filha encerrada no mosteiro de Nimes e que só poderia sair de lá com uma ordem verbal ou por escrito ; e assim, em vista do exposto, queria, dado o caso que ainda vivesse, prestar-lhe esse benefício, assinando a carta de liberdade. O governador riu-se e nada lhe cedeu do que era pedido.

Uma noite foi o potentado da Provença acometido de uma cengestão cerebral ou coisa semelhante. Antes de se declararem todos os efeitos, gritou por socorro, ergueu-se do leito, bateu na porta de madeira, com quantas forças possuía e por fim rolou no pavimento, sem que recebesse o mínimo auxilio ou alguém lhe falasse. Quando lhe abriram a porta do cárcere, era manhã, e ele jazia estendido no soalho, sem o menor sinal de vida. Até a côr dos cadáveres se lhe tinha estampado na face ! Veio o médico, prestou-lhe alguns curativos, e talvez para maior tormento, o desgraçado príncipe ainda escapou da morte. Entre ele e o mundo fecharam-se todas as comunicações.

O deploravel encarcerado não sabia o que se lhe passava embaixo dos pés, nem por cima da cabeça ; ouvia apenas o gemido das vítimas que ali tinham a mesma sorte. Não passeava no jardim ; comia miseravelmente, recebendo um alimento mau e sobretudo parco ! Além de rir muito pouco, tornou-se excêntrico, dentro daquele aljube. Não sorria nem falava, salvo quando se via instigado pela necessidade, e mesmo assim, ele se mantinha sorumbático.

Por uma tarde, em que o menor rumor não lhe alterava a solidão do cárcere, viu ele o governador apresentar-se á grade da prisão. D'Arlemont levantou-se. O governador olhou-o, silencioso, por alguns instantes e então lhe disse :

— Porque emudeceste ? Já não te servem esses gemidos, que fazias soltar do peito ; essas palavras que te escapavam dos lábios ? ! O teu orgulho se esvaiu ou guardas a vingança para amanhã ?

— Não insulteis ao desgraçado ; respeitai a sua agonia, e vêde que a impureza da alma também desaparece á força dos embates da sorte. Quereríeis que eu gemesse ainda ; implorasse em vão aos homens despidos de misericórdia e que zombam, quando lhes digo que sofro ? . . . Breve chegará o termo dos meus dias ; já cinquenta anos se escoaram, e eu desço pesadamente ao tóssio que me espera.

— Tens direito a um mausoléu ; tu és um príncipe.

— Agradeço. Fui mau ; mas, deveria cumprir os meus trabalhos como homem e não como fera. Comtudo, as feras gozam do ar livre ; são visitadas pelos curiosos ; têm comida suficiente ; são temidas e guardam consigo a esperança de liberdade. E eu ? . . . Condição igual é difficil de descobrir ; ela ficará gravada nas páginas da história. . . e apesar de réprobo como sou, algum literato consciencioso, não sujeito ao despotismo dos grandes, me há de lastimar.

— Admiro como estás mudado !

— Pelo menos ainda me ficou no peito esta nobreza :

reconhecer os meus crimes e verbera-los.

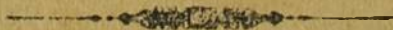
— Sim ; quando ja não há remédio.

— O arrependimento só pode vir depois ; do contrário, não teria este nome.

O governador afastou-se do mesmo modo ; isto é, indifferente, como si nada mais tivesse a dizer ! O príncipe enrugou a fronte e poz-se a olhar, fixamente, o sítio por onde ele desaparecêra, emquanto na alma se lhe aninhava o torpor. Assim esteve por uns cinco minutos, até que estremecendo, como quem acorda de um sonho horroroso, passou a mão pela fronte e monologou :

— Que disse eu ? . . . Oh ! ja não me lembro ! . . . Isto é uma fatalidade ! . . . Assim como o mesmo sol, todos os dias, surge no levante, para ocultar-se no ocaso, sem apressar nem diminuir a marcha, — tambem, no ergástulo de todas as misérias, permanece a minha sorte ! . . . Ah ! si eu pudesse romper as grades que me retêm ! Fugiria então desta furna tenebrosa, iria chorar sôbre a cova dos meus defuntos e tecer uma grinalda para de-po-la na fronte de minha pobre filha ! . . . Sim . . . teceria uma grinalda, com os próprios dedos, sem que custasse uma gota de sangue alheio.

Acabou chorando ! Aquele monstro se tinha transformado em homem . . . E quem sabe, si o homem não chegaria, depois da fereza, ao predicado de santo, disposto a sacrificar-se pelo género humano ? ! . . . Em seguida estendeu-se no leito e ficou quêdo á semelhança de um cataléptico.







## XLIV Grandezas do acaso

**M**ESMO, por um fenómeno fisiológico, foi a consolação respingada no coração humano, para que servisse de lenitivo ás inclemências da vida. Sem ela, poucos sobreviveriam ás dores, que de contínuo gravitam em tórno dos mais insignificantes atos, praticados por nós. Si ela não existisse, o filho carinhoso morreria tambem, após a descida de seus pais ao fundo de uma cova; a esposa seguiria o marido á solidão do jazigo; o amigo iria adormecer no mesmo túmulo que encerra o companheiro dos seus prazeres ou desgraças; o grilheta não suportaria muito tempo uma prisão perpétua; o potentado não se acostumaria jamais com a dureza de uma queda moral! Quando a consolação nos invade o peito, encontra a saudade lacrimosa, que pouco a pouco vai enxugando o rosto e finalmente parte. E assim se succedem sempre os fatos da vida; depois é uma mortalha a receber-nos em suas dobras. . . e para os que ficam, vamos ser a origem de outros tantos fenómenos.

Por esta razão, Amélia, a filha adotiva de Josefa Pini-ne, não se podendo furtar aos decretos da natureza, cedeu ao influxo da agonia e sentiu, depois, que no peito se asilava uma sombra de consolação. Bôa e fagueira, movida pelo espirito da ingenuidade, fácil de amoldar-se ás contingências da sorte, visto ter sido criada como

a menina sem pais e por uma mulher paupérrima, — foi em breve angariando a estima de quantos a cercavam, e deliberou corresponder. Seis mezes depois era um anjo no templo do Senhor ; rezava sem afetação, trabalhava cuidadosamente, distraía-se com reserva. Madre Tereza do Coração de Jesus tornara-se sua amiga, e assim lhe procurou bons mestres, para uma instrução proveitosa. Amélia em tudo progredia. Gozava de confiança no recinto desse mosteiro, onde tudo era suspeito. Penetrava nos mais recônditos aposentos e ninguem se atrevia a perguntar-lhe donde vinha. Desta feição é o mundo : logo que o superior de uma casa protege qualquer pessoa, todos os subordinados se agrupam em tórno do predileto e tratam de adivinhar-lhe as vontades. Amélia era das tais, porque a abadessa lhe estendêra a mão.

A pupila de Josefa Pinine, andando por aqueles longos corredores, acreditou ouvir, em dado momento, uma espécie de gemido, saindo do chão ! Aquilo produziu assombro ; meditou sôbre o mistério... e como fôsse naturalmente corajosa, deliberou investiga-lo. Visitou muitas vezes o mesmo sítio, e sempre o gemido queixoso, aguçando-lhe a atenção ! Amélia avaliou finalmente, que aos seus pés existia um subterrâneo e dentro, alguma vítima penando, em nome da religião. Jurou, consigo, que desvendaria o enigma, sem o concurso de outrem. Principiou a sondar as paredes e o solo, para ver si descobriria alguma porta secreta. Nesta pesquisa divulgou um botão de ferro incrustado na parede. Um sorriso de alegria lhe assomou nos lábios. Ia calcar sôbre a mola, quando lhe pareceu ouvir passos de alguém que se aproximava, e então fugiu sorratamente. Pela primeira vez, foi dissimulada, pois necessitava saber.

No outro dia, á mesma hora, encaminhou-se para o lugar dos gemidos e acreditou na existência do esconderijo. Precisava devassa-lo. Esperou pela noite e voltou, cercado-se de precauções como o gatuno que fareja um tesouro. Seriam onze horas. Munida de uma lanterna surda, que mal lhe clareava o caminho e fôra surri-

piada de um armário, a virgem divulgou finalmente o secreto botão de ferro e logo o forçou, quasi a tremer: uma porta falsa rodou sobre os quícios e abriu-se aos seus olhos enleados. Amélia ficou indecisa, não sabendo si o melhor partido seria — recuar! Comtudo, impedida pela curiosidade, introduziu a cabeça por aquela abertura e então lobrigou uma escada de mármore.

No interior do subterrâneo vivia alguém. Um grito de espanto, um gemido de dor e de agonia retiniram sob aquelas abóbadas. Esse lamento só podia escapar dos lábios de um ser completamente desgraçado. . . e era o soluço aflitivo, partido do peito de Heloïsa d'Arlemont. Como ainda esta mulher possuia forças para fazer ouvir a sua voz cansada e rouca pelo sofrimento?!..

Amélia não a podia distinguir, pela escuridão reinante em todo aquele tûmulo; mas, ouvira bem e tudo percebêra. Queria retirar a linda cabeça desse lugar sinistro, e uma força oculta parecia rete-la. Não se atrevia a fugir e ainda menos a soltar uma fraze. Heloïsa, cuja vista se acostumara á treva, pode perfeitamente, do seu esconderijo, descortinar o quadro que se lhe apresentava aos olhos. Ouvindo escancarar-se a porta do subterrâneo, julgou que era madre Tereza, para uma das suas hórridas visitas; mas, fitando o semblante da moçoila, convenceu-se do contrário, pois, a mísera cativa tinha diante de si um rosto peregrino, e com certeza, um aspecto tão doce não devia servir de máscara a um coração detestavel. Apesar de completamente relegada do mundo, Heloïsa ainda conservava um resto de reminiscência, e o seu martírio lhe fortalecêra o dom intuitivo. No excelente romance *As duas Dianas* de Alexandre Dumas, há um sofrimento idêntico e ainda mais prolongado: Jaques de Lorges, conde de Montgomery, nos pavorosos calabouços do Chatelet.

Heloïsa, avistando a desconhecida, ficou convicta de que essa virgem, estática á porta do cárcere, não era uma mulher indigna, nem semelhante á maioria com quem ela sempre tratara nos seus grandes dissabores.

Assim imaginou e creu. Tinha-se erguido do leito de palhas e recuado até ao fundo do subterrâneo, para se pôr na defensiva, si fôsse atacada ; mas, em seguida, após o arrazoado e num momento lúcido, avançou para a escada de mármore. Junto a ela, exclamou :

— Quem quer que sejas : anjo ou demónio, mulher ou deusa, descerra esses lábios e presta o socorro necessário á minha alma morta. Não ; debes ter alguma coisa de divino. Não é possível que através da máscara do rosto procures ocultar um instinto de carrasco. Sabes ? Segundo a afirmativa da mulher feroz que aqui me encarcerou, ( pois, ignoro si existe mundo ! ), há quinze anos habito esta caverna infecta, onde somente se respira a morte. . . Mas, é mentira : quinze séculos decorreram !

— Grande Deus ! . . obtemperou Amélia, compungida e pasmada. . . Será verdade o que me dizes ? ! Por acaso não estarei emaranhada num terrível sonho ? O que os meus olhos vêem, é realmente uma vítima, perseguida pela mão do crime, encadeada pelos ferros do fanatismo ? . . Vives ainda ou és um espectro a adejar sob estas abóbadas sombrias, onde parece não ter penetrado uma alma compadecida ? . .

— Sim ; eu vivo. . . mas, o espirito morreu desde muito. Desce por esta escada carunchosa ; vem sentar-te comigo no último degrau deste mármore enegrecido, e escuta, por piedade evangélica, o cántico da dor.

Amélia estava sucumbida por um lado, enquanto, por outro, adquirira forças sobrenaturais. Por uma compaixão sublime, uma curiosidade ingénita, voltara-se completamente para aquela mulher, condenada a ser o cofre de todos os sofrimentos. Heloisa era um esqueleto ; a luz da lanterna, batendo-lhe de chapa no rosto esca-veirado, fazia transparecer toda a sua palidez. A prisioneira, sempre envolta pelo véu das trevas, não podia fi-tar com estabilidade os raios daquela luz amarelenta, que espargia também um pouco de sombra. Pela vista sarapantada, Heloisa devia estar sofrendo das faculda-des mentais. E Amélia avançou com ânimo : transpôz a

porta do subterrâneo ou antes aquela simples abertura, e desceu a velha escada de mármore. O seu porte tinha a garbosidade de uma ninfa.

Heloïsa d'Arlemont, em baixo, no húmido sopé, esperava-a com sofreguidão. Uma vez que Amélia se lhe aproximou, caíram nos braços uma da outra, como duas irmãs que se desejam ! Heloïsa chorava de contentamento ; Amélia tambem o fazia, mas, compelida de angústia. A filha de Josefa Pinine, enlaçando Heloïsa, julgava estreitar a haste de um vime. A princeza de outrora se mostrava nua, dentro desse cárcere pavoroso e imundo. Os cabelos esqueléticos e em desalinho, as unhas crescidas, a tez coberta de lodo e os seios batidos de miséria, vivificavam tão somente uma figura deploravel. Mas, Amélia tinha um coração de santa e não se cansava de amenidade. Chegou a beijar aquele cadáver ambulante e ungiu-lhe a face macilenta com lágrimas de fogo ! . . . Heloïsa aspirou todo esse perfume de castidade, de sedução angélica, e sufocada pelos soluços declamou :

— Choras, minha filha, pela mulher martirizada ! Pois bem : senta-te comigo ao pé desta escada e ouve o que te vou contar. Hás de estremecer a cada fraze que me fugir dos lábios ; mas, tem um pouco de coragem e sabrás revelações, que jamais ouviste da bôca de um mortal.

As duas mulheres sentaram-se. A porta do subterrâneo ficara aberta e a lanterna surda pousava ao pé das confidentes. Um silêncio lúgubre enchia todo o espaço. Amélia não se fartava de analisar o semblante de Heloïsa d'Arlement, e esta, pensativa como a filha da desdita, permanecia muda e de olhos perplexos.

Corramos um véu sôbre este capítulo e folheemos o seguinte que romperá o círculo de ferro.



## XLV

### O assombroso em toda a plenitude

**H**ELOISA d'Arlemont queria falar ; mas, faltavam-lhe fôrças e a razão alterada não se vestia de idéas. As reminiscências tresandavam. A triste reclusa acariciava Amélia como se nina uma criança frágil ; prendia-lhe a mão direita no esqueleto das suas. Depois de alguns minutos, sacudiu levemente a cabeça, como quem espanja um pensamento cruel, e fitou a donzela :

— Agora, meu anjo de bondades ! dize-me o teu nome ; consola á minha aflicção que não se estanca.

A enjeitada sorriu brandamente, e triste respondeu :

— Chamo-me Amélia. Fui esquecida á borda de um caminho e festejada pelos cães. Uma piedosa mulher recolheu-me á sua cabana e cuidou de mim.

— Pobre criança que foste ! Quando me passa na mente a idéa de que existem desditosos, abandonados dos pais, subtraídos pela mão do crime, sinto que se esfacela o coração enfermo.

E uma lágrima comburente sulcou o rosto da princeza decaída. Era uma lágrima em memória da criancinha, da filha destituída que lhe arrebataram do colo, quando apenas recebêra o ósculo da maternidade. E continuou, como quem fala ás estrelas :

— Amélia ! .. lindo nome que exprime um conjunto de harmonias. A tua face rubicunda ; essas lágrimas a bri-

lharem na concha dos teus olhos; esse sorriso, enfim, que te purifica o lábio, traduzem a sinceridade da tua alma virgem. Nunca amaste. . . não é, minha filha?

— Sim; nunca amei e tenho amado muito. Si o amor significa o abraço irresistível de dois corpos que se atraem, não sei o que é amor; mas, si o amor é o transumpto de uma alma, que se abstrai em contemplações etéreas e vive para a divinização do ser que adora, tenho amado muito. Cifrei a minha ventura na apoteose do bem, na abstração do riso, na pureza do meu peito.

— Melhor um pouco. Mais me convenço que desceste do empírio para escancarar a porta do meu cárcere e conduzir-me ao paiz da luz. Bem-aventurada sejas; a mão do Deus de misericórdia pouse sobre a tua cabeça e derrame nos teus cabelos louros o óleo da santidade.

— Agradecida. . . sim! . . . balbuciou Amélia, beijando os dedos descarnados de Heloïsa d'Arlemont.

Depois, alteando a voz:

— Confessa-me, porque fizeram deste subterrâneo a tua prisão perpétua! Soluçá sobre o meu peito, que os teus queixumes serão ouvidos unicamente por mim e não os contarei a ninguém

— Esta prisão horrososa; este leito de palhas, tão infecto; este esqueleto que vês recostado ao teu ombro; esta nudez que causa asco e serve de ludibrio, — foram o castigo, porque amei como ninguém. Fui princeza; tive por mãe uma santa, porém, um tigre por pai! Consumi o meu ser na luta de uma paixão exímia e fui condenada, então, pela humanidade em peso.

— Desgraçada que és! . . .

— Sim; desgraçada! . . . Banida pelo sopro da tirania, presenciei o mais negro quadro que os olhos de um mortal podem contemplar. Vi um lago de sangue: meu esposo morto e meu pai representando o papel de sicário. A minha noite de núpcias foi mais fúnebre que o dobre de finados. Minha mãe agonizava; eu gemia ao pé do seu leito, enquanto um padre celebrava o meu consórcio. Quando o orgam soou sob os dedos de Marion de Bezi-

ers, eu possuía um esposo ; mas, aquella que me dera o ser, estavam-na a vestir para o ataúde!.. Ela foi-se e eu fiquei sem alma e sem amor!..

— E teu esposo?.. interrogou a cândida noviça.

— Ai! chamava-se Ricardo, e era um conde, um mancebo distinto. Pecou, porque me quiz; foi desgraçado, porque a minha sina tinha de arrasta-lo ao sumidouro das fatalidades. Emquanto o seu cadáver se constituia a prêsas de meu pai, eu era atirada no fundo deste mosteiro, que logo se transformou na caverna dos inomináveis tormentos. Chorei com desespêro; mas, as minhas lágrimas não comoveram ninguem. .. Fizeram-me professar quando eu sonhava, embora não dormisse. Um frade detestavel perseguiu-me sempre, e porque nunca cedi aos seus instintos brutais, transportaram-me para este subterrâneo sórdido. Uma mulher, com o manto da piedade, ajudou a consumação do grande crime! Queres ouvir o seu nome?.. Aparelha-te para estremecer de horror: chama-se madre Tereza do Coração de Jesus.

— Quê! A minha protetora!.. exclamou Amélia, sem se poder dominar.

— Oh! filha. . . não me digas isto. Foge dessa mulher maldita, como quem se escapa de um cão danado; não te deixes iludir pelas suas lábias, pois elas te corromperão a alma vírgem. A prostituta dos conventos distila dos olhos o veneno da desgraça. O seu coração foi espremido pela mão de Belzebú e só conserva o gérmen das iniquidades. Foge, filha! dessa mulher horrenda. Sob a capa do breviário ella oculta a peçonha da alma cancerosa. Amaldiçoa essa protetora impura, e Deus será o próprio a te coroar de flores.

Amélia ficou extática; Heloisa de cansada suspendeu o curso das invectivas e recaiu numa meditação profunda. A filha de Josefa Pinine puxou a cruzinha de ouro, que se conservava oculta no seio, e principiou a rezar. Aquella revelação, que acabava de ouvir, fez com que o pavor invadissem a su'alma ingénua. A prisioneira ergueu a cabeça e fitou a cruzinha: expeliu um grito de assom-



bro, levantou-se como louca, abriu os braços e projetou um olhar de fogo. Amélia teve medo da transformação.

— Esta cruzinha?! .. interrogou a reclusa num frenesi estonteante.

Depois avançou para a noviça, apoderou-se da reliquia e caiu de joelhos aos pés da donzela, proferindo :

— E' a cruz de ouro, que depuz no pescoço de minha inocente filha! .. E' a cruz de ouro, que Ricardo me deu para comemorar a noite das nossas núpcias! .. Amélia! fala por piedade : donde te veio esta cruz?! ..

— Esta cruzinha... disse a meiga vírgem... foi encontrada comigo, quando, á borda de uma azinhaga, me deixaram aos lobos. A minha mãe adotiva sempre a conservou comigo ; ela significa o emblema da minha fé.

— Será possível que sejas a minha filha?! Dar-se-á o milagre?! .. Neste subterrâneo eu tive uma criança ; essa parte do meu ser me foi arrebatada das mãos pelas garras de madre Tereza. Perto de quinze anos ja decorreram, segundo a afirmativa na mulher-algoz, e a mesma scena se me retrata aos olhos. Minha filha levava esta cruzinha, e si tu a tinhas ao pescoço, és a parte da minha carne, o rebento do esposo assassinado.

Amélia não quiz ouvir mais ; poz-se de joelhos tambem e em vez de orar, chorou. Mas, o seu pranto era sincero, como o que há de mais puro. Cada lágrima daquelas traduzia um poema de máguas ; em si reconcentrava-se um mundo de mistérios. E nesta posição se deixaram estar as duas mulheres, sem que dessem acôrdo de si. Que quadro sentimental : mãe, que no terceiro lustro de agonia encontrava a filha da su'alma ; filha, sem porvir e sem apoio, que descia ao fundo de um subterrâneo para escutar o gemido da sua verdadeira mãe !

— E agora, minha filha? .. tartamudeou a cativa.

— Fugamos, pobre mãe ! Até hoje foste a vítima escolhida ; mas, eu te arrancarei das garras desses monstros. Transporemos os muros deste mosteiro ; iremos pelo mundo afóra como duas peregrinas, e talvez descubramos no coração das montanhas um pouso, que

nos sirva de refúgio. Quem quer que ouça a nossa história, terá pena de tanta desventura e não nos negará socorro.

— Quem sabe?! . . . Eu vivo tão descrente! . . .

— Tem fé nesta cruzinha. Foi ela que nos aproximou, e estou convicta que, nos maiores perigos, fará milagres.

E assim dizendo, a filha de Ricardo de Langeais apresentava a cruz de ouro aos lábios maternos, para que estes a beijassem. Heloisa compreendeu-a e osculou sofregamente a cruz em que o Redentor morreu.

— Bem, Amélia, vamos fugir. Tu decidirás de tudo, e quando soar a hora, vem abrir a porta do meu cárcere.

— Terei forças para tudo. A hora avança; deve passar de meia noite, e antes que a cotovia cante, o sino nos convidará á oração da madrugada. Preciso repousar um pouco; esta scena dissipou-me as energias. Mas, tem fé, pobre mãe: tua filha vela.

— Vai; não desprezes a obrigação. . . e que os anjos te sirvam de guia. . . Não bebas a taça de amargura como a esvasiou lentamente quem te fala.

Amélia ergueu-se. Enxugou as lágrimas que lhe molhavam as faces, e beijou Heloisa d'Arlemont. Apanhou a lanterna e subiu a escada. Trancou a porta secreta, e sempre cautelosa voltou para a cela. Estendeu-se sobre o leito, mas, não pôde dormir. Quando o sino da capella anunciou as matinas, a mimosa vírgem ainda velava. Ergueu-se logo e acompanhou as irmãs.

---



## XLVI

### Nem só os mortos ressuscitam

**D**ECORRERAM trez dias, e a treva da prisão não se dissipou aos olhos de Heloïsa d'Arlemont. A dúvida não mais fugiu, e a má-gua infiltrou-se-lhe no peito, cravando o punhal arguto, cuja lâmina envenenada distilava fel. A descrença tripudiou com o seu cortejo de fantasmas e a última esperança adormeceu no ataúde da fatalidade. Amélia não aparecia para libertar essa mãe infeliz, sôbre a qual se perpetuavam, com o sorriso do escárneo, quinze anos de sofrimentos. Heloïsa ja não chorava, porque não tinha lágrimas, e nem mesmo gemia, porque se tornara insensata. O derradeiro suspiro da sua alma voou nas azas do acaso, conduzido pela bôa filha. Romper a madrugada, tocar o sol ao zenite, descambando depois no horizonte para ceder o passo á noite que se levanta, sem que a esperança faça brilhar no céu da magnitude a estrela do lenitivo, — é o tenebroso que se embuça, para não ser conhecido em face do aflito. E Heloïsa contemplou esta scena durante trez periodos consecutivos. Mil pensamentos fervilharam naquele cérebro afetado, e nenhum deles foi capaz de trazer-lhe a resignação dos mártires. Tudo tem o seu termo; a própria liberdade em excesso não passa de anarquia.

Heloïsa ja não receava por si; comprehendia que, no seu estado, mais alguns dias de tormento nada significa-

vam. Quem está com um pé na sepultura, não lhe assombra a queda de um corpo! Toda a sua agonia voltou-se para a filha: imaginou, e com razão de sobra, que o plano daquela inexperiente fôra descoberto e a essa hora achava-se também reclusa. Depois os pensamentos se foram aglomerando, e todas as torturas possíveis se desenharam aos olhos de Heloisa, vendo-as cruelmente infligidas, com estúpida tenacidade, á bondosa Amélia. Assim angustiada, sem confiança em ninguém, e coibida totalmente de interrogar quem quer que fôsse, ela chegou a rejeitar o mesquinho alimento que se lhe trazia. Delirou; caiu em maior fraqueza; teve pezadêlos.

Nessa terceira noite, quasi impelida pela mão do desespero, a reclusa veio postar-se junto á porta do subterrâneo e applicou o ouvido. Para quem espera, o menor ruído simula a aproximação da coisa desejada. Heloisa estremeceu ao mais simples movimento. . . Entretanto, si ela tivesse consciéncia de si, compreenderia afinal, que todas essas imagens não eram mais que o efeito da mente enfebrecida. Estava absorta numa meditação profunda, quando foi despertada pelo rumor da porta secreta, girando sôbre as couceiras. O subterrâneo permanecia escuro como a própria treva. Heloisa, afeita ao negrume dessa noite sem dia, esperou que alguma réstea de luz viesse aclarar o fundo do sepulcro. Voltou-se para a porta, que lentamente se abriu: uma luz opaca inundou a caverna. A cabeça de Amélia surgiu aos olhos da prisioneira; esta soltou um grito de alegria. Tomou a filha nos braços, e criando força sobrenatural, obrigou-a a entrar imediatamente. A virgem entregou-se aos transportes da filial ternura. Beijava a mãe, sem repugnância: parecia uma criança saudosa.

— Filha! . . disse Heloisa, com soluços na voz... eu te julguei perdida, e juro pelas cinzas de teu pai, que não mais esperava comprimir-te ao seio.

— Tens razão, pobre mãe! Estes trez dias foram trez séculos de perene tribulação, que me passaram na alma. Parece que o dedo da fatalidade se obstinou em desvi-

ar-me de empreza tão santa! .. Mas, venci enfim. Ocupada em trabalhos da comunidade ; constringida pelos olhares indiscretos, — quási não tive um momento de folga. Si alguns me couberam, empreguei-os no útil. Fui ao jardim ; encontrei uma escada e escondi-a entre as ervas, para escalarmos o muro. Numa cela deserta deparei um vestido de sêda ; as traças o estragaram, mas, ainda serve, para quem vive em nudez. Trouxe-o para ti. Aqui tens uns sapatos ; calça-os quanto antes.

Em ato sucessivo, Amélia entregou á cativa um pequeno fardo. Heloïsa desembrulhou-o com avidez, e fitando o dilacerado traje, esboçou um sorriso amargo :

— Ai ! o vestido das minhas núpcias ! Em que estado o vejo, e dolorosamente, porque ainda existe ! .. Foi-me arrancado do corpo e substituído por uma grosseira vestimenta de burel. Não mais o esperava contemplar, e numa ocasião como esta. Assim procedem : rapinam a última veste da infeliz, — a necessária mortalha —, para que as traças se alimentem ! Este vestido não era rico ; mas, para mim, significa tudo. Com ele assisti os derradeiros arrancos de minha mãe ; com ele esposei Ricardo. Que relíquia ! .. Que mundo de recordações ! .. Agora, a minha alma rejuvenesce.

— Basta ! .. atalhou Amélia, sempre carinhosa... A hora adianta-se. O carro do sol não se detem e um raio de luz seria a perdição.

Heloïsa cedeu e tratou de vestir-se. A filha preparou-a o melhor que pode. Cortou-lhe as unhas ; prendeu-lhe os cabelos com agilidade. Quando a prisioneira se dispoz a fugir, — Amélia que já a tinha confortado com um pouco de pão e vinho, passou pela abertura do subterrâneo e recebeu-a do outro lado. Deu-lhe o braço direito e amparou-a com heroísmo, enquanto na mão esquerda conduzia a lanterna, afim de alumiar os escuros corredores. Heloïsa sentia-se tão trôpega que mal avançava um passo. As pernas tremiam-lhe ; os pés inchados pesavam como chumbo. Amélia cochichou-lhe :

— Coragem ! e tudo será vencido.

— Eu a terei, boa filha! . . . A liberdade dá forças.

Amélia, que não queria ser pressentida, apagou a lanterna para caminhar nas trevas. Conhecia muito bem o espaço a transpor e ninguém a viria interromper... tanto mais, acreditando que Deus a guiava na fuga. Cautelosa em tudo, não quiz deixar vestígio algum da sua evasão, e assim ficava trancada, como dantes, aquela porta do infecto subterrâneo. As fúgitivas atravessaram os corredores, sem que a menor bulha as denunciasse; transpuzeram uma galeria e em breve pisaram no jardim. Alguns vapores negros ofuscavam de quando em vez a majestosa lua. Mãe e filha seguiram por um parreiral cerrado, até que deram com o muro do mosteiro. Avançaram mais alguns passos e detiveram-se junto a um ângulo do muro, que, deitando para o campo, seria a salvação desejada. Amélia procurou entre as ervas; ergueu a escada e encostou-a ao lugar escolhido.

A escada não tinha grande peso, e assim Amélia, uma rapariga forte, pela educação recebida, a ponde guindar, sem muito esforço, para o outro lado do muro, logo que Heloisa subira e se escarranchara na parede. Em seguida desceram e viram-se fóra da prisão. Ainda que os muros da cidade ficassem aquem e as fúgitivas se pudessem vangloriar do bom êxito da escalada, comtudo, os perigos se amontoavam... Esse clarão opaco de uma lua cingida de nevoeiros, o brando sópro da viração, o embriagante aroma das flores campezinhas, a vista do Universo tão imponente na sua fôrma, o carinho sincero e meigo de Amélia, — foram bastantes para causar em Heloisa um deslumbramento completo. Extenuada desmaiou. A grama dos campos lhe serviu de alfombra. A vírgem ajoelhou-se ao pé da mãe, e tratou, quanto antes, de fazê-la voltar a si. Seriam duas horas da madrugada: o ar puro, aquele ambiente de luz, concorreram poderosamente para que a sensação da vida tornasse ao organismo depauperado, e um novo sangue lhe girasse nas veias. Heloisa finalmente acordou.

Logo que se viram livres da dificuldade, trataram de

esconder a escada no fundo de uns barrancos, onde os arbustos cresciam verdejantes. A idade juvenil de Amélia e o entusiasmo de Heloïsa obravam prodígios. A donzela deu novamente o braço á sua mãe e partiram para o ocidente, em direção das Cevenas. Caminharam muito tempo ; mas, aquilo era um martírio : deixavam-se arrastar por sôbre as escarpadas pedras, desciam ladeiras íngremes, galgavam montes e tinham, de outras vezes, sob os pés, um areial extenso. Eram obrigadas a parar com freqüência, porque o cansaço de Amélia e a debilidadade de Heloïsa se faziam barreiras infranqueáveis.

Emfim, rompeu a aurora ! Quando os primeiros alcores despontaram, as duas mulheres estavam sentadas na raiz de um sicómoro. Que perspectiva arrebatadora ! Os passarinhos desprendiam gorgeios ; as estrelas eclipsavam-se, e o céu, para o oriente, perdia a côr azul-escura, revestindo-se de luz. O cume das montanhas vizinhas coroava-se de um reflexo rubicundo. Era o sol que se erguia e saudava á terra. . . Heloïsa não se cansava de mirar o quadro da natureza, que se desenrolava nessa hora poética. Ficou enlevada ! Aquele manto luminoso era suficiente para purificar até mesmo a alma de um sicário. Os olhos acostumados á treva fitavam pela primeira vez, após quinze anos, o dilúvio de luz. João Jacques Rousseau tambem ficava absorto ao contemplar a aurora. Enquanto Heloïsa se embriagava com a beleza da madrugada, Amélia aproveitou o ensejo e disse :

— Minha santa mãe ! salvei a ti e me salvei contigo. O meu coração está repleto de satisfação ; mas, um pezar me acompanha e creio que ele será um remorso para o resto dos meus dias.

Heloïsa ergueu a fronte e fitou-a. Nesse olhar mudo havia uma interrogação, que dizia mais do que os lábios.

— Sim, querida mãe. . . continuou Amélia. . . A nossa fuga ja foi descoberta no mosteiro, e a esta hora ele deve estar em revolução. Alguem nos há de perseguir, e no entanto andamos umas duas léguas. E' preciso descobrirmos um refúgio, uma gruta, emfim, onde estejamos

resguardadas dos assaltos. Mas, isto não é tudo. O meu pezar é ter fugido, sem que mãe Josefa, — a caritativa mulher que me criou —, saiba do meu destino. Os juízos, sobre mim, serão muito maus. Talvez mãe Josefa morra de dor! . . Fugir, sem me ser dado inteira-la dos fatos! . . Isto me constrange enormemente.

— Será o menor crime em tua vida. Não importa que o mundo te condene, si estás pura aos olhos da verdadeira mãe e o próprio Deus pesará as tuas ações como um feito de virtudes. Consola-te, Amélia: és forçada pelas contingências da vida. Fraquejas com esta simples lembrança, e eu te pergunto: — Para onde vamos? Qual o nosso destino? Em que porta iremos bater?!

— Não seja isto que te mortifique. Para mulheres como nós, todo o mundo é pátria. Onde houver uma mesa posta, nos darão de comer. O banquete dos pobres sempre é franco para os desvalidos.

— Pode ser que sim. Mas, a verdade é que tenho fome e sede e me sinto desfalecer. Eu, que fui princeza! . .

— Coragem! não esmoreças e venceremos tudo. Levanta-te comigo e encontraremos um ribeiro que nos mitigue a sede abrazadora; no fundo de uma caverna teremos um leito. . . e talvez aos nossos pés esteja o indispensável pão, que tanto fortifica o nobre, como alimenta o desgraçado.

Heloisa ergueu-se... e sua filha lhe estendendo o braço, continuaram de marcha. A misera princeza não podia suportar a jornada: o clarão matutino, progredindo sempre, ofendia-lhe á pupila, e os olhos doíam: já os pés se arrastavam com dificuldade, e pelo exercício forçado, incharam ainda mais, revestindo-se de calos esponjosos, que rebentavam e ardiam como brasas. Ao mesmo tempo a infeliz Heloisa tiritava de frio!

Para o lado direito do caminho, não muito distante do trânsito público, Amélia divulgou uma gruta e logo propoz á sua mãe essa guarida. Efetivamente dirigiram-se para o antro. Um ribeiro serpeava junto á gruta; uma água cristalina e pura lhes estancou a sede. A caverna



era extensa e escura como uma verdadeira masmorra. Tinha o fétido peculiar a todas as furnas, e a sua entrada era oculta por altos castanheiros. Mais favoravel nenhum sítio se pudera dar. As duas mulheres ja não pensavam na desdita : colheram alguns frutos silvestres e eles fizeram a refeição desejada ; em seguida, e no fundo da caverna, adormeceram profundamente. Estavam ao pé de um monte, e quando acordaram, o sol declinava para o ocidente carregado de nimbo. Puzeram-se novamente de marcha, e as mais cerradas trilhas lhes serviram de caminho.

Para onde seguiam estas peregrinas? . . Qual o dedo bemfazejo, que as guiaria, sem entrega-las nas unhas da policia ou dos bandidos, — muitas vezes melhores do que essa senhora do mundo, que sob a máscara do poder, tem conseguido sevar as suas paixões criminosas? Talvez que o Acaso, mas não a Felicidade, se incumbisse de as proteger e levar a um seguro asilo. O Acaso, o deus dos materialistas, em substituição á Providência, — tambem corôa de bom êxito inúmeras emprezas, emquanto a razão filosófica nada criou de salutar aos destinos do homem. A Felicidade é uma espécie de quimera, que, se apoderando do individuo, logra manietá-lo ao poste dos seus caprichos. . . Portanto, vejamos qual a sorte das duas fugitivas ; mas, no derradeiro livro desta trilogia, deste complicadissimo romance, que nos tem custado mais de uma noite de vigílias.

**FIM**

A completar-se no livro  
A GUERRA DOS CAMISARLOS

*Li em*  
*4-928*  
*Orto*



## Índice

I — E' encerrada viva num tûmulo	1
II — Uma notícia mensageira do luto	9
III — Desceu nas águas do Reno	16
IV — O segredo de uma esposa de Jesus	21
V — A resolução de uma cortezã	28
VI — O pacto de dois lúbricos	35
VII — Como o suicídio é necessário algumas vezes	40
VIII — O exílio de um sacerdote probo	48
IX — Um morto que fala	54
X — A leitura de um manuscrito	65
XI — A soberania do despeito	74
XII — Tocando um bandolim pedia esmolas	83
XIII — Parte-se a corrente	89
XIV — De abismo em abismo	94
XV — O contraste do drama	100
XVI — A ave cai no laço	106
XVII — O velho estremeceu de espanto	113
XVIII — Procura em balde desvendar o mistério	121
XIX — Como se propõe um crime	127
XX — O despertar da vítima	134
XXI — Um bispo como alguns outros	141
XXII — O despêro de um desesperado	146
XXIII — Uma revelação tremenda	151
XXIV — Como um usurário abre o cofre	156
XXV — Um quadro doloroso	161
XXVI — Entre os loucos ele estava	166
XXVII — Entre Scila e Caribdis	171
XXVIII — As segundas núpcias	177
XXIX — Todas as illusões se apagam	183
XXX — Um amigo como se deseja	190
XXXI — Ressuscitando, continúa morto	196
XXXII — Uma pilula que nem todos engolem	202
XXXIII — Gente vizinha em terra extranha	208
XXXIV — Como um poderoso treme	215
XXXV — Uma porta que se bate	222
XXXVI — Insaciavel como as hetairas	228


## O MOSTEIRO DE NIMES

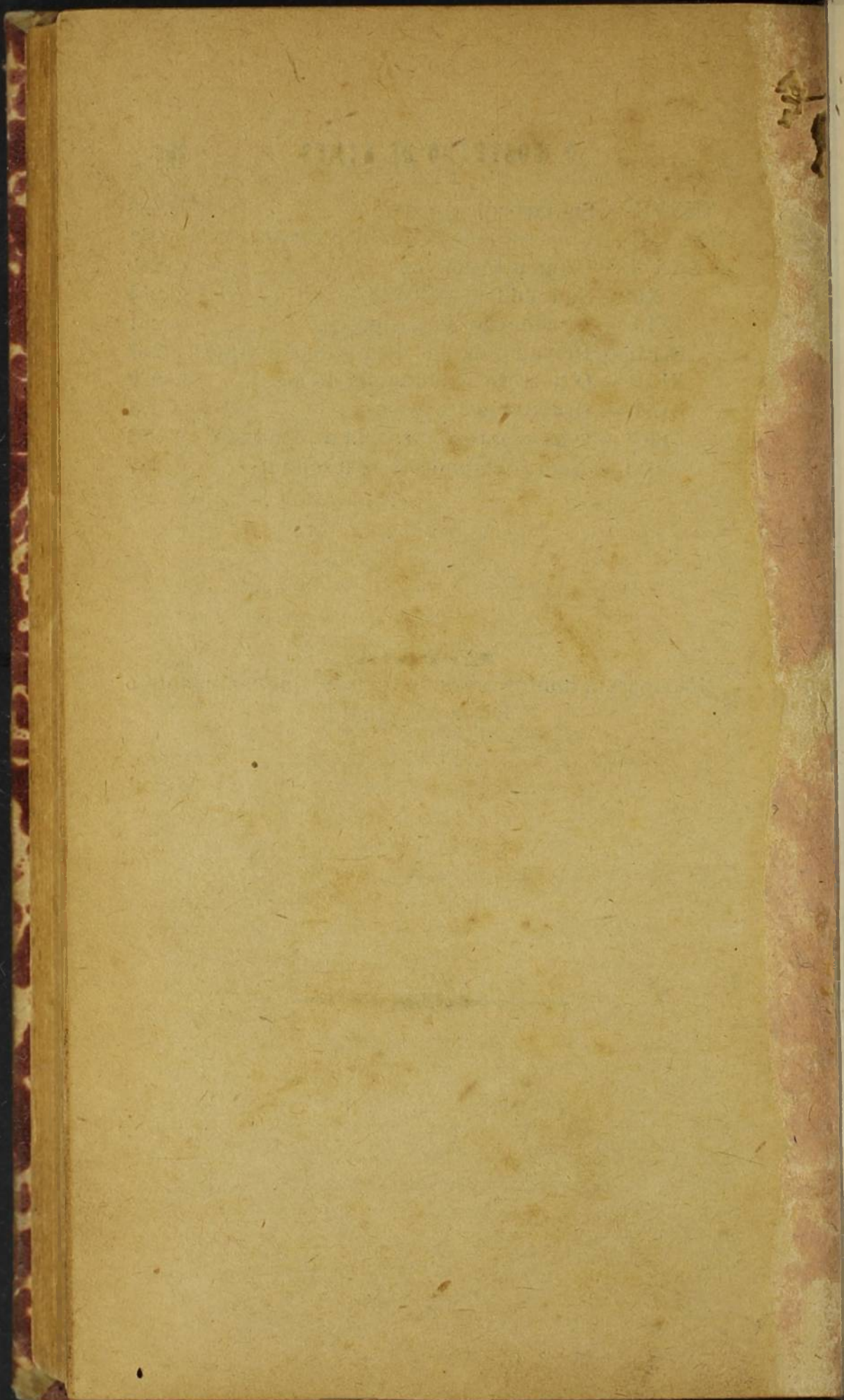
295

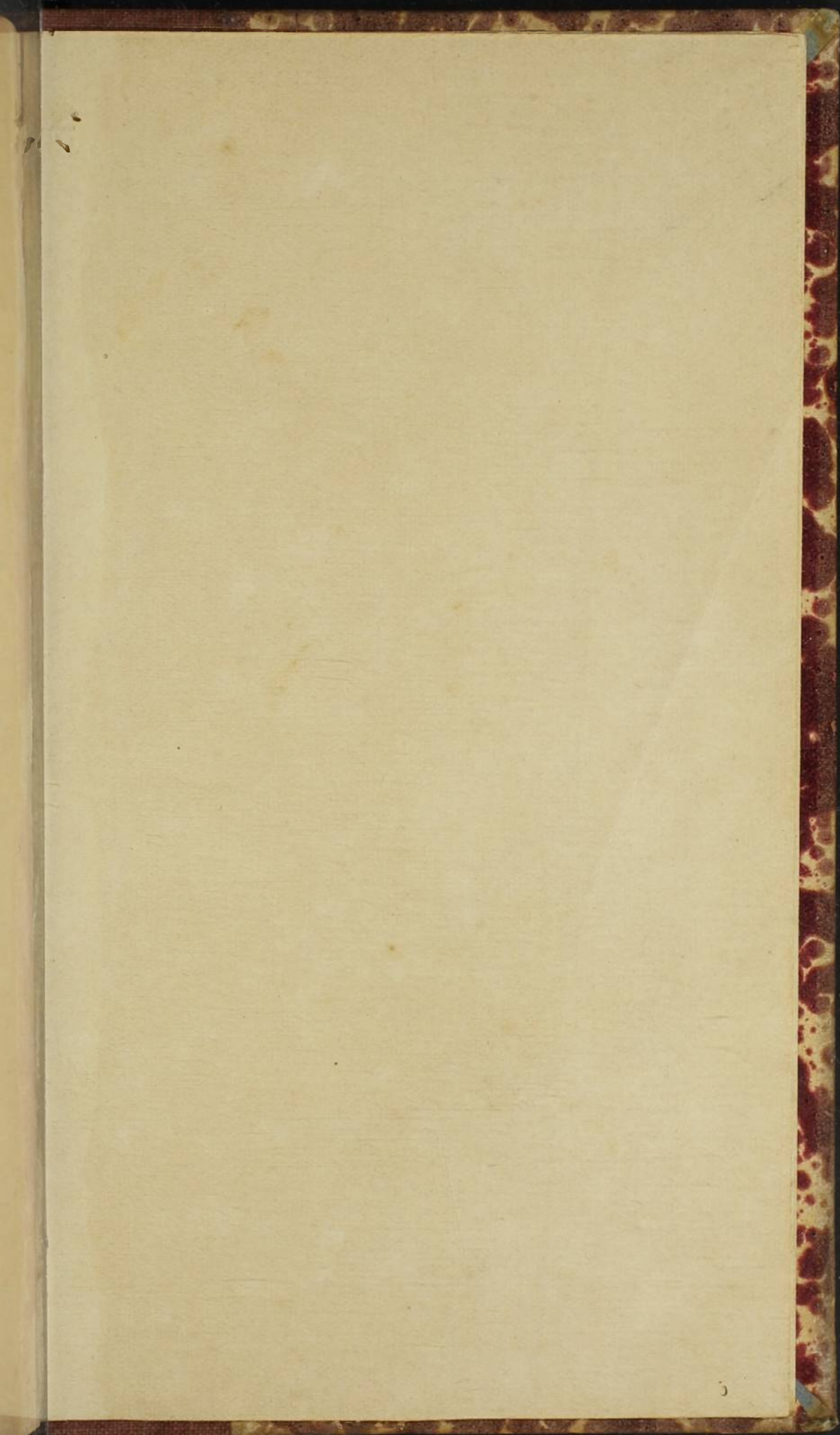
XXXVII -- Em face do abismo	233
XXXVIII -- Uma esperança que não serve	241
XXXIX -- Chegou a sua vez	249
XL -- Na tenda do soldado	254
XLI -- A redenção para o precito	261
XLII -- Deixou o mundo, sem saber porquê!	267
XLIII -- O horroroso não muda de face	272
XLIV -- Grandezas do acaso	277
XLV -- O assombroso em toda a plenitude	282
XLVI -- Nem só os mortos resuscitam	287

### Errata

Escaparam muitos erros de revisão, que facilmente o leitor corrigirá.







• 24961

